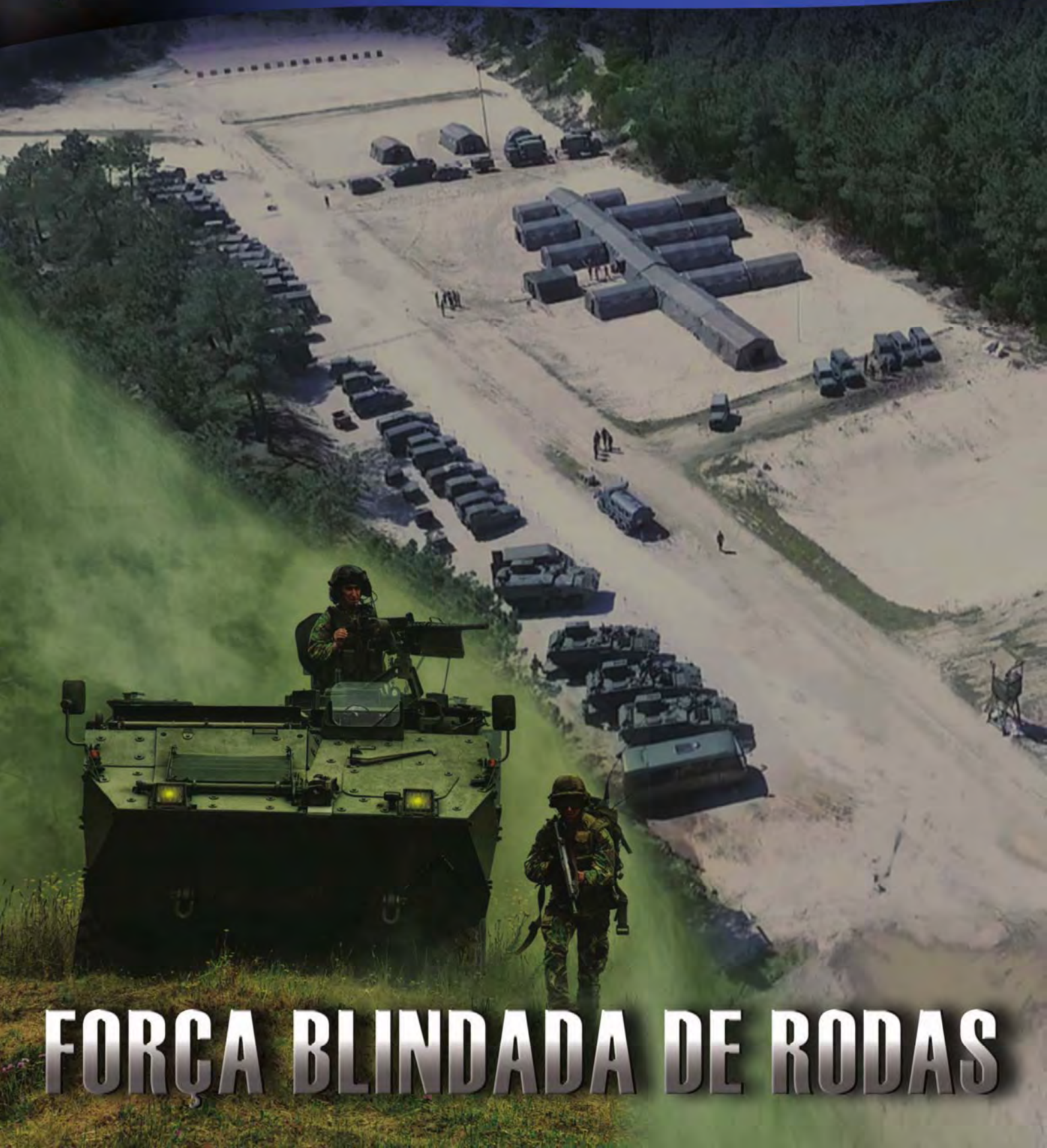
Brigada de Intervenção

Revista da Brigada de Intervenção, junho 2017, Ano XI, Nº 16



FORÇA BLINDADA DE RODAS

DELTA
CAFÉS
O CAFÉ DA SUA VIDA
PROVADO COM DISTINÇÃO.
Produzir um café de qualidade dá muito trabalho, mas também dá prémios. E a prova está aqui: a Delta voltou a ser distinguida com os prémios "Marca de Confiança" (16º ano consecutivo), "Escolha do Consumidor" (5º ano consecutivo) e "Prémio 5 Estrelas" (3º ano consecutivo). Obrigado pela sua preferência e continue a saborear a vida na nossa companhia, com distinção.
MARCA PREMIADA POR
ESCOLHA CONSUMIDOR
'17
votado pelos leitores
MARCA DE CONFIANÇA
2017
Selecções do Reader's Digest
PRÉMIO
CINCO ESTRELAS
2017

ÍNDICE

1. *INDÍCE* ---------- 01
2. *NOTAS INTRODUTÓRIAS*
   - a Editorial ---------- 02
   - c Mensagem de SExa o MDN ---------- 04
   - d Mensagem de Despedida do Comandante cessante da BrigInt MGen Aguiar Santos- 04
   - e Posse de Comando pelo novo Comandante da BrigInt BGen Xavier de Sousa ------- 05
3. *QUEM SOMOS*
   - **a. BrigInt – evolução organizacional**
     - (1) A organização de uma Brigada por Funções de Combate: ilusão ou necessidade . 06
     - (2) Grupo de Reconhecimento - FOC ---------- 10
   - **b. Sistema VBR PANDUR II 8x8**
     - (1) PANDUR driving simulador – caraterísticas e possibilidades ---------- 12
     - (2) 10º e 11º meetings PANDUR users group ---------- 16
     - (3) VBR PANDUR II ESV – A viatura da engenharia de combate média ---------- 18
   - **c. Os nossos recursos**
     - (1) CFGCPE – Uma perspetiva de liderança no âmbito da formação ---------- 22
     - (2) CFGCPE – A experiência de ser soldado ---------- 23
     - (3) Exército, a minha opção de vida ---------- 24
     - (4) Pensamentos de um subalterno sobre liderança militar ---------- 25
     - (5) A carreira de tiro da Gala ---------- 27
   - **d. A BrigInt e a sociedade**
     - (1) O centenário da I Guerra Mundial e a cooperação entre a BrigInt do Exército Português e o CEIS20 da Universidade de Coimbra ---------- 28
     - (2) Conferência e exposição "O legado de Santa Isabel, Rainha de Portugal"---------- 31
4. *O QUE FAZEMOS*
   - **a. Aprontamentos**
     - (1) 1BIMec(R)/FND/KFOR 2-2016 - Aprontamento ---------- 33
     - (2) END no HQ da VJTF(L)16 BDE (BRILAT), em Pontevedra, Espanha". --------- 37
     - (3) 2BIMec(R)/NRF 2016 em "Stand by" – Período de intenso treino operacional -- 40
     - (4) O Exercício "BRILLIANT JUMP" da NRF 2016 ---------- 44
   - **b. Exercícios**
     - (1) Certificação do Comando e Estado-Maior da Brigada de Intervenção ---------- 47
     - (2) A célula de coordenação de fogos e efeitos no exercício "ORION 16" ---------- 50
     - (3) Participação da Companhia de Manutenção no exercício "ORION16" ---------- 53
     - (4) A BrigInt no exercício "EFICÁCIA" 16 ---------- 54
     - (5) Exercício "RELÂMPAGO" 17 ---------- 56
     - (6) Exercícios da série "MEDULA" ---------- 58
     - (7) Treino e exercícios do GAAA em 2016 ---------- 59
     - (8) A Companhia de Engenharia de Combate Médio em Treino ---------- 61
   - **c. Formação**
     - (1) Formação no RC6 - Cursos VBR PANDUR II 8x8 e Cursos V200/V150 ------- 63
     - (2) A formação no Regimento de Transmissões ---------- 64
     - (3) A formação profissional e o serviço militar no RE 3 ---------- 65
     - (4) A atividade formativa do RAAA 1 em 2016 ---------- 66
   - **d. CDM**
     - (1) Participação da Brigada nas competições desportivas militares ---------- 67
     - (2) O RAAA 1 organiza a fase III do campeonato de orientação ---------- 69
     - (3) Competição desportiva militar de corta-mato – fase II BrigInt 16 ---------- 70
     - (4) Competições desportivas militares no RE 3 ---------- 72
   - **e. Cerimónias e Eventos**
     - (1) Unidades da BrigInt ---------- 73
     - (2) Apoios Prestadaos ---------- 103
5. *DESAFIOS*
   - a. Grupo de Reconhecimento – unidade de manobra ---------- 106
   - b. Importância da simulação ---------- 109
   - c. Digitalização do Campo de Batalha ---------- 113
   - d. O futuro das Comunicações Militares---------- 119
   - e. A Art Antiaérea na proteção de eventos de alta visibilidade, pontos e áreas sensíveis- 123

Ficha Técnica

Diretor:
BGen
Francisco Xavier Ferreira de Sousa

Coordenação & Projecto
Cor Tir João Magalhães
Maj Tm (Eng) Jorge Marques
G9/BrigInt

Edição, Grafismo e Imagem
SAj SGE Rui Marceneiro

Capa
SAj SGE Rui Marceneiro

CCapa:
SAj SGE Rui Marceneiro

Propriedade:
Brigada de Intervenção

Publicação:
Anual

Distribuição:
Gratuita

Impressão:
250 exemplares

Reprodução:
Simões & Linhares
simoes.linhares@gmail.com

QUE FAMA ILUSTRE FIQUE

EDITORIAL

XAVIER DE SOUSA
BGen

Cabe-me, como Comandante da Brigada de Intervenção, neste Editorial, fazer uma curta avaliação do que esta Unidade fez em 2016 e no primeiro semestre de 2017, para além de elaborar uma curta prospetiva do que será o segundo semestre do presente ano. Antes de tudo é necessário registar que a avaliação relativa a todo o ano de 2016 acontece neste editorial, pelo facto de, neste ano, esta revista não ter sido publicada. Em segundo lugar, temos de referir que talvez não sejamos a pessoa mais indicada para fazer as avaliações em causa e até ao dia 04 de outubro de 2016, data em que assumi o cargo que ora ocupo.

Outros, muito mais avalizados, por terem comandado, reconhecidamente de forma brilhante, a Brigada, seriam mais capazes para tal, fazendo-o seguramente, com muita mais propriedade. Porém, assumindo, desde já, essa "missão", iremos cumpri-la o melhor que nos é possível.

2016 foi, insofismavelmente, um ano em que a Brigada se "encheu", fruto da atividade operacional que teve e da preparação dos encargos que protagonizou. Foi o ano em que o 2BIMec(R), integrado na VJTF/NRF, esteve, com uma elevada prontidão, na situação de Standby. Esse Batalhão, usufruindo de oportunidades únicas, treinou e tomou parte em exercícios em contexto internacional, tendo sido, sempre, apontado, por diversas Entidades pertencentes à NATO, como um Força altamente preparada e motivada, para ser empregue, em qualquer contexto internacional, de uma forma credível, mesmo em situações operacionais de elevada intensidade. Os seus Militares capitalizaram elevados graus de experiência, tornando a sua Brigada e o nosso Exército ainda mais ricos.

Nesse ano, o 1BIMec(R), tendo feito o seu aprontamento para assumir uma missão de Força Nacional Destacada, foi projetado, em outubro, para o Teatro de Operações do Kosovo, tomando a designação de 1BIMec(R)/FND/KOSOVO. Aí, no desempenho da missão de reserva tática da KFOR, esse Batalhão foi amplamente elogiado - como pude presenciar, pessoalmente, aquando da minha visita ao 1BIMec(R)/FND/KOSOVO, em novembro do ano passado - por várias Entidades, nomeadamente pelo Comandante da NATO no Kosovo e os Comandantes de outros Contingentes Internacionais, tecendo-se merecidos e honrosos encómios, pela sua atuação, seu profissionalismo, sua atitude, sua forma de estar. Nesse ano, o GRec iniciou, também, a preparação do 5º Contingente Nacional para a OIR, com vista ao cumprimento da missão no Iraque. Acompanhei uma parte significativa desse aprontamento, tendo presenciado a dedicação, o empenhamento, a competência, a motivação daqueles Militares. Não foi, assim, com grande surpresa que lemos as conclusões finais do relatório da IGE, a quando, já em 2017, da realização do exercício final, que permitiu a certificação dessa Força. O que lá se encontra honra o GRec, a Unidade Territorial que apoiou o aprontamento, a Brigada e o Exército. Aliás, já o sucesso atingido no momento da FOC daquele Grupo, ainda em 2016, denotava a firmeza e a determinação daqueles militares, o que conferiu um conforto especial ao Comando da Brigada, quanto às suas expetativas.

Mas, talvez o evento de maior exigência daquele ano tenha sido a certificação, com elevado sucesso, do Comando da Brigada, que foi conseguido no ORION 16. Essa certificação envolveu todas Subunidades da Brigada e exigiu-lhe que se organizasse por funções de combate, o que foi uma alteração de paradigma face ao "costume", o que lhe conferiu a soberana oportunidade de experimentar, colher experiência, discutir no seu seio os princípios e as práticas que lhe são inerentes e, até, produzir alguma doutrina. O sucesso dessa certificação foi algo que encheu de orgulho todos os Militares que contribuíram para a mesma, constituindo uma honra para a Brigada.

Como se pode ver, foi um ano "cheio", com todas essas atividades, que não deixam esquecer outras, como sejam: o empenhamento do treino operacional conduzido por todos os Encargos Operacionais; o ministrar de instrução aos jovens Soldados que foram incorporados, no RI 19; o ministrar da formação técnica aos Quadros e Praças no domínio da PANDUR (no RC 6, RI 13 e no RI 14), da AM V-150 (no RC 6), das Comunicações (no RTm), das Construções Horizontais e da deteção dos IED (no RE 3), no Apoio de Fogos Anti Aéreos (no RAAA 1), no Apoio de Fogos de Campanha (no RA 5); no apoio à formação dos jovens Cadetes da Academia Militar, dos jovens Oficiais da Escola das Armas e dos jovens Furriéis da

Escola de Sargentos do Exército; a operacionalização do SICCA 3 e a sua integração no sistema nacional de alerta e defesa nacional; e os inumeráveis apoios prestados no âmbito das Outras Missões de Interesse Público, apoios esses que são imperativos, resultantes da nossa missão, da nossa vontade e do nosso interesse em afirmar a imagem do Exército junto da população, da nossa dispersão territorial e do nosso entrosamento com a comunidade civil, onde estão inseridos os nossos Regimentos.

Neste domínio, há que lembrar que a Brigada tem à sua responsabilidade de apoio de área: 115 Municípios, o que corresponde a cerca de 41% dos Concelhos, 40% da área territorial de Portugal e 45% da nossa população. Foi aquele imperativo, conjugado com esta responsabilidade, que levaram as Unidades da Brigada, no Verão de 2016 - por ter sido particularmente severo no que aos fogos diz respeito - a tomarem parte em 76 ações de combate/rescaldo de fogos, empenhando, cumulativamente, 1164 militares e 209 viaturas, tendo sido percorridos 78.441 km e contabilizadas 902 horas de emprego de máquinas de engenharia. São estatísticas expressivas, que dizem bem do que fomos capazes.

2017, no seu primeiro semestre, continua a ser "cheio" e perspetiva que o segundo semestre continue na mesma senda. E ainda bem, pois demonstra a vontade férrea como todos quantos na BrigInt se dão, todos os dias, pugnando pela competência, dedicação, elegância e vontade férrea de bem servir. Ao longo desse semestre, fez-se: a retração, em maio, do 1BIMec(R)/FND/KOSOVO, que passou a ser a última unidade portuguesa, de escalão batalhão (pelo menos neste ciclo), a atuar na KFOR; conduziu-se o exercício "Bagdade", para se certificar o 5º Contingente Nacional para a OIR, que, como já se disse, foi aprontado pelo GRec, e precedeu-se à sua projeção para o Teatro de Operações, tendo eu ido assistir à sua cerimónia de ToA no Iraque; procedeu-se ao aprontamento, no RI 14, de uma CAtMec, do 2BIMec(R), para se constituir na CAtMec/AM17, que foi projetada, em maio, para a Lituânia, tendo aí tomado parte no exercício IRON WOLFE, que eu tive o gosto em assistir, presenciando o elevado profissionalismo dos nossos Militares; continuou-se com treino do 2BIMec(R), que passou a assumir-se como IFFG 30, estando na situação de Força disponível, no âmbito da NRF, com um prazo de intervenção de 30 dias; conduziu-se os exercícios dos nossos Encargos Operacionais das séries "URANO" (do GAC), "PLUTÃO" (GRec), "RAIO" (RT), "NEPTUNO" e "RELÂMPAGO" (RAAA 1), "VÉNUS" (RE 3) e "EFICÁCIA" (Fogos Reais indiretos, continuou-se a dar formação aos nossos Quadros e Praças, no domínio da PANDUR, e instrução no âmbito do CFGCPE; apoiámos a BRR no seu exercício "APOLO", bem como a Escola das Armas; tomámos parte, com todas as nossas Forças e militares disponíveis, no "ORION", constituindo a Célula de Avaliação do Exercício, reforçando o EXCON e algumas das audiências de treino bem como contribuindo com o comando e uma das subunidades das SITFOR; planeámos o exercício SEGUREX, para testar os nossos Planos de Segurança das nossas Unidades Territoriais; continuamos a impulsionar a integração do SICCA 3, no sistema nacional de alerta e defesa nacional; temos prestados apoios a várias Entidades Civis e Militares, no âmbito das nossas competências. Enfim, temos sentido que continuamos a contribuir, no dia a dia, para que o nosso Exército e a nossa Brigada aconteçam e se afirmem, no contexto da sociedade e do País que servimos.

Futuro é uma palavra que nos provoca o sentimento do desafio, do estímulo, da confiança, de querer fazer mais e melhor.

Temos, assim, a intenção de continuar a garantir um elevado grau de operacionalidade das nossas Unidades, desenvolvendo, além de tudo o mais, as capacidades de liderança dos seus Quadros, a formação técnica e tática de todos os seus Militares, a promoção dos valores éticos e deontológicos, o saber ser e o saber estar. Procuraremos, ainda, estar em todos os fóruns onde o nosso destino seja avaliado e ponderado, alertando para as nossas necessidades e para a nossa importância e contribuindo, com estudos bem ponderados e solidamente sustentados, para nos afirmarmos, na nossa orgânica, nas nossas missões e nos equipamentos que devemos ter. Sabemos o que queremos e para onde queremos ir, tendo isso sido algo, de elevada importância, que herdamos dos nossos insignes Antecessores.

Esta Brigada tem um caminho de Futuro para percorrer, e o seu nobre Passado impõe-lhe que o faça sem titubeação, mas antes com competência, coesão, solidariedade, inovação, que são todos eles os Nossos Valores, e aos quais acrescento o profissionalismo e a dedicação. A Brigada tem a riqueza dos seus Militares, e são estes os garantes de que o Futuro é para acontecer. Aliás, são eles que constituem a nossa maior riqueza e é com eles que vamos estar sempre presentes.

Bem-haja pela sua existência.

MENSAGEM DE SEXA O MINISTRO DA DEFESA NACIONAL

Transcrição da mensagem ratificada no Livro de Honra:

"Foi um gosto, e foi também uma honra poder conhecer este Quartel-General da Brigada de Intervenção.

Não só, evidentemente, pelas tão excelentes instalações, é verdade que austeras. Mas, e principalmente porque aqui se representa a excelência, que enobrece o Exército Português e enobrece o nosso País.

A capacidade operacional que a BI demonstra à sociedade, o prestígio internacional que conquistou extramuros, a diligência com que serve as populações, a qualificação dos seus recursos humanos todas estas são dimensões das Forças Armadas do Século XXI.

E todas estas dimensões pude verificar, na qualidade de Ministro da Defesa Nacional, com esta minha visita a Coimbra e este Quartel-General da BrigInt.

Muito obrigado e, permitam-me de forma simples, muitos parabéns."

MENSAGEM DO EXMO MGEN AGUIAR SANTOS (EX-CMDT DA BRIGINT)

Em 22 de fevereiro de 2016, o MGen Carlos Henrique de Aguiar Santos cessou funções como Comandante da Brigada de Intervenção, depois de cerca de 3 anos e meio no comando desta Grande Unidade Operacional do Exército.

No dia 19 de fevereiro, o Comandante da BrigInt proferiu as suas últimas palavras ao Comando e Estado-maior da BrigInt, tendo depois decorrido no Salão Nobre a cerimónia oficial de despedida, com a assinatura da última ordem de serviço e do Livro de Honra.

Transcrição da mensagem ratificada no Livro de Honra:

"Três anos e meio volvidos cesso as minhas funções e deixo registo da enorme honra que sinto por ter sido Comandante da Brigada de Intervenção e, como tal, o seu primeiro Soldado.

Todo o excelente trabalho realizado é obra dos militares e civis que, na Brigada, servem o País com dedicação e abnegação.

Exorto-vos a continuarem a dedicar o vosso esforço ao treino operacional, ao aprontamento de forças e às tarefas de salvaguarda de pessoas e bens e de apoio ao desenvolvimento e bem estar da população, servindo Portugal e os portugueses.

Levo da Brigada de Intervenção a realização profissional e pessoal, bem como nuitas recordaçõs e amizades que perdurarão em mim. Até sempre!"

TOMADA DE POSSE DO NOVO COMANDANTEDA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

Realizou-se em 04Out16 a tomada de posse do novo Comandante da Brigada de Intervenção, Exmo Brigadeiro-General Francisco Xavier Ferreira de Sousa

À sua chegada, foram-lhe prestadas as honras regulamentares pela Guarda de Polícia e Guarda de Honra, após o que, no Gabinete do Comandante, recebeu o brasão de armas da Unidade.

Em formatura geral na parada Cor Aurélio dos Reis e com a presença dos Comandantes e respetivos Adjuntos das Unidades do Encargo Operacional e de todos os Regimentos da BrigInt, foi lido o despacho de nomeação (131/CEME/16 de 22Set16 de SExa o Gen CEME)

Seguiu-se a entrega do Estandarte Nacional pelo Comandante da BrigInt em Suplência Cor Inf Tir José António Coelho Rebelo, simbolizando assim o ato de tomada de posse, terminando com o discurso do BGen Francisco Xavier Ferreira de Sousa e desfile das forças em parada.

No salão nobre, recebeu cumprimentos de militares e civis que prestam serviço na BrigInt a que se seguiu a assinatura da 1ª Ordem de Serviço, finalizando com um almoço convívio.

Na alocução da cerimónia da tomada de posse de comando, o novo Comandante, para além de ter abordado algumas referências orientadoras relacionadas com a missão e carateristicas específicas da Brigada de Intervenção, bem como com a postura e atitude dos seus militares no desempenho das variadas tarefas, exaltou o passado desta Grande Unidade operacional do Exército e a necessidade de combinar os esforços e valores individuais para dar continuidade à construção do futuro da Brigada:

"(...) Caros camaradas,

Ao estarem presentes nesta cerimónia, aprestaram-se a conferir-lhe um simbolismo acrescido: o de afirmação de que estão ao lado de quem, hoje, tem o privilégio de assumir a grata missão do comando desta Brigada. A forma como têm cumprido a vossa parte daquela missão confere-nos a convicção de que o caminho que vamos, a partir de hoje, partilhar até pode ter escolhos e obstáculos, mas também tem Gente que os sabe enfrentar e, sem os ignorar, os sabe ultrapassar.(...)

De forma simples, mas com toda a dignidade que caracteriza os atos militares, tem hoje lugara Tomada de Posse do novo Comandante desta Brigada.

Cientes do acto racional que tal representa, e das responsabilidades que hoje tenho a honra e o privilégio de assumir, a emoção está naturalmente presente, como ingrediente da condição humana, no nosso caso alicerçada nos valores que caracterizam a Instituição Militar.

O espírito de missão, a dedicação e a tenacidade continuarão a ser nosso apanágio, como sempre o foram na Brigada de Intervenção e no Exército de Portugal que, com orgulho continuaremos a servir.(...)

Esta parada que pisamos, estas paredes que nos envolvem, os uniformes que enveredamos, os estandartes que suportais, as insígnias que ostentais e vos dão orgulho, tudo isso exala História, que foi escrita pelos nossos antecessores e por cada um de nós, por alguns que até souberam dar a vida por ela, sempre estando presente na sua e na nossa memória o nome de Portugal, deste País e deste Povo que amamos e que merecem todos os sacrifícios que fazemos. Cabe-nos a honrosa responsabilidade de ser os sucessores desses insignes antepassados, que, de uma forma mais lembrada, ou até não lembrada, souberam servir Portugal e, com o exemplo que nos deixaram, sentirmo-nos estimulados para fazer sempre mais e melhor. Lembro-vos, aqui, para terminar, uma reflexão do pensador Eduardo Lourenço. Disse ele: «não pensamos que temos ou merecemos ter futuro, só por termos tido passado e mesmo um grande passado». Na verdade, dizemos nós, o futuro, o nosso futuro, cabe a nós construir, pois tal é exigido pelos Presentes e pelos nossos Vindouros.

Contem comigo, pois eu conto com todos Vós."

BRIGINT - EVOLUÇÃO ORGANIZACIONAL

A ORGANIZAÇÃO DE UMA BRIGADA POR FUNÇÕES DE COMBATE: ILUSÃO OU NECESSIDADE*

Dias da Costa
TCor Art

1. Introdução e enquadramento doutrinário das Funções de Combate

A Brigada de Intervenção desenvolveu nos últimos anos um conjunto de atividades com o intuito de implementar no seu Posto de Comando a organização por funções de combate. Durante cerca de três anos realizou seminários sobre esta temática orientados para treinar os chefes das diversas secções do seu Estado-maior (tendo também incluído os Comandantes do seu ECOSF), efetuou exercícios do tipo MAPEX para treinar o planeamento do Estado-maior organizado por funções de combate e participou em exercícios do tipo CPX e FTX de escalão Brigada, onde treinou o Comando e Controlo das operações com este tipo de organização. Dos exercícios realizados destaca-se o exercício ORION 16 em que a Brigada, como Audiência Primária de Treino, foi submetida a uma CREVAL, tendo o seu Comando e Estado-maior sido certificado pela IGE.

Na qualidade de G7 da BrigInt, responsável pelas atividades de treino de Brigada, deparei-me com ideias pré-concebidas sobre as desvantagens (ou, pelo menos, ausência de vantagens) de ter um Posto de Comando de Brigada em operações (e consequentemente em treino) organizado por funções de combate. O primeiro equívoco relacionado com esta aversão está intimamente ligado à perceção (incorreta) de que este tipo de organização é algo recente em Portugal e mesmo em doutrinas de referência. É, por isso, fundamental começar este artigo pela desconstrução desta ideia.

A organização por funções de combate surge pela primeira vez na doutrina americana em 1993 através do FM 100-5 "Operations". Apelidada de "Combat Functions" pretendia espelhar a clara necessidade de evoluir de um sistema pensado e organizado para uma guerra dita "fria", para as "novas guerras", das quais se apresentam como exemplos da década de 90 os conflitos na Bósnia, na Somália e no Ruanda.

Por seu lado, Portugal incorpora esta filosofia passados alguns anos, quando em 2005 as "Funções de Combate" aparecem no RC Operações, sendo assim pacífico afirmar que o Exército Português já adotou esta forma de organizar os seus Estados-maiores há cerca de dez anos (pelo menos no que respeita à doutrina).

Na senda da História fica igualmente registada, em virtude da intervenção no conflito do Iraque e do Afeganistão, a evolução da doutrina americana das "Combat Functions" para as "Warfighting Functions" em 2008 com o FM 3-0 "Operations".

Já ao nível nacional, esta alteração iria ser vertida em 2012 no PDE 3-00 Operações, muito embora se tenha mantido a designação original de "Funções de Combate".

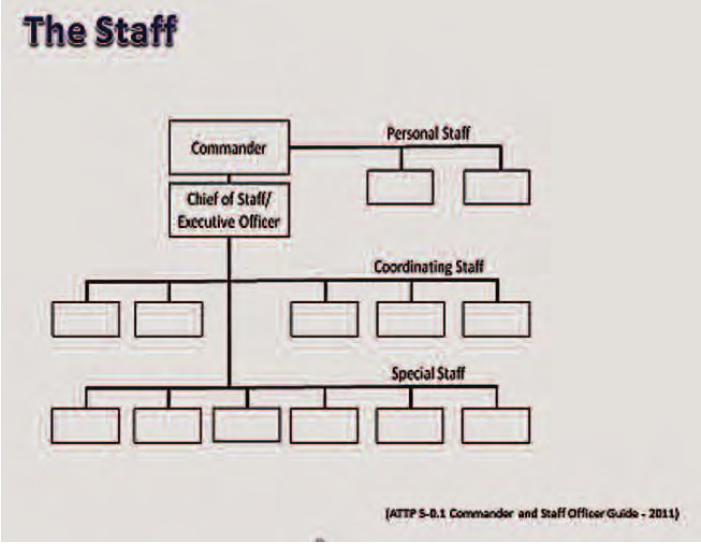
Mais recentemente, em 2014, são introduzidas na doutrina americana algumas alterações através do FM 6-0, sem que se possa, no entanto, considerar que sejam significativas, apesar da função de combate "Comando-missão" ter "perdido o estatuto de célula", por se considerar que a sua importância era de tal forma elevada que deveria ser transversal a todas as outras. De referir que é previsível que este desenvolvimento seja vertido na doutrina portuguesa aquando da revisão do PDE 5-00.

Assim, na situação atual, existem seis funções de combate, sendo que cinco delas (Movimento e Manobra, Informações, Fogos, Proteção, e Apoio de Serviços) são materializadas num Posto de Comando através de células e a sexta (Comando-missão) é conceptualmente transversal a todas as outras.

2. A organização de um Posto de Comando por Funções de Combate

Na doutrina de referência existe uma clara diferença entre a organização de um Estado-maior em tempo de Paz, subordinada à funcionalidade e assente num Estado-maior Coordenador, num Estado-maior Pessoal e num Estado-maior Técnico; e à organização de um Estado-maior em Campanha que, face a uma determinada missão, sente a necessidade de se adaptar e organizar num Grupo de Comando, num Posto de Comando Principal (PCPrinc), e num Posto de Comando Tático (PCTat).

* *Artigo parcialmente publicado no Jornal do Exército nº 665 de fevereiro de 2017*



O PCPrinc garante ao Comandante da força a principal capacidade para controlar as operações em curso (ditas operações correntes) e de planear as operações vindouras (referidas, consoante o escalão, como operações futuras e/ou planos). Este PC composto pela maioria dos elementos de um Estado-maior, é necessariamente maior e menos móvel que o PC Tático.

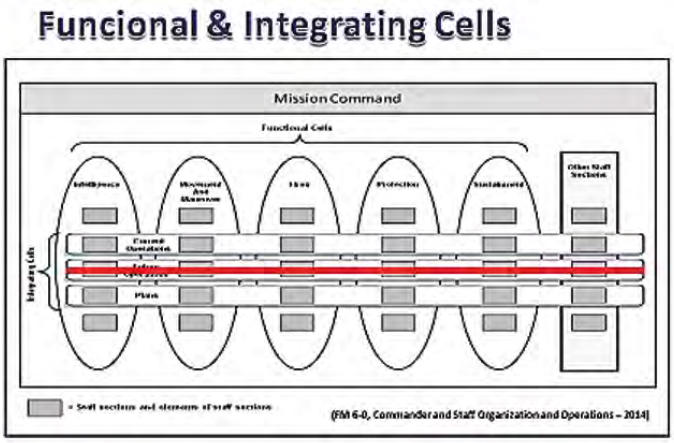
Por seu lado, o PCTat garante ao Comandante da força a necessária mobilidade para controlar uma determinada parte da operação, uma tarefa específica ou uma tarefa complexa, dando-se como exemplo uma passagem de linha, entre outras. O PCTat pode ainda servir de base para a constituição de um "Posto de Comando de Entrada" num determinado Teatro de Operações (TO), garantindo o controlo das operações durante a fase de projeção da força. De referir que o emprego do PC Tático é sempre visto como um recurso a utilizar por um período limitado de tempo.

Como primeiro corolário desta metamorfose, realça-se o facto de que a ênfase se coloca na necessidade de o Estado-maior se organizar para melhor cumprir uma determinada missão, sendo que, pela inegável lógica inerente a esta forma de pensar, sem a existência de uma missão, também não existe necessidade desta adaptação.

Outra dedução que se nos afigura está relacionada com o facto de que, se as missões atribuídas forem distintas, também a organização de um Estado-maior o será (ou, pelo menos, pode ser).

Naturalmente que esta decisão compete em exclusivo ao Comandante da Força (de acordo com a doutrina de referência), muito embora existam alguns condicionalismos (nomeadamente de ordem tática, mas também de disponibilidade de pessoal/material) que permitem esboçar uma matriz de referência que pode auxiliar o Comandante da Força a organizar o seu Estado-maior.

Assim, em operações, a necessidade de uma contínua coordenação e sincronização (aliada à necessidade de partilhar a informação) entre as secções de Estado-maior, aconselha a que as estruturas existentes em tempo de paz (que poderemos considerar Quartéis-generais) se transformem em Postos de Comando, com os seus Estados-maiores a serem organizados em células funcionais e células integradoras.

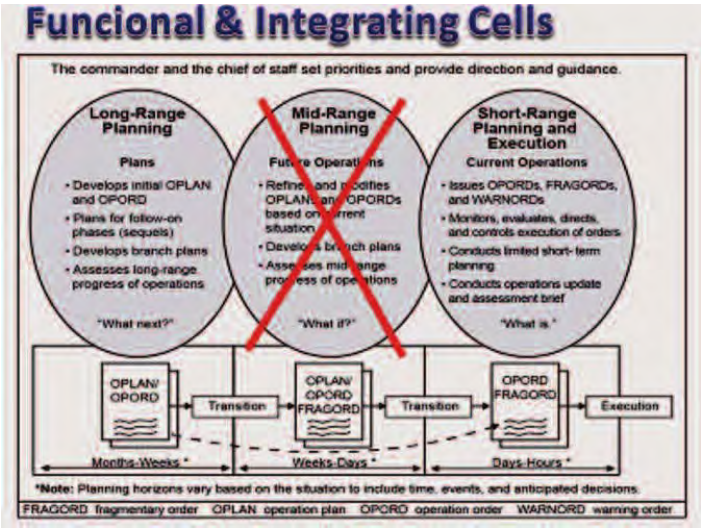


Functional cells group personnel and equipment by warfighting function.
Integrating cells group personnel and equipment by planning horizon.

As células funcionais correspondem ao agrupar de pessoal (e material) nas cinco funções de combate referidas anteriormente, ou seja, a Célula do Movimento e Manobra, a Célula das Informações, a Célula dos Fogos, a Célula da Proteção, e a Célula do Apoio de Serviços. Realça-se aqui que o conceito inerente a estes agrupamentos está diretamente ligado às afinidades das diversas áreas, o que, por si só, já facilita em muito a necessária coordenação das atividades.

Em complemento deste agrupamento das secções por afinidades, e tendo em vista a necessidade de garantir que um Estado-maior consiga manter-se a laborar ininterruptamente durante longos períodos de tempo (situação inerente aos atuais Teatros de Operações), é necessário constituir igualmente as células integradoras, associadas a diferentes horizontes temporais de planeamento, como sejam a Célula Integradora de Operações Correntes, a Célula Integradora de Operações Futuras e a Célula Integradora de Planos.

Naturalmente que os horizontes de planeamento em que é necessário desenvolver atividades dependem da situação e são influenciados por um conjunto de fatores. Acresce o facto de que nem todos os escalões têm a capacidade de se dividirem nas células integradoras. Em boa verdade, apenas a partir do escalão Brigada é possível ativar-se mais do que uma célula integradora, e só nos escalões Divisão e superiores existem recursos suficientes para ativar a célula para operações futuras.

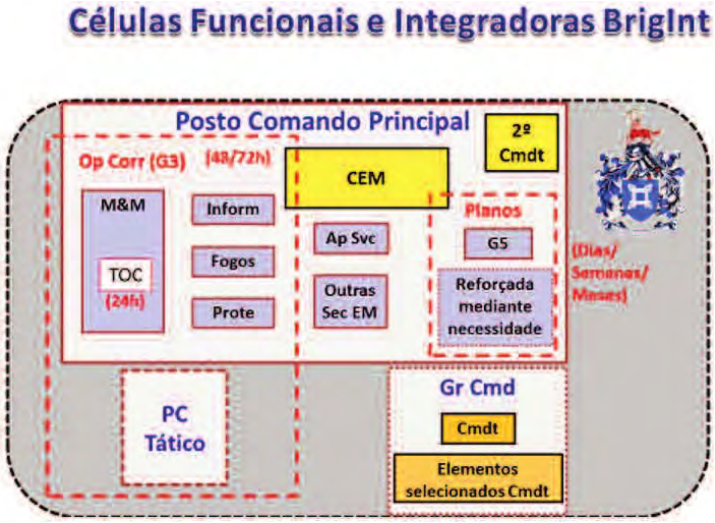


3. Organização de um PC de Brigada por Funções de Combate

De acordo com o referido anteriormente, para constituir o Posto de Comando, a Brigada de Intervenção reorganizou o seu Estado-maior por Funções de Combate em cinco células funcionais (Movimento e Manobra; Informações; Fogos; Proteção; e Apoio de Serviços) e duas células integradoras (Operações Correntes e Planos).

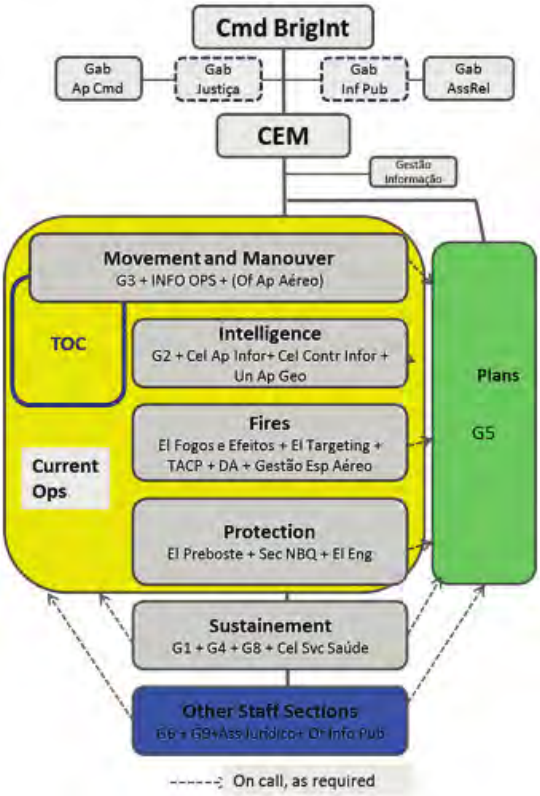
Defendendo-se que a organização de um PC por Funções de Combate seja adaptada à missão, é importante realçar que o que se apresenta de seguida é apenas e só um exemplo de uma possível organização de um PC de Brigada, e neste caso em particular organizado para efeitos de treino. De referir ainda que a reorganização teve por base o Quadro Orgânico aprovado para o Cmd da BrigInt, tendo existido a preocupação de evitar grandes alterações aos quantitativos e às funções definidas.

A Célula do Movimento e Manobra é chefiada pelo Oficial de Operações (G3) e constitui-se como a parte principal da Célula Integradora de Operações Correntes, responsável por integrar e sincronizar a operação como um todo. É ainda composta por elementos fundamentais para o movimento, como por exemplo o elemento de Engenharia.



De igual forma, a sincronização do emprego das capacidades de INFO OPS no apoio às operações é garantida nesta célula através do Oficial de Atividades de Informação e Influência. É parte integrante desta célula um Centro de Operações Táticas (COT), com a capacidade de funcionar em permanência com 2 equipas em turnos de 12h cada uma[1], tendo em permanência representantes de praticamente todas as células do Estado-maior. O COT é ainda reforçado com outros elementos mediante necessidade.

A Célula das Informações assume a importante responsabilidade de coordenar todas as atividades passíveis de facilitar às operações o conhecimento e compreensão das ameaças, do terreno e das condições atmosféricas, entre outros. Esta célula é chefiada pelo Oficial de Informações (G2) e inclui uma área destinada ao apoio das informações e outra à contrainformação e segurança das operações.



A Célula dos Fogos, chefiada pelo Oficial de Apoio de Fogos (OAF)[2], planeia, coordena e integra o emprego dos fogos em apoio das operações correntes, incluindo fogos aéreos, navais e terrestres, sendo por isso composta por um conjunto de elementos de ligação a esses meios, como por exemplo o Oficial de Ligação da Força Aérea (OLFA).

Esta célula inclui ainda outros elementos, como por exemplo o Oficial de Apoio Aéreo (OAA) responsável por coordenar os elementos da Aviação do Exército ou ainda o Oficial de *Targeting*[3] . Refere-se ainda a integração nesta célula do Oficial de Defesa Aérea[4] como forma de facilitar a coordenação da AAA com o vetor aéreo, nomeadamente no que respeita aos sistemas de alerta, à sincronização dos fogos e à integração do espaço aéreo.

1 Ao longo dos diversos exercícios ficou claro que a existência de apenas dois turnos no COT seria insuficiente para uma operação real, sendo necessários 3 ou mesmo 4 turnos

2 No escalão Brigada, o Coordenador de Apoio de Fogos é o Cmdt do GAC que apoia a Brigada e está representado no PC da Brigada de forma permanente através de um OAF (que a este escalão acumula funções com Chefe da Célula de Fogos)

3 Apenas na eventualidade de a Brigada dispor de meios que aconselhem trabalhar o Targeting, como por exemplo a existência de uma unidade de guerra eletrónica ou uma unidade de PSYOPS

4 Não sendo consensual esta opção, considera-se que é o adequado, pela necessidade de coordenação com outros elementos que se encontram nesta célula, como o Oficial do Apoio Aéreo ou o OLFA. Esta situação é semelhante à opção americana no caso da Brigade Combat Team (FM 3-96).

A Célula da Proteção, chefiada pelo Preboste[5] , coordena todas as atividades que digam respeito à preservação da força e inclui elementos como o Oficial NBQ e o Oficial de Engenharia. Poderá ainda incluir um oficial de segurança e terá de estar em estreita ligação com a secção de comunicações para garantir a proteção da informação.

A Célula do Apoio de Serviços[6], chefiada pelo Oficial de Logística (G4), coordena todas as atividades que garantam o apoio e os serviços à força, e inclui as áreas de pessoal, logística, e apoio sanitário.

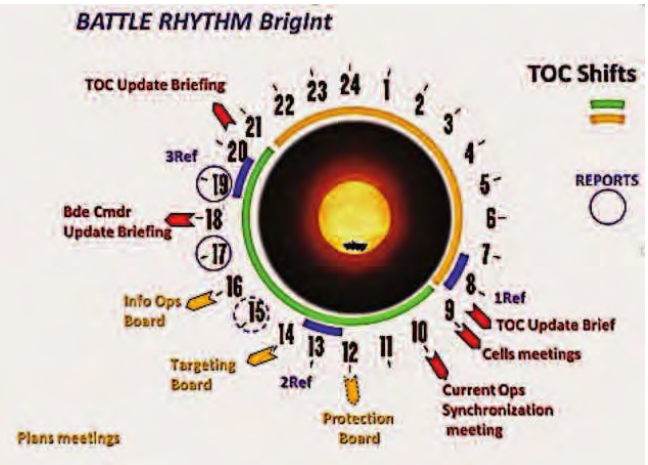
São ainda de referir outras secções de EM, que não estão associadas a nenhuma das funções de combate, mas que contribuem para todas elas mediante a necessidade, como sejam o G6, o G9, os Assuntos Jurídicos ou o Oficial de Informação Pública.

Por último, identifica-se a Célula Integradora dos Planos, chefiada pelo G5, e que é reforçada com os elementos necessários para garantir uma capacidade de planeamento a médio prazo, situação fundamental para uma Brigada a atuar por períodos de tempo prolongados nos Teatros de Operações atuais.

4. Integração das atividades num PC organizado por Funções de Combate

A organização de um Posto de Comando por funções de combate não se limita a agrupar os seus elementos em Células Funcionais e em Células Integradoras. Para uma eficiente sincronização entre todas as áreas é absolutamente fundamental adotar um conjunto de procedimentos definidos através de um Battle Rhythm, dos quais se destacam as reuniões de sincronização de atividades e também as reuniões dos Grupos de Trabalho (ou Boards).

As reuniões de coordenação e sincronização de atividades são normalmente periódicas (em alguns casos diárias), apresentando-se como exemplos as seguintes:



- *TOC Update Briefing*: presidida pelo chefe de turno que sai, com o objetivo de informar o turno seguinte da situação das unidades, das atividades significativas que ocorreram no turno anterior e dos eventos previstos para o turno seguinte.

- *Bde Cmdr Update Briefing*: enquadrada pelo Chefe de Estado-maior (CEM), em que os chefes das células apresentam as principais atividades ao Comandante da Brigada, bem como aos Comandantes das forças que, sempre que possível, participavam por videoconferência.

- *Current Ops Synchronization meeting*: presidida pelo G3 para sincronizar todas as funções de combate e atividades, num horizonte de planeamento a curto prazo (operações correntes).

- *Plans meetings*: Presidida pelo G5 com o objetivo de planear num horizonte de planeamento a médio prazo (Planos) e inserido num racional de planeamento de acordo com o Processo de Decisão Militar (PDM).

Relativamente às reuniões dos grupos de trabalho, variam consoante o escalão, a situação e o assunto a tratar, podendo ser periódicas ou esporádicas, consoante o caso. As reuniões dos Boards são presididas pelo chefe da célula com maior responsabilidade na atividade e têm como finalidade coordenar e sincronizar uma atividade com características específicas, sendo os participantes elementos representantes das células que contribuem para essa atividade. A título de exemplo refere-se o Board das INFO OPS, presidido pelo Oficial de Atividades de Informação e Influência (da célula do Movimento e Manobra) e tendo como participantes o G2 (da célula das Informações), o Preboste e o Oficial de Engenharia (da célula da Proteção), o G4 e o Médico (da célula do Apoio de Serviços), o G5, o Módulo das PSYOPS, o Oficial de Targeting (da célula dos Fogos), o Oficial de Informação Pública, o G9 e o G6[7].

5. Conclusões

Face ao referido ao longo deste artigo, considera-se adequado concluir que a organização de uma Brigada por Funções de Combate em Campanha (ou em Treino) já está inserida na doutrina portuguesa há cerca de dez anos e que constitui uma mais-valia para o funcionamento de um Estado-maior em operações, pois permite ao Comandante agrupar as áreas pelas suas afinidades de acordo com a missão que for cumprir, associar um conjunto de processos que facilitam a coordenação e a sincronização das atividades maximizando o produto final, e ainda garantir a capacidade de dispor de um EM a funcionar em dois horizontes temporais distintos (Operações Correntes e Planos), bem como trabalhar áreas específicas, como sejam o Targeting ou as INFO OPS, entre outras.

Para esse desiderato, considera-se que o Quadro Orgânico de um Estado-maior de Brigada em tempo de Paz não deve estar organizado por Funções de Combate.

No entanto, deve fazer referência a essa necessidade, bem como estar dotado de um conjunto de elementos que permita ao Comandante reorganizá-lo num Posto de Comando por Funções de Combate em Campanha (ou para Treino), de acordo com a missão que receber.

5 Opção tomada mas não vinculativa

6 Refere-se aqui a opção da doutrina portuguesa em manter a designação de Apoio de Serviços, enquanto a doutrina americana alterou a designação para Sustainment

7 Ou representantes das áreas referidas.

GRUPO DE RECONHECIMENTO - FULL OPERATIONAL CAPABILITY (FOC)

Maj Cav
Américo Pereira

Origem da força

O Sistema de Forças 2014 aprovado em 30Jul14, foi o ponto de partida para a definição do Dispositivo de Forças 2014 (DIF14) aprovado por despacho de SExa o Ministro da Defesa Nacional em 24Out14. Com este documento surgiu pela primeira vez a referência ao Grupo de Reconhecimento (GRec), que viria a ser levantado a 06 de novembro de 2015 no Regimento de Cavalaria n.º 6 (RC6).

O GRec contempla um total de 468 militares, sendo que, a sua estrutura permanente apenas prevê a existência de 369 (27 oficiais, 76 sargentos e 266 praças)[1].

É de referir, que o QO do GRec define que o Pelotão de Manutenção é orgânico da Companhia de Manutenção da BrigInt e parte dos elementos do Pelotão Sanitário são da estrutura do Centro de Saúde Militar de Coimbra.

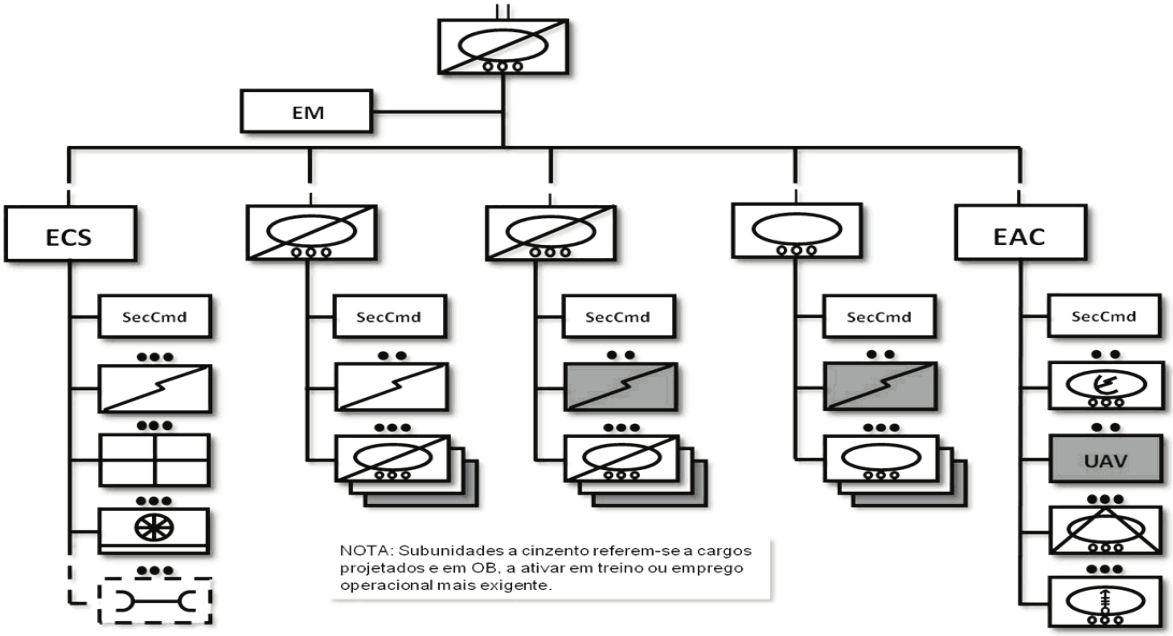


Figura 1 – Estrutura Orgânica do GRec

Esta unidade seria constituída com base nos recursos humanos e materiais existentes no Grupo de Autometralhadoras e no Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Intervenção (BrigInt), unidades que viriam a ser extintas nessa mesma data.

A organização do GRec e a aprovação do seu Quadro Orgânico (QO) resultou da reavaliação da distribuição das Viaturas Blindadas de Rodas (VBR) PANDUR II 8x8 pelas Unidades que contemplam esta tipologia de viatura.

A estrutura do GRec tem por base o Quadro Orgânico 09.03.05 que contempla, além de Comando, um Estado-Maior, um Esquadrão de Comando e Serviços (ECS), dois Esquadrões de Reconhecimento (ERec), um Esquadrão de Autometralhadoras (EAM) e um Esquadrão de Apoio ao Combate (EAC).

Para o levantamento do GRec no âmbito dos recursos humanos, esta unidade constituiu-se, como já foi referido, com base nos militares dos extintos Grupo de Autometralhadoras e Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Intervenção. Grande parte desses militares integraram a *Recce Coy/PRT Army* e o GAM/KFOR, que terminaram as respetivas missões na Lituânia e no Kosovo no segundo semestre de 2015.

Estes militares foram uma mais-valia para o levantamento e treino do GRec, fundamentalmente devido à experiência que possuíam de aprontamentos e missões anteriores. Reunidos os militares e redistribuídos os recursos materiais, foi necessário definir a doutrina de emprego para servir de base para o treino operacional. Não existindo doutrina nacional de reconhecimento para este escalão, foi necessário desenvolver um projeto de manual doutrinário que servisse de "farol" ao treino operacional, tendo-se recorrido à doutrina mais recente de países aliados relativa a esta matéria.

[1] *A constituição dos Esquadrões a dois Pelotões de Reconhecimento acontece com o efetivo estrutural permanente. A constituição a três Pelotões torna-se efetiva em situações de emprego mais exigente (cargo projetável). Os mecanismos para a sua ativação têm por base as seguintes situações: Recurso a efetivos ou subunidades de outras Unidades da Componente Operacional; Recurso a efetivos de outras Unidades, Estabelecimentos ou Órgãos da Componente Fixa; Recurso ao Recrutamento Excecional (Convocação e Mobilização); Recurso a efetivos na situação de Reserva (fora da efetividade do serviço).*

O projeto de manual doutrinário desenvolvido, está neste momento atribuído a um Grupo de Trabalho com o objetivo de desenvolver uma Publicação Doutrinária do Exército – Grupo de Reconhecimento, cujo centro de conhecimento é o RC6.

Definido o ponto de partida ao nível da doutrina e emprego dos meios, foi necessário alinhar a restante documentação, nomeadamente os Job Description e Normas de Execução Permanentes (NEP) ao nível do Comando e Estado-Maior do GRec e do Comando dos Esquadrões. O passo seguinte seria a elaboração das Táticas, Técnicas e Procedimentos dos Pelotões e Secções, que seriam continuamente treinadas, aplicadas, corrigidas e validadas.

Treino Operacional

O treino realizado pelo GRec foi orientado pelo objetivo de atingir a Full Operational Capability (FOC) no final do 1.º semestre de 2016, durante o exercício ORION16. O Treino não teve início imediatamente após a difusão do seu Quadro Orgânico, devido a várias condicionantes relacionadas com o final das missões das FND do GAM/KFOR e da *Recce Coy/PRT Army* e ainda com a reorganização das subunidades, redistribuição de Sistemas de Armas, equipamentos e materiais. Contudo, no final de dezembro de 2015, foi conduzido um primeiro exercício (PLUTÃO 15 - Team Spirit) com o objetivo de avaliar o estado das subunidades nas matérias consideradas de base e ainda implementar e desenvolver um espírito de corpo no GRec.

O calendário de treino operacional foi planeado e estruturado em três períodos distintos:

- Fase 1, nos meses de janeiro e fevereiro, focada no treino de nível 1, ou seja, secção e pelotão;
- Fase 2, nos meses de março e abril, focada no treino de nível 2 (esquadrão);
- Fase 3, nos meses de maio e junho, focada no treino de nível 3 (grupo).

No final de cada uma das fases, foi realizado um exercício com o objetivo de efetuar a validação do treino efetuado, bem como, dos documentos elaborados referentes à conduta das operações por parte das subunidades do GRec.

No período de 23 a 28Mai17 decorreu, na região de Cabeceiras de Basto, o exercício de nível 3 "PLUTÃO 16", tendo sido um marco importante no percurso que foi trilhado com destino à FOC. Integrando 237 militares e 57 viaturas (38 das quais viaturas blindadas), o Exercício "PLUTÃO 16" foi um exercício no decorrer do qual se integrou o treino de todas as subunidades do GRec.

É de referir que participaram ainda neste exercício um pelotão de Engenharia do Regimento de Engenharia n.º 3, uma Equipa de Latrinas e Banhos da Escola dos Serviços, militares do Centro de Saúde Militar de Coimbra que integraram o PelSan do GRec, o Oficial de Apoio de Fogos e Observadores Avançados do Regimento de Artilharia n.º 5. Os objetivos definidos para este exercício foram amplamente atingidos, tendo sido notória a completa integração dos militares e respetivos sistemas de armas, tendo sido possível identificar alguns pontos que necessitaram de posterior atenção e melhoramento.

Outro marco importante foi o exercício "ORION 16". Neste exercício o GRec foi projetado na sua máxima força do RC6 para o Campo Militar de Santa Margarida, tendo ocupado uma Forward Operating Base (FOB) na região da Valeira Alta. Nessa base, foi instalado o Posto de Comando do Grupo e das suas subunidades, bem como, todos os órgãos de apoio de serviços.

Foi a partir daí que a unidade executou a sua primeira tarefa de segurança de área, executando patrulhamentos e operando diversos checkpoints. Face ao cenário definido para o exercício, a força iria abandonar essa FOB para executar a sua tarefa seguinte, uma vigilância. À ordem da BrigInt, o GRec abandonou a linha de vigilância e iniciou uma ação retardadora, efetuando uma passagem de linha por forças de um Agrupamento Mecanizado.

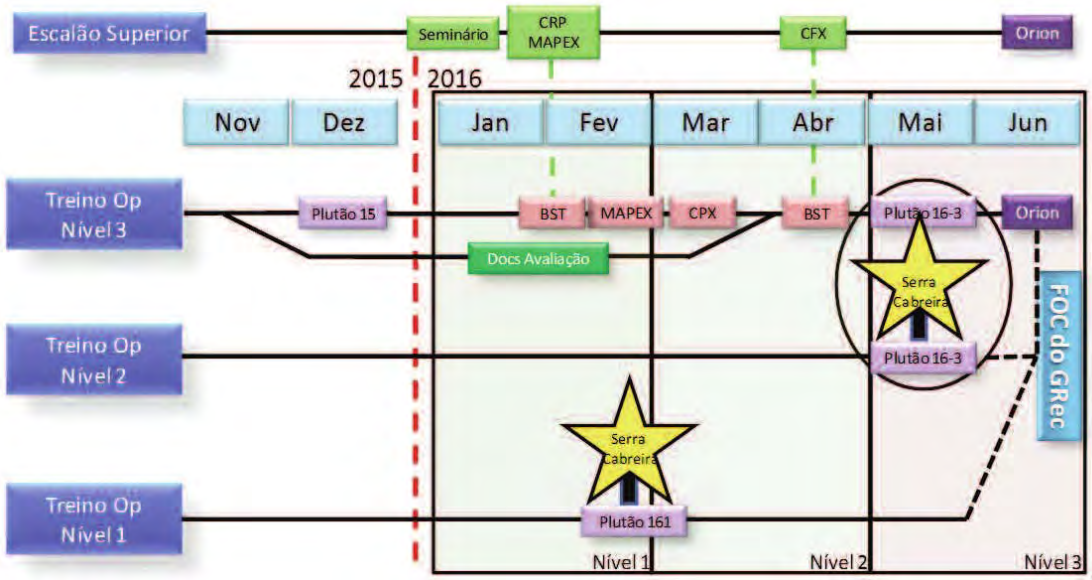


Figura 2 – Ciclo de Treino Operacional de 2016 do GRec

A participação do GRec no exercício "ORION 16" representou o culminar do treino com vista ao objetivo superiormente definido. Foi no decorrer deste exercício que foi efetuada a avaliação por parte da Inspeção Geral do Exército. Na sequência dessa avaliação o GRec recebeu o resultado de "*Combat Ready*" que legitimou que viesse a ser declarada a FOC desta nova Unidade da Componente Operacional do Sistema de Forças.

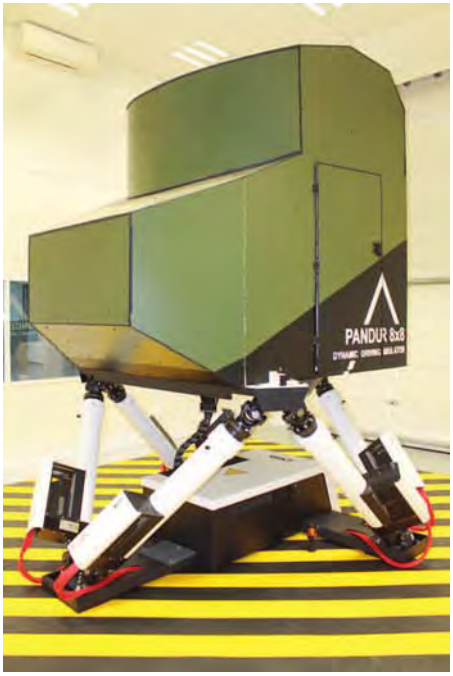
PANDUR DYNAMIC DRIVING SIMULATOR – CARACTERÍSTICAS E POSSIBILIDADES

Marco Tavares
Ten Inf

O *PANDUR Dynamic Driving Simulator* (PDDS) foi desenvolvido no âmbito do aditamento ao contrato de contrapartidas de aquisição das VBR 8X8 PANDUR, tendo sido o seu custo suportado pela empresa General Dynamics European Land Systems-Steyr (GDELS-Steyr), como prestador de contrapartidas, e o ponto de contacto (POC), para o seu desenvolvimento, a empresa General Commercial Services (GCS).

A EMPORDEF (Empresa Portuguesa de Defesa) - Tecnologias de Informação, S.A. (ETI), empresa especializada no fornecimento de produtos e serviços nas áreas de simulação, treino, sistemas de teste e suporte à manutenção, constituiu-se como entidade nacional beneficiária do projeto, cuja conceção e montagem decorreu no espaço temporal de 2 anos. Em 2015 foram estabelecidos os requisitos do Simulador e em 2016 foi iniciada a sua conceção e posterior montagem no Regimento de Infantaria Nº 13. O PDDS destina-se à prática de condução e fornece ao militar um ambiente interativo, tanto a nível sonoro, como de movimento da viatura PANDUR.

O Simulador é constituído por três partes principais, designadamente a cabine, a plataforma de movimento e a rack de computadores. A cabine destina-se a ser ocupada pelo condutor em treino ou formação e é uma réplica do compartimento de condução da viatura PANDUR, na qual o condutor tem à sua disposição todos os comandos e instrumentos necessários para a operação da viatura simulada. Inclui cinco monitores que fornecem uma representação do terreno simulado num ângulo de aproximandamente 180º e permite a simulação da condução com escotilha aberta e escotilha fechada.



A plataforma de movimento é constituida por seis braços hidráulicos que permitem a execução de movimentos da cabine, com vista a dar ao condutor a perceção de movimento de acordo com o terreno.

A rack integra sete computadores, cinco dos quais destinados à criação de imagem dos monitores da cabine, um está associado ao sistema de áudio e o outro à gestão da simulação.

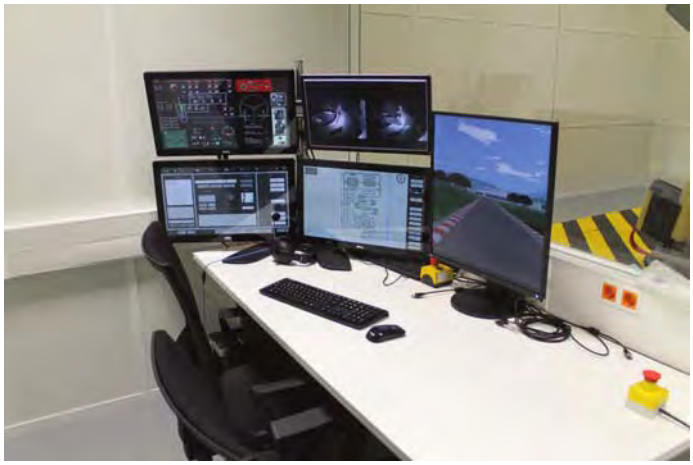
Para permitir que o sistema de treino PDDS funcione da melhor forma, o mesmo é composto por seis subsistemas (software e hardware) que se interligam, sendo estes o sistema de simulação, o de visual, o de áudio, o posto de instrutor, a plataforma de movimento e o sistema elétrico.

O sistema de simulação consiste na troca de dados entre o computador responsável pela gestão da simulação e os comandos que se encontram dentro da cabine.

O sistema visual materializa-se na simulação do ambiente visual, o qual incorpora cinco computadores da rack, que se encontram ligados entre si, bem como os cinco monitores dispostos no interior da cabine de simulação.

O sistema de áudio é responsável pela simulação de áudio, não só da viatura, instrumentos e controlos, mas também da comunicação entre o instrutor e o condutor. Os sons são guardados e processados pelo sistema de áudio e são emitidos pelo sistema surround, que é composto por um subwoofer e colunas de som.

Para controlo e monitorização do treino, o simulador dispõe de um posto de instrutor. É neste local que são criadas as simulações, permitindo a introdução de avarias mecânicas e incidentes táticos como, a título de exemplo, a criação de campos de minas, ataques com lança granadas foguete e flagelações com armas ligeiras. É possível escolher as condições meteorológicas da simulação, podendo estas variar entre chuva fraca, neve, sol e tempestade, assim como as condições associadas à visibilidade. Toda a simulação pode ser gravada, possibilitando que o condutor que utilizou o PDDS tenha perceção do seu desempenho no final da sessão.



A plataforma de movimento encontra-se mecanicamente ligada à cabine, através dos seis braços hidráulicos, permitindo a transmissão dos movimentos gerados pela plataforma para a

cabine, possibilitando, assim, a emulação do movimento da viatura. A cabine dispõe de um botão de STOP, o qual pode ser acionado pelo formando, em caso de emergência, permitindo que a plataforma de movimento se coloque em posição de segurança e que assim permaneça.

O sistema elétrico fornece energia a todo o PDDS, sendo que o sistema de simulação é protegido por uma Uninterruptible Power Supply (UPS). Em caso de falha de energia, a UPS é capaz de manter os computadores da rack a trabalhar, bem como o posto de instrutor, por um período de 15 minutos, tempo suficiente para que todo o sistema possa ser desligado de forma segura. Recurso (UPS) que é acionado automaticamente, não sendo necessária a intervenção do instrutor.

A utilização do PDDS traz naturalmente um conjunto de possibilidades à entidade utilizadora. Enquanto polo de formação dos cursos de VBR PANDUR II, o Regimento de Infantaria Nº 13 conta agora com um incremento para a qualidade da formação, em particular dos condutores de VBR PANDUR II e chefes de VBR PANDUR II versão Infantry Carrier Vehicle. A este nível, o PDDS permitirá ao formando a aquisição das competências necessárias para inicio da pratica da condução real, dando-lhe a possibilidade de treinar previamente a condução num ambiente controlado antes do contacto inicial com a viatura PANDUR.

Em termos práticos, os condutores recorrerão, em primeiro lugar, ao contacto com o simulador, períodos, durante os quais, colocarão em prática os seus conhecimentos teóricos e só depois disso poderão iniciar a condução numa viatura real.

Nesta simulação, inserida no âmbito dos cursos, o condutor terá a oportunidade de treinar os procedimentos de arranque e paragem da viatura, a condução em diversas condições climatéricas e de terreno, conferindo-lhe a noção do comportamento da viatura nas diferentes condições, e os pro-

cedimentos em caso de falhas mecânicas e emergências, permitindo que estes sejam memorizados pelo condutor de forma a que, em caso de falha ou emergência, os aplique de forma instintiva.

Enquanto unidade aprontadora do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas, o Regimento de Infantaria Nº 13 tem a possibilidade de, através do PDDS, assegurar um treino mais completo aos condutores que integram este Batalhão e a capacidade de manter e incrementar as competências adquiridas em curso.

Por este motivo, as vantagens do PDDS não se esgotam na formação, apresentando-se também como uma mais valia ao nível da manutenção do treino dos condutores de VBR PANDUR II.

Neste âmbito, a simulações criadas irão icluir obstáculos de natureza difícil, tais como a transposição de cursos de águas, de trincheiras e de obstáculos verticais, que irão exigir um condutor mais experiente e perfeitamente conhecedor das capacidades e limitações das VBR PANDUR II. Serão também criadas simulações que incluam incidentes de natureza tática, como ataques à viatura e rebentamento de minas, possibilitando ao condutor a prática de condução defensiva, ao ser forçado a escolher o terreno com melhor valor tático.

Realça-se que, em quaisquer das finalidades, formação ou treino, os incidentes e avarias inseridos em simulação, não poderão ser recriados em ambiente didático, sem recurso a esta capacidade.

É, consequentemente, esta a maior vantagem do PDDS, a qual consiste no precioso contributo que dá para a minimização do risco da operação das VBR PANDUR, ao possibilitar o treino em ambiente controlado e seguro quanto à reação do condutor a situações potencialmente perigosas.

Assim, a adoção deste sistema pelo Regimento de Infantaria Nº 13, representa um salto tecnológico que irá impulsionar a qualidade da formação e do treino para novos patamares, que se pretendem de excelência.

10º E 11º MEETINGS PANDUR USER GROUP

Paulo Figueiredo
Maj Mat

A Viatura Blindada de Rodas (VBR) Pandur apresenta-se em dois modelos base: I (6x6) e II (8x8), sendo utilizada por exércitos de cinco países.

O grupo dos cinco países que possuem em comum a utilização nos seus Exércitos, de VBR Pandur designa-se de Pandur User Group (PUG). A reunião ou meeting do Steering Committee do PUG (SC-PUG) ocorre segundo uma periodicidade anual, e de acordo com um plano de rotatividade entre os cinco países membros: Áustria (AUT), Bélgica (BEL), Republica Checa (CZE), Portugal (PRT) e Eslovênia (SVN).

Dos cinco países membros do PUG, PRT e a CZE são os únicos que possuem ao serviço nos seus exércitos, VBR Pandur II 8X8. Os restantes três países membros possuem VBR Pandur I 6X6, sendo ainda de referir que o exército Belga possui VBR 8X8 do modelo PIRANHA.

Portugal é o país que possui a maior frota de VBR Pandur, atualmente com 188 VBR. A segunda maior frota pertence à Republica Checa com 107 VBR, que neste caso são também VBR Pandur II 8x8.

No ano de 2015 teve lugar o 10º meeting do SC-PUG, em Ljubljana, na Eslovénia, no período de 12 a 14 de outubro e, no ano de 2016, o 11º meeting do SC-PUG decorreu em Portugal, no Porto, de 26 a 29 de setembro. Nos dois meetings todos os cinco países que integram o PUG se fizeram representar por uma delegação, tendo também o fabricante das VBR, General Dynamics European Land Systems-Steyr (GDELS-Steyr), enviado representantes para os dois meetings.

Figura 1 – Foto das delegações participantes no 10º meeting PUG

O 10º meeting de trabalho do SC-PUG decorreu em Ljubljana, de acordo com o programa e a agenda previamente estabelecidos tendo começado como habitualmente pelo primeiro dia reservado à viagem e ao comum convívio de receção designado de *"IceBreaker"* onde as delegações travam o primeiro contacto. Os dois dias seguintes, foram como habitualmente nestas reuniões, reservados à apresentação e discussão de aspetos sobretudo de índole logística, relacionados com a sustentação destes sistemas de armas.

Portugal fez-se representar no 10º meeting por uma delegação de cinco militares: dois do Comando da Logística (Direção de Material e Transportes), dois do Comando das Forças Terrestres (Brigada de Intervenção) e um do Comando do Pessoal.

As delegações dos outros países contaram com três elementos da AUT, dois elementos da BEL, três elementos da CZE e dois elementos da SVN, país anfitrião.

Figura 2 – VBR Pandur II 8x8 CZE

Dos diversos assuntos analisados na 10ª reunião importa citar as ações a serem tomadas pela AUT nas suas VBR, como a alteração das "manual weapon station" para "remote weapon station", o incremento na proteção passiva (blindagem) e a consequente alteração do trem motriz, sobretudo o sistema de travagem; estas duas últimas alterações também em curso nas VBR da BEL, através de um programa conjunto entre AUT e BEL. As VBR da BEL encontram-se ainda em atualização no que respeita à substituição dos seus motores, por outros de

maior potência (upgrade), e montagem de caixa de velocidades automática.

Decorrente dos acontecimentos no Leste da Europa, a delegação da SVN mencionou que o emprego de veículos de rodas versus veículos de lagartas se encontrava equacionado, o que, estava a apresentar sérias implicações nos programas de upgrade das suas VBR. Situação esta que voltou a ser mencionada no 11º meeting do PUG.

Figura 3 – Foto das delegações participantes no 11º meeting PUG

A CZE possui projetos para aquisição de mais VBR, sobretudo de comunicações e de manutenção, sendo que apenas nas primeiras se encontra previsto que sejam suportadas em chassi VBR Pandur II 8x8. Este país mantem também em desenvolvimento, através da sua indústria, projetos de incremento da proteção, passiva e ativa, para as suas VBR Pandur II.

De todos os assuntos abordados, normalmente de caráter logístico, implicitamente são também mencionados os aspetos financeiros, sobretudo o Life Cycle Cost (LCC) das VBR, incluindo assuntos relacionados com spare parts ou sobressalentes, custos com reparações (devido a desgaste natural ou a deficiente utilização) e tipologia de munições utilizada pelos diversos países.

O 10º meeting marcou também o fim de um ciclo de dois anos em que o Chairman (cargo rotativo no SC-PUG) deixaria de estar a cargo do Cor ROSTISLAV (CZE), e passaria no ano seguinte para um representante Português, ficou também estabelecido que o 11º meeting se realizaria em Portugal.

O 11º meeting decorreu, como previsto, em Portugal, mais concretamente no Porto, na Unidade de Apoio do Comando do Pessoal. Um dos dias, o dia 28 de setembro, foi reservado à apresentação de diversas soluções por parte da indústria, tendo-se designado de "*Open Day with Industry*" e, decorreu em Vila Real, no Regimento de Infantaria Nº 13 (RI13).

A delegação portuguesa foi constituída por cinco elementos, três elementos do Comando da Logística (DMT), incluindo o Chairman, Tenente-Coronel Teresa, atual Chefe da Repartição de Manutenção e Sistemas de Armas da DMT e, dois elementos do Comando das Forças Terrestres (Brigada de Intervenção). Os restantes países membros fizeram-se representar por três elementos da parte da AUT, dois elementos da BEL, dois elementos da CZE e, dois elementos da SVN.

O 11º meeting decorreu conforme o planeado, tendo-se abordado assuntos já mencionados em outras reuniões anteriores e, ocorrido a habitual atualização de dados das frotas dos diversos países membros. Desde o 10º meeting até ao 11º, ocorreu a finalização de alguns projetos que alguns países membros tinham em curso, como a modificação dos sistemas de travagem das VBR da AUT, tendo-se registado e atualizado o evoluir de outros projetos que ainda não tiveram o seu términus, como os sistemas de proteção ativa das VBR da CZE.

A grande novidade que o 11º meeting apresentou foi o dia reservado à indústria, onde se pôde visitar uma das Unidades do Exército Português que possui VBR Pandur II 8x8 (RI13) e onde se encontram instalados os dois simuladores destinados à formação e treino com este sistema de armas: T*actical Manoeuvre Training Simulator* (TMTS), e o novo, Pandur Dynamic Driving Simulator (PDDS). Este dia contou com diversas apresentações por diversas empresas, de produtos relacionados, não somente, mas sobretudo com o sistema de armas VBR Pandur II 8x8.

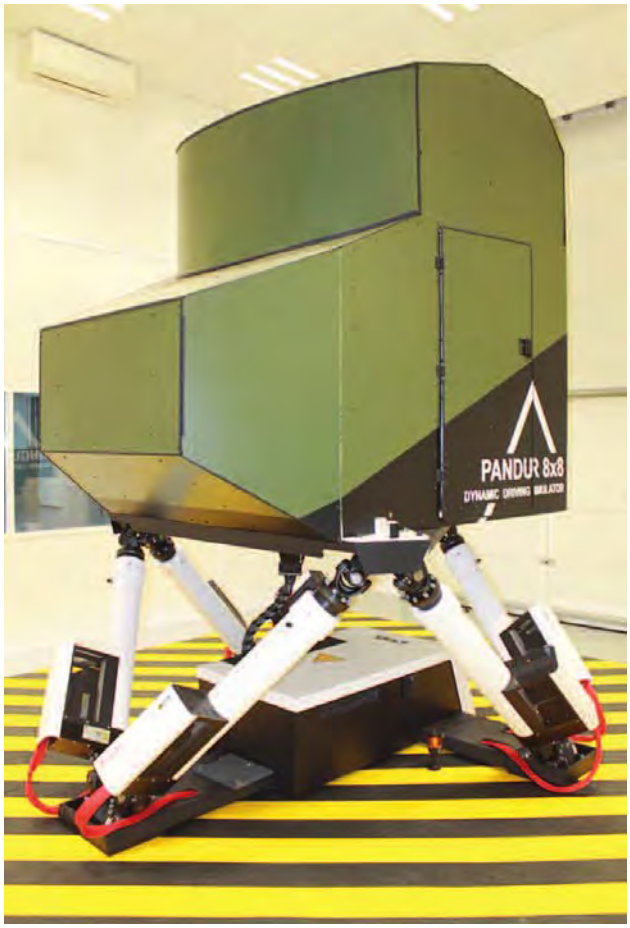


Figura 4 – PDDS presente no RI13

No final do 11º meeting houve lugar a uma abordagem ao próximo meeting, tendo ficado estabelecido que o 12º meeting decorrerá na CZE, em outubro de 2017.

Os dois meetings terminaram, como habitualmente, por um jantar oficial oferecido pelos países anfitriões, Eslovênia e Portugal, respetivamente.

VBR PANDUR II ESV – A VIATURA DA ENGENHARIA DE COMBATE MÉDIA

Pereira Cruz
Cap Eng

1. ENQUADRAMENTO

A aquisição das VBR (Viatura Blindada de Rodas) PANDUR II pelo Exército Português possibilitou que a Brigada de Intervenção se constituísse como Força Média, aliando proteção (média), poder de fogo, flexibilidade, fiabilidade e mobilidade tática. Com tal salto tecnológico esta Grande Unidade (GU) teve a plataforma que lhe permitiu colocar-se na vanguarda do Exército, ao nível dos mais modernos sistemas de armas dos exércitos congéneres.

O processo de aquisição das PANDUR II constitui o desenvolvimento de uma capacidade, a Força Blindada de Rodas. Esta capacidade, para estar completa e para dar resposta ao cada vez mais desafiante e complexo espectro de ameaças do campo de batalha moderno, deve englobar diferentes tipos de unidades de manobra e de apoio, as quais necessitam, por sua vez, de uma ou mais versões de VBR.

Nesse sentido, o contrato de aquisição, estabelecido com a empresa "*Steyr Daimler Puch Spezialfahrzeug*", previa as seguintes versões (para o exército):

- VBR Transporte de Pessoal com reparo para a MP Browning 12,7mm (*Infantry Carrier Vehicle*);
- VBR Transporte de Pessoal com MP 12,7 mm, a disparar do interior da viatura (*Remote Weapon Station*);
- VBR Posto de Comando (*Command Vehicle*);
- VBR Porta Morteiro Pesado 120 mm (*Mortar Carrier*);
- VBR Recuperação e Manutenção *(Recovery Vehicle*);
- VBR Ambulância (*Medical Evacuation*);
- VBR Porta Míssil Anti-Carro (*Anti-tank Guided Missile*);
- VBR Vigilância VCB (*Reconnaissance Vehicle*);
- VBR Porta Canhão 30mm (*Mobile 30mm System-IFV 30)*;
- VBR Ponto Acesso Rádio/Sistema de Gestão (*Armoured Communication Vehicle*);
- VBR Engenharia (*Engineer Squad Vehicle - ESV)*.

No entanto, o processo de modernização da Brigada de Intervenção não foi concluído, pois em 2012, o contrato de fornecimento das VBR PANDUR foi denunciado, tendo sido interrompido o fornecimento destas. Das 240 VBR do contrato inicial, ainda ficariam por fornecer 75.

Mesmo com um acordo que fixou a entrega de mais 22 viaturas, continua uma lacuna de 53 VBR que deixa a Força Blindada de Rodas com apenas 5 das 15 VBR Porta Míssil Anti-Carro previstas, sem nenhuma das 31VBR Porta Morteiro Pesado 120mm e sem qualquer VBR de Engenharia (Figura 1), onde também nenhuma das 9 viaturas foi recebida.

Figura 1

2. CARACTERÍSTICAS DA PANDUR II ESV

A família VBR PANDUR II tem, na sua generalidade, uma série de características que vieram trazer desenvolvimento tecnológico e um incremento operacional ao Exército Português: blindagem conferida por placas de aço e de cerâmica do tipo ADD-ON, silhueta reduzida o que lhe possibilita ser aerotransportada por aeronaves semelhantes ao C-130, ajuste da pressão dos pneus em movimento, capacidade anti-mina do casco, dois dispositivos de deteção de ameaça (Threat Detection System – TDS), o *"Thermal Identification Beacon" (*TIB) e o filtro NBQ colocado no sistema de ventilação da viatura.

Dadas as especificidade das missões da Engenharia de Combate, a viatura que a equipa terá obrigatoriamente de ter diferentes caraterísticas que lhe permita uma utilização eficiente dos seus sistemas de armas ao mesmo tempo que acompanha a manobra.

Nesse sentido, a missão de acompanhamento e fiscalização do programa VBR PANDUR II 8x8, pediu colaboração ao Regimento de Engenharia n.º 3 (RE3), no âmbito da definição das especificidades das VBR ESV.

A delegação que o RE3 criou para o efeito, sugeriu várias alterações à VBR ESV inicialmente contratualizada no sentido de a tornar compatível com os sistemas de armas de Engenharia, nomeadamente atrelados para tarefas de mobilidade e contramobilidade e transporte de explosivos. Foram também sugeridas alterações no âmbito da configuração interna da VBR.

A mais visível caraterística que marca a versão ESV é a capacidade de acoplar um de dois sistemas frontais que são a lâmina direita (Straight Obstacle Blade), para a remoção de

obstáculos ou movimentação de terras, e o sistema de rolos com intensificadores de assinatura magnética, para abertura de brechas em campos de minas (Figura 2).

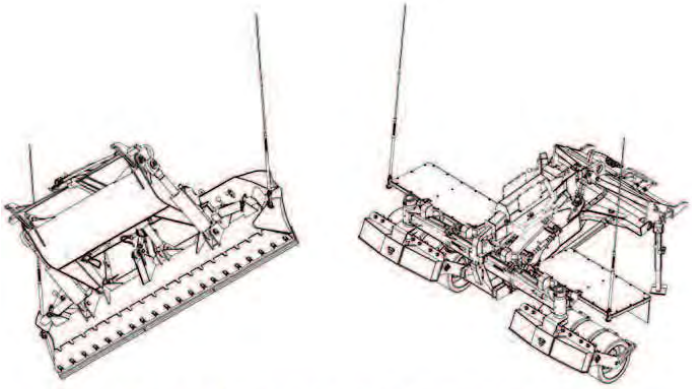


Fig. 2 – Sistemas frontais principais disponíveis (lâmina e rolos)

Para que esta viatura tenha a possibilidade de acoplar lâmina ou rolos, é necessário fazer algumas alterações e melhoramentos.

Para além da óbvia adaptação dos sistemas hidráulicos, é necessário melhorá-la ao nível da suspensão e sistema de travagem pois, desta forma, a viatura totalmente equipada com proteção balística, equipamentos, carga, ferramentas e tripulação, ultrapassa as 21 toneladas.

Uma vez acoplado o sistema de rolos, que pesa mais de três toneladas, a ESV tem a sua velocidade máxima reduzida para 30 km/h com os rolos erguidos ou 16 km/h com os rolos em funcionamento no solo.

Na traseira desta versão PANDUR encontram-se outras características distintas como introdução de tomadas e outras ligações para ferramentas/equipamentos, gancho para reboque, duas portas traseira (em vez de uma) e degraus adicionais em corda (Figura 3).

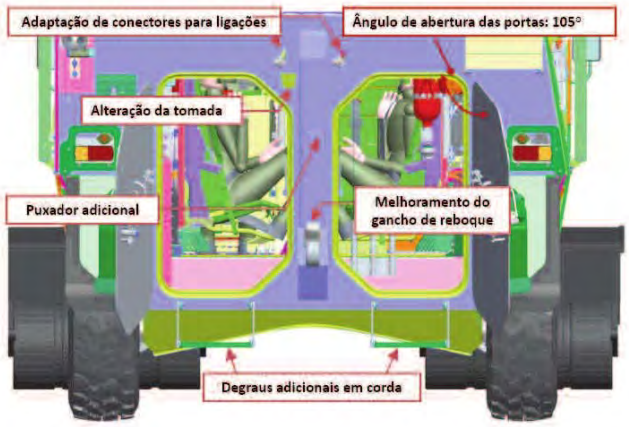


Fig. 3 – Rearranjo da parte traseira da viatura com novas adaptações

A Engenharia Militar tem necessidade de transportar sistemas rebocados como o MICLIC, para abertura de brechas em Campos de Minas ou o VOLCANO para o lançamento de minas dispersáveis. Desta forma surge a necessidade da colocação do gancho de reboque e, por conseguinte, as 2 portas com abertura lateral que permitam a saída dos militares do interior da viatura com o atrelado.

No interior desta viatura existem diversas adaptações. Tem capacidade para apenas 8 lugares sentados, tendo dois lugares no lado direito da viatura ao contrário das ICV, que têm cinco.

Fica assim com quatro lugares na lateral esquerda, dois na lateral direita um voltado para a tripulação e condutor (Figura 4).

Fig. 4 – Distribuição dos lugares no interior da viatura

Esta alteração leva a uma outra (visível na Figura 1), que é a existência de apenas 3 escotilhas, em vez das 4 existentes na versão ICV, dado que do lado direito apenas há necessidade de existir uma.

A redução do número de lugares permite um aumento dos espaços destinados a arrumação interior, sendo colocadas três prateleiras de médias dimensões para transporte de equipamentos ou ferramentas (Figura 5).

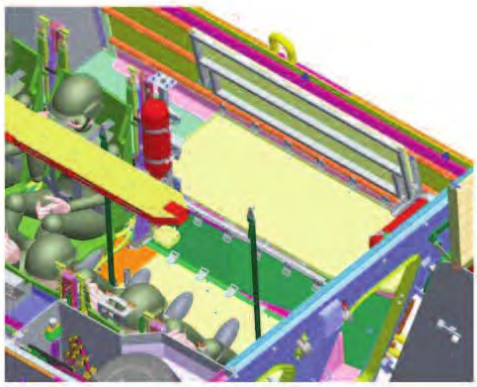


Fig. 5 – Redistribuição dos espaços para prateleiras e arrumação

Outras características existentes no interior desta viatura de Engenharia são: a reorganização do sistema de supressão de incêndios e respetivos extintores (Figura 6), reorganização dos

Fig. 6 – Reorganização do sistema de supressão de incêndios e extintores

espaços para armazenamento de munições e granadas (Figura 7) e o local de armazenamento dos detonadores (Figura 8).

Fig. 7 – Reorganização do armazenamento de munições e granadas

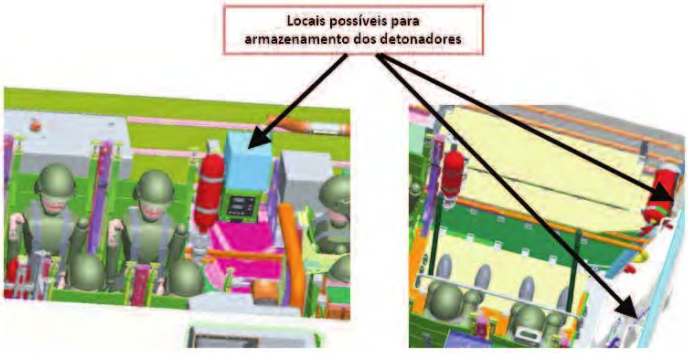


Fig. 8 – Possibilidades de localização da caixa dos detonadores

3. SOLUÇÕES PARA A AQUISIÇÃO DA ESV

Perante o cancelamento do fornecimento das PANDUR II ESV, torna-se necessário encontrar soluções para o problema em que ficou colocada a Brigada de Intervenção, que, privada de uma Companhia de Engenharia de Combate que a pudesse acompanhar e apoiar as suas operações, fica aquém da operacionalidade que se pretende de uma Brigada moderna e a par dos mais exigentes padrões internacionais.

a. Redistribuição e adaptação de outras versões PANDUR

A solução aparentemente mais fácil para colmatar a inexistência da versão de Engenharia da família PANDUR é equacionar a redistribuição e adaptação de outras versões existentes.

A primeira questão a resolver seria qual das versões utilizar. A Viatura Blindada de Transporte de Pessoal – ICV, sendo a que existe em maior número e, portanto, a mais facilmente redistribuível, mas também por ser mais flexível em termos de espaço e de utilização e por ser a menos específica, seria a melhor candidata a uma possível utilização pela Engenharia de Combate.

Esta solução tem como vantagens o facto de não ser necessário investir na compra de mais viaturas e a rapidez na resolução do problema dado que as viaturas já existem no Exército.

Por outro lado, retirar viaturas a outras Unidades baixa-lhes a sua operacionalidade e o seu potencial, mas na verdade baixando ligeiramente a operacionalidade de algumas UEB, em detrimento do aumento desta no elemento de apoio de combate, incrementa a operacionalidade da Brigada. Poder-se-á não considerar a redistribuição das 9 ESV necessárias mas sim apenas 3 ou 6, de modo a permitir à CEngCombMed treinar e manter o know-how.

Outra desvantagem que deve ser considerada é a quantidade de alterações que seria necessário fazer para adaptar uma VBR ICV em VBR ESV . Para além das diferenças mais visíveis e evidentes a nível das portas, escotilhas e gancho para atrelados, há necessidade de substituir o sistema hidráulico para a utilização das lâminas e rolos e ainda, por consequência do peso destes sistemas, melhorar/incrementar os sistemas de travagem e suspensão.

b. Aquisição de outras viaturas que não PANDUR

Não sendo a PANDUR II ESV a única VBR de Engenharia, e uma vez que o contrato que previa a sua fabricação foi cancelado, surge como possibilidade a aquisição de uma ESV que não da família PANDUR.

Um estudo desenvolvido em 2013 pelo Cap Eng João Soares, aponta como a melhor alternativa a *VBR Stryker* (Figura 9), fabricada pela General Dynamics (GD) – Land Systems, muito conhecida, testada e com elevado número de unidades produzidas, por ser usada pelos Exército dos Estados Unidos da América.

Fig. 9 – Stryker ESV (equipada lâmina biselada)
Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/M1132_Engineer_Squad_Vehicle

A VBR Stryker, deriva da VBR canadiana LAV III, que por sua vez é baseada na VBR PIRANHA 8x8. A GD apresenta no seu website várias configurações da VBR Stryker, encontrando-se entre estas a variante Engineer Squad Vehicle (ESV), que apresenta diversos sistemas que lhe permitem transpor obstáculos naturais e artificiais, sistemas de marcação passagens e dispositivos de deteção de minas:

o *Surface Mine Plow* - Lâmina biselada para remoção de minas;

o *Mine Roller* – rolos para rebentamento de minas;

o *Straight Obstacle Blade* – Lâmina;

o *Angle Mine Plow* - Lâmina biselada para remoção de minas;

o *Magnetic Signature Duplicator* – Duplicador de assinatura magnética;

o *Lane Marking System* – Sistema de marcação de passagens.

A aquisição da VBR Stryker, segundo o estudo referido, apresenta as seguintes vantagens:

o Apresenta uma versão ESV de raiz;

o A versão ESV vai ao encontro de grande parte das especificações apresentadas para a VBR PANDUR ESV;

o É uma viatura já experimentada em vários teatros de operações.

Contudo, a hipótese da aquisição desta viatura Americana para a Engenharia Militar Portuguesa apenas é colocada tendo como pressuposto a impossibilidade de adquirir a VBR PANDUR II. Mesmo que esta viatura confira à Engenharia Militar a mesma mobilidade, proteção e poder de fogo que a PANDUR fornece às restantes Unidades, a criação de um canal logístico entre Portugal e a América do Norte para a manutenção de 9 viaturas pode acarretar grandes dificuldades do ponto de vista logístico, devendo, por isso, ser muito bem equacionada.

Fig. 9 – Stryker ESV (equipada lâmina biselada)
Fonte: http//www.gdls.com/products/stryker-and-specialty/stryker-ESV.html

c. Aquisição da PANDUR ESV

A VBR que equipar a Engenharia, enquanto força de combate média, deverá garantir a interoperabilidade necessária para que os Engenheiros forneçam mobilidade e apoiem com contra mobilidade as Unidades de Manobra de qualquer Força Blindada de Rodas, sem dificuldades acrescidas. Para tal, eles devem estar equipados de forma a cumprirem as suas missões com a mesma mobilidade, proteção e letalidade.

Pelos motivos operacionais referidos, para um eficiente funcionamento e manutenção das ESV, para evitar o agravamento de custos a criação de novos canais logísticos, para evitar a duplicação de pessoal na formação e manutenção de uma viatura diferente, para evitar os custos com a adaptação de outras versões de viaturas que nunca ficarão tão bem como feitas de raiz e que causa perda de capacidade noutras unidades, julga-se que a opção mais vantajosa seria a aquisição da VBR PANDUR II ESV, conforme inicialmente previsto no projeto de reequipamento do Exército.

Fig. 10 – CEngCombMed no Exercício VENUS17

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS A CENGCOMBMED SEM A PANDUR ESV

Fig. 10 – CEngCombMed no Exercício VENUS17

Apesar de privada da sua Viatura Blindada de Rodas, A CEngCombMed não deixa que essa limitação sirva de pretexto para não desenvolver o seu treino operacional, aferir e validar táticas, técnicas e procedimentos, tanto apeada como montada.

O RE3 tem desenvolvido todos os esforços para que a sua Companhia de Engenharia de Combate não esteja atrás deste salto tecnológico mantendo, não só o seu pessoal, mas também as suas instalações prontas. Desde abril de 2010 que tem um edifício totalmente remodelado para o parqueamento e manutenção para 9 VBR ESV.

Como solução de recurso, a Engenharia recorre às viaturas existentes na BrigInt, nomeadamente nos Regimentos de Infantaria 13 e 14 e no Regimento de Cavalaria 6, para formar e treinar os seus Chefes de Viatura e Condutores VBR e para realizar os seus exercícios sectoriais VENUS (Figura 9). Num esforço conseguido para se manter a par dos seus pares, a CEngCombMed tem participado também nos exercícios setoriais destas unidades operacionais e nos exercícios DRAGÃO E ORION, utilizando as PANDUR ICV.

Apesar de esta não ser a solução que garanta uma real capacidade para a CEngCombMed cumprir as suas missões, tem possibilitado que, tanto a Engenharia como as unidades de manobra levem a cabo um treino combinado e desenvolvam a interoperabilidade necessária para que estas Unidades sejam mais que a soma das partes, que criem uma sinergia chamada Brigada de Intervenção – Força Blindada de Rodas.

"My engineers can do anything. There just aren't enough of them."
Major General Raymond Odierno

CURSO DE FORMAÇÃO GERAL COMUM DE PRAÇAS DO EXÉRCITO - UMA PERSPETIVA DE LIDERANÇA NO ÂMBITO DA FORMAÇÃO

Gustavo Mendes
Alf Art

Em setembro de 2010, ao entrar pelas portas da Academia Militar, embarquei numa viagem única para o desconhecido, motivado para alcançar um ambicioso objetivo – o desafio de frequentar um estabelecimento de ensino superior público universitário militar, a fim de me tornar num oficial dos quadros permanentes do exército português.

Desafio, de forma genérica, pode ser definido como o ato de realizar uma tarefa que fica para além das nossas capacidades ou aptidões ou seja, um desafio é algo que deve ser superado.

Ao final de 6 longos anos, enquanto caminhava pela porta fora da casa onde nasci e cresci como português, como militar e, acima de tudo, como pessoa, pude orgulhosamente afirmar que a missão havia sido cumprida, os objetivos alcançados e os desafios superados – por fim, senti-me completo.

Contudo, o sentimento de realização desvaneceu-se com cada passo dado que me afastava mais e mais da Academia Militar, dando lugar à mesma incerteza sentida no início desta aventura.

É irónico como, enquanto cadetes alunos, nos convencemos que os últimos passos serão mais fáceis que os primeiros, enquanto a realidade não poderia estar mais distante.

Quando somos alferes, é fácil perder o norte, à medida que enfrentamos os novos desafios que nos são apresentados, especialmente, quando a saudade por tempos mais simples nos tenta em olhar para trás em nostalgia.

Contudo, já dizia George Washington "Não devemos olhar para trás, a menos que seja para tirar lições úteis de erros passados e com o objetivo de lucrar com a experiência penosamente adquirida.".

E foi com esta mentalidade que abracei a nova missão atribuída – formar os novos soldados do 8º Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército (8º CFGCPE).

Ao entrar pelas portas do Regimento de Infantaria Nº19 as preocupações foram surgindo: estarei apto a formá-los? terei competências para cumprir a missão? rapidamente se dissiparam.

Desde o primeiro dia em que foram incorporados até à presente data apercebi-me da preparação fornecida pela Academia Militar e, sinceramente, surpreendeu-me – mais incrível ainda, surpreendi-me constantemente pela minha capacidade e a dos meus camaradas de curso de superar situações inesperadas, de cumprir objetivos que nos iam sendo atribuídos, de planear, de inovar e adaptar.

O alferes dos quadros permanentes, embora jovem e inexperiente, possui um grande potencial para desempenhar as tarefas que lhe são atribuídas, desde que se lembre da principal lição ensinada pela Academia Militar – pensar.

A nível pessoal, formar soldados de um CFGCPE abriu-me os horizontes para uma nova realidade, diferente daquela que vivi durante grande parte da minha vida, no entanto, mais próxima da realidade social portuguesa.

Como filho de uma família de classe média as oportunidades académicas disponibilizadas foram várias, bastava apenas esforçar-me e tomá-las, aliás, foi o que me permitiu ter uma boa educação e ingressar, mais tarde, na Academia Militar.

Contudo, esta não é a realidade de muitas famílias portuguesas que por motivos fora do seu controlo não conseguiram disponibilizar às suas filhas e aos seus filhos as mesmas oportunidades com que fui agraciado.

A principal lição aprendida, durante o período em que prestei serviço no Regimento de Infantaria de Nº19, não foi o desenvolvimento das minhas competências de liderança ou técnico-militares, mas sim das minhas qualidades éticas e morais – gratidão pelo que tenho, solidariedade por quem não tem, humildade pelo que tenho de aprender, pelos erros cometidos e respeito por todos, inclusive por mim.

Concluo recomendando, a todo o oficial e sargento recém-ingressado, experienciar ser formador num CFGCPE, por representar uma oportunidade única de crescer como pessoa e como militar, e uma tarefa gratificantemente digna - a de formar os futuros soldados de Portugal.

CURSO DE FORMAÇÃO GERAL COMUM DE PRAÇAS DO EXÉRCITO (CFGCPE) - A EXPERIÊNCIA DE SER SOLDADO

Fernando Silva
Sold Grad

A minha experiência no Exército Português começou algum tempo antes da recruta.

Começou no dia em que tomei a decisão de me voluntariar para servir nas fileiras, teve continuidade quando formalizei a minha candidatura, até ao dia em que fui incorporado no Regimento de Infantaria N.º 19.

Durante esse período, preparei-me fisicamente, mentalizei-me para aceitar as mudanças na minha vida pessoal decorrente do passo que acabara de dar, informei-me o melhor possível sobre aquilo que me esperava durante a frequência do CFGCPE.

Na realidade, quando fui incorporado, algumas dúvidas e incertezas ainda pairavam no meu íntimo, a minha insegurança era óbvia, a adaptação não foi fácil.

No entanto, com o passar dos dias, consegui adaptar-me e absorver tudo o que me era transmitido, e fui tomando consciência e tendo mais certezas sobre a decisão que tinha tomada.

Estava adaptado, estava feliz.

Nas primeiras semanas o choque foi muito grande, a nível físico e psicológico.

Reparei que apesar de me ter preparado previamente, não estava ainda apto de todo para a rigidez das normas impostas, os horários que tinham que ser religiosamente cumpridos, a convivência com camaradas que não conhecia e com os quais não tinha o mínimo de empatia ou confiança.

Como civil, estava habituado a um estilo de vida muito diferente.

Geria o meu tempo e as minhas tarefas a meu belo prazer, as normas que seguia era eu que as definia; essa foi talvez a maior dificuldade de todas as que enfrentei, obedecer prontamente a desconhecidos, ter que passar a respeitar o espaço e a vontade do camarada do lado, aprender e praticar valores que nunca sequer me tinham sido dados a conhecer.

Na primeira semana, senti muito receio de não estar à altura de vencer o desafio que tinha pela frente, mas brevemente deixei para trás as minhas dúvidas, transformei-as em certezas e vontade de vencer.

O egoísmo, próprio de quem não está habituado a partilhar, foi dando lugar à camaradagem, à entreajuda, à união. Fomos sendo moldados e obrigados a interiorizar e a praticar constantemente atos de lealdade, honestidade e respeito. Gradualmente, deixámos de ser um grupo de desconhecidos e começámos a formar no nosso pelotão.

Dia a dia, passo a passo, íamos ganhando coesão, união, força.

Começamos a perceber que, se um de nós estivesse mal, todo o pelotão falhava, e era necessário ajudar, estar presente junto dos elementos que sentiam mais dificuldades nas diversas tarefas, de forma a não falhar novamente.

Quando estávamos mais frágeis, passamos a apoiar-nos nos camaradas, e, reparei que por mais aptidão que tivéssemos, todos sem exceção têm o seu momento de fraqueza, e nessa altura sabe bem e conforta imenso receber um empurrão, uma palavra, um aconchego.

Estávamos lá uns para os outros, e isso não tem paralelo em lado nenhum. Aqui, em vez de cada um olhar por si, aprendemos a olhar uns pelos outros, o coletivo à frente do indivíduo, sente-se o orgulho e bem-estar de pertencer ao Corpo.

Na fase em que nos encontramos, sinto que não posso parar, irei com certeza concluir o meu CFGCPE, por mim, pelos meus camaradas e pelos meus formadores, que apesar de serem muito exigentes, mais não fazem do que nos providenciar ferramentas para que nós, os formandos, consigamos atingir o sucesso.

Tenho pouca experiência, mas tenho a certeza de que que estas dificuldades fazem parte da moldagem a que forçosamente temos que ser sujeitos, para um dia mais tarde, qualquer um de nós estar apto a cumprir as missões de que for incumbido.

Valores como a lealdade, honestidade, espírito de corpo, camaradagem, coragem física e moral, praticados constante e diariamente, farão de nós bons militares e excelentes pessoas, que dignamente servirão o Exército Português.

EXÉRCITO, A MINHA OPÇÃO DE VIDA

Isabel Costa
Sold Grad

Após terminar os estudos, à semelhança de vários jovens que se encontravam em idêntica situação, questionei-me: "o que fazer agora?".

Tinha sido convocada para o Dia da Defesa Nacional, e durante aquele dia marcante e decisivo da minha vida, foram desenvolvidas um conjunto de atividades que despertaram em mim interesse e curiosidade sobre o Exército Português.

No final do dia, de regresso a casa, fui dando por mim a pensar no que aprendera e nas coisas novas que vira.

Tomei consciência de ter gostado da experiência, tinha-me identificado com as ideias transmitidas, e naturalmente, ingressar no Exército passou a fazer parte do leque de opções de vida em relação ao meu futuro.

Decidi então formalizar a minha candidatura ao Exército Português, e após dias de ansiosa espera, a carta de convocatória chegara a minha casa. Iria ingressar nas fileiras!

Aos nove dias do mês de novembro de 2016, apresentei-me à Porta de Armas do Regimento de Infantaria N.º 19, onde me deparei com uma realidade completamente diferente da que vivia até então.

Distanciada da família e dos amigos de sempre, estava por minha conta. Tinha dado o "passo decisivo" em direção ao maior desafio que alguma vez terei enfrentado.

No início da Instrução Básica, cuja duração é de 5 semanas, conviver com pessoas com diferentes personalidades, gerir o meu tempo de forma eficaz, o rigor e a disciplina imposta pelos formadores e os horários a cumprir, constituíram mudanças drásticas no meu quotidiano.

As novas regras, um novo ambiente, desconhecido para qualquer um de nós, fez com que desenvolvesse em mim valores como a camaradagem, o sentido da responsabilidade, o espírito de corpo.

Dei por mim, naturalmente, a procurar ajuda junto de pessoas que não conhecia; senti com o passar dos dias, que ali, naquele pelotão, estava a formar-se a minha segunda família.

Com a dose certa de determinação e empenho, com esforço e dedicação, consegui adaptar-me e estar à altura das exigências que me foram exigidas; aprendi que não sabia nem tinha noção do meu valor, e apenas com a superação de constantes obstáculos, cada vez mais e melhor, fiquei a saber do que sou capaz.

Por variadíssimos motivos, alguns camaradas iam ficando para trás, mas esse facto fez com que me motivasse ainda mais a continuar o meu caminho.

Neste momento encontro-me na fase final da Instrução Complementar, com duração de 7 semanas.

Nesta fase, sentimos ainda mais dificuldades, a ambientação à Instituição Militar terminou, e agora aprendemos diariamente a combater e a sobreviver no campo de batalha.

Fisicamente é muito mais intenso, uma vez que as matérias ministradas exigem de mim e dos camaradas mais disponibilidade física e psicológica, e, mais uma vez, socorremo-nos dos valores aprendidos nos primeiros dias; com espírito de corpo e de sacrifício, forte abnegação, camaradagem, brio, vontade e querer, todas as barreiras vão sendo ultrapassadas.

O Exército Português mostrou-me uma realidade muito distinta daquela a que estava habituada. Dou agora mais valor às pequenas coisas que antes não desprezava, mas não valorizava devidamente.

A família e os amigos são realmente importantes, e senti isso quando fui obrigada a ausentar-me de junto deles.

Criei laços de amizade e camaradagem que durarão toda a vida, porque nas dificuldades foram aqueles que estiveram comigo, que me ajudaram, escutaram os meus problemas pessoais, ajudaram-me nas minhas dificuldades físicas, deram-me de comer e beber, e esses gestos ... jamais serão esquecidos por mim, pois quando pensava em desistir, lá estavam eles, a minha segunda família, a obrigar-me a percorrer o meu caminho e a vencer.

A todos, o meu sentido e sincero *Muito Obrigado*!

PENSAMENTOS DE UM SUBALTERNO SOBRE LIDERANÇA MILITAR

Nelson Lopes
Ten Cav

Ao longo do meu tempo de subalterno tive o privilégio de desempenhar funções como Comandante de Pelotão e 2.º Comandante de Esquadrão, quer em subunidades de manobra, quer de apoio de serviços.

O artigo que agora apresento destina-se a expor alguns pensamentos sobre liderança militar e teve por base os conhecimentos teóricos adquiridos enquanto aluno da Academia Militar e as experiências vividas até aos dias de hoje.

O texto pretende tocar em algumas áreas relacionadas com as relações que se estabelecem entre as pessoas, levando a refletir qual deverá ser o nosso comportamento nesse relacionamento.

"A liderança é para a condição militar e para as organizações um método que permite, por parte de quem a utiliza, uma forma mais fácil de se verem cumpridos os seus objetivos, para além do que seria possível através do uso exclusivo da autoridade investida" (Vieira, 2002:11).

Ao longo da história, existem diversos exemplos de vários líderes que marcaram o seu tempo pela forma como conseguiram influenciar um conjunto de pessoas em torno dos seus objetivos, chegando em alguns casos, a mudar o curso da própria história.

Um verdadeiro líder deverá possuir um processo comportamental próprio que quando utilizado de forma eticamente correta, consegue mudar o comportamento dos outros.

Líderes como Napoleão ou Hitler, embora grandes influenciadores de pessoas, tiveram um comportamento eticamente reprovável. Por outro lado, exemplos como o de D. Nuno Alvares Pereira deverão ser sempre considerados e seguidos.

Pegando nas palavras do Tenente-Coronel António dos Reis Rodrigues para melhor o caracterizar, trata-se de uma figura da nossa história com "(…) uma vida interior riquíssima.

Por isso os atos que realizou não lhe foram a bem dizer impostos pelas circunstâncias, antes nasceram desse manancial inesgotável que era a sua personalidade, dessa robusta força criadora que era a sua alma, treinada silenciosamente no culto dos grandes valores da vida" (Rodrigues, 1961:31).

A dualidade de militar e Santo chega a ser surpreendente quando nos vem ao pensamento como é que um Comandante que leva outros homens para a guerra, sendo por isso responsável pela morte de muitos dos seus, consegue ser lembrado ao fim de cerca 600 anos, alcançando inclusivamente a categoria de Divino.

Liderar é conseguir caminhar ao encontro de cada subordinado, percebendo que todos são diferentes e que perspetivam a realidade de formas distintas.

Se não for incutido a cada um dos nossos subordinados, o sentido de pertença, espírito de missão e entreajuda, estes nunca se irão transcender para lá do simples cumprimento de ordens.

Antes de mais, o líder precisa de conhecer a atual geração e perceber que liderar nos dias de hoje não é o mesmo que há 15 anos atrás.

Em geral, os jovens de hoje são culturalmente mais ricos, estão melhor informados, mas em contrapartida, são menos proativos, desembaraçados e com menos esperança relativamente ao futuro.

O líder terá de ter sensibilidade para compreender os jovens deste tempo e a sua realidade.

Pode-se ter acesso a tecnologia de ponta, infindáveis recursos financeiros, conhecer os manuais técnicos de trás para a frente, mas se não formos capazes de influenciar a motivação dos nossos inferiores hierárquicos para a execução das tarefas diárias, de nada vale a tecnologia e o conhecimento adquirido.

O trabalho em equipa reveste-se de grande importância em qualquer organização.

O líder deve ser capaz de exercer a sua ação de forma discreta, percebendo as capacidades e limitações de cada um, de forma a conseguir que os seus subordinados executem as suas tarefas de uma forma eficaz e motivada.

É sempre importante difundir o objetivo e a intenção a todos os envolvidos de maneira que cada um saiba qual o rumo a seguir.

Nesse percurso, devem ser aproveitadas as opiniões dos subordinados, despertando-os para a liberdade de pensamento, levando-os a sentirem-se valorizados na execução de tarefas.

No entanto, na vida militar, nem sempre é possível atender às opiniões dos subordinados para que estas concorram para a decisão final.

Por vezes a decisão de um comandante não permite a consulta e o planeamento desejável, sendo por isso uma decisão muito solitária.

Um bom líder, sempre que for possível, ouvirá as sugestões e propostas dos subordinados mas, uma vez tomada a decisão final, este só pode esperar dos subordinados o seu apoio sem restrições. Assim, "cada decisão tomada pelo líder é um teste para o seu espírito de justiça que é observado por subordinados e também por superiores. Um simples erro pode destruir uma reputação de justiça que levou anos a estabelecer" (Vieira, 2002:39).

Os subordinados são seres humanos detentores de pensamento e raciocínio, pelo que, quando lhes são comunicadas tarefas, deve-se procurar sempre que possível, explicar as razões que levaram a determinada decisão e nunca, mas mesmo nunca, devem ser transmitidas de uma forma distorcida da realidade.

Também o modo de comunicar deve ser considerado, "(…) a escolha das palavras, o tom de voz e a atitude assumida influenciam as reações dos subordinados.

A aptidão para dizer o que deve ser dito, da forma mais adequada e no momento mais oportuno é também uma parte importante da liderança.

Aquilo que o líder comunica e a forma como o faz, podem reforçar ou enfraquecer o seu relacionamento com os subordinados" (Vieira, 2002:33).

Um líder tem de melhorar constantemente o seu desempenho efetuando uma autoavaliação "de forma completa e precisa, podendo incluir o feedback das seguintes fontes: de si mesmo; dos líderes superiores; pares e subordinados diretos; de familiares e amigos próximos" (Vieira, 2002:90).

Estes últimos, embora não fazendo parte do seu grupo de trabalho, são tanto ou mais importantes que as restantes fontes acima mencionadas, porque um militar é antes de mais um cidadão, uma pessoa.

Deixo agora alguns pensamentos que considero que deverão constituir uma permanente preocupação de todos aqueles que têm a missão de liderar pessoas:

- É importante para o líder informar sempre os seus subordinados e esclarecer dúvidas para o cumprimento da missão, saber ouvir e ter humildade para receber conselhos e aceitar críticas construtivas, pois só assim se consegue evoluir;

- É importante saber aprender com os seus próprios erros, bem como com os erros alheios, agarrando sempre os bons exemplos;

- Não se deve centralizar todos os assuntos e trabalhos. Em alternativa devemos atribuir responsabilidades e confiar nos militares mais capazes para as executar;

- Os subordinados não deverão ter medo de errar e o líder terá de os incentivar sempre que esse erro apareça.

Apesar de existirem várias teorias relativas à liderança, todos poderão ser líderes ao seu nível, sendo para tal exigido muito sacrifício, principalmente no que se refere às preocupações e às atitudes corretas para com os outros.

Será sempre uma "luta" constante que o líder terá com o seu pensamento. Por muito difícil que seja, o líder terá sempre de acreditar em si, e no seu empenho para com os seus, pois assim a sua alma de "cidadão militar" o obriga.

Referências Bibliográficas:

RODRIGUES, Tenente-Coronel António dos Reis (1961), Nun' Álvares Condestável e Santo, Lisboa, Portugal, composto e impresso nos Serviços Gráficos da Academia Militar.

VIEIRA, General Belchior (2002), Liderança Militar, Edições Atenas, Lda.

A CARREIRA DE TIRO DA GALA

José Fernandes
SCh Art

Pelo artº 1º do Decreto de 48.086, de 04Dec67, publicado em OE 1ª Série, nº 12, de 31Dec67, ficou sujeita a servidão militar uma determinada área de terreno confinante da Mata Florestal de Lavos.

Estava, deste modo, criada a Carreira de Tiro da Gala – Figueira da Foz (CTGala)!

Tinha, à altura, como Unidades Integradoras o Regimento de Artilharia Pesada nº3 (RAP 3) de 20Jul68 (data de ativação da carreira de tiro) a 09Jul75 (data de extinção da Unidade) e também do Centro de Instrução de Condução Auto nº2 (CICA 2) de 10JulL75 a 31Dec76 (data de extinção da Unidade).

Estas unidades, que formavam a guarnição militar da Figueira da Foz, deram origem à Escola Prática do Serviço de Transportes desde 01Jan77 até à da sua extinção em 30Jun2006, passando para a posse da Brigada Ligeira de Intervenção e, posteriormente, para a Brigada de Intervenção (BrigInt), sediada em Coimbra.

Praticamente no centro do país e localizada a 9 Km da cidade, fora da área habitada, com um perímetro de 2.500m e 375.000m2 de área, a CTGala tem um acesso direto e privilegiado através da IC 1 que lhe confere uma funcionalidade e utilidade ímpar.

Possui 15 linhas de tiro numeradas e equipadas com banquetas, que permitem fazer tiro aos 100, 200 e 300 m. Junto do espaldão frontal (convencional e contra elevação natural) e entre os abrigos dos marcadores, dispõe, ainda, de uma carreira de tiro reduzida que proporciona executar tiro aos 5, 7, 10, 15, 25 e 50 m, tudo devidamente marcado.

Dispõe de vastas zonas que permitem a reunião de pessoal em adequadas condições de segurança, bem como locais para estacionamento de quaisquer tipos de viaturas ligeiras, pesadas ou táticas.

Atualmente a CTGala é utilizada para a realização de tiro de manutenção dos militares da BrigInt e de algumas unidades da Brigada de Reação Rápida e do Comando de Pessoal, apoia as Forças de Segurança quando solicitado, assim como outras entidades/coletividades no âmbito do tiro quando devidamente solicitadas e autorizadas.

A título de exemplo, destacam-se os apoios a:

- Polícia de Segurança Pública
- Guarda Nacional Republicana
- Polícia Judiciária
- Polícia Marítima
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras
- Autoridade Segurança Alimentar e Económica
- Estabelecimentos Prisionais de Coimbra e Aveiro
- Entidades Federadas e Não/Federadas

Mais recentemente e explorando todas as suas capacidades naturais, a CTGala acolheu exercícios militares de escalão Brigada, onde foi possível praticar o Planeamento, Comando e Controlo de Operações Táticas.

Mesmo com uma elevada e diária taxa de ocupação, CTGala está cuidada e é segura.

O CENTENÁRIO DA I GUERRA MUNDIAL E A COOPERAÇÃO ENTRE A BRIGINT DO EXÉRCITO PORTUGUÊS E O CEIS20 DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Jorge Pais de Sousa
Investigador do CEIS20 da Universidade de Coimbra

1. O Congresso Portugal na Grande Guerra que decorreu nas instalações da Brigada de Intervenção em Coimbra, a 8, 9 e 10 de março de 2016, foi uma organização tripartida com o Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra e a Comissão Coordenadora da Evocação do Centenário da I Guerra Mundial, para assinalar o centenário da declaração de guerra da Alemanha a Portugal.

Tratou-se, sem dúvida, de uma das mais importantes iniciativas científicas de caráter interdisciplinar e de âmbito nacional, nestes três anos de evocações em curso, sobre a participação portuguesa no primeiro conflito militar à escala mundial.

Esta implicou, como sabemos, a mobilização e projeção de mais de 100 mil combatentes do Exército Português, entre 1914 e 1918, para os três diferentes teatros de guerra de Angola, Moçambique e da Flandres francesa.

A sessão de abertura contou com a presença do Ministro da Defesa Azeredo Lopes, o CEME General Carlos Hernandez Jerónimo, o presidente da CCECIGM Tenente-General Mário de Oliveira Cardoso e do Coordenador Científico do CEIS20 Prof. Doutor António Pedro Pita, em representação do Reitor da Universidade de Coimbra[1].

Estas entidades e todos os congressistas procederam mais tarde, com, entre outros convidados, o Diretor da DHCM Major-General Aníbal Flambó, o presidente da Liga dos Combatentes General Chito Rodrigues e o presidente do Núcleo de Coimbra Tenente-Coronel João Paulino, à inauguração e visita guiada à exposição patente no claustro do aquartelamento de Sant'Ana: Portugal na Grande Guerra e O Regimento de Infantaria 23 na Flandres e a Chama da Pátria.

Ao longo de três dias de trabalho intenso, cumpriu-se um exigente programa científico que resultou da combinação de uma seleção de comunicações resultantes de uma chamada nacional (call for papers) aberta para o efeito, entre maio e outubro de 2015, uma mesa redonda especializada, e a realização por convite de cinco conferências plenárias, num total de vinte e cinco comunicações proferidas por militares e civis, professores e investigadores universitários.

A afiliação institucional dos comunicadores mostra essa representatividade nacional, pois são especialistas que pertencem à Academia Militar, mas, sobretudo, às universidades dos Açores, Autónoma de Lisboa, Coimbra, Lisboa, Madeira, Minho, Nova de Lisboa e Porto.

1 Ver programa e toda a informação sobre o CPGG em https://sites.google.com/site/congressoptnagrandeguerra/apresentacao

Contudo, e para que o congresso fosse um êxito é fundamental agradecer ao então comandante da BrigInt, o Major-General Carlos Aguiar Santos, porque não só acolheu a nossa proposta de organização do CPGG como a apoiou até à sua concretização.

Colocou-nos, por outro lado, em contacto com o Tenente-General Mário de Oliveira Cardoso da CCECIGM para podermos, em conjunto, montar todo o seu complexo programa científico e cultural.

E nomeou, para este efeito, o Tenente-Coronel Gustavo Gapo para servir de oficial de ligação entre as instituições envolvidas, pelo que é de enaltecer o brio profissional deste oficial superior que supervisionou toda a logística, segurança e protocolo.

Basta ter presente, por exemplo, que ao fim do primeiro dia do Congresso teve lugar, na Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra, um magnífico concerto interpretado pelo Grupo

de Câmara da Banda do Exército.

2. O livro Portugal in the First World War 1914-1918: An Interdisciplinary Perspective, cuja preparação está em curso, é o resultado científico mais importante do CPGG.

Enquanto editor e coautor desta obra e pelo trabalho que temos desenvolvido para a conseguirmos publicar até ao fim de 2017, estamos cientes da projeção que resultará para a historiografia contemporânea portuguesa que ele seja publicado no Reino Unido e, posteriormente, circule nos países anglo-saxónicos.

É que será o primeiro livro monográfico integralmente dedicado à participação portuguesa na I Guerra Mundial e com publicação na Cambridge Scholars Publishing.

Fica ultrapassada a tradicional e hoje desvalorizada, em termos académicos, publicação de um livro de atas com o conjunto das comunicações apresentadas, tal como no início a organização tinha pensado.

Na verdade, ao respondermos a um contacto prévio à realização do congresso, estabelecido por correio eletrónico por esta prestigiada editora universitária de Cambridge, e depois de um lento processo de conversações que decorreram entre abril e agosto de 2016, estas culminaram com o convite para apresentarmos o nosso currículo científico e uma proposta de livro, que foi avaliada favoravelmente pelo respetivo conselho editorial.

São dezasseis os autores que, nesta altura, responderam ao convite para escrever um capítulo em inglês e que observaram os prazos estabelecidos com o editor.

A estrutura interdisciplinar do livro contempla matérias tão diversas como: direito internacional, diplomacia e negociações externas de financiamento, a estratégia militar observada nos teatros de guerra de Angola, Moçambique e Flandres francesa, internacionalização da medicina e cirurgia portuguesas de guerra, diferentes interpretações sobre as motivações políticas que levaram à intervenção de Portugal no teatro de guerra europeu, mas também a propaganda de guerra, a ação psicológica, pensões de guerra e o culto ao soldado desconhecido.

3. A exposição O Regimento de Infantaria 23 na Flandres e a Chama da Pátria constitui, em termos de extensão universitária, um segundo e não menos importante resultado da organização do CPGG.

Foi pensada e produzida pelo CEIS20 da Universidade de Coimbra para circular por todo país até 2018 e ser visitada pelo público em geral e, particularmente, pela população escolar que estuda o tema da participação portuguesa na IGM e nem sempre é apoiada por manuais escolares com informação rigorosa sobre esta matéria.

Recorde-se que, no plano da fotografia militar, o Corpo Expedicionário Português (CEP) tinha como fotógrafo oficial Arnaldo Garcez. Ora esta exposição mostra, pela primeira vez em público, uma seleção de fotografias inéditas da autoria do 2.º Sargento Abraão Coelho que retratam a presença, no final de 1918 e primeiro semestre de 1919, do Batalhão de Infantaria 23 na Flandres francesa e aludem à fase da reconstituição do CEP.

Este antigo combatente ofereceu um conjunto de negativos em vidro ao Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes. Estamos gratos ao seu presidente, Tenente-Coronel João Paulino, pela cedência de cópias digitais para integrar a infografia desta exposição, bem como ao Major Jorge Carvalho pelo trabalho de identificação dos militares nelas retratados. Nesta sequência endereçámos um convite a este oficial para fazer uma comunicação no CPGG sobre este precioso acervo fotográfico.

É, pois, no contexto histórico de reconstituição do CEP levada a cabo pelo General Garcia Rosado que o BI23 se transforma em tropa de assalto. E sob o comando do Major Hélder Ribeiro, a partir de 5 de outubro de 1918, é a única unidade do Exército Português que, com a designação de 4.º Batalhão da 140 Brigada de Londres, integra a 47.ª Divisão Britânica comandada pelo General Birdwood, que persegue e faz fogo sobre os alemães em fuga até à foz do rio Escalda na Bélgica, quando, a 11 de novembro, é assinado o Armistício.

Este tópico glorioso da história do CEP na Flandres, e que está na base da escrita e produção desta exposição, tem por base a separata que identificámos da autoria do Coronel de Infantaria e do Estado Maior Hélder Ribeiro publicada, em 1965, sob o título Memórias do B. I. 23 na Bélgica e do seu Serviço de Saúde. As fotografias de Abraão Coelho documentam os preparativos de reconstituição do BI 23.

O design sóbrio de Dominika Gorecka valoriza esta exposição que aborda esta unidade de elite, militar e intelectual, do Exército Português.

Nela chamamos a atenção do público para o facto de que o BI 23 teve como seu primeiro comandante o Major André Brun, autor de A Malta das Trincheiras 1917-1919.

Mas também enquadrou o Capitão-Médico Jaime Cortesão que escreveu Memórias da Grande Guerra 1916-1919, tal como foi seu comandante de companhia o capitão Augusto Casimiro

que se tornou o primeiro autor de um livro de memórias de guerra ao publicar Nas Trincheiras da Flandres 1917.

Recorde-se que Jaime Cortesão e Augusto Casimiro integraram os movimentos literários da Renascença Portuguesa e depois colaboraram, ativamente, na revista Seara Nova. Porém, também se evocam as figuras do Capitão Barros Basto, do Capitão-Médico Bossa da Veiga e do Major Américo Olavo.

Não é por acaso que a DHCM reeditou estes livros, passado um século, com base nos critérios da qualidade literária, fidelidade do testemunho histórico e de cidadania que eles representam. Razões estas que também nos levaram a fazer citações destes livros, ao escrever a exposição, e a optar por acompanharem a sua itinerância.

O segmento final da exposição aborda o tópico da génese da Chama da Pátria. Esta foi forjada no Regimento de Infantaria 23 e no aquartelamento de Sant'Ana da BrigInt, pelo 2.º Sargento Lourenço Chaves de Almeida, também ele um antigo combatente na Flandres e mestre da arte de forjar o ferro em Portugal.

É o autor do livro Memórias de um Ferreiro (2007), onde dá testemunho, quer das suas memórias de combatente, quer da história de desenho e feitura, em ferro forjado, do Lampadário. Este foi instalado e aceso a título perpétuo, a 9 de abril de 1924, na Sala do Capítulo do Mosteiro da Batalha junto aos túmulos do Soldado Desconhecido.

A exposição está, desde o início deste ano, a itinerar e tem constituído um sucesso de visitantes, seja do público em geral seja da população escolar, nas cidades que têm unidades da BrigInt.

O roteiro começou no RE 3, o qual, numa articulação com a Câmara Municipal e o pelouro da Cultura, instalou-a no Fórum de Arte e Cultura de Espinho, onde esteve patente de 9 a 20 de janeiro. Seguiu-se o RI 14, aqui esteve montada e foi visitada, entre 23 a 31 de Janeiro, na Escola Básica Integrada e Secundária Jean Piaget de Viseu.

Foi depois para o RAAA 1, em Queluz, em cujas instalações esteve aberta ao público, de 1 a 10 de fevereiro, onde várias turmas de estudantes foram recebidas.

Abalou depois para o RA 5 de Vendas Novas, em cujo aquartelamento foi montada e visitada, entre 13 e 24 de fevereiro.

Também aqui as visitas dos jovens estudantes foram guiadas pelo delegado da exposição. Na cidade Invicta o RTm, numa colaboração perfeita com a Reitoria da Universidade do Porto, instalou a exposição na galeria deste edifício entre 27 de fevereiro a 10 de março.

A abertura da exposição contou com a cobertura em vídeo do canal universitário TVU.

Em seguida demandou Trás-os-Montes, onde o RI 19, numa articulação de grande proximidade com a autarquia e as escolas da cidade, instalou a exposição, aberta ao público de 13 a 24 de março, no Centro Cultural de Chaves.

Daqui seguiu para Vila Real, onde de início esteve instalada no quartel do RI 13 e, posteriormente, foi montada e patente ao público numa grande superfície comercial da cidade entre 27 de março a 14 de abril.

Por último, e nesta fase, seguiu para Braga, de 17 a 28 de abril, onde esteve a cargo do RC 6[2].

Um cumprimento especial é devido ao Comandante da BrigInt, Brigadeiro-General Francisco Xavier de Sousa, pelo apoio que tem dado para que a exposição seja visitada em todas as unidades da Brigada e também para podermos viajar, de forma a realizarmos nas diferentes cidades visitas guiadas nas respetivas sessões de abertura.

Um agradecimento é também devido a todos os comandantes de Regimento da BrigInt, pela hospitalidade e acolhimento que nos têm sido prestados.

O mesmo é verdade para os delegados da exposição e a todo o pessoal que a tem ajudado a montar.

Por último, agradecemos a disponibilidade inexcedível do Sargento-Chefe Manuel Churra, para coordenar localmente a montagem da exposição e marcar as sessões de abertura, bem como o apoio e presença que nos tem dado na sua realização.

4. A terminar, e porque julgamos que o balanço geral que aqui fazemos é positivo para ambas as partes, gostaríamos de renovar o interesse do CEIS20 da Universidade de Coimbra em continuar a cooperação com a BrigInt do Exército Português, nos domínios da extensão universitária e da realização de projetos de investigação de âmbito nacional.

Neste último caso, estabelecendo uma parceria com a Assembleia da República.

2 Toda a itinerância da exposição pode ser seguida no blogue http://expori23.blogspot.pt

CONFERÊNCIA E EXPOSIÇÃO "O LEGADO DE SANTA ISABEL, RAINHA DE PORTUGAL"

Lurdes Gonçalves
AT

Realizou-se no passado dia 10 de abril no Quartel General da Brigada de Intervenção, uma Conferência subordinada ao tema "O Legado de Santa Isabel, Rainha de Portugal".

Este evento teve como principal orador, o Professor Doutor António Rebelo, Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Presidente da Confraria da Rainha Santa Isabel, que referiu alguns aspetos relacionados com a vida e obra de Isabel de Aragão o que originou uma melhor perceção das suas obras de caridade e criação de tão grandioso património.

Este evento contou também com a presença do Exmo Comandante da Brigada de Intervenção, Brigadeiro General Francisco Xavier Ferreira de Sousa e dos militares que prestam serviço no QG/BrigInt, ao qual se associaram também o Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Santa Clara e Castelo Viegas e alguns representantes de Ordens Religiosas desta Confraria.

Em simultâneo, esteve patente no Claustro interior do Convento de Sant'Anna, uma magnífica exposição de diversos pintores e escultores que trabalham este tema, espólio este pertencente ao Recordatório Rainha Santa Isabel e que nos foi gentilmente cedido pela Junta de Freguesia de Santa Clara e Castelo Viegas.

Vida e obra de Isabel de Aragão

Isabel, filha de D. Pedro III de Aragão e de sua mulher D. Constança, filha de Manfredo, Rei de Nápoles e Sicília, nasceu em Saragoça em 1274. Foi batizada com o nome Isabel em memória de sua tia Santa Isabel, filha do Rei da Hungria. Fruto de uma educação esmerada, desde muito nova que se entregou a exercícios de piedade e a obras de caridade. O casamento com D. Dinis de Portugal foi projetado e contratado em 1281, sendo oficialmente celebrado em 24 de julho de 1288, tendo esta continuado a levar uma vida de piedade e a exercer a caridade para com os outros. Onde quer que estivesse a corte, era certo a Rainha receber nos seus aposentos e às escondidas, os pobres, dando-lhes alimento, lavando-os e vestindo-os. Conta a lenda que foi numa destas alturas, encontrando-a o Rei com o regaço repleto de comida, lhe perguntou "Que levais, Senhora? Ao que D. Isabel respondeu "Rosas Senhor." E abrindo o regaço deixou cair as rosas em que o pão se transformara.

Assim que chegou a Portugal, manifestou-se como semeadora de Paz, fazendo com que acabassem os mal-entendidos entre o seu marido e o irmão.

Na Batalha de Alvalade, ficou célebre a sua atitude, estando tudo preparado para a batalha entre D. Dinis e o seu filho D. Afonso, que tinha receio que o pai não o indicasse como sucessor e desse o trono a Afonso Sanches, seu filho ilegítimo, a Rainha surge numa mula branca entre os exércitos de ambos e já perante um mar de flechas, espalhando a amizade onde começava a surgir o ódio entre ambos, fazendo com que fizessem as pazes.

Após a morte do marido D. Dinis, ela regressa a Coimbra, veste o hábito de Clarissa, põe o cordão de S. Francisco e assume a sua viuvez.

Começa a construir o Convento de Santa Clara e dedica-se totalmente à caridade, trata e sustenta os pobres. Em 5ª feira Santa chamava alguns leprosos, lavava-lhes os pés e tratava-os, acolhia as donzelas e embelezava-as com as suas joias, fundou muitos institutos de caridade. Fundou os hospitais de Coimbra, Santarém, Leiria e várias igrejas e conventos.

Foi duas vezes em peregrinação a Santiago de Compostela, levando o hábito de peregrina e acompanhada só por duas damas.

Foi sepultada no Convento de Santa Clara em Coimbra.

O Convento de Santa Clara

Chegou o tempo em que o Convento de Santa Clara, construído no tempo da Rainha Santa Isabel, chegou a um imenso estado de ruína, pois cada cheia do rio mondego ameaçava derrubar aquelas paredes, e todos os invernos as religiosas atravessavam o perigo de ficar sepultadas sobre aqueles escombros. Mesmo no Verão, aquele claustro não deixava de ser um lago, onde a água estagnada e o lodo exalava mau cheiro insuportável, sendo bastante prejudicial à saúde daquelas religiosas.

Foi no reinado de D. João IV que o mesmo resolveu construir um novo mosteiro para o qual se trasladasse o corpo da Rainha Santa, acompanhado das religiosas e restante pessoal do convento.

Em 3 de julho de 1649, foi lançada a primeira pedra do edifício, tendo sido o mesmo dado capaz de receber as religiosas em clausura em 1677, sendo como Regente do Reino, o príncipe D. Pedro, filho de D. João IV.

Conta o Doutor António de Vasconcelos que este príncipe, não desmentindo a piedade de seu pai, deu as convenientes ordens para que a trasladação do Corpo da Rainha Santa Isabel se fizesse com solenidade e pompa, verdadeiramente real.

Por sua ordem, reuniram-se em Coimbra, para tomar parte neste ato, oito bispos e alguns representantes da principal nobreza do reino.

Na tarde de 27 de outubro do mesmo ano, dirigiram-se os bispos com os nobres, dois lentes de medicina, dignidades da Sé e algumas pessoas mais, ao templo de Santa Clara, e ali, na presença de todos, abriu-se pela segunda vez o túmulo, onde se encontrava o corpo de Rainha Santa Isabel.

Não era intenção dos Bispos descobrir o sagrado corpo, mas apenas desejavam mudá-lo, envolvido como estava, para um outro caixão, no qual fosse conduzido para o novo mosteiro.

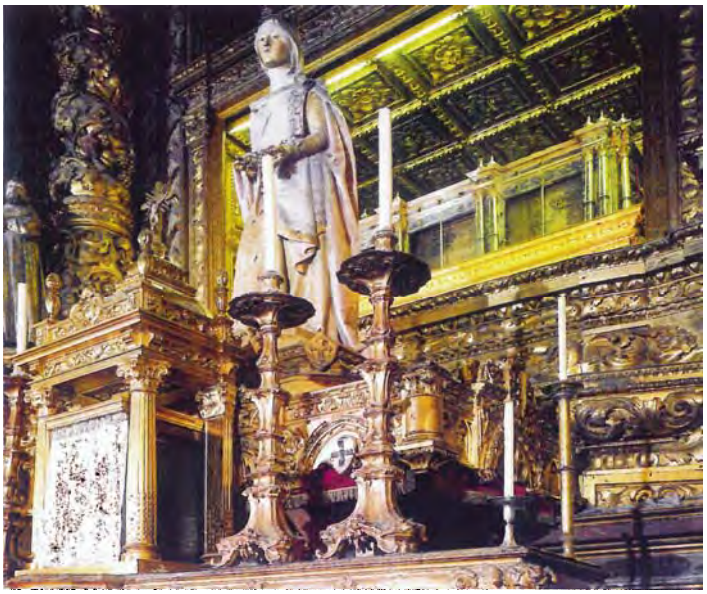
Quando, porém, se fazia esta mudança, uma prega dos envoltórios desfez-se casualmente, e apareceu a mão direita da Rainha Santa, que todos beijaram com reverência, e viram perfeitamente conservada, (daí o ato de beijar a mão direita da Rainha, por ocasião das festas da cidade de Coimbra).

Coberto o corpo com duas ricas colchas de brocado de ouro, igual ao que forrava o caixão por dentro e por fora, foi este encerrado com as suas quatro fechaduras de bronze dourado, e os Bispos transportaram-no para o altar.

O cortejo fúnebre da trasladação, decorreu em ambiente de grande solenidade e realeza, na tarde de sexta-feira 29 de outubro, com a grande adesão de fiéis que de longes terras vieram para assistir a tão nobre solenidade real, tendo sido acompanhado por grandes figuras do Clero da cidade devidamente paramentado, a Confraria da Rainha Santa, religiosos franciscanos e a comunidade clarista, composta por setenta e quatro freiras. Participaram também doutores da Universidade com os seus capelos, presididos pelo Reitor D. José de Menezes e a Vereação Municipal com o seu estandarte. Ainda não se achava construída a Igreja do Mosteiro, tendo sido colocado o caixão com o corpo da Rainha, numa sala interior, que ficou servindo provisoriamente de capela, ali ficou depositado o sagrado corpo, entregue à guarda das religiosas, tendo sido posteriormente depositado no altar-mor da Igreja do Convento, onde permanece atualmente.

O culto atual à Padroeira

Atualmente Coimbra vê na Rainha Santa Isabel, a sua padroeira, a sua protetora, conservadora de muitos milagres. A procissão é a mais impressionante manifestação de fé, sendo atualmente uma das maiores a nível nacional. Celebra-se bianualmente, sendo a imagem da Rainha transportada numa quinta feira de julho, rumo a uma das igrejas da baixa de Coimbra, onde permanece durante três dias. Milhares de pessoas acompanham a procissão, atentas aos 16 carregadores do andor. Não sendo ano de procissão, decorrem sempre na mesma altura do ano, algumas cerimónias religiosas na Igreja do Convento de Santa-Clara-a-Nova, onde a Rainha se encontra sepultada.



As Festas da Cidade e da Rainha Santa, apresentam-se atualmente como um dos mais importantes cartazes turísticos religiosos da cidade de Coimbra.

APRONTAMENTOS

1BIMEC(R)/FND/KFOR 2-2016 - APRONTAMENTO

1BIMec(R)

1. Nota introdutória

Foi com enorme orgulho e satisfação que os militares do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas (1BIMec(R)) receberam a missão de que iriam voltar a servir os interesses de Portugal como Força Nacional Destacada (FND) no Teatro de Operações (TO) do Kosovo, no seio da Kosovo Force (KFOR).

O 1BIMec(R), sempre com elevado espirito de missão e de bem servir, conduziu um programa de treino operacional orientado para a missão, que exigiu da parte de todos um grande esforço, empenhamento e disponibilidade.

2. Antecedentes

No final de 2012, o 1BIMec(R) após terminar a sua missão no teatro de operações (TO) do Kosovo, regressou a território nacional e iniciou um processo de regeneração da força, integrado no ciclo de treino operacional da BrigInt.

Em linha com o ciclo de treino da BrigInt, o 1BIMec(R) contribuiu assim com forças para a Força-Tarefa 1200/BrigInt (FT1200/BrigInt), no ano de 2013 e liderou no ano de 2014 a Unidade de Manobra de Escalão Batalhão daquela força (Agr A/FT 1200).

Neste contexto do ciclo de aprontamento e treino, o Batalhão, tendo por referencial a doutrina da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), desenvolveu o seu treino no âmbito das missões e tarefas das Operações Convencionais, bem como do espectro das Operações de Estabilização.

Em todo este período foi possível treinar e manter capacidades adequadas ao estabelecimento e manutenção de um ambiente estável e seguro, como acontece no TO do Kosovo.

Adicionalmente a BrigInt incumbiu o RI13, através do seu encargo operacional, de aprontar a 1ª, 2ª e a 4ª unidades de escalão companhia com capacidade de efetuar controlo de tumultos (*Crowd and Riot Control* - CRC).

Estas forças, após o treino, mantiveram a sua capacidade CRC em elevados níveis de prontidão por períodos de stand by.

A oportunidade que o 1BIMec(R) teve em aprontar estas 3 unidades CRC, permitiu manter um conjunto de Quadros e Tropas com experiência de treino operacional no planeamento e execução deste tipo de operações, revelando-se de enorme importância no período de aprontamento tendo em vista o cumprimento de missões e tarefas que podiam ser cometidas ao 1BIMec(R)/FND/KFOR no TO.

Releva-se também que desde o início do ano de 2015, o 1BIMec(R) tem vindo a colaborar na preparação e treino do 2º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas, atribuído às NRF 2016 (2BIMec(R)/NRF2016).

Desta forma, o batalhão contribuiu com uma Companhia de Atiradores Mecanizada de Rodas, com a Companhia de Apoio de Combate e com diversos módulos da Companhia de Comando e Serviços (módulos de Alimentação, Sanitário e de Manutenção).

A participação do 1BIMec(R) em todas as atividades de treino operacional referidas, permitiu encarar o desafio do aprontamento com, ainda mais, entusiasmo e confiança nas suas capacidades.

Considera-se que este período foi muito positivo, com grandes desafios e oportunidades, inerentes aos processos de preparação de forças e da manutenção do seu estado de prontidão. Foi com estes alicerces que o 1BIMec(R) iniciou o seu aprontamento para a FND no Kosovo.

3. Aprontamento do 1BIMec(R)/FND/KFOR 2-2016

Por despacho do Exmo. Tenente-General Comandante das Forças Terrestres, de 01 de janeiro de 2016, foi atribuída à BrigInt a missão de se constituir como Unidade Organizadora da FND, Kosovo Force 2-2016, para o TO do KOSOVO, constituindo-se o RI 13 como Unidade Mobilizadora. A FND, com base no 1BIMec(R), realizou o seu aprontamento no período de 04 de abril de 2016 a 30 de setembro de 2016.

A etapa inicial começou pela identificação e levantamento da Estrutura Orgânica de Pessoal (EOP) com o núcleo central baseado nos militares pertencentes ao 1BIMec(R) e ao RI13. No entanto, face às diversas especificidades e valências de uma FND há a necessidade de preencher a EOP com militares provenientes de outras Unidades do Exército de modo a colmatar as ausências identificadas.

Apresenta-se nas tabelas 1 e 2, o quadro de pessoal do 1BIMec(R)/FND/KFOR e as unidades de origem dos militares da EOP, respetivamente.

	OFICIAIS	SARGENTOS	PRAÇAS	TOTAL
CMD/EM	12	9	3	24
ModAp	1	2	4	7
A Coy	2	15	28	45
B Coy	5	15	85	105
TOTAL	20	41	120	181

Tabela 1 – Efetivos em Pessoal do 1BIMec(R)/FND/KFOR.

Un Origem	Efetivo
RI13	127
RI14	20
QG/BrigInt	3
RE3	3
RMAN	5
ZMM	11
RT	4
CTOE	7
EME	1

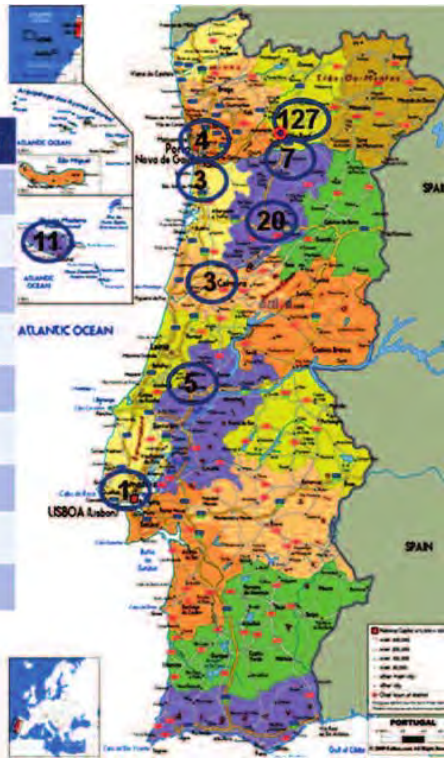


Tabela 2 – Unidades de origem do pessoal da FND.

Após o levantamento da EOP, o aprontamento decorreu de forma estruturada, dividido em três fases distintas envolvendo aspetos administrativo-logísticos, o treino orientado para a missão e a preparação para a projeção. Para uma melhor compreensão, apresenta-se de forma mais pormenorizada cada uma das fases.

Fase I - Aprontamento administrativo-logístico – Esta fase incluiu a medicina preventiva e vacinação, levantamento da Dotação Individual de Fardamento e Equipamento (DIFE), passaportes especiais, credenciação, testes psicotécnicos e de inglês e seguros dos militares. Apesar de ser a fase inicial, decorre até ao final do período de aprontamento.

Fase II - Treino Orientado para a Missão - Esta fase decorreu de 04 de abril a 11 de setembro de 2016. Com o treino orientado para a missão pretendeu-se dotar os militares da formação essencial para o TO do Kosovo, nas áreas de socorrismo, transmissões, controlo de tumultos, armamento e tiro, sapadores, NBQR, técnica individual de combate, terrorismo, subversão e guerrilha, inglês e postura para com os órgãos de comunicação social. Inserido nesta fase, a Inspeção Geral do Exército (IGE) realizou a avaliação operacional (CREVAL) ao 1BIMec(R)/FND/KFOR que decorreu durante o Exercício final de aprontamento designado por exercício "PRISTINA 162".

Cientes do ambiente operacional existente no TO e das responsabilidades inerentes ao facto da força representar o Exército e Portugal no seio da NATO, inserida na KFOR, desenvolveu-se o programa de treino orientado para a missão que foi fundamental para incrementar os níveis de proficiência e de prontidão.

De modo a cumprir a missão no TO, o programa de treino teve como objetivo principal desenvolver as seguintes capacidades:

- Capacidade de planeamento e controlo de operações de escalão Batalhão;

- Capacidade de conduzir operações de reserva através dos meios terrestres orgânicos ou aéreos da componente aérea da KFOR (Helicópteros) dentro da Área de Responsabilidade (AOR) da KFOR;

- Capacidade de efetuar múltiplas tarefas como sejam o reforço dos Multinational Battle Group (MNBG), missões de vigilância das fronteiras, escoltas, patrulhas, checkpoints e operações anti-contrabando;

- Capacidade de conduzir Operações de Crowd and Riot Control (CRC);
- Capacidade para ser empregue na Bósnia-Herzegovina (BiH) em apoio da Tactical Reserve da EUFOR;

- Capacidade para destacar forças por tempo limitado (1 ou 2 UEC e o Cmd Bat), para o cumprimento de tarefas específicas.

Para um melhor encadeamento das atividades, esta fase foi dividida nas seguintes subfases: Nivelamento, Operações Ofensivas/Defensivas, Operações de Estabilização/CRC e Avaliação e certificação.

O nivelamento permitiu realizar a uniformização e nivelar o treino individual.

O objetivo foi treinar e validar a proficiência dos militares na técnica individual de combate, desenvolvendo tarefas individuais que posteriormente contribuam para o treino de coletivo.

Esta fase culminou com a realização do exercício "LOBO I".

Posteriormente, na subfase das Operações Ofensivas/Defensivas, o treino focou-se nas tarefas primárias das Operações Ofensivas e Defensivas, bem como desenvolver capacidades ao nível do comando, planeamento e execução de tarefas até nível pelotão, companhia e batalhão.

Esta subfase terminou com a realização do Exercício "PRISTINA START 162", onde se realizou o treino de combate em áreas edificadas, execução de tiro individual e coletivo e o planeamento e condução de missões táticas, validando-se desta forma o treino coletivo das operações ofensivas e defensivas, o Combate em Áreas Edificadas, e os módulos NBQR e C-IED.

A subfase das Operações de Estabilização/CRC teve como propósito treinar e consolidar a capacidade de conduzir operações de estabilização e do controlo de tumultos. A validação do treino coletivo foi efetuado através da realização do exercício "LOBO III", com a finalidade de treinar e avaliar o 1BIMec(R)/FND/KFOR no planeamento, controlo e conduta de operações táticas, no quadro das missões e tarefas passíveis de lhe ser cometidas no TO.

Nesta fase conseguiu-se reunir a quase totalidade dos equipamentos e sistemas nacionais existentes em TO, provenientes de diversas Unidades do Exército, permitindo a realização de um nível de treino de elevada exigência, com condições semelhantes às que a força iria encontrar em operações reais.

Este exercício permitiu, ainda, a preparação e autoavaliação da força para a subfase de avaliação e certificação.

Para finalizar a fase do treino orientado para a missão realizou-se a Avaliação e Certificação. Para tal, o 1BIMec(R)/FND/KFOR preparou e executou o exercício final de aprontamento, exercício "PRISTINA 162", que decorreu no período de 01 a 10 de setembro de 2016 na região de MURÇA.

O exercício teve como finalidade validar o treino, os procedimentos operacionais e logísticos, a capacidade operacional do batalhão e consequentemente obter a certificação de "COMBAT READY" pela IGE.

Fase III – Preparação para a projeção e Projeção - Esta fase decorreu imediatamente após o exercício "PRISTINA 162" e teve como objetivo proceder à entrega dos equipamentos cedidos para o aprontamento, e à finalização dos preparativos de pessoal e material necessários à projeção para o TO.

Esta fase terminou com a projeção do batalhão para o TO do Kosovo.

Acresce salientar que transversalmente a todas as fases, foram ministrados cursos, estágios e palestras de acordo com as necessidades identificadas e constantes no plano de formação do 1BIMec(R)/FND/KFOR.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o aprontamento, o 1BIMec(R)/FND/KFOR realizou diversas atividades operacionais que permitiram desenvolver, adquirir, treinar e manter valências e know-how importantes à obtenção de elevados índices de prontidão da força.

Terminado o programa de treino do aprontamento que se materializou com a realização do exercício "PRISTINA 162" com a avaliação de *"COMBAT READY"*, o 1BIMec(R)/FND/KFOR foi considerado apto para assumir a responsabilidade de liderar o Batalhão de Manobra da Reserva Tática da KFOR, cujo comando é português.

A cerimónia militar da entrega do Estandarte Nacional ao Comandante da Força realizou-se, em Murça, no dia 09 de setembro de 2016.

END NO HQ DA VJTF16 BRIGADE – ESPANHA

Rui Carvalho
Maj Inf

Enquadramento

A "*enhanced" NATO Response Force (eNRF)*, é uma evolução da NRF, sendo uma força conjunta e combinada, estruturada em vários escalões, treinada e certificada, com elevada prontidão, tecnologicamente avançada, flexível, projetável, interoperável e sustentável, capaz de cumprir missões em todo o espetro das operações, com especial ênfase para a Defesa Coletiva.

Quanto aos escalões da eNRF, destacam-se os seguintes:

- *Very High Radiness Joint Task Force (VJTF):* inclui forças de "*Land", "Air", "Maritime"* e *"Special Operations Forces" (SOF),* sendo uma força rapidamente projetável num curto notice to move (NTM), de 5 a 7 dias;

Initial Follow-on-Forces Group (IFFG): com um NTM de 30 a 45 dias, garante um rápido e robusto reforço de forças até ao nível Divisão.

No que diz respeito à VJTF, a Componente Terrestre, VJTF-Land (L), é composta por um *Land Component Command Headquarters (LCC HQ), uma VJTF (L) Brigade (VJTF Bde)* e o respetivo apoio logístico.

Durante o ano de 2016, Espanha (ESP) liderou a VJTF (L), no âmbito da eNRF16, através do NATO Rapid Deployable Corps – Spain (NRDC-ESP), em Valência, que se constituiu como LCC HQ, com uma Brigada Multinacional (MN), designada por VJTF16 Bde, tarefa atríbuida à *Brigada de Infantería Ligera Aerotransportable (BRILAT)* "Galicia" VII, em Pontevedra.

Assim, dadas as características da VJTF (L), o LCC HQ constiuiu o LCC *Initial Command Element* (ICE) rapidamente projetável, tal como a VJTF16 Bde, durante este período de "Stand-By" (NTM 5-7 dias) e uma *Forward Liasion and Reconnaisance Team,* a projetar, em primeiro escalão, num reduzido NTM (48 horas), com o *Spearhead Force Element* da Brigada, composto pelo *Brigade Forward Command Post e o Spearhead Battalion (Bn)* , à custa do ESP Bn.

Composição e organização

Em relação à constituição da VJFT16 Bde, destacam-se as sete Unidades Escalão Batalhão (UEB) de Manobra, nomeadamente quatro de Infantaria, designadamente *ESP Bn (Light), GBR Bn (Light), BEL Bn (Airborne)* e PRT Bn (Mech - 2BI-MecRodas/NRF 2016); uma de CC (POL Bn); uma de Helicopteros de Ataque (USA AAVN Bn) e uma de Reconhecimento (ESP MN Bn), constituída por uma ESP Recce Coy, uma *ALB Coy (Light Inf)* e uma *HRV Coy (Mech Inf)*.

Sendo certo que, de acordo com o doutrinário, esta composição ultrapassa as cinco unidades de manobra, criando um grande desafio ao nível do comando e controlo (C2), por outro lado, maximiza o poder de fogo, proteção e mobilidade da Brigada, garantido-lhe elevada flexibilidade e rapidez de projeção.

Na sequência do contributo de PRT para a VJTF16 Bde, com um Batalhão, foram nomeados quatro militares pertencentes ao 2BIMecRodas/NRF 2016, constituídos como Elementos Nacionais Destacados – END ("augmentees"), para provimento de cargos no HQ da Brigada, em Pontevedra, durante o ano de 2016, nas áreas das Operações e Logística, respetivamente um oficial (Assistant) e um sargento (Auxiliary), por cada uma.

Principais atividades

O primeiro semestre do período de "Stand-by", em 2016, teve como objetivo principal atingir a interoperabilidade e coesão entre as forças da Brigada, tendo em vista a preparação e execução dos exercícios BRILLIANT JUMP II (BRJPII) – DEPLOYEX e VALIANT FALCON (VF) 16, entre maio e junho, na Polónia.

Por norma, os militares estrangeiros (quatro portugueses e dois britânicos) na Brigada foram envolvidos, apenas, nas atividades relacionadas com a VJTF16 Bde, tendo os END, desempenhado diversas tarefas inerentes aos seus cargos, destacando-se as seguintes:

- *VALIANT WARRIOR (VAW) I/16 (20-22Jan); VAW II/16 (15-17Mar) e VAW III/16 (27-29Set)* – Seminários realizados em Pontevedra, com programas destinados ao *Key Leaders Training (KLT)*, tendo como objetivo principal, definir procedimentos, através da revisão de *Standard Operating Procedures (SOPs)*, a fim de se elaborar o *Handbook* da VJTF16 Bde;

VAWs

Exercício AZOR LINEAGE (AZLG) 16 (25-29Jan) – Exercício realizado em Lugo, do tipo *Command Post Exercise* (CPX), tendo por objetivo o treino e integração dos Postos de Comando (PC) da Brigada e UEB, testando a capacidade de C2 da Brigada, bem como verificar a interoperabilidade entre as *Troop Contributing Nations* (TCN), quer no planeamento, quer na condução de operações conjuntas e combinadas, sendo de destacar a participação do PC do PRT Bn com 37 militares;

- Exercício BRILLIANT JUMP (BRJP) I/16 – ALERTEX (01-10Abr):

AZLG16

Durante este período, a VJTF16 Bde estava pronta, para, à ordem, executar um ALERT Exercise (ALERTEX), dentro da unidade militar de origem de cada força, a fim de treinar e testar a ativação da Brigada, o plano de projeção, a prontidão, bem como a troca de informação de modo seguro, via Rede NATO Secret, através da cadeia de comando.

Os militares estrangeiros também integraram atividades nacionais que envolveram a participação de nações convidadas, fruto das relações bilaterais, como por exemplo:

- Exercício LINAJE AGRUPADO (LAGEX) 16 (10-20Dec) – Uma Companhia portuguesa do 2BIMecRodas/NRF 2016, com 129 militares, participou no exercício em Zaragoza, integrada no *Spearhead Battalion,* sendo a única força estrangeira.

Este exercício focou-se no treino de procedimentos e capacidades ao nível tático, incluindo eventos de Live Fires Exercise (LFX), tendo em vista a integração e coesão de forças de armas combinadas.

No final do exercício, durante a execução da operação ofensiva, realizou-se tiro, quer de armas ligeiras e pesadas, quer de morteiro e artilharia, sendo uma excelente oportunidade de treino para a Companhia portuguesa.

Exercícios BRILLIANT JUMP II/16 - DEPLOYEX (17-27Mai) e VALIANT FALCON 16 (28Mai-09Jun) – POLÓNIA

ALERTEX

Os exercícios decorreram na MTA de ZAGAN, sendo a projeção das TCN que participaram nos exercícios, uma responsabilidade nacional.

O BRJPII/16 foi um exercício de projeção, a fim de verificar as capacidades adquiridas pela Brigada, durante a fase de "Stand-up", sendo a sua função principal treinar, testar e demonstrar as capacidades operacionais da VJTF16 Bde, nomeadamente o processo de *Reception, Staging, Onward Movement (RSOM) e Integration Operations.*

O VF16 consistiu em dois tipos de exercícios: CPX para o LCC ICE, também projetado para a Polónia, e o EM da Brigada; e, separadamente, o *Live Exercise* (LIVEX) para o EM da Brigada e subunidades.

A VJTF16 Bde envolveu cerca de 1.700 militares nos dois exercícios, 900 dos quais espanhóis, realçando-se o ESP Bn com 556 militares; 574 do GRB Bn; 147 da ALB Coy do MN Bn; 61 de uma Companhia do POL Bn, 49 de uma Companhia do *USA MN AAVN Bn* e cinco observadores do PRT Bn.

O HQ da Brigada foi composto por 95 militares, dos quais seis GRB, incluindo um *Liasion Officer* (LO); quatro PRT (END) e um USA (LO), estando organizado por funções de combate.

Os cinco observadores portugueses acompanharam as atividades da Brigada durante o BRJPII/16, especialmente o processo de RSOM do ESP Bn.

O LIVEX consistiu em eventos de treino, ao nível Batalhão, liderado pelo EM da Brigada, com especial ênfase para o *Cross Training* (CT) entre forças.

Realça-se que este exercício contemplou atividades de LFX, designadamente tiro de Morteiro 81mm do ESP Bn, e envolveu meios aéreos, nomeadamente seis AH-64 APACHE *Attack Helicopters* do USA AAVN Bn e dois *Unmanned Aerial Vehicles* (UAVs) RAVEN do ESP Bn, obrigando a estreitas coordenações respeitantes ao *Air Space Management* (ASM).

Atividades previstas em 2017

A ocupação, em permanência, dos quatro cargos atribuídos a Portugal no HQ da VJTF16 Bde, terminou no final do ano de 2016, tendo os quatro militares portugueses regressado a Território Nacional.

Face à necessidade de manter a estrutura da Brigada no período de "stand-down" (NTM 30 dias), durante o ano de 2017, por se encontrar em IFFG30, está prevista a ocupação dos mesmos cargos, por estes quatro militares, caso haja necessidade de constituir o seu HQ.

No âmbito do Plano de Treino da VJTF16 Bde (IFFG30) para 2017, os END foram convocados para as seguintes atividades: VAW I/17 Seminar (4-6Abr) e AZLG17 CPX (8-12Mai).

Prevê-se, ainda, a intenção de convocar os militares portugueses para o VAW II/17 Seminar (19-21Set).

Considerações

A natureza multinacional da VJTF16 Bde, impôs certas restrições às oportunidades de treino, durante o período de "Stand-by", em 2016, dado que apesar de as forças terem sido certificadas no período de "Stand-up" (NTM 45 dias), em 2015, a total integração na Brigada, ocorreu apenas neste período.

A execução dos exercícios na Polónia, de nível Brigada, permitiram à VJFT16 Bde atingir o seu ponto culminante de todo o treino, ao longo do ano de 2016, evidenciando a sua capacidade de projeção, integração e interoperabilidade, bem como o seu elevado grau de prontidão e treino.

Contudo, conforme já referido, participaram nos exercícios apenas cerca de 1.700 militares, dos 6.878 constituintes da Brigada.

Deste modo, conclui-se que o nível de coesão e interoperabilidade de uma força com estas características, está dependente, essencialmente, da decisão das TCN, em participar nas diversas atividades planeadas.

Neste âmbito, a participação da UEC portuguesa no LAGEX16, permitiu treinar a integração e interoperabilidade ao nível tático com as forças espanholas, dada a não participação de Portugal com forças nos exercícios na Polónia.

O papel dos END no HQ da VTJF16 Bde teve sempre presente os interesses nacionais, tendo como uma das suas prioridades a ligação ao 2BIMecRodas/NRF 2016, salientando o seu contributo em atividades que envolveram a participação portuguesa, de acordo com o seguinte:

- alertando em tempo para aspetos ao nível do planeamento, nomeadamente em relação à reconfiguração da sua participação nos exercícios na Polónia;

- apoiando e esclarecendo sobre todas as questões colocadas; e, com especial ênfase, planeando e preparando a participação da UEC no LAGEX16.

Assim, considera-se que a presença dos END na Brigada, foi importante para o desenvolvimento das principais atividades do Batalhão português, no âmbito da sua participação na VJTF(L)16 Bde.

Em suma, 2016 foi um ano repleto de experiências únicas para os END, em Pontevedra, sendo certo que durante o ano de 2017, continuarão a tentar dignificar e elevar bem alto, o 2BIMecRodas.

Referências:

VJTF16 BDE TRAINING PLAN FOR THE STAND-BY PERIOD (2016), 14JAN16;
VJTF16 BDE HANDBOOK (VERSION 4), NOV16;
VJTF16 BDE TRAINING PLAN FOR THE STAND-DOWN PERIOD (2017), 24NOV16.

2BIMECRODAS/NRF2016 EM "STAND BY" – PERÍODO DE INTENSO TREINO OPERACIONAL

José Ventura
Maj Inf

O 2BIMecRodas/NRF2016, assim designado desde 01 de janeiro de 2015, quando recebeu a tarefa para se aprontar e certificar, a fim de fazer parte da *NATO Response Force* 2016 (NRF2016), integrado na Land Component Command (LCC), terminou o período de "stand by" a 31 de dezembro de 2016, onde estava sujeito a um grau de prontidão muito elevado, com um *Notice to Move* (NTM) de 07 dias.

Para fazer face ao possível empenhamento em qualquer parte do globo, sujeito a executar qualquer tipo de operação de acordo com as necessidades e a fim de fazer a manutenção do treino executado durante o ano de 2015, o 2BIMecRodas/NRF2016 executou um plano de treino onde planeou várias atividades de treino, participou em exercícios nacionais e internacionais, mantendo-se sempre pronto para uma eventual projeção, a fim de contribuir para o esforço da Aliança.

Neste mesmo período, o 2BIMecRodas esteve integrado na Very High Readiness Joint Task Force Brigade (VJTF Bde) da NRF2016, com quem executou várias atividades de treino.

Com o objetivo de dotar e/ou aperfeiçoar a Força com os índices psíquicos, físicos e técnicos imprescindíveis ao cumprimento da missão, no caso de ser projetado, e conferir-lhe os conhecimentos técnico-táticos necessários ao cumprimento dessa missão, o Batalhão neste período participou em vários exercícios dos quais se destacam os seguintes:

- **Exercício AZOR LINEAGE 16**

Exercício internacional no formato CPX/CAX, destinado ao Comando e Estado-Maior do 2BIMecRodas/NRF2016, integrado na *Very High VJTF Bde.*

Este exercício decorreu no período de 24 a 29 de janeiro no Campo de Manobras e Tiro de Parga, localizado em Guitiriz, Lugo, Espanha, teve como finalidade treinar e integrar os meios da VJTF Bde e das suas unidades subordinadas através do planeamento e execução de uma operação ofensiva, em que o NRDC-ESP se constituiu como EXCON do exercício.

- **Exercício VIRIATO 16**

Este exercício decorreu no período de 29 de fevereiro a 04 de março, teve como audiência primária de treino (APT) as unidades escalão pelotão (UEP). O exercício decorreu na modalidade FTX e teve como finalidade testar e avaliar a capacidade operacional das unidades de escalão pelotão e secção do 2BIMecRodas/NRF2016, especialmente no planeamento e conduta de operações táticas.

- **Exercício MARTE 16 - SIGEX**

Decorreu no período de 14 a 17 de março na modalidade de SIGEX. Este exercício, preparado pelo seu Módulo de Transmissões, realizou-se nas instalações do RI14, e teve como finalidade familiarizar e treinar os utilizadores com os meios de comunicações disponíveis do 2BIMecRodas/NRF2016.

Os Postos de Comando do Batalhão e das Unidades Escalão Companhia (UEC) utilizaram um conjunto de meios de comu-

nicações existentes no 2BIMecRodas/NRF2016, possibilitando, assim, um maior contacto com os mesmos e a prática e desenvolvimento dos procedimentos de transmissões de forma eficiente por parte dos seus operadores.

- **Exercício BRILLIANT JUMP I – ALERTEX e BRILLIANT JUMP II – DEPLOYEX**

Estes dois exercícios decorreram em dois períodos distintos, o primeiro entre o dia 01 e 10 de abril, planeado e executado ao nível da NATO, pretendeu validar a categoria de prontidão das forças que integram a NRF2016, assim como o treino de um conjunto de tarefas criticas.

O exercício BRILLIANT JUMP II decorreu no período de 17 a 26 de maio de 2016. Esta atividade teve como finalidade acompanhar as atividades de projeção do *Batallón de Infantería Ligera "San Quintín"*, que se constituiu como SpearHead Battalion, bem como de outras Unidades do Contingente Espanhol que constituem a VJTF Bde (L)/NRF2016.

Este evento, constituído por diversas atividades faseadas e sequenciadas, decorreu no Porto Marítimo de Szczecin e no Campo de Treino Militar de Zagan, na Polónia.

- **Exercício ORION 16**

O Exercício ORION 16 decorreu na região de TANCOS – SANTA MARGARIDA, no período de 17 de junho a 02 de julho.

Este exercício teve como tema de campanha uma Operação de Resposta a Crise, não Artigo 5º, de forma a certificar os objetivos de força associados com compromissos internacionais da NATO e União Europeia.

O 2BIMecRodas não fez parte da APT, participou neste exercício como SITFOR, contribuindo assim para que fossem atingidos os objetivos de treino dessas audiências.

- **Exercício CAMÕES**

O Exercício decorreu no período de 03 a 18 outubro em Mafra, no Centro de Formação e Treino de Combate em Áreas Edificadas (CFTCAE). Durante 5 dias cada UEC de manobra, com parte proporcional de apoio de serviços desenvolveram treino individual e coletivo no âmbito do Combate em áreas Edificadas. O exercício teve como finalidade treinar procedimentos de técnica de combate, para melhorar os níveis de eficácia individual e coletiva, com especial enfoque nas UEP e UEC.

- **Exercício MARTE 16**

No período de 22 a 30 de novembro de 2016, 2BIMecRodas/NRF2016 conduziu o Exercício MARTE 16, que se materializou na execução de uma Operação Ofensiva e posteriormente uma Operação de Estabilização.

O Exercício decorreu no concelho de Mangualde e constituiu-se como uma parte integrante do plano de treino do Batalhão, com vista à manutenção das suas capacidades. O exercício teve por finalidade exercitar, desenvolver técnicas e procedimentos táticos de âmbito convencional.

- **Exercício LINEAGE AGRUPADO**

Exercício internacional, no âmbito da participação portuguesa na VJTF Bde, decorreu de 09 a 20 de dezembro de 20196, no Campo de Manobras de San Gregório, na região de Zaragoza, em Espanha. O Exercício LINEAGE AGRUPADO decorreu na modalidade de FTX e que contou com a presença de uma Companhia de Atiradores do 2BIMecRodas/NRF2016.

Este exercício veio no seguimento de uma série de outros exercícios do aprontamento da VJTF Bde ocorridos durante este ano (Ex. AZOR LINEAGE, Ex. ALERTEX) e culminou o plano de treino para este ano. O exercício permitiu o treino de uma UEC e a integração desta com a Brigada da qual dependemos durante o período de Stand-by.

O 2BIMecRodas/NRF2016 teve um ano de intenso treino operacional, procurando sempre melhorar as suas técnicas e procedimentos, com vista a um possível emprego num Teatro de Operações (TO), de salientar que continua determinado em manter o seu treino operacional de modo a garantir que a força se encontre pronta para cumprir a categoria de prontidão definida para o corrente ano.

O EXERCÍCIO BRILLIANT JUMP DA NRF2016

Pedro Barreiro
TCor Inf

Tendo como objetivo validar a capacidade de cumprimento dos prazos de intervenção definidos para as forças em Stand-By da *Very High Readiness Joint Task Force Brigade (*Land) [VJTF Bde (L)] da NRF2016, a NATO determinou a realização, em duas fases distintas, do exercício BRILLIANT JUMP (BRJP), liderado pelo *Joint Force Command - Brunssun,* na Holanda.

A primeira fase, designada como BRJP I – ALERTEX (ALERT EXercise) destinou-se a verificar as capacidades nacionais de cada país contribuinte, visando assegurar que as unidades cumpriam os prazos de intervenção (*Notice to Move*) definidos.

No caso do 2BIMecRodas/NRF2016, o prazo era de 5/7 dias e tinha por objetivo garantir que o Batalhão executava todos os planos que lhe permitiam iniciar a projeção da força.

De acordo com o plano da NATO, neste período, a força está pronta a sair das suas Unidades (homebases) cumprindo o Plano de Projeção aprovado.

Depois de executar os sub-planos de acionamento, convocação, recolha e carregamento, a Unidade está pronta para iniciar o seu plano de movimentos (aqui termina a contagem do tempo definido como NTM), que lhe permite ser posicionada nos portos nacionais de embarque, sejam aéreos (APOE) ou marítimos (SPOE).

É ainda conveniente explicar a razão desse prazo ter dois tempos de execução: o primeiro algarismo (cinco) refere-se ao tempo disponível para que o destacamento avançado da força esteja pronto a iniciar movimentos, enquanto o grosso da força dispõe de mais dois dias (sete) para o mesmo efeito.

O BRJP I realizou-se de acordo com a intenção de cada um dos países contribuintes com forças (TCN – *Troop Contributing Nations*), em que foram acionados um conjunto de procedimentos (ações/reações) a fim de testar os planos da NATO, enquanto a responsabilidade pela execução e avaliação foi de inteira e exclusiva competência de cada um dos TCN.

Este exercício desenvolveu-se em 10 dias (entre 01 e 10Abr16), sendo conduzido em cada um dos regimentos que contribuiu para o esforço NRF2016 em TN (RI14 e RI13) e culminou com uma concentração de pessoal e material no Aeródromo Gonçalves Lobato, em Viseu, recebendo a visita de SExa o Comandante das Forças Terrestres, TGen Faria de Menezes e o Comandante da BrigInt em exercício de funções, CorTir Coelho Rebelo.

Em sequência deste ALERTEX, entre os dias 17 e 27 de maio realizou-se o BRJP II - DEPLOYEX (DEPLOYment EXercise), em que se materializou a projeção de forças.

A Aliança considerou que este exercício teria de ocorrer antes da Cimeira de Varsóvia[1] que se realizou entre 7 e 9 de julho, na Polónia, procurando apresentar nessa reunião de caráter político-estratégico, as conclusões decorrentes da projeção da VJTF Bde (L) da NRF2016.

Foi definido que deveria ser projetado o Comando da Brigada (Bde HQ) e o Batalhão Ponta-de-Lança [*SpearHead Batallion* (SpHd Bn)], foi deixado ao critério dos TCN a sua intenção de participar.

1 http://www.nato.int/cps/en/natohq/events_132023.htm

Dos vários países contribuintes para a VJTF Bde (L)/NRF2016, Espanha, Reino Unido, Polónia (como país anfitrião), Albânia com uma Companhia e os Estados Unidos, com um Destacamento de Helicópteros (AH-64 Apache) participaram neste exercício BRJP II.

Convém ainda relevar que foi também projetado o Comando do NATO *Rapid Deployment Corps*, de Valência (NRDC-ESP), no papel de Comando das Operações em Teatro.

Desta forma, o exercício BRJP16 II – DEPLOYEX permitiu projetar as forças integrantes da VJTF Bde(L) para o Campo Militar de Zagan, na Polónia, onde se materializou a Área de Operações da Brigada.

Portugal, após avaliadas as várias possibilidades de participação, tomou parte com um grupo de observadores (em funções-chave da estrutura da força) que acompanharam as ações mais importantes do SpHd Bn, quer em Espanha, quer na Polónia.

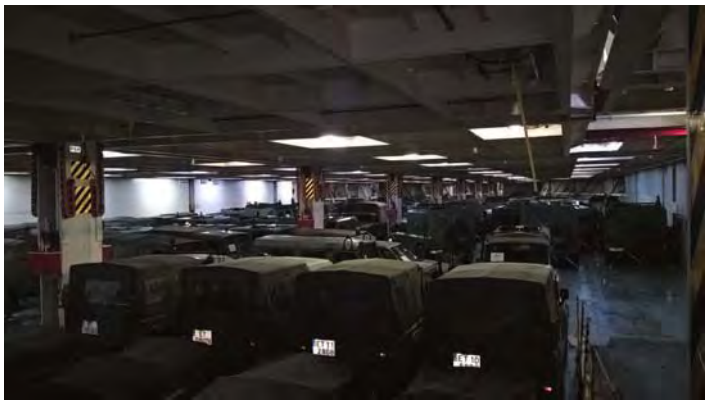
Por ser uma Unidade cuja constituição orgânica semelhante ao Batalhão português (138 viaturas e 544 militares), naturalmente procurou identificar-se as dificuldades sentidas por esta força, para assim extrapolar essas complexidades, visando mitigar e antecipar os riscos envolvidos no planeamento de uma eventual projeção do 2BIMecRodas/NRF2016

Foi possível identificar estes requisitos através de um profundo ambiente de colaboração e transparência, aos quais não foi alheio o caráter e frontalidade do Cmdt do SpHd Bn, TCor Fernando Cano, bem como demais elementos do seu staff. Destaca-se ainda a imediata e total disponibilidade da Brigada VJTF, a partir do primeiro momento em que esta modalidade da participação portuguesa lhes foi apresentada.

Assim, o grupo de observadores nacionais esteve em Oviedo, no Regimento de Infantaria n.º 3 "Príncipe", onde o Batalhão San Quíntin da BRILAT (SpHd Bn) está aquartelado.

Foi possível observar a contentorização dos materiais para projetar, de acordo com os planos validados durante o ALERTEX. Verificou-se o quão essencial é dispor de material especificamente adquirido para encaixotar material, potenciando as suas dimensões (na situação de montado e desmontado), paletizando-o de modo a promover a sequência de embarque prevista nos planos de movimentos e contentorizado por dimensões, prioridades e subunidades, de forma a realizar uma etiquetagem eficiente e de acordo com os destinos dos contentores.

De Oviedo a Vigo, onde se materializou o Porto Marítimo de Embarque (SPOE), executou-se o plano de movimentos, com vista a garantir o posicionamento em porto, de modo a promover o embarque dos materiais nos meios navais contratados para o efeito.



Para aquele porto, considerado de média dimensão, convergiram todos os movimentos provenientes das diversas Unidades espanholas que contribuíram para a projeção, acautelando a entrada em porto pela ordem inversa à ordem de embarque, o que se revela uma tarefa complexa, pois os movimentos provêm de diversas origens, principalmente de Pontevedra (Comando da BRILAT), de Valência (NRDC-ESP) e de Oviedo, conforme tivemos oportunidade de referir.

Foram ali concentrados 412 veículos de diversas tipologias e 77 contentores de 20 pés, destinados à Área de Operações de Zagan, na Polónia.

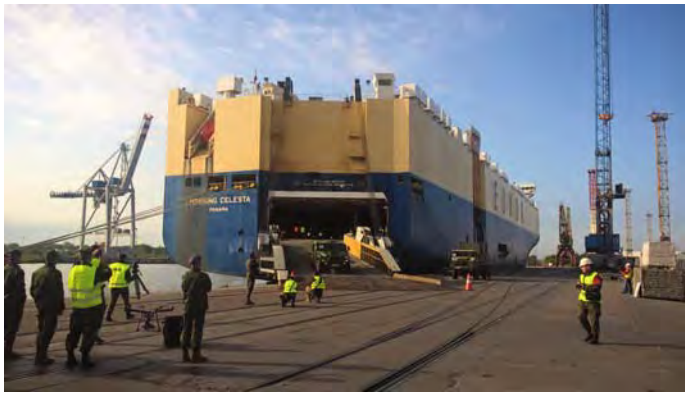
Releva-se aqui o contributo e responsabilização atribuído a uma Unidade criada para o efeito, designada Unidade de Apoio à Projeção (UAD - *Unidad de Apoyo al Despliegue*) gerada pela *Fuerza Logística Operativa (FLO)*, que com base nos seus agrupamentos logísticos orgânicos, é responsável por se colocar entre as Unidades a projetar e os transitários contratados para a projeção.

Assim, as Unidades a projetar chegam ao porto e entregam à UAD viaturas, contentores e listagens de material militar (LMM) a projetar, sendo a UAD que se preocupa em organizar, parquear, verificar, carregar e entregar aos transitários todo o material a projetar.

Liberta assim, a Unidade a projetar para as tarefas que envolvem a projeção aérea de pessoal e de material crítico (armamento, meios de comunicações, munições e explosivos). Salienta-se o facto de o pessoal ser movimentado de aeroportos civis da região de origem e destino, enquanto os voos com material militar, partirem de Bases Aéreas de Espanha (Torrejón, junto a Madrid) e da Polónia (Babimost, na Silésia).

A entrada destes meios no navio é uma operação de elevada complexidade, uma vez que visa minimizar custos.

Estes custos vão desde o tempo de estadia dos meios militares no porto, à mão-de-obra dos operadores de estiva, à utilização de gruas e plataformas, ao tempo de atracagem do navio mercante e envolve todos os intervenientes, de forma determinada e sincronizada.



Depois de quatro dias de viagem marítima rumo ao porto polaco de Szczecin (pronunciado "Xtétxine"), onde se materializou o *Sea Port of Debarkation* (SPOD), iniciou-se a operação de desembarque dos materiais, que faseadamente se foi juntando com parte dos militares, entretanto movimentados com recurso a sete voos entre aeroportos civis de Espanha (Oviedo, Santiago e Vigo) e da Polónia (Wroklaw).

Escoltados por meios militares e de forças de segurança polacas, formaram-se as colunas de viaturas com destino à Área de Operações de Zagan, a cerca de 250 km a Sul do SPOD e após os condutores terem feito mais de 400 km de viagem entre o aeroporto de chegada e o porto de desembarque.

Reunidos na área de operações, iniciaram-se os processos inversos aos planos executados em território espanhol. Assim, por subunidades e de acordo com as prioridades e criticidade dos materiais transportados, todo o material foi descontentorizado e disponibilizado ao soldado, quer individual, quer coletivamente, com vista a, no mais curto intervalo de tempo possível, poder declarar a *Full Operational Capability (FOC)* das forças e delas poder dispor para iniciar operações em qualquer teatro, onde o Conselho do Atlântico Norte determine o seu emprego.

O exercício BRJP16 II – DEPLOYEX terminou formalmente com a realização de um DVD, na Área de Treino de Zagan, onde estiveram presentes o Cmdt do JFC-Brunssun (TGen Salvatore Farina) e o Cmdt do NRDC-ESP (TGen Franscisco Varela, recentemente nomeado CEME-ESP) e o Ministro da Defesa da Polónia (Antoni Macierewicz), onde a representação portuguesa era mais alargada (ver foto).

Existe a noção de que este artigo peca por não ser suficientemente técnico, nem detalhar os pormenores mais curiosos relacionados com uma jornada de milhares de quilómetros, visando a projeção de pessoal e material com vista à condução de operações militares.

Muito fica por contar relativamente à disponibilidade para a transmissão de conhecimento de todas as pessoas envolvidas (civis e militares) neste processo.

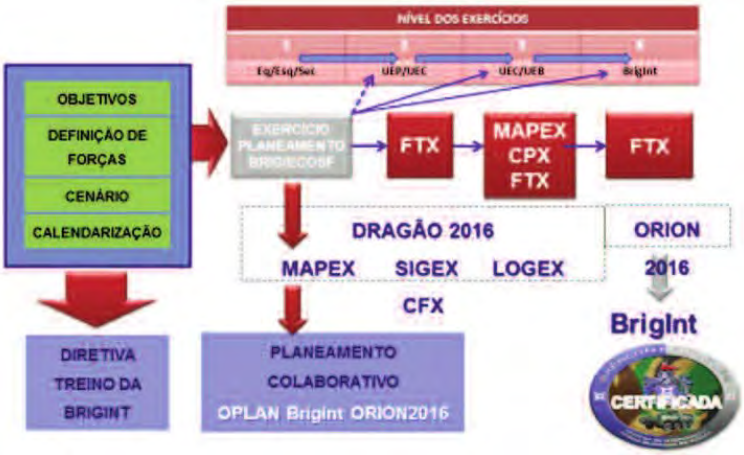
Os factos vivenciados e a oportunidade que foi dada a este grupo de observadores nacionais que integram a NRF2016, permitiu-lhes prepararem-se com vista a mitigar potenciais dificuldades decorrentes de uma possível projeção de uma força cuja elevada categoria de prontidão, contribui para um natural desassossego.

O objetivo foi cumprido e os ensinamentos registados, com vista a garantir que o mote "Qve nas asas da fama se svstenha" continue a nortear os Viriatos Mecanizados.

CERTIFICAÇÃO DO COMANDO E ESTADO-MAIOR DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

Decorrente do planeamento de preparação de forças para 2016, o Comando da Brigada de Intervenção (BrigInt), recebeu a missão de se preparar para ser submetido a uma avaliação de prontidão operacional - *Combat Readiness Statement* (CREVAL) - por parte da Inspeção Geral do Exército (IGE) durante o exercício ORION 16, que decorreu no Campo Militar de Santa Margarida de 22 de junho a 02 de julho de 2016.

O Comando da BrigInt, ciente do desafio lançado, iniciou a sua preparação no final de 2015 e cumulativamente, a todas as tarefas para o normal funcionamento de uma grande Unidade, manteve a coordenação do treino das suas forças no âmbito do Plano de Treino Operacional, levantamento do Grupo de Reconhecimento, também avaliada a sua prontidão operacional no exercício ORION 16, e o aprontamento de Forças, resultante dos compromissos internacionais assumidos por Portugal – períodos de stand-up e stand-by do 2BIMec(R)/NRF2016 e aprontamento do 1BIMec(R)/FND/KFOR.



O Comando e EM da BrigInt havia já sido submetido a uma CREVAL no ano de 2009, pelo que, o know-how estava já presente para se iniciar este desafio que assentou essencialmente na definição de processos e procedimentos, para que o Comando e Estado-Maior da BrigInt (EM/BrigInt) pudessem planear e conduzir operações, em simultâneo.

Para se obterem as condições necessárias à Certificação do Comando e EM/BrigInt, durante o exercício ORION 16, considerou-se fundamental elaborar um planeamento de treino abrangente, envolvendo o EM/BrigInt, mas também as forças que iriam atuar sob o seu Comando e Controlo.

Foram integradas um conjunto de atividades na Diretiva de Treino da Brigada para o ano de 2016, tendo como referencial diversas linhas enquadrantes, das quais se destaca a necessidade de exercer o esforço na preparação do seu Cmd e EM com a finalidade de atingir os níveis de prontidão definidos superiormente e desta forma garantir a sua certificação no ORION 16, com a participação dos ECOSF da BrigInt de forma proporcional.

Neste sentido, o ciclo de treino decorreu da seguinte forma:

- Treino individual e coletivo no âmbito do nível 1 (UEP) entre setembro de 2015 e maio de 2016;
- Treino para consecução dos exercícios de nível 2 (UEC) entre janeiro e março de 2016, recorrendo a exercícios do tipo FTX;
- Treino para consecução dos exercícios de nível 3 (UEB) entre janeiro e maio de 2016, recorrendo a exercícios do tipo MAPEX, CPX e FTX.

No que respeita às atividades integradas na preparação do nível 4 (Brigada) com vista à certificação do Cmd e EM/BrigInt no ORION 16, desenvolveram-se as seguintes atividades:

- Seminário sobre "Doutrina de emprego forças no âmbito de uma Brigada";
- Seminário sobre "Organização de uma Brigada por Funções Combate";
- Seminário sobre "O aprontamento e certificação da VJTF (L) BDE /ENRF2016";
- Exercício DRAGÃO 16-1 (MAPEX) com a finalidade de elaborar o Plano de Operações da BrigInt a executar no exercício ORION 16 e que serviu também de base para o treino dos ECOSF;
- Exercício DRAGÃO 16-2 (CFX) com a finalidade de treinar o Comando e EM/BrigInt na execução do Plano de Operações a empregar no exercício ORION 16;
- Exercício DRAGÃO 16-3 (SIGEX) com a finalidade de treinar os procedimentos de comunicações, envolvendo para o efeito o G6/BrigInt, a CTm e os S6 dos ECOSF;
- Exercício DRAGÃO 16-4 (LOGEX) com a finalidade de treinar os procedimentos de apoio de serviços, envolvendo para o efeito o G4/BrigInt, o BApSvc/BrigMec e os S4 dos ECOSF;
- Estava planeado, não tendo sido possível realizar, um cross training entre os elementos do apoio sanitário da BrigInt e do AgrSan, com a finalidade de treinar os procedimentos de apoio sanitário.

Em simultâneo, foi integrado o treino de nível 3 (UEB) com o treino do nível 4 (Brigada), recorrendo à participação de células de resposta dos ECOSF no exercício DRAGÃO 16-1 (MAPEX) e DRAGÃO 16-2 (CFX).

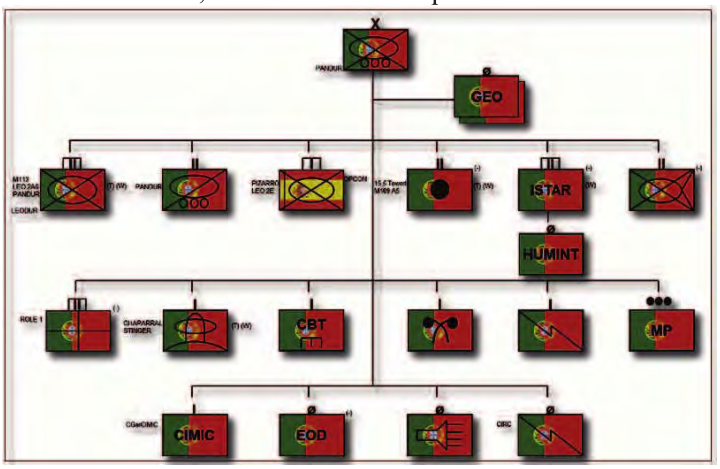
De igual forma, em colaboração com o CFT e o RA5, realizou-se do Exercício de nível Exército EFICÁCIA 16, integrado no conceito de preparação para o exercício ORION 16.

Após a fase de preparação, a BrigInt participou no Exercício ORION 16, de 23Jun a 02Jul16, no âmbito de uma Operação de Resposta a Crise. Efetuou a sua projeção para a área de treino militar de SANTA MARGARIDA, em 23Jun, tendo iniciado em 24Jun a condução de uma Operação de Estabilização.

Para este exercício, a Brigada de Intervenção recebeu a designação de Pandur Mechanized Brigade (PandurMechBde) com a organização que se expõe na figura seguinte.

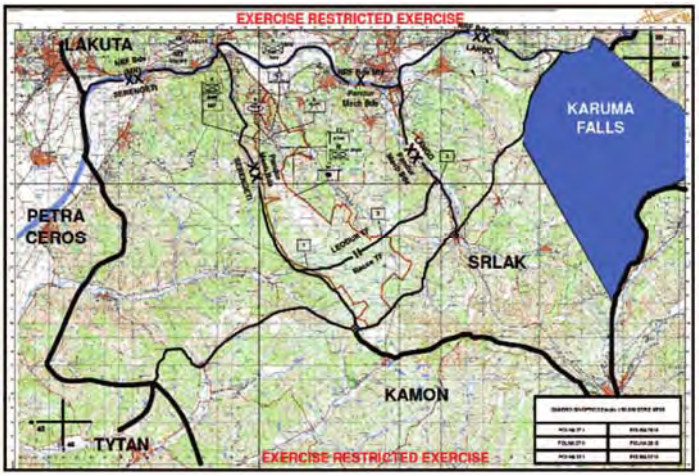
A organização do EM/BrigInt, à semelhança de exercícios anteriores, foi efetuada por Funções de Combate que nos parece ser a adequada para uma Brigada. As lições aprendidas, decorrentes sobretudo de exercícios da série DRAGÃO, permitiu à BrigInt testar num exercício do Exército a sua organização por funções de combate, que se provou eficiente e eficaz.

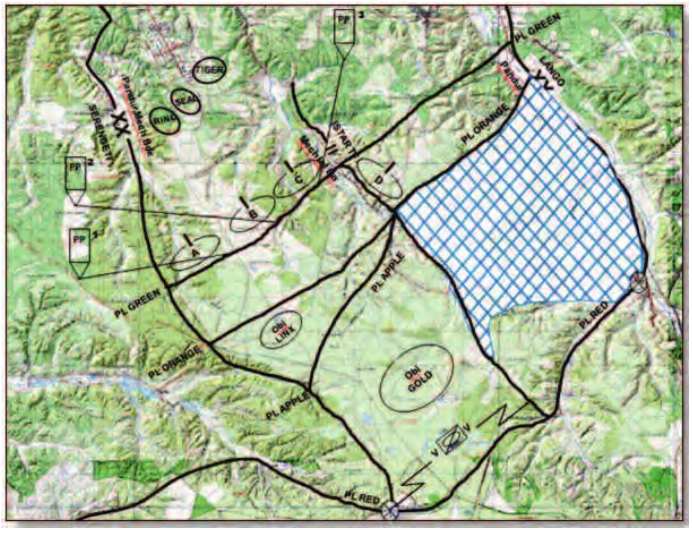
A Operação de Estabilização foi conduzida num país fictício, LAKUTA, e decorrente do agravamento da situação e de um provável ataque das Forças Armadas de KAMON, país vizinho de LAKUTA, a PandurMechBde efetuou o planeamento, preparação e execução de uma operação que incluiu um retardamento, defesa e contra-ataque.



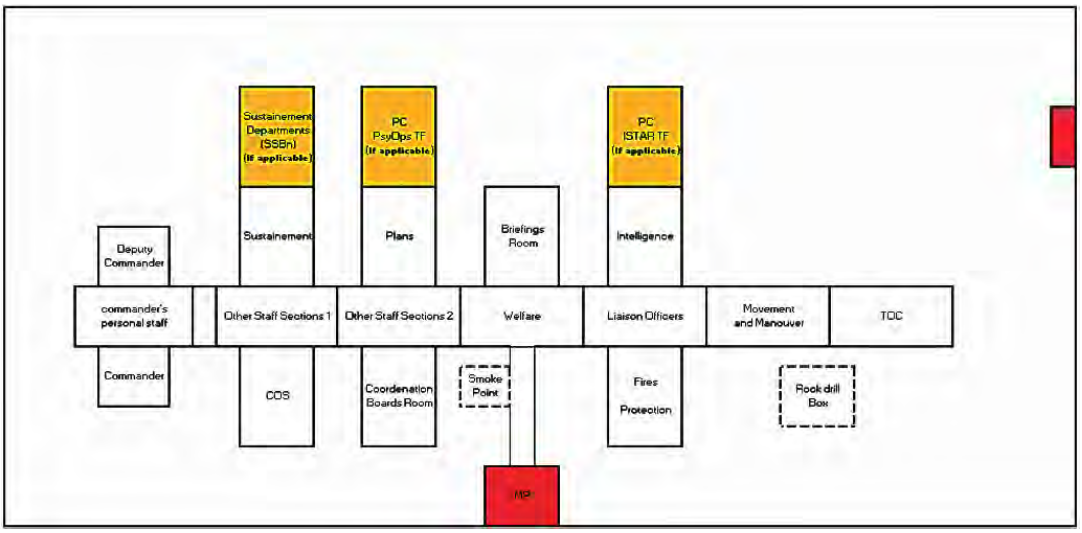
Terminada a operação, iniciou-se a preparação para o Joint Combined Arms Live Fire (JCALFX) que foi o culminar da participação da PandurMechBde no Exercício ORION 16. O JCALFX teve como finalidade validar o Treino Operacional da BrigInt e das Unidades sob o seu comando, na condução de uma manobra tática que incluiu uma operação de retardamento, detenção e contra-ataque à Força Opositora, com a execução de fogos reais.

Participaram no JCALFX o Grupo de Reconhecimento, Agrupamento LEODUR, Subagrupamento do Exército Espanhol (Equipado com CC LEOPARD e VCI PIZARRO) e uma força dos Estados Unidos da América a Special Purpose Maritime Air Ground Task Force (SPMAGTF), Força esta transportada numa aeronave OSPREY.





A estrutura de pessoal do Comando da BrigInt comtempla um efetivo permanente, cargos em ordem de Batalha (OB) e cargos a ativar em situações de emprego operacional. Para prover todos os cargos do seu Quadro Orgânico, foi



identificada a necessidades de reforçar, de forma permanente, durante 5 meses o Estado-Maior com 03 Oficiais oriundos dos Regimentos da Brigada. Para garantir os cargos em OB foi efetuado um trabalho colaborativo com o Comando das Forças Terrestres e os Regimentos da Brigada, para que todos os 106 cargos fossem providos.

Os efetivos da Brigada, na execução do exercício, contemplaram um total de 1872 militares, sendo 199 Oficiais, 433 Sargentos e 1240 Praças, distribuídos por 17 forças que estiveram sob Comando da Brigada.

No âmbito dos materiais e equipamentos e na sequência do planeamento efetuado, que agrupava na área do Posto de Comando um conjunto de forças, CTm/BrigInt, Pel PE(EULRR); Modulo PsyOp; Modulo CIRC e UnApGeo, houve necessidade de reforçar a CCS/BrigInt com alguns materiais, quer da estrutura do CFT quer dos Regimentos da Brigada para dotar esta Força com os meios que melhor lhe permitisse garantir todo o apoio logístico a 271 militares.

Na execução do exercício foram empenhadas, pelas forças sob Comando da Brigada, 435 viaturas, sendo 161 blindadas.

Durante todo Exercício, ORION16, a BrigInt, no seu Posto de Comando recebeu várias visitas de âmbito diverso, das quais se destacam:

- Visita de S. Exa. o Ministro da Defesa Nacional, Prof. Dr. José Alberto de Azeredo Lopes, acompanhado por SExa o Gen CEMGFA, Gen Artur Pina Monteiro, por SExa Gen CEME, Gen Frederico Rovisco Duarte, pelo Exmo TGen CFT, TGen António Faria Menezes, demais Oficiais Generais, e de uma comitiva de outros Oficiais;

- Visita de elementos pertencentes à Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), acompanhados por elementos da Unidade Nacional de Verificações (UNAVE) do EMGFA e um elemento do US Army Europe (USAREUR);

- No último dia do Exercício, SExa o Gen CEME presidiu às atividades do Distinguished Visitors Day (DVD), tendo sido acompanhado pelos representantes autárquicos da região, pelo Exmo. Sr. Deputado da Assembleia da República, Dr Bruno Vitorino, que chefiou uma delegação da Associação de Auditores dos Cursos de Defesa Nacional, Oficiais Generais do Exército e por representantes do Exército Espanhol, incluindo o Comandante da Brigada Extremadura XI e do "Regimiento Acorazado Castilla 16" e Adidos de Defesa em Portugal.

O desafio colocado ao Comando da Brigada foi uma oportunidade para revisitar um conjunto de documentos doutrinários e permitiu reajustar e incrementar procedimentos e processos inerentes à atividade diária do Comando e Estado-Maior da BrigInt, organizado por Funções de Combate, para planeamento e conduta de operações.

No final do ciclo de treino de 2016, e na sequência da CREVAL a que foi submetido pela Inspeção Geral do Exército, o Comando e EM/BrigInt foi considerado "Combat Ready", estando assim apto a cumprir as missões e tarefas atribuídas ou a atribuir, e a garantir uma Força Operacional Permanente, coerente e sustentável de escalão Brigada.

A CÉLULA DE COORDENAÇÃO DE FOGOS E EFEITOS NO EXERCÍCIO ORION 16

Morais dos Santos
TCor Art

O Exercício ORION 16 enquadrou-se nas atividades do Plano Integrado de Treino Operacional (PITOP) e destinou-se ao emprego tático da Componente Operacional do Sistema de Forças (COSF), pretendendo evidenciar as capacidades de Comando e Controlo, Empenhamento, Proteção da Força e Interoperabilidade. De acordo com o preconizado superiormente, o exercício ORION 16 foi o culminar do ciclo anual de treino operacional da Brigada de Intervenção (BrigInt) e teve como audiência primária de treino o seu Comando e Estado-Maior (EM).

A BrigInt organizou o seu EM por funções de combate enquadrando o exercício no cenário SOROTAN, privilegiando um ambiente volátil, incerto, complexo, ambíguo e urbano. A Célula de Coordenação de Fogos e Efeitos (CCFE) contribuiu diretamente para a função de combate Fogos que, por sua vez, é composta pelas tarefas e sistemas que garantem o emprego de fogos indiretos (terrestres, navais e aéreos) de uma forma coletiva e coordenada através do Processo de *Targeting* (PDE 3-00, 2012, 2-30). Ao nível Brigada é na CCFE que o planeamento e a coordenação dos Fogos é efetuado, englobando todas as atividades e sistemas que utilizam fogos indiretos, fogos conjuntos e operações de Comando e Controlo durante o processo de *Targeting*.

A constituição da CCFE da BrigInt no ORION 16, resultou dos ensinamentos colhidos em exercícios efetuados anteriormente, teve uma constituição atípica pois para além da parte estrutural típica com o Elemento de Fogos e Efeitos e o Elemento de *Targeting* e Contrabateria, sob o seu controlo ainda contou com a Célula de Defesa Aérea e Gestão do Espaço Aéreo. Adicionalmente, e face ao volume de informação e atividades da Célula foi decidido que a Célula não seria chefiada pelo Comandante do Grupo de Artilharia de Campanha (GAC) mas sim por um outro Oficial com a tarefa específica de Chefe da CCFE, mantendo-se, no entanto, o Comandante do GAC como Coordenador de Apoio de Fogos (CAF) da BrigInt, tendo sido assegurada pelos intervenientes uma ligação direta para coordenação e reforço das decisões a apresentar ao Comandante da BrigInt.

Todas as apresentações e brífingues efetuados no Posto de Comando da BrigInt, sobre as atividades de planeamento dos fogos e da Defesa Aérea foram apresentados pelo Chefe da CCFE ao Comandante da Brigada e não pelo Comandante do GAC ou pelo Chefe da Defesa Aérea e Gestão do Espaço Aéreo, o que contribuiu para um melhor comando e controlo da missão do GAC no terreno por parte do Comandante do GAC e uma melhor sincronização dos meios que utilizam o espaço aéreo sob o controlo da Brigada. Ressalvamos que o Oficial de Apoio de Fogos (OAF) continuou na orgânica da CCFE e teve o seu esforço dirigido para o Sistema Automático de Comando e Controlo (SACC) da Artilharia possibilitando o seguimento e a troca de informações por esta via, permitindo desta forma manter as atividades de coordenações dos fogos, enquanto o Comandante da BrigInt era aconselhado pelo Chefe da CCFE.

03.03.03								
CÉLULA DE COORDENAÇÃO DE FOGOS E EFEITOS								
	101	Chefe	TCor	ART	(1)			
	102	Adjunto	Maj	ART	(1)			
	103	Condutor de Viatura Ligeira	Cabo	Esp14-CondVML			(1)	
				Sub subsoma	0	0	0	0
03.03.03.01								
ELEMENTO DE FOGOS E EFEITOS								
	104	Oficial de Apoio de Fogos	Maj	ART	(1)			
	105	Sargento de Apoio de Fogos	1Sarg/2Sarg	ART / AF03-AC		(1)		
	106	Condutor VBR	Cabo	Esp15-CondVMP			(1)	
				Sub subsoma	0	0	0	0
03.03.03.02								
ELEMENTO DE TARGETING E CONTRA-BATARIA								
	107	Chefe	Maj	ART	(1)			
	108	Oficial Adjunto	Cap	ART	(1)			
	109	Sargento de Apoio de Fogos	1Sarg/2Sarg	ART / AF03-AC		(1)		
				Sub subsoma	(1)	0	0	0
				Subsoma	(1)	0	0	0
03.03.04								
CÉLULA DE DEFESA AÉREA E GESTÃO DO ESPAÇO AÉREO								
	110	Oficial Defesa Aérea	Cap	ART	(1)			
	111	Oficial Apoio Aéreo	Cap	QQA	(1)			
	112	Sargento Defesa Aérea	1Sarg	ART		(1)		
	113	Condutor de Viatura Ligeira	Cabo	Esp14-CondVML			(1)	
				Subsoma	0	0	0	0
03.03.05								
TACP								

Figura 1 – Quadro Orgânico da BrigInt

Apesar de este enquadramento ter sido algo nunca dantes implementado e testado, cremos que foi benéfico, pois permitiu uma maior descentralização das tarefas e permitiu conciliar de forma eficaz o planeamento com a coordenação dos fogos, mantendo ao mesmo tempo o comando do GAC a capacidade de acompanhar diretamente o emprego de fogos precisos e oportunos, de acordo com as necessidades da manobra.

No entanto, como facto negativo e sujeito a avaliação futura, destacamos que este enquadramento não foi consolidado nas atividades de treino que conduziram ao ORION 16, nomeadamente nas fases do exercício DRAGÃO 16, pois o cargo de Chefe da CCFE não estava implementado e porque houve alterações significativas no pessoal que guarneciam a CCFE que muitas das vezes demostravam algum desconhecimento das tarefas que lhes eram cometidas em virtude de ainda não possuírem o conhecimento necessário e suficiente para exercerem a mesma pois os cargos foram desempenhados por Tenentes, sem o Curso de Promoção Capitão (CPC) facto que limita os seus conhecimentos do Processo de Decisão Militar.

Ressalvamos também o facto de não ter estado presente o *Tactical Air Control Party* (TACP) na fase de planeamento, nem no exercício propriamente dito, o que no nosso entender, resultou na impossibilidade de sincronizar a eventual utilização e coordenação dos fogos aéreos com os fogos terrestres.

Outro fator relevante e que carece de análise profunda foram as comunicações durante a fase LIVEX do ORION 16, verificando-se a necessidade de dispor de meios suficientes que permitam assegurar as ligações entre os postos de comando do GAC, da Bateria de Artilharia Antiaérea (BAAA), os OAF, os Observadores Avançados (OAV) e a CCFE facto que dificultou a coordenação dos fogos e da defesa aérea durante a fase da execução do exercício.

Tal como referido, o apoio de fogos ao nível da brigada inclui os fogos letais e fogos não letais, os quais providenciam ao Comandante os efeitos desejados. Os fogos letais são garantidos pelos sistemas de tiro indireto orgânicos da própria Brigada, pelos fornecidos pelo escalão superior, cuja informação no cenário era insuficiente ou por apoio conjunto por unidades Navais ou de Aviação, enquanto que os fogos não letais podem ser desencadeados por outras entidades, militares ou civis, conjuntos e combinados. O elevado número de meios e origens disponíveis, implica um rigoroso exercício de comando e controlo de forma a garantir a integração e sincronização com as operações da Brigada.

Face a este desiderato, a CCFE constituiu-se como a componente central de todo o processo de Targeting da Brigada, tendo organizado diversos Targeting Meetings que se focaram no apoio de fogos letal e não letal e que envolveu a participação de diversas entidades das quais destacamos o Chefe de EM da BrigInt, os representantes das Operações, das Informação, do GAC, do ISTAR e do Legal Advisor (LEGAD) da BrigInt.

Além dos *Targeting Meeting* conduzidos pelo Oficial de *Targeting* e Contrabateria, a CCFE do exercício ORION 16 participou ativamente no Brigade Commander Update Briefing, no InfoOps Board e no Protection Board tendo inclusivamente enquadrado e coordenado as informações relevantes dos representantes dos Fogos e da Defesa Antiaérea no *Tactical Operations Center* (TOC).

Sta Margarida da Coutada	29SND 575 695 – 29SND 585 694 - 29SND 593 684 - 29SND 588 679 - 29SND 584 656 - 29SND 580 663 - 29SND 581 677 - 29SND 576 690 - 29SND 571 696 - 29SND 575 695
Crucifixo	29SND 625 663 - 29SND 633 663 - 29SND 633 655 - 29SND 625 655
São Miguel do Rio Torto	29SND 672 650 - 29SND 683 650 - 29SND 683 636 - 29SND 672 636
Bemposta	29SND 735 560 - 29SND 735 570 - 29SND 740 573 - 29SND 741 571 - 29SND 739 564 - 29SND 735 560
Campo Militar de S. Margarida	29SND 595 660 - 29SND 610 665 - 29SND 620 620 - 29SND 605 620
Pista Aviação S.Margarida	29SND 605 620 - 29SND 610 623 - 29SND 618 612 - 29SND 615 610
Bicas	29SND 645 600 - 29SND 655 605 - 29SND 670 585 - 29SND 665 580
Vale de Açor	29SND 665 580 - 29SND 675 580 - 29SND 675 570 - 29SND 665 570
Tramagal	29SND 631 665 - 29SND 629 674 - 29SND 643 691 - 29SND 650 687 - 29SND 658 674 - 29SND 656 668 - 29SND 650 662
Rossio ao Sul do Tejo - Arrifana	29SND 690 669 - 29SND 697 669 - 29SND 701 671 - 29SND 702 666 - 29SND 702 658 - 29SND 652 - 29SND 704 636 - 29SND 700 636 - 29SND 690 669
Water Supply (Sta Margarida)	29SND 618 616 (Radius 500m)

Figura 2 – No Strike List

Priority	Category	Description
1	23 – General Public	Lakuta Population
2	23 – General Public	Klorid Minority in Lakuta
3	21 - Military Leadership	Vagnal / Marukab / Babeldo – EKM Leaders
4	21 - Military Leadership	Akken Litypi – FKA Leadership
5	3 - Maneuver	EKM Militia (PsyOps)
6	3 - Maneuver	2nd Echelon Battalion;1st Echelon Battalion
7	1 – C4I	Brigade Command Post (CP) Battalion CP FAB CP
8	8 - EW	17 Radio Assets; Target Acquisition Radar; Surveillance of Battlefield Radars
9	4 - Air Defense	Air Defense assets
10	2 - Fire Support	FS Battery

Figura 3 – High Payoff Target List

Abaixo, podemos visualizar alguns dos produtos elaborados no processo de Targeting

DECIDE								DETECT					DELIVER						ASSESS		
State	HPT				Location	TSS		NAI	Un Adj	Means	Time Window		Atk Un	Means	When	Atk Method	Effects	Evaluation Un	CEf	CDee
	Cat	Sub Cat	Description	#OSU						(M/A)			(M/A)	(M/A)	(I,A,P)			(M/A)		
(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(g)	(i)		(j)	(k)	(l)	(m)	(n)	(o)	(p)	(q)	(r)	(s)	(t)	(v)	(v)
	23 - General Public		Lakuta Population			1 2 3. Movement 4.			Info Ops	F2F	G + 175	Y	Psy Ops	Pamphlet/Sp of's Radio/Web Sites	I	F2F / Internet/ Radio	Acceptance	PsyOps/ CIMIC /Ours Forces in AOO /O2		
	23 - General Public		Klorid Minority in Lakuta			1 2 3. Movement 4.			Info Ops	Intel	G + 175	Y	Psy Ops	Pamphlet	I	Pamphlet Delivering / Throwing	Convert	InfoOps/ G2 / G3		
	21 - Military Leadership		Vagnal / Marukab / Babeldo – EKM Leaders			1 2 3. Movement 4.			Info Ops / Intel / Civic (ONG)	Intel	G + 175	Y	Psy Ops	PEL PE / Força SAR	I	Capture	Break or Convert Lidership	PsyOps / InfoOps/ G2 / G3		
	21 - Military Leadership		Akken Litypi – FKA Leadership			1 2 3. Movement 4.		1,2,3,4.	Info Ops / Intel / ONG	Intel	G + 175	Y	Psy Ops	PEL PE / Força SAR	I	Capture	Break or Convert Lidership	PsyOps / InfoOps/ G2 / G3		
	3 - Maneuver		EKM Militia (PsyOps)			1 2 3. Movement 4.			Info Ops	Intel	G + 175	Y	Psy Ops	Pamphlet	I	Pamphlet Throwing	Acceptance	PsyOps / InfoOps/ G2 / G3		
	3 - Maneuver		2nd Echelon Battalion;1st Echelon Battalion			1. 50m 2. Camp 3. Movement 4. 15min			FA Battalion	RATAC-S ANTPQ36	271600ZJ UN16	TBD	LECOUR TF	Mortar	I	Heavy Mortar	S	G2 G3		
	1 - C4I		Brigade Command Post			1. 100m 2. Brigade 3. Static 4. 2h			EW Ctry	ESM Modules	271600ZJ UN16	TBD	EW Ctry FA Battalion	ECM Modules FS Means	P	Jamming / Deception FS	Disorganize S	G2 G3		
	1 - C4I		Battalion Command Post			1. 100m 2. Battalion 3. Static 4. 1h			EW Ctry	ESM Modules	271600ZJ UN16	TBD	EW Ctry FA Battalion	ECM Modules FS Means	P	Jamming / Deception FS	Disorganize S	G2 G3		
	1 - C4I		FA Battery Command Post			1. 100m 2. Battery 3. Static 4. 30min			EW Ctry	ESM Modules	271600ZJ UN16	TBD	EW Ctry FA Battalion	ECM Modules FS Means	P	Jamming / Deception FS	Disorganize S	G2 G3		
	8 - EW		17 Radio Assets; Target Acquisition Radar; Surveillance of Battlefield Radars			1. 2. 3. Static 4.			EW Ctry	ESM Modules	271600ZJ UN16	TBD	ISTAR TF LECOUR TF	MAE/Sigint Modules Mortar	A	Jammer / Deception Heavy Mortar	Jammer / Deception NonCommo Modules S	G2 G3		
	4 - Air Defense		Air Defense assets			1. 10m 2. Group 3. Static 4. 20min		6	FA Battalion	ANTPQ36	201030ZJ UN16	201200ZJ UN16	LECOUR TF FA Battalion	Mortar AC	A	Heavy Mortar	S	G2 G3		
	2 - Fire Support		FS Battery			1. 10m 2. Group 3. Min 4. 20min		5	FA Battalion	RATAC-S ANTPQ36	271600ZJ UN16	TBD	Air Force FA Battalion	Fighter Jets AC	I	CAS FS	S	G2 G3		

Figura 4 – Targeting Matrix Synchronization

Relevamos o dinamismo de toda a documentação produzida e da sua adaptação permanente à evolução da situação e a sincronização dos aspetos relacionados com o apoio de fogos e a defesa aérea, de uma forma integrada, no apoio às operações da BrigInt e para apoiar o Comandante na tomada de decisões, fazendo uso do meio mais adequado que permitia cumprir a missão com os mínimos danos colaterais possíveis.

Relativamente à documentação, o Anexo de Fogos foi elaborado na CCFE e foram também elaborados os Apêndices: Transparente de Apoio de Fogos; a Mariz de Execução de Apoio de Fogos; Targeting; Fogos de Artilharia de Campanha e o Apêndice de Defesa Aérea e Míssil. Adicionalmente, foram elaborados os contributos para a Ordem de Operações da Brigada e para outros documentos de caráter operacional quando foi necessário. Destacamos que a proximidade entre a CCFE e os Oficiais de Operações e de Informações da Brigada foi uma mais-valia no decorrer da Fase LIVEX do exercício ORION 16.

Para o brífingue de atualização do Comandante os produtos planeados pelo EM do GAC e pelo comando da BAAA foram apresentados ao Comandante de forma sucinta, incidindo a apresentação sobre os aspetos que careciam de coordenação com outras forças, como são o caso das medidas de coordenação de apoio de fogos e das medidas de coordenação do espaço aéreo, além dos aspetos que necessitavam de uma decisão do Comandante.

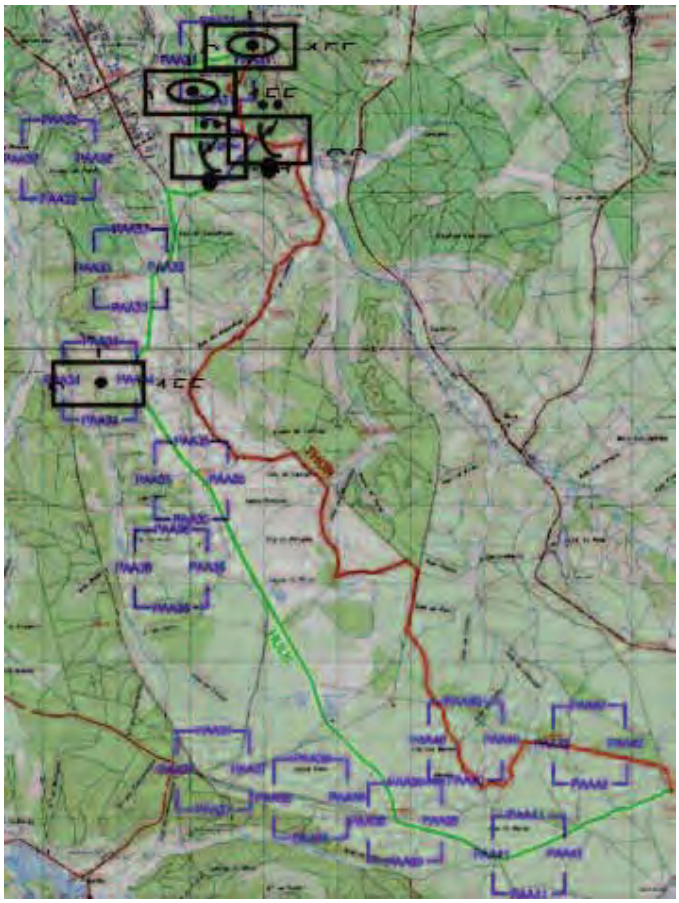


Figura 5 – Transparente de Apoio de Artilharia de Campanha

ADA Coy/Pandur Mech Bde		
1/ADACoy/Pandur Mech Bde (C)		G/S: Protect PandurMech Bde HQ, and Service Support Area
2/ADACoy/Pandur Mech Bde (C)		G/S: Protect FA Bn, TEAM DELTA and LEODUR TF
3/ADACoy/Pandur Mech Bde (S)	1/3/ADACoy	D/S: Protect RECCE TF; O/O D/S: Protect TEAM DELTA
	2/3/ADACoy	D/S: Protect RECCE TF; O/O D/S: Protect LEODUR TF
4/ADAcoy/Pandur Mech Bde (P-Star)	1/4/ADACoy	G/S: Provide air defense warning
	2/4/ADACoy	

Figura 6 – Organização para o combate da Artilharia Antiaérea

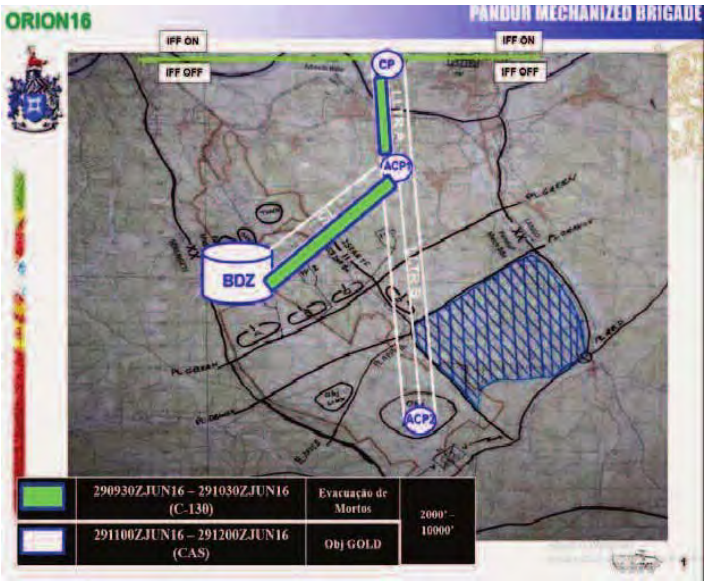


Figura 7 – Transparente com as medidas de coordenação do Espaço Aéreo

Para melhor visualização são apresentamos nas tabelas e figuras alguns dos mais importantes produtos apresentados pela CCFE.

Ao longo de todo o exercício e numa perspetiva de melhoria, entendemos que as Comunicações, fundamentalmente o fornecimento de meios para equipar a CCFE a fim de efetuar a coordenação com as Unidades que estão no terreno foi algo que pode ser melhorado, além disso é fundamental estar localizada na CCFE uma equipa ou um representante do TACP.

Para finalizar enumeramos os aspetos mais positivos ao nível da ação da CCFE no exercício ORION 16, nomeadamente, a utilização do SICCE para monitorizar a movimentação das Unidades de apoio de fogos, a organização simples e funcional do posto de comando e principalmente o facto do planeamento efetuado ao nível da Brigada ter sido efetivamente testado na fase da execução o que permitiu identificar lacunas no planeamento que tiveram de ser colmatadas com decisões efetuadas no decorrer do exercício.

Por fim, ressalvamos que as dificuldades identificadas no decorrer dos diversos exercícios da série DRAGÃO trouxeram medidas corretivas que facilitaram as tarefas desenvolvidas durante o ORION16 e que não se verificou qualquer tipo de dificuldade durante o planeamento colaborativo.

A AAA trabalhou com a célula dos Fogos e não com a Proteção, o que facilitou a conduta das operações, dada a transversalidade de conhecimentos entre os utilizadores do Espaço Aéreo na Brigada.

PARTICIPAÇÃO DA COMPANHIA DE MANUTENÇÃO (CMan) NO EXERCÍCIO "ORION16"

Victor Beltrão
Cap Mat

O exercício "ORION16" decorreu entre 17 de junho e 2 de julho, na área de treino militar Tancos – Constância – Santa Margarida, envolvendo cerca de 3100 militares de várias nacionalidades e cerca de 450 viaturas. O objetivo do exercício visou certificar o Comando da Brigada de Intervenção (BrigInt), a Full Operational Capability (FOC) do Grupo de Reconhecimento (GRec) e o treino de armas combinadas através do Agrupamento Leodur.

Sendo a missão da CMan garantir o nível de Manutenção Intermédia de Apoio Direto e o reabastecimento de sobressalentes (classe IX) aos equipamentos orgânicos da BrigInt, a participação no exercício "ORION16" foi efetuada através do seu empenhamento modular, da seguinte forma:

Fig. 1 – Execução de ações corretivas a uma viatura RWS

1. Reforço da Secretaria de Manutenção com um Oficial, na área das VBR Pandur II;

2. Reforço do Batalhão de Apoio de Serviços da Brigada Mecanizada, com duas Equipas de Manutenção/Recuperação de viaturas de rodas, cada uma com o efetivo (0/1/3);

3. Comando do Pelotão Dedicado de Manutenção do GRec, com o efetivo (0/1/0) e cedência de uma Equipa de Manutenção de Armamento e Torre, com valência VBR Pandur II (versão IFV), com o efetivo (0/1/2);

4. Cedência de uma Equipa de Manutenção/Recuperação de viaturas de rodas, com o efetivo (0/1/1), ao Comando e CCS da BrigInt;

Fig. 1 – Execução de ações corretivas a uma viatura RWS

5. Cedência de uma Equipa de Armamento Pesado, com o efetivo (0/1/1), ao Grupo de Artilharia de Campanha (GAC) da BrigInt.

Para além do apoio modular, a CMan participou em ações de manutenção corretiva e de inspeção às VBR Pandur II *Remote Weapon System* (RWS), com o efetivo (0/1/1) e disponibilizou, em permanência, uma Equipa de Reabastecimento de Classe IX afeta ao Sistema de Armas VBR Pandur II.

Adicionalmente, importa realçar que as oficinas da CMan (no Regimento de Manutenção) serviram sempre de apoio ao exercício, através da receção de viaturas evacuadas, bem como à manutenção corretiva das mesmas.

No decorrer do exercício "ORION16" foram abertas um total de 21 Ordens de Trabalho (OT) corretivas relacionadas com o Sistema de Armas VBR Pandur II. Em dezanove delas foi necessária a aplicação de abastecimentos de Classe III e Classe V, tendo sido resolvidas de imediato. As duas OT não concluídas corresponderam a viaturas evacuadas para as instalações da CMan e que, por inexistência dos sobressalentes necessários, não foi possível colocar as viaturas em situação operacional.

O exercício "ORION16" evidenciou uma vez mais, a elevada capacidade de resposta, proficiência técnica, adaptabilidade e o espirito de missão que é apanágio da CMan, denotando que os seus militares se encontram prontos a servir a Brigada de Intervenção.

A BRIGINT NO EXERCÍCIO EFICÁCIA 16

José Mimoso
TCor Art

O "EFICÁCIA" é um exercício do Exército que se destina prioritariamente a desenvolver a capacidade operacional das Unidades de Apoio de Fogos constituintes da Componente Operacional do Sistema de Forças do Exército (COSFE), com particular enfâse para os Grupos de Artilharia de Campanha (GAC), podendo incluir meios de apoio de fogos oriundos da Marinha, da Força Aérea e de países amigos.

Em 2016 o EFICÁCIA decorreu no Campo Militar de Santa Margarida, entre 14 e 20 de maio e teve como audiência primária de treino o Grupo de Artilharia de Campanha (GAC) da Brigada de Intervenção (BrigInt) que foi reforçado por uma Bateria de Bocas de Fogo de cada GAC da COSFE. Como audiências secundárias de treino, participaram o Pelotão de Morteiros Pesados (PelMortPes) da Zona Militar da Madeira (ZMM), o PelMortPes do 2BIMec(R)/NRF2016 e o PelMortPes do AgrMec(Lag), tendo ainda participado um PelMortPes do Corpo de Fuzileiros, uma parelha de F-16 da Força Aérea Portuguesa e seis observadores de Artilharia do Exército Espanhol.

No EFICÁCIA 16 o Comando da Brigada de Intervenção enquadrou o emprego das forças participantes, no planeamento, coordenação, controlo e execução do exercício.

O cenário criado para o exercício EFICÁCIA 16 foi o mesmo cenário trabalhado nos exercícios da Série DRAGÃO e ORION, sendo fictício em termos geopolíticos e tendo a sua implementação territorial sido adaptada às características do território nacional, consideradas como necessárias, de forma a permitir alcançar os objetivos definidos para o exercício e a condução das operações, de acordo com as capacidades e possibilidades das forças a treinar.

De acordo com a doutrina NATO para o planeamento e conduta de exercícios, o EFICÁCIA 16 foi conduzido em quatro fases:

- Fase I – Treino Operacional.

Com a realização do treino operacional ao nível das unidades participantes, de acordo com o previsto no Plano Integrado de Treino Operacional (PITOP 16), cuja execução e avaliação é uma responsabilidade dos comandantes aos vários escalões.

No entanto nesta fase destaca-se:

- A realização de um workshop do Sistema Automática de Comando e Controlo da Artilharia de Campanha (SACC-AC) no Regimento de Artilharia N.º 5 (RA 5), com o objetivo de programar e preparar os SACC das unidades participantes no exercício;
- A utilização do simulador INFRONT e a realização de tiro de morteiro no polígono do RA 5, na preparação dos Pelotões de Morteiros da ZMM e do Corpo de Fuzileiros;
- A realização de um workshop de integração fogos aéreos com manobra terrestre, com vista à partilha de conhecimentos sobre os procedimentos em uso no Exército e na Força Aérea.

- Fase II – Planeamento de Resposta a Crise (CRP).

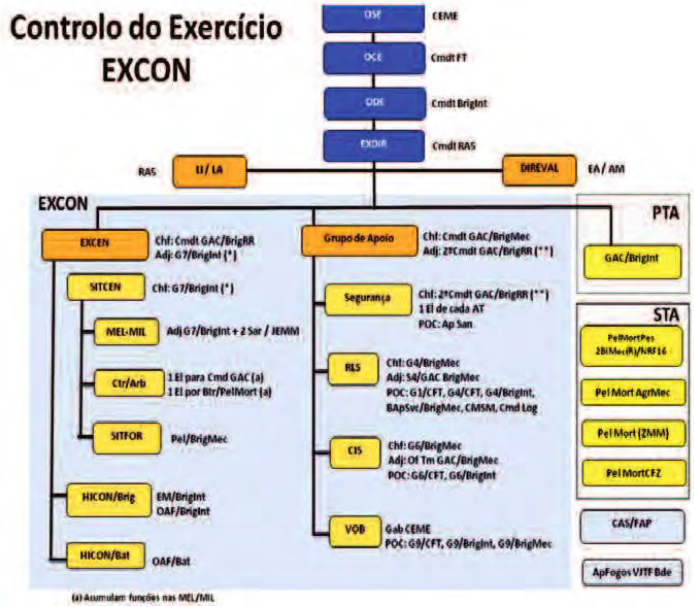
Esta fase consiste na realização do Processo de Planeamento das Operações (PPO), de acordo com o estabelecido, na doutrina nacional e NATO em vigor (quando aplicável) e em consonância com o Planeamento do Exercício. O PPO consubstanciou-se na elaboração dos vários produtos do planeamento, sendo realizado concorrentemente com o exercício ORION 16. Neste sentido, o GAC/BrigInt implementou a manobra de fogos prevista para o exercício ORION 16.

- Fase III – Execução.

Esta fase, teve início a 14Mai16 e foi desenvolvida em duas partes, um Field Training Exercise (FTX) e um Live Fire Exercise (LFX) de acordo com o seguinte programa horário:

	14Mai16 SÁBADO	15Mai16 DOMINGO	16Mai16 SEGUNDA	17Mai16 TERÇA	18Mai16 QUARTA	19Mai16 QUINTA	20Mai16 SEXTA
MANHÃ	Projeção das Forças 12h00 - Formatura (Quartel Art)	*WARM-UP (Battle Rhythm – Fluxo Relatórios)* *Recce*	08h00 – STARTEX FTX Apoio ao retardamento	Apoio ao Ataque (14h00 - *Briefing* Segurança Polígono) (avaliação DIREVAL)	15h00 – ENDEX FTX Preparação das Posições de Tiro LFX (avaliação DIREVAL)	LFX (Fogos Reais 08h00-23h59)	DVD (Fogos Reais 08h00-13h00)
TARDE	Ocupação da AAM p/ SubUn + Montagem PCs + Testes comunicações	09h00 - *cross training* ApSan *16h00 - Jogo de coesão*	(14h00 - WS integração fogos aéreos com manobra terrestre)		LFX (Fogos Reais 17h00–23h59)		Retração das Forças
NOITE							

Durante a execução do EFICÁCIA foi estabelecida uma estrutura de controlo do exercício (EXCON), de modo a garantir o apoio real (RLS), a conseguir responder a todas as solicitações do escalão superior e determinar algumas ordens a realizar pelas forças participantes. Esta estrutura, apresentada seguidamente, foi constituída por cerca de 70 militares.



Fase IV – Avaliação

Imediatamente a seguir ao final da fase LIVEX - FTX do Exercício foi realizado um Hot Wash-Up em Santa Margarida, para identificar de forma sintética os aspetos positivos e aspetos a melhorar, com influência na execução e obtenção dos objetivos determinados. Após o exercício foram elaborados os First Impression Report (FIR) das unidades participantes e com vista à discussão dos diversos pontos durante o Post Exercise Discussion (PXD) Esta fase termina com a elaboração do Relatório Final do Exercício.

Em termos gerais o EFICÁCIA teve como Objetivos:

- Exercitar os GAC no planeamento, controlo e conduta das operações terrestres em ações de alta intensidade;
- Exercitar os procedimentos de planeamento, de coordenação de apoio de fogos e de emprego de diferentes meios de apoios de fogos (incluindo fogos de morteiros, aéreos ou outros);
- Exercitar a utilização da terminologia, metodologia e procedimentos de planeamento de operações em vigor na NATO;
- Reforçar a coesão das unidades de apoio de fogos participantes; e Exercitar os Comandos das unidades orgânicas e atribuídas.

Em termos de Objetivos de Treino, no EFICÁCIA 16, os objetivos definidos para o GAC/BrigInt foram:

- Treinar Táticas Técnica e Procedimentos (TTP) e tarefas coletivas ao nível de GAC e Bateria de Bocas de Fogos (BtrBF), com particular enfoque na coordenação de missões de tiro;
- Treinar TTP e tarefas coletivas ao nível das BtrBF em apoio às operações;
- Treinar TTP com a utilização do SACC através da utilização do Advanced Field Artillery Tactical Data System (AFATDS);
- Exercitar a utilização da terminologia, metodologia e procedimentos de planeamento de operações em vigor na NATO;
- Praticar a utilização da língua inglesa, na elaboração de relatórios e comunicações rádio, simulando um ambiente multinacional;
- Utilizar a Estação de Observação Digital (EOD) CORAL-CR na Aquisição de objetivos, Observação e regulação do Tiro;
- Execução de Fogos Reais.

Os Objetivos de Treino definidos para os Pelotões de Morteiros Pesados, foram:

- Treinar a execução de fogos indiretos, em quaisquer condições de visibilidade, com o Pelotão como um todo ou dividido;
- Treinar o reconhecimento, ocupação e defesa de uma Base de Fogos.
- Treinar o deslocamento do Pelotão por escalões;
- Treinar a reação a missões de tiro inopinadas durante um deslocamento;
- Treinar a contribuição dos Morteiros no planeamento e execução da integração dos fogos.

A avaliação do EFICÁCIA 16 foi organizada e conduzida segundo as duas linhas de ação: a avaliação da capacidade operacional das Audiências de Treino e a avaliação da consecução dos objetivos do exercício, nomeadamente dos objetivos de treino das audiências de treino, e do Exercício como um todo.

Os avaliadores nomeados pertenceram aos centros de conhecimento de Apoio de Fogos do Exército, respetivamente Academia Militar e Escola das Armas.

Para permitir cumprir a finalidade do EFICÁCIA 16, garantir a proficiência operacional dos meios de apoio de fogos no planeamento, controlo e conduta de operações terrestres, participaram no exercício 495 militares (48 oficiais, 100 sargentos e 345 praças) e mais de 100 viaturas, oriundos de várias unidades anteriormente referidas, realizando-se sessões de fogos reais nos dias 18, 19 e 20 de maio de 2016.

O exercício terminou com a realização do Distinguished Visitors Day (DVD), presidido pelo Exmo Tenente-General Comandante das Forças Terrestres.

EXERCÍCIO RELÂMPAGO 17

Hélder Barreira
TCor Art

No âmbito do Plano Integrado de Treino Operacional Exército para 2017 (PITOP 17), é realizado anualmente o exercício da série RELÂMPAGO, onde os meios de Artilharia Antiaérea (AAA) da Componente Operacional do Sistema de Forças do Exército se constituem como Audiência Principal de Treino, designadamente elementos do GAAA/BrigInt, que contou com a presença dos Pelotões de AAA da Zona Militar da Madeira (PelAAA/ZMM) e dos Açores (PelAAA/ZMA).

O exercício RELÂMPAGO visa treinar e normalizar os procedimentos técnicos e táticos das unidades de AAA, do Sistema de Forças do Exército e permitir aperfeiçoar as capacidades, conhecimentos e competências obtidas pelo Ensino e Formação, de forma a manter a eficiência e a eficácia das unidades de AAA, através do desempenho dos militares que as integram, nas respetivas funções.

Este ano, o exercício RELÂMPAGO foi organizado em três modalidades distintas. A primeira, entre 26 a 28 de abril, consistiu numa fase de treino de planeamento tático - Map Exercise (MAPEX), realizado no Regimento de Artilharia Antiaérea (RAAA1) em QUELUZ. A segunda, consistiu num treino tático de campo - Field Training Exercise (FTX) realizado entre os dias 02 e 03 de maio na região de VIEIRA DE LEIRIA e FÁTIMA. A terceira modalidade consistiu na realização de fogos reais - Life Fire Exercise (LFX), realizado no dia 04 de maio na região de FONTE DOS MORANGOS em VIEIRA DE LEIRIA.

A Fase MAPEX visou o planeamento de um exercício tático, envolvendo o comando do GAAA com todas as valências da AAA Portuguesa, num cenário relativo a um Evento de Alta Visibilidade em Território Nacional.

O Cenário utilizado foi o preconizado no PLANO DE OPERAÇÕES CENTAURO 16 e traduziu-se na proteção antiaérea de um ponto ou área sensível na região de LAKUTA, contra ataques provenientes de KAMON. Deste modo, o Cenário criado para esta fase do exercício assentou no planeamento e execução de Proteção Antiaérea à visita de uma Alta Entidade ao maior Campo de Refugiados localizado na região de SANTA MARGARIDA (materializado na região de FÁTIMA).

Este planeamento visou alertar para uma capacidade única a nível nacional, a proteção antiaérea a baixas e muito baixas altitudes (Short Range Air Defense - SHORAD e Very Short Range Air Defense - V/SHORAD), que se torna necessária na segurança a eventos de destaque para assegurar uma cabal segurança na 3ª dimensão.

A Fase FTX visou executar um exercício tático de acordo com o planeamento realizado durante a Fase MAPEX, efetuando os necessários reconhecimentos para implantar o planeamento dos dispositivos de defesa antiaérea ao Campo de Refugiados localizado na região de SANTA MARGARIDA (materializado na região de FÁTIMA). Deste modo, pretendeu-se treinar e testar procedimentos de coordenação do espaço aéreo, em estreita ligação com a Força Aérea, num cenário de realização de um evento de alta visibilidade, bem como treinar a interoperabilidade e a eficácia da rede de aviso e alerta do comando do GAAA com todas as valências da AAA Portuguesa.

A Fase LFX visou planear e executar um exercício de fogos reais envolvendo sistemas míssil e canhão. Para tal, foi necessário montar e operar uma carreira de tiro antiaéreo temporária que permitisse treinar as técnicas de tiro com os sistemas mísseis e canhão de AAA empregando os vários

sistemas de simulação disponíveis (Sistema de alvos aéreos MQM-170A – Outlaw, silhuetas e balões) e posteriormente executar tiro real com os sistemas míssil e canhão de AAA, permitindo de igual modo, o treino de procedimentos de coordenação do espaço aéreo e marítimo, em estreita ligação com a Força Aérea e a Marinha.

Esta fase do exercício permitiu o treino das guarnições dos Sistemas Míssil Portátil Stinger e Canhão Bitubo, incrementando a eficácia dos sistemas de AAA ao serviço do Exército português, empregando o alvo aéreo MQM-170A Outlaw, que proporcionou potencialidades e mais-valias, nomeadamente, perfis de voo semelhantes aos de uma aeronave real, pela possibilidade de se ajustarem soluções à medida do utilizador, apoiados em vários cenários representativos de perfis de ataque de meios aéreos, que permitiriam simular o mais próximo possível do real o emprego da Artilharia Antiaérea na interceção de ameaças aéreas, designadamente DRONES, UAVs, helicópteros e aeronaves de asa fixa.

Os objetivos previstos na realização da vertente LFX foram integralmente atingidos, tendo em conta que foi registado um impacto direto e um derrube dos alvos aéreos MQM-170A Outlaw com Sistemas Míssil Portátil Stinger, bem como foram destruídos todas as silhuetas e balões com o Sistema Canhão Bitubo.

No que diz respeito dos apoios ao exercício como um todo, foi possível contar com a participação de 18 viaturas e cerca de 105 militares do Exército. Contou-se ainda com a participação de 06 elementos Norte-Americanos (04 elementos da Equipa dos alvos aéreos MQM-170A Outlaw e 02 elementos da Equipa Stinger). De destacar a colaboração "in loco" por parte do NRP Cuanza da Marinha na interdição do espaço marítimo (510 km2), da Polícia Marítima para interdição das praias e da Base Aérea Nº5 da Força Aérea Portuguesa para apoio na interdição do espaço aéreo (5100 km3).

No seio do Exército, foram prestados apoios pela Escola das Armas, Regimento de Artilharia N.º4, Regimento de Artilharia N.º5, Regimento de Engenharia N.º1, Regimento de Infantaria N.º13, Regimento de Infantaria N.º14, Regimento de Transportes, Regimento de Manutenção, Regimento de Transmissões, Unidade de Apoio da Brigada de Intervenção, Centro de Audiovisuais do Exército, Centro de Saúde Militar de Coimbra e o Comando do Pessoal (Unidade tipo II de Vila Nova de Gaia).

Foram ainda prestados apoios de entidades exteriores às Forças Armadas, dos quais se destacam os Bombeiros Voluntários de Vieira de Leiria, Departamento de Conservação da Natureza e Floresta do Centro Litoral e a Guarda Nacional Republicana de Vieira de Leiria.

Os objetivos globais do Exercício RELÂMPAGO 17 foram amplamente atingidos tanto ao nível do planeamento, como ao nível do treino tático e execução dos fogos reais, ficando patenteada a extraordinária colaboração e participação de diversas entidades Militares e Civis exteriores ao Exército, que conjuntamente com a comunidade local, permitiram estabelecer relações de proximidade que muito dignificaram o RAAA1 e o Exército.

EXERCÍCIOS DA SÉRIE "MEDULA"

Ivo Cunha
Maj Inf

Complementarmente à atividade específica do Regimento de Infantaria Nº19 (RI19), e porque a grande maioria dos Quadros são da arma de Infantaria, o RI19 desempenha um papel preponderante no cumprimento da missão atribuída pela Brigada de Intervenção (BrigInt), que consiste em planear e realizar ações de refrescamento e nivelamento da técnica individual de combate e do tiro de combate para os comandantes de Unidades de escalão companhia, comandantes de pelotão, sargentos de pelotão e comandantes de secção, das unidades do seu encargo operacional.

Estas ações, com a duração de uma semana, tomaram a designação de "Exercício MEDULA" e consistem na realização de tarefas/instruções de carácter essencialmente prático, complementadas com os fundamentos teóricos indispensáveis à sua correta execução. Em suma, de 2006 até ao momento, o RI19 já planeou, preparou e realizou 13 "MEDULAS", vocacionados para os quadros recém-chegados à BrigInt.

Em moldes diferentes, e tomando por base este Exercício, foram ainda realizados 3 "MEDULAS", com as mesmas características dos anteriores, embora as matérias tivessem sido mais aprofundadas e vocacionadas para os militares que integraram as 3 Unidades de Engenharia (UNENG), aprontadas na BrigInt e que integraram a UNIFIL no Teatro de Operações do Líbano.

O exercício "MEDULA 161", decorreu de 21 a 25 de novembro, num período contínuo de cinco dias, incluindo instruções noturnas.

Nas tarefas/instruções realizadas foram incluídas:

- Proteger-se das vistas, progredir em vários tipos de contacto, executar fogo e movimento, assalto a uma posição, procedimentos com pessoal e material capturado;

- Reagir a fogos indiretos, reagir a uma emboscada afastada, relatar uma notícia, realizar um "RELIM" e um "SITREP", pedir fogos indiretos;

- Progredir em áreas edificadas, travessia de uma área perigosa linear, limpeza de uma área edificada;

- Reagir a um "SNIPER", contacto com o inimigo sem ter sido detetado, reagir a fogos indiretos;

- Fundamentos do tiro instintivo e nivelamento de conhecimentos, executar tiro instintivo diurno, executar tiro noturno com e sem o auxílio de aparelhos de visão noturna;

- Deslocamento em vários tipos de terreno e transposição de obstáculos em ambiente noturno.

Através dos Exercícios "MEDULA", o RI19 contribui decisivamente para a Missão da BrigInt na medida em que concorre para a preparação, incremento e normalização dos jovens quadros da Brigada.

TREINO E EXERCÍCIOS DO GAAA EM 2016

Tiago Castro
Cap Art

De acordo com o preceituado no recente Quadro Orgânico (QO) do GAAA, aprovado em março de 2016, "O Grupo de Artilharia Antiaérea (GAAA) prepara-se para executar operações em todo o espectro das operações militares, no âmbito nacional ou internacional, de acordo com a sua natureza".

Face à necessidade de assegurar as capacidades supracitadas, o GAAA desenvolveu um plano de treino orientado para a sistematização de rotinas individuais e coletivas e de procedimentos técnicos e táticos adequados ao exercício das respetivas funções definidas no QO, procurando otimizar os recursos humanos, materiais, financeiros, didáticos,

Para cumprir a sua missão principal, importa destacar a necessidade de assegurar as seguintes capacidades:

1. Possibilidade de integrar o Sistema de Defesa Aérea Nacional (SDAN);

2. Conferir proteção antiaérea a pontos/áreas sensíveis e unidades de manobra, de apoio de combate e de apoio de serviços de uma Unidade de escalão Brigada, contra aeronaves hostis voando a baixa e muito baixa altitude, através da constituição de uma unidade modular de escalão adequada à missão;

3. Fornecer apoio de Estado-Maior (EM) técnico de Artilharia Antiaérea (AAA) ao comando de uma Brigada;

4. Apoiar com um Pelotão de Míssil Portátil, uma operação aerotransportada com lançamento em paraquedas (desembarque aéreo) de um Batalhão de Infantaria Paraquedista.

cronológicos e doutrinários. Para isso, recorreu-se à concentração dos horários de treino das Baterias de Artilharia Antiaérea (BtrAAA)[1] num horário de treino do GAAA consolidado, contribuindo ainda para a promoção do treino coletivo nas matérias em que tal seja possível.

Além do treino coletivo do GAAA, foi prioritária a estruturação do planeamento anual de treino operacional do GAAA, fazendo coincidir os seus exercícios, com os de outras unidades de manobra e apoio de combate, adotando sempre que possível a modalidade de cross-trainning com o treino das subunidades de escalão Batalhão das Brigadas, ou seja, "as atividades de treino para consecução de exercícios de nível 2 (UEC) decorrerão simultaneamente com os exercícios de nível 3 (UEB), recorrendo a exercícios do tipo MAPEX, FTX e LFX[2] . Cumulativamente, manteve-se o planeamento de um exercício de Fogos Reais anuais com o objetivo de consolidar a execução técnica do tiro de Artilharia Antiaérea[3] .

1 Recorde-se que antes da aprovação do seu novo QO, as BtrAAA eram orgânicas de diferentes comandos, cada uma delas com as suas especificidades em termos de emprego e treino.

2 Plano de Treino do GAAA 2017.

3 Exercícios RELÂMPAGO 17 (LFX).

Relativamente à atividade operacional executada durante o 2º semestre de 2016, destacam-se a fase MAPEX do Exercício Neptuno 162 e o Exercício "Nivelamento" do GAAA. No primeiro exercício em referência, que se constituiu como o culminar de um ciclo de treino anual, foram treinados todos os procedimentos de planeamento e comando da 2ªBtrAAA, enquadrados num cenário de apoio a um Evento de Alta Visibilidade, tendo sido planeada a proteção a um ponto sensível.

Já o segundo exercício, marcou o início do próximo ciclo, referente ao ano de 2017, tendo sido treinados as técnicas e táticas de combate ao nível individual e de secção.

Ao nível do treino individual dos militares do GAAA, nos aspetos militares complementares, não essencialmente relacionados com a AAA, durante o ano de 2017, encontram-se planeadas diversas provas topográficas e sessões de tiro.

De acordo com as atividades planeadas, o GAAA já participou no presente ano com uma Secção de AAA equipada com Sistema Míssil Portátil Stinger no Exercício REAL THAW 17, numa primeira fase em apoio a uma Companhia do Batalhão de Comandos, e numa segunda fase em apoio ao 2º Batalhão de Infantaria Paraquedista numa operação de Evacuação de Não Combatentes[4].

Durante o Exercício CFX APOLO17, o GAAA apoiou o Comando da Brigada de Reação Rápida (BrigRR) através da cedência de militares para o seu EM Técnico. Cedeu ainda militares para a constituição de uma Célula de Resposta. Esta participação teve como finalidade a preparação para o Exercício ORION 17, no qual o Comando e EM da BrigRR serão alvo de uma avaliação para certificação. Neste âmbito, incumbe ao GAAA reforçar o EM Técnico da BrigRR, garantindo em simultâneo a participação de uma BtrAAA durante o LIVEX do Exercício ORION.

Os Exercícios da série DRAGÃO MAPEX, CPX e CFX da Brigada de Intervenção, previstos para o segundo semestre deste ano, irão contar de igual forma com a participação do GAAA.

Relativamente à série dos Exercícios NEPTUNO, encontram-se previstas 03 fases.

A primeira e a terceira fase seguem o princípio de "cross-trainning" e irão de correr em conjunto com exercícios do GRec e 1ºBIPara respetivamente, assegurando o treino de Unidades de AAA em apoio direto a unidades de manobra. Já o exercício NEPTUNO 17-2 encontra-se planeado para decorrer em simultâneo com o Exercício EFICÁCIA 17, possibilitando deste modo o treino de uma Bateria modular de AAA em apoio a um Grupo de Artilharia de Campanha.

Referências:

Diretiva nº 02/BrinInt/17 (Treino Operacional da Brigada de Intervenção - 2017);

Diretiva nº SOIS-2016-000001 de Comando do RAAA1 para o Biénio 2015/16;

Quadro Orgânico do Grupo de Artilharia Antiaérea 09.03.07 de 14MAR16;

Plano de Treino GAAA para 2017;

Diretiva do RAAA1 nº: SOIS-2017-000130, de 21de Fevereiro de 2017, PLANEAMENTO ANUAL DO TIRO PARA O ANO DE 2017.

4 Non-combatant Evacuation Operation (NEO).

A COMPANHIA DE ENGENHARIA DE COMBATE MÉDIA EM TREINO

Carlos Bom
Ten Eng

A Companhia de Engenharia de Combate Média (CEngCombMed), do Regimento de Engenharia nº3 (RE3) conduziu o seu treino operacional e participou em exercícios de diferentes níveis ao longo do ano transato de 2016, atividade que assertivamente continua durante o presente ano.

Na região de Sanguinhedo, em Vila Real, a CEngCombMed realizou o Exercício VENUS16, o seu exercício setorial de nível 3, entre os dias 14 e 18 de março de 2016. Para a realização deste exercício de Companhia foi fundamental o apoio do Regimento de Infantaria N.º13 (RI13), nomeadamente o fornecimento de 3 Viaturas Blindadas de Rodas (VBR) PANDUR II 8x8, que permitiram equipar as suas Secções de Engenharia (SecEng) com os seus meios orgânicos e treinar as suas técnicas, táticas e procedimentos (TTP's).

Este exercício teve como principal objetivo o treino da fortificação de campanha e tarefas de apoio à contramobilidade (lançamento de um campo de minas tático e destruições) e apoio à mobilidade (aberturas de brecha em obstáculos de proteção). Durante este exercício houve também o empenhamento de uma Secção de Equipamento (SecEq) que efetuou o melhoramento de itinerários em vários locais, combinando o seu treino com um real apoio à população da região (Figura 1).

Fig 1

Decorreu, de 18 a 22 de abril de 2016, na Carreira de Tiro da Gala e no Regimento de Artilharia nº5 (RA5), o Exercício Dragão162, na modalidade de CPX. A CEngCombMed participou com o Comando da Companhia, colaborando no planeamento e respondendo aos eventos do seu Comando de Brigada.

Entre 22 e 28 de maio de 2016, na Serra da Cabreira, a CEngCombMed participou no Exercício Plutão16, com uma Secção de Engenharia, em apoio do Grupo de Reconhecimento (GRec). Durante este exercício do Regimento de Cavalaria nº6 (RC6) a SecEng apoiou as operações desta força de manobra, treinando o reconhecimento de itinerários, o lançamento de campos minas de proteção, os trabalhos de fortificação de campanha e, por último, a execução de obstáculos em itinerários.

Após uma forte preparação com a realização do seu plano de treino e participação nos exercícios acima referidos, a CEngCombMed participou, por fim, no Exercício ORION16, que decorreu entre os dias 23 e 30 de junho de 2016, novamente apoiados pelo RI13 com 3 VBR.

O emprego do Pelotão de Engenharia, numa primeira fase, consistiu no apoio aos dois ERec (uma SecEng para cada ERec) visando o melhoramento das posições que este ocupava, enquanto a 3SecEng apoiou o EAM.

Após a transição para a operação defensiva, foram executadas posições de casco desenfiado para as Autometralhadoras (AM), aproveitando as dobras do terreno, e o lançamento de campos de minas táticos com o efeito de retardar o IN. Aquando da necessidade dos ERec realizarem a passagem de linha para a retaguarda das nossas forças foi realizada a marcação da passagem nos campos de minas anteriormente lançados e, no final de toda a força ter passado, efetuou-se o fecho da passagem.

Terminado o ano de 2016, o início do ciclo de treino de 2017 foi muito orientado para a formação base de Sapador devido à falta de militares com esta especialidade na Companhia, (Figura 2 e 3).

Fig 2

Fig 3

Esta falta de especialização deveu-se à passagem à disponibilidade dos últimos militares com esta formação, não havendo reposição de efetivos com essa especialidade. Após essa formação de base iniciou-se o treino de Secção e Pelotão, com o objetivo de ter a Companhia pronta para ser testada no exercício VENUS17, (Figura 4), e continuar a seu treino com vista às eventuais participações nos exercícios DRAGÃO17 e ORION17.

Fig 4

O VENUS17 decorreu entre 27 e 31 de março de 2017, novamente em Sanguinhedo e, uma vez mais, com um forte apoio do RI13 que cedeu não só as 3 VBR necessárias mas também forças de cenário. Isto permitiu dar um maior realismo às operações treinadas e um treino combinado com claras mais-valias para a formação e treino dos militares destes dois Regimentos. Através de um cenário que foi evoluindo de uma operação de estabilização, (Figura 5), para uma defensiva com posterior contra-ataque, a CEngCombMed treinou a grande maioria das

Fig 5

suas tarefas críticas, dos diferentes objetivos do sistema de engenharia, combinadas com a reação a eventos como flagelações e incidentes com IED. Testou ainda a sua capacidade de autodefesa com a implementação e ativação de um plano de defesa da FOB e na ocupação de uma posição defensiva, atuando como infantaria apeada. São de destacar as seguintes tarefas:

- Reconhecimento de itinerários (Figura 6);
- Apoio ao estabelecimento de checkpoints;
- Reconhecimento e execução de demolições;
- Apoio à fortificação de campanha;
- Lançamento de obstáculos táticos e de proteção;
- Fecho de passagens em campos de minas (Figura 7);

Fig 6

- Aberturas de brechas cobertas e deliberadas, em obstáculos táticos e de proteção (Figura 8).

Fig 7

Fig 8

Em suma, foi um ano importante onde a Companhia de Engenharia de Combate Média pôde contar com os meios que equipam a restante Brigada no que diz respeito às VBR PANDUR II 8x8 e realizar treino combinado. Isto revelou-se extremamente importante para esta Companhia uma vez que lhe permitiu treinar e validar as suas TTP's enquanto Força Blindada de Rodas de Apoio de Combate. O objetivo foi e continua a ser dotar a Brigada de Intervenção de uma Companhia de Engenharia cada vez mais preparada e capaz de apoiar as suas operações.

FORMAÇÃO NO RC6
VBR PANDUR II 8X8 E V150/V200

Orlando Gomes
Maj Cav

Decorreram no Regimento de Cavalaria Nº 6 (RC6), entre janeiro e fevereiro de 2016 e janeiro de 2017, incluídos no Plano de Formação Anual, 06 (seis) cursos de VBR PANDUR II 8x8 da tipologia VCB e RWS e um estágio de VBR PANDUR II 8x8 da tipologia CPV (Quadro 1).

Quadro 1

CURSO	DATA	N.º FORMANDOS	UNIDADE DE ORIGEM
Chefe VBR PANDUR II 8X8 VCB	11 a 26Jan16	03	GRec/RC6
Operador VBR PANDUR II 8X8 VCB	11 a 26Jan16	03	GRec/RC6
Chefe VBR PANDUR II 8X8 RWS	01 a 11Fev16	03	GRec/RC6
Operador VBR PANDUR II 8X8 RWS	01 a 11Fev16	07	GRec/RC6
Estágio VBR PANDUR II 8X8 CPV	01 e 02Fev16	15	GRec/RC6, RI14 e RI13
Chefe VBR PANDUR II 8X8 VCB	09 a 24Jan17	02	GRec/RC6
Operador VBR PANDUR II 8X8 VCB	09 a 26Jan17	09	GRec/RC6

Os cursos contaram com um total de 42 formandos, provenientes na sua maioria do Grupo de Reconhecimento (GRec) do RC6, mas também do Regimento de Infantaria N.º 14 (RI14) e do Regimento de Infantaria N.º 13 (RI13).

Os cursos da versão VCB versam a caracterização, utilização e manutenção da viatura PANDUR II 8X8 VCB, descrição, instalação, preparação para operar, colocação em funcionamento e manutenção do radar BOR - A550; descrição do sistema de reconhecimento, instalação e preparação para operação, como operar o sistema de reconhecimento e execução da manutenção preventiva do equipamento.

Os cursos da versão RWS abordam a caracterização, atuação como elemento da guarnição e operação da viatura PANDUR II 8X8 (RWS), descrição, utilização e manutenção da unidade de tiro remoto e como operar e executar a manutenção da MP Browning 12,7mm M2 HB.

O estágio da versão CPV versa a caracterização da viatura PANDUR II 8X8 CPV, caracterização e colocação em funcionamento da unidade auxiliar de energia (UAE) e instalação da tenda Posto de Comando.

Decorreram no Regimento de Cavalaria Nº 6 (RC6), entre janeiro e novembro de 2016, incluídos no Plano de Formação Anual, cinco cursos no âmbito das viaturas AM Cadillac Gage V150 e VBR Chaimite V200, nomeadamente condutores, apontadores e municiadores (Quadro 2).

Quadro 2

CURSO	DATA	N.º FORMANDOS	UNIDADE DE ORIGEM
Apontador V 150	11 a 29Jan16	09	GRec/RC6
Condutor V 200	18 a 29Jan16	10	GRec/RC6
Condutor V 150	19 a 30Set16	06	GRec/RC6
Condutor V 200	10 a 21Out16	10	06 GRec/RC6, 02 EA e 02 RTransp
Municiador V 150	07 a 11Nov16	07	GRec/RC6

Os cursos contaram com um total de 42 formandos, provenientes na sua maioria do Grupo de Reconhecimento (GRec) do RC6, mas também da Escola das Armas (EA) e do Regimento de Transportes (RTransp).

As matérias ministradas aos cursos incidiram essencialmente na técnica da especialidade da viatura, onde foram abordadas as características e possibilidades, regras de segurança, componentes mecânicos e elétricos e palamentar e equipar a viatura.

Os formandos dos cursos de condutores tiveram ainda os módulos de condução diurna, noturna e taticamente. Os formandos dos cursos de apontador e municiador abordam, além das matérias já referidas, as relativas ao grupo da torre da V150.

No final, todos os formandos terminaram os cursos com aproveitamento.

A FORMAÇÃO NO REGIMENTO DE TRANSMISSÕES

Paulo Esteves
Maj Tm

O Regimento de Transmissões (RTm), ao longo do ano de 2016 até ao primeiro trimestre de 2017, no cumprimento da sua missão de se constituir como Pólo de Formação da Escola das Armas (EA), desenvolveu como é seu apanágio, um grande número de atividades no âmbito da formação. A vasta oferta formativa e a grande qualidade da mesma só foram garantidas à custa de um grande esforço dos militares que foram designados formadores das diversas atividades de formação.

Durante o referido período, continuou-se a garantir o funcionamento das academias criadas no RTm, que permitem diversificar a oferta formativa, garantir a qualidade da formação (devido à certificação dos formadores e à constante atualização dos conteúdos curriculares), reduzir os custos na formação individual e atribuir certificações que são reconhecidas no meio civil. A Academia Cisco, criada desde 2009 pretende suprir grande parte da formação ligada à área das redes de comunicação e a "Microsoft IT Academy", criada em maio de 2015, mais ligada à área dos sistemas de informação.

Os recursos humanos que constituem o conjunto dos formadores destas duas academias pertencem à componente operacional do RTm, acumulando funções nas respetivas academias. Este fato por um lado garante uma otimização da formação, pela estreita ligação entre a formação e o emprego operacional do conhecimento adquirido, mas por outro exige uma grande capacidade de coordenação de forma a rentabilizar os recursos humanos e materiais disponíveis.

No esforço continuo de manter a elevada qualidade da formação e adaptar a oferta formativa às necessidades operacionais, é de salientar a realização do 1º Curso de Voice Over Internet Protocol. Este curso de qualificação, com a duração de quinze dias uteis, visa habilitar os formandos com os conhecimentos necessários para desempenhar funções como técnico ou administrador de redes de comunicação do SIC-Op e SIC-T das U/E/O de Transmissões, na área específica de voz sobre IP.

Sendo evidente que a escassez de recursos humanos, ligados à área da formação, é um grande obstáculo à qualidade e quantidade da formação ministrada no RTm, não se pode deixar de salientar o elevado volume de formação ministrada ao longo do ano de 2016 até ao primeiro trimestre de 2017.

Foram ministrados no Regimento de Transmissões um total de 57 cursos e estágios, a 639 formandos (Marinha: 2/0/0; Exercito: 137/165/316; Força Aérea: 17/1/1), totalizando 6724 horas de formação. Para além da formação a militares do Exército é de destacar o apoio prestado na formação de militares dos outros ramos.

CURSOS E ESTÁGIOS MINISTRADOS NO RTM EM 2016

CURSO	INICIO	FIM	Efetivo
2º módulo do Curso CCNA R&S ICND1 - 42º CFS TM	30Nov15	13Jan16	5
1ºCurso IT-ESSENTIALS	11Jan16	29Jan16	7
Curso IT-ESSENTIALS – TPO TM 2015/2016	11Jan16	29Jan16	6
1º módulo do Curso CCNA R&S ICND2 - 42ºCFS TM	13Jan16	12Fev16	5
Estágio de Meios de Transmissões no TO – 2BIPara/FND/KOSOVO	25Jan16	29Jan16	4
Estágio de Segurança Cripto – 2BIPara/FND/KOSOVO	25Jan16	29Jan16	2
Curso de Operação do Sistema P/525 – TPO TM 2015/2016	01Fev16	05Fev16	6
1ºCurso ASRL/1ºCURSO MICROSOFT TECHNOLOGY ASSOCIATE – IT INFRASTRUCTURE (MTA-IT INFRASTRUCTURE)	01Fev16	02Mar16	2
1º Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército/2016	01Fev16	06Mai16	119
Curso IT - ESSENTIALS – 43º CFS TM	15Fev16	04Mar16	5
2º módulo do Curso CCNA R&S ICND2 - 42ºCFS TM	15Fev16	11Mai16	5
Curso de Configuração e Gestão do Sistema P-525 – TPO TM 2015/2016	22Fev16	02Mar16	6
Curso CCNA WIRELESS	22Fev16	04Mar16	14
2ºCurso ASRL/2ºCURSO MICROSOFT TECHNOLOGY ASSOCIATE – IT INFRASTRUCTURE (MTA-IT INFRASTRUCTURE) – TPO TM 2015/2016 e 43ºCFS TM	07Mar16	08Abr16	11
Curso IT – ESSENTIALS – CTmAS Sargentos	29Mar16	15Abr16	5
Curso SICCE – Refresh	29Mar16	15Abr16	5
1ºCurso de Configuração e Gestão do Sistema P-525 – PFA16	11Abr16	22Abr16	9
1º módulo do Curso CCNA R&S ICND1 – TPO TM 2015/2016	11Abr16	06Mai16	6
1º módulo do Curso CCNA R&S ICND1 – 43ºCFS TM	11Abr16	06Mai16	5
3ºCurso ASRL/3º Curso MICROSOFT TECHNOLOGY ASSOCIATE – IT INFRASTRUCTURE (MTA-IT INFRASTRUCTURE) – CTmAS Sargentos	18Abr16	16Mai16	5
1º módulo do Curso CCNA R&S ICND1 (Presencial) – EMGFA/EMFA	26Abr16	29Abr16	9
2º Curso IT – ESSENTIALS – PFA 2016	09Mai16	27Mai16	10
2º módulo do Curso CCNA R&S ICND1 – TPO TM 2015/2016	09Mai16	03Jun16	6
2º módulo do Curso CCNA R&S ICND1 – 43ºCFS T	09Mai16	03Jun16	5
FEI para a Especialidade 17 – Comunicações/1ºT-2016	09Mai16	07Jun16	53
1ºCurso de Auxiliar do Técnico de Comutação e Redes – Praças	30Mai16	27Jun16	7
2º módulo do Curso CCNA R&S ICND1 (Presencial) – EMGFA/EMFA	06Jun16	09Jun16	9
1º módulo do Curso CCNA R&S ICND2 – TPO TM 2015/2016	06Jun16	01Jul16	6
FEI para a Especialidade 17 – Comunicações/2ºT-2016	13Jun16	08Jul16	15
3ºCurso IT – ESSENTIALS – PFA 2016	20Jun16	11Jul16	8
1º módulo do Curso CCNA R&S ICND2 (Presencial) – EMGFA/EMFA	04Jul16	08Jul16	4
2º módulo do Curso CCNA R&S ICND2 – TPO TM 2015/2016	04Jul16	29Jul16	6
Estágio de Meios de Transmissões no TO – 1BIMec/FND/KFOR 2	11Jul16	15Jul16	6
1ºCurso de Material e segurança Cripto – Praças	18Jul16	22Jul16	20
2º módulo do Curso CCNA R&S ICND2 (Presencial) – EMGFA/EMFA	01Ago16	05Ago16	3
Curso de Material e segurança Cripto – Praças RI13/FND/KFOR/2016	08Ago16	12Ago16	1
Curso CCNA VOICE OVER INTERNET PROTOCOL (VOIP) -TPO TM 2015/16	01Set16	21Set16	6
Curso IT – ESSENTIALS – CTmAS – Oficiais	12Set16	30Set16	12
Curso de Configuração e Gestão do Sistema P-525	19Set16	30Set16	9
Curso ASRL/CURSO MICROSOFT TECHNOLOGY ASSOCIATE – IT INFRASTRUCTURE (MTA-IT INFRASTRUCTURE) – CTmAS Oficiais	03Out16	31Out16	12
2ºCurso de Auxiliar do Técnico de Comutação e Redes – Praças	03Out16	28Out16	9
Curso CCNA VOICE OVER INTERNET PROTOCOL (VOIP)	31Out16	18Nov16	12
Curso IT-ESSENTIALS – PFA 2016	12Nov16	02Dec16	10
1º módulo do Curso CCNA R&S ICND2 – 43ºCFS TM	28Nov16	06Jan17	5
2ºCurso de Material e segurança Cripto – Praças	28Nov16	02Dec16	17
3ºCurso de Material e segurança Cripto – Praças	12Dec16	16Dec16	7
2ºMódulo CCNA R&S INCD2 para o 43º CFS	09Jan17	03Fev17	5
Curso Operador de Sistemas de Informação (OSI) – Praças	16Jan17	10Fev17	6
Formação em CALI LINUX - PEN TEST	16Jan17	20Jan17	19
1º Curso de Configuração e Gestão do Sistema P-525 - TPO TM 2016/17	23Jan17	03Fev17	11
Estágio de Administração de SICCE para o TPO TM	06Fev17	10Fev17	11
1ºCCNA Security - 43º CFS TM	06Fev17	03Mar17	5
Curso IT-Essentials - TPO TM e 44ºCFS TM	13Fev17	18Mar17	17
1ºCurso Material e Segurança Cripto (Praças)	13Fev17	17Fev17	16
1º Formação Específica Inicial (FEI) para a Especialidade 17 – Comunicações	15Fev17	17Mar17	33
1º Curso CCNA VOICE OVER IP no âmbito do 43º CFS TM	07Mar17	27Mar17	7
1º Curso ASRL/ 1º Curso Microsoft Technology Associate - IT Infrastructure (MTA-IT Infrastructure)	09Mar17	06Abr17	17
2ª Ação de formação em operação do Sistema P525 inserido no 43ºCFS TM	28Mar17	03Abr17	10

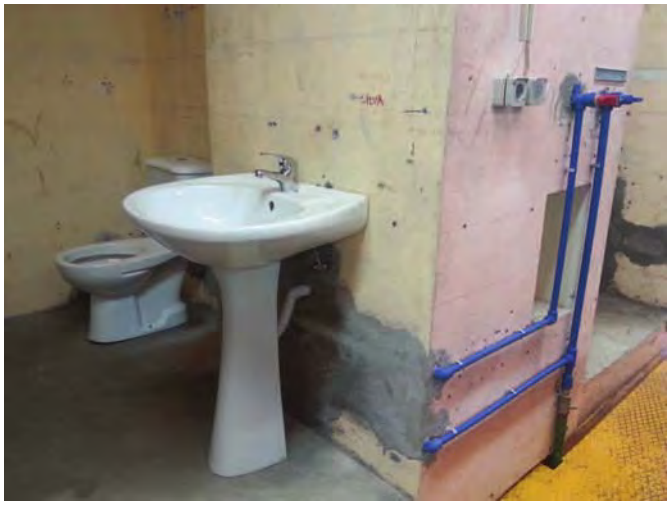
A FORMAÇÃO PROFISSIONAL E O SERVIÇO MILITAR

Telmo Sentieiro
Maj Eng

O RE3, enquanto Polo de Formação Permanente da Escola das Armas (EA) e da Escola dos Serviços (ES), ministra diversos cursos de Engenharia de Construções nas suas vertentes, horizontal e vertical. Esta formação decorre ao abrigo de acordo de colaboração com o Centro de Emprego e Formação Profissional de Entre o Douro e Vouga (CEFPEDV), sendo certificada pelo IEFP e encontrando-se inscrita no catálogo nacional de qualificações.

A formação assenta no modelo de formação constituído por unidades de formação de curta duração (UFCD), sendo composta por duas componentes, uma tecnológica com cerca de 170 dias uteis de formação e outra de formação prática em contexto de trabalho (FCT), vulgarmente designado por estágio profissional, com uma duração de 15 dias uteis de formação.

Durante a FCT os formandos são integrados nas equipas de trabalho do RE3 ou em oficinas militares ou civis, desenvolvendo diversos trabalhos no interior e exterior da Unidade em prol do Exército e das populações. É nesta fase, que os formandos têm a oportunidade de aplicar os conhecimentos e competências adquiridos em atividades concretas de contexto real de trabalho, criando assim hábitos de trabalho bem como desenvolvendo o sentido de responsabilidade profissional.



Na vertente das Construções Horizontais o RE3 foi percursor, sendo atualmente a única entidade a ministrar o percurso formativo de Operador de Equipamento Pesado de Engenharia (OEPE) e Mecânico de Equipamento Pesado de Engenharia (MEPE) na sua totalidade.

Até hoje, foram formados 365 OEPE e 157 MEPE, alguns dos quais oriundos de países Amigos.

Na vertente de Construções Verticais, o RE3 ministra os cursos de Eletricista de Instalações, Canalizador, Serralheiro Civil, Carpinteiro, Pintor de Construção Civil, Ladrilhador/Azulejador e Pedreiro decorrendo a formação nas instalações do CEFPEDV e do RE3. Até à presente data foram formados 52 eletricistas, 51 canalizadores, 15 serralheiros e 45 carpinteiros, oriundos de U/E/O do território Continental e Insular.

A Formação Profissional certificada é um pilar essencial para o RE3 constituindo-se como um veículo que atrai os jovens às fileiras, os mantém proficientes e os prepara para o futuro, servindo!

A ATIVIDADE FORMATIVA DO RAAA1 EM 2016

SOIS RAAA1

O ano de 2016 apresentou-se como particularmente exigente para o Regimento de Artilharia Antiaérea Nº 1 no domínio da atividade formativa, pois para além dos habituais cursos de qualificação e de formação no âmbito das competências técnicas de Artilharia Antiaérea, foi também ministrado 5º Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército (5ºCFGCPE), o qual decorreu ao longo de três meses - 60 dias úteis - e contou com uma alocação extraordinária de recursos humanos, meios materiais e de infraestruturas.

De realçar, no âmbito dos recursos humanos, que as equipas de instrutores foram constituídas exclusivamente por militares do Regimento, sendo que na fase da Instrução Básica estas equipas contaram com o apoio dos Sargentos alunos da Escola de Sargentos do Exército.

No âmbito das qualificações de Artilharia Antiaérea orientadas para o desempenho de cargos, foi cumprido integralmente o Plano de Formação Anual, conforme previsto.

De realçar o facto destas ações de formação terem recebido militares formandos de outras Unidades de Artilharia, designadamente, dos Regimentos de Guarnição Nº2 e Nº3, Açores e Madeira, respetivamente; da Escola das Armas, Mafra; e da Bateria de Artilharia Antiaérea da Brigada Mecanizada, Campo Militar de Santa Margarida.

Para além do previsto, o RAAA1 foi solicitado para apoio à Escola de Sargentos do Exército e Escola das Armas, tanto em visitas de estudo, como em ações de Formação nas Especialidades de Artilharia Antiaérea dos Cursos de Sargentos e Oficiais em Regimento de Voluntariado e Contrato; e ainda nos Estágios Tecnico-Tático e Estágio em Contexto Operacional, ambos direcionados para os Aspirantes Alunos do Tirocínio para Oficiais de Artilharia do Quadro Permanente.

O apoio prestado pelo RAAA1 estendeu-se à cedência de equipas de instrução, tanto no apoio aos Cursos de Formação Geral de Praças do Exército; bem como no apoio à instrução dos Cadetes da Academia Militar.

A tabela a seguir indicada, apresenta um resumo sistematizado de toda a atividade formativa realizada pelo RAAA1 em 2016, destacando-se o número total de ações de formação; de dias úteis de formação; e de formandos – sobretudo, tendo em conta os recursos humanos de que o Regimento dispõe e toda a restante atividade desenvolvida ao longo do referido ano, nomeadamente: atividade operacional; atividades de apoio ao desenvolvimento e bem-estar (ex: patrulhamentos à Serra de Sintra e à Serra da Arrábida); atividades de divulgação do Exército (Ex: Dia da Defesa Nacional); participação no cerimonial militar; atividades no âmbito das relações com as autoridades locais e população; atividades de conhecimento, investigação e desenvolvimento (destaca-se o projeto da AAA e a elaboração do Livro de AAA); atividades de preservação e beneficiação de infraestruturas; participação e organização de atividades desportivas e de reforço da coesão; entre outras atividades.

TABELA RESUMO DA ATIVIDADE FORMATIVA REALIZADA EM 2016 PELO RAAA1

Tipologia de Ação de Formação	Nº de ações de formação ocorridas	Dias úteis de Formação	Nº de formandos
Qualificação (Chaparral/Stinger/Radar AAA /Alvos Aéreos	04	48	27
Promoção	00	00	00
Formação (5ºCFGCPE/CFO Míssil/CFO Radar//CFS Míssil/Formação de Praças no cargo	06	180	87
Estágios (Apoio de CFS da ESE ao 5º CFGCPE; Estágios TPO)	03	63	17
Visitas (CPSAJ/CFO Canhão/TPO/CFS)	05	05	37
Total	**16**	**295**	**161**

PARTICIPAÇÃO DA BRIGADA NAS COMPETIÇÕES DESPORTIVAS MILITARES

João Rasteiro
Cap Inf

A nossa sociedade tem vindo a mudar a sua maneira de pensar em relação à prática de atividade física e ao método de treino para atingir a performance desejada.

A prática desportiva no Exército visa contribuir para o desenvolvimento da robustez física e psicológica do militar, espírito de camaradagem, espírito de equipa, determinação e aptidão física necessária para desempenhar a sua função.

"A Educação Física, racionalmente conduzida, contribui para o desenvolvimento, não só do valor físico do indivíduo como também das suas qualidades de carácter e do seu valor moral, concorrendo, assim, para completar a sua formação profissional" (REFE, 2002, pág. 1-1).

Fig 1 - Troféu do Exército

As CDM iniciam-se numa primeira fase pela competição interna de cada Unidade, seguidas de uma segunda fase entre Unidades da BrigInt, cujo objetivo é selecionar os atletas com melhor prestação para representar a Brigada na terceira fase ao nível do Exército e na quarta fase ao nível das Forças Armadas.

Pretende-se fomentar o espírito da prática desportiva, o desejo de vencer com desportivismo e a sã camaradagem, preservando sempre o respeito pelo outro.

Durante o ano de 2016, a BrigInt e as suas Unidades participaram nas CDM nas diferentes fases e nas modalidades de Corta-Mato, Orientação, Tiro Desportivo, Pentatlo Militar e Duatlo BTT.

Esta excelente participação contribuiu para promover o espírito de corpo entre os militares da BrigInt e para afirmar a sua imagem de excelência no seio do Exército e das Forças Armadas.

As CDM nas diversas modalidades tiveram a seguinte calendarização:

Tabela 1: Calendarização das Competições Desportivas Militares em 2016

Modalidade	Fase II		Fase III				Fase IV			
	UnOrg	Data	Estágio		Org	Data	Estágio		Org	Data
Corta-mato	RC 6	14 e 15Jan	RC6	25 a 29Jan	BrigMec	04 e 05Fev	-	-	ARM	17 e 18Fev
									FAP	17 a 18Mar
Orientação	RA 5	21 a 24Mar	RA5	28Mar a 01Abr	RAAA1	04 e 08Abr	-	-	RA4 EX	10 a 14Out
Tiro Desportivo	RI 19	04 a 08Abr	UnAp (carabina)	26 a 29Abr	ES/DF	02 a 06Mai	-	-	PSP	14 a 17Jun
			RC6 (pistola)							
Pentatlo Militar	RE 3	16 a 20Mai	RE3	23 a 27Mai	RI1/BRR	04 a 08Jul	-	-	-	-
Duatlo BTT	RTm	12 a 16Set	RTm	-	EA/DF	22 a 23Set	-	-	GNR	24 a 28Out

Durante a Fase II – Brigada, é de salientar a forma eficaz e eficiente com que as Unidades responsáveis pela organização das diversas CDM demonstraram, sempre com o objetivo de selecionar os mais aptos para representar a BrigInt na Fase III – Exército e obter excelentes resultados. Os resultados finais das CDM Fase II – BrigInt permitiram apurar o Regimento de Infantaria 13 como vencedor do "Troféu de Mérito Desportivo - BrigInt 2016" pelo segundo ano consecutivo.

Fig. 2 – Troféu de Mérito Desportivo Brigada de Intervenção

A classificação final da Fase II – Brigada foi a seguinte:

Tabela 2: Classificação geral das Unidades da BrigInt nas CDM Fase II.

Equipas	Corta-mato	Orientação	Tiro	Pentatlo Militar	Duatlo BTT	Class Final
RI 13	1 (9 pts)	1 (9 pts)	1 (9 pts)	2 (8 pts)	3 (7 pts)	1°
RC 6	2 (8 pts)	2 (8 pts)	4 (6 pts)	3 (7 pts)	1 (9 pts)	2°
RI14	3 (7 pts)	4 (6 pts)	2 (8 pts)	4 (6 pts)	6 (4 pts)	3°
RE3	8 (2 pts)	6 (4 pts)	3 (7 pts)	1 (9 pts)	4 (6 pts)	4°
UnAp/Cmd	6 (4 pts)	3 (7 pts)	5 (5 pts)	5 (5 pts)	- (3 pts)	5°
RAAA1	4 (6 pts)	5 (5 pts)	- (1 pts)	- (4 pts)	- (3 pts)	8°
RA 5	7 (3 pts)	7 (3 pts)	6 (4 pts)	- (4 pts)	4 (6 pts)	6°
RTm	5 (5 pts)	- (1 pts)	8 (2 pts)	- (4 pts)	2 (8 pts)	6°
RI19	9 (1 pts)	8 (2 pts)	7 (3 pts)	- (4 pts)	- (3 pts)	9°

Para alcançar os objetivos das CDM Fase III - Exército, a BrigInt seguiu um plano de treinos pormenorizado orientado pelos selecionadores das diversas modalidades pertencentes às Unidades da BrigInt e com a realização dos estágios das CDM para a Fase III – Exército. Este esforço inequívoco e com grande espírito de sacrifício permitiu que a BrigInt conquistasse o "Troféu Comando do Exército – 2016", pela sexta vez consecutiva.

Tabela 3: Classificação geral das Unidades nas CDM Fase III.

	AM	CMDLOG/ DFIN	CMDPESS	CFT/EME	BrigMec	BrigInt	BrigRR	ZMA	ZMM
Corta-Mato	9	5	2	6	4	1	3	8	7
Orientação	9	4	2	6	5	1	3	8	7
Tiro Desportivo	8	5	4	6	3	2	1	7	8
Pentatlo Militar	6	6	3	2	5	1	4	6	6
Duatlo	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	32	20	11	20	17	5	11	29	28
Class Finais	**9**	**6**	**3**	**5**	**4**	**1**	**2**	**8**	**7**

Com a sua brilhante participação na Fase III – Exército, a BrigInt contribuiu na Fase IV – Forças Armadas com 8 militares na modalidade de Corta-mato, 9 militares na modalidade de Orientação, 4 militares na modalidade de Tiro e 5 militares na modalidade de Duatlo-BTT, num total de 26 militares.

A BrigInt com a sua participação em todas as modalidades das CDM, pretende incentivar os seus militares à prática de atividades desportivas, fomentando assim as relações pessoais entre os militares das várias Unidades e desenvolver cada vez mais as capacidades psicomotoras de cada um, como complemento da sua atividade operacional.

Que a "aptidão física, para o militar, signifique um conjunto de qualidades físicas, psicológicas, sociais e culturais que, assentes na prática permanente do exercício físico e influentes na estruturação do seu comportamento motor, se consideram indispensáveis ao desempenho das diferentes missões que lhe podem ser confiadas" (REFE, 2002, pág. 1-2).

O RAAA1 ORGANIZA A FASE III DO CAMPEONATO DE ORIENTAÇÃO

SOIS do RAAA1

O RAAA1 organizou o Campeonato Desportivo Militar (CDM) de Orientação - Fase III – Exército, no período de 04 a 08abr16, nas regiões de Sesimbra e de Sintra, com a finalidade de apurar os militares para a Fase IV – Forças Armadas.

As provas compreenderam a participação de 135 atletas, pertencentes a 8 delegações militares. O "Troféu Comando do Exército" foi atribuído à Brigada de Intervenção, delegação que obteve a melhor classificação coletivamente e na prova de estafetas.

O CDM de Orientação é uma das modalidades que integram o calendário desportivo anual constituído por 5 CDM, os quais pontuam para a classificação do "Troféu Comando do Exército". Esta competição decorreu em 05 e 06Abr18 na região de Sesimbra, nomeadamente no Meco e Lagoa de Albufeira, em Abr16, na região de Sintra, em Colares.

A cerimónia de encerramento teve lugar na Parada "Themudo Barata", a qual foi presidida pelo Excelentíssimo Tenente-General Fernando Celso Vicente de Campos Serafino, em representação do Chefe de Estado-Maior do Exército.

COMPETIÇÃO DESPORTIVA MILITAR DE CORTA-MATO

- FASE II-BRIGINT-2016

Jonel Ribeiro
1Sarg Cav

As Competições Desportivas Militares (CDM), têm como objetivos primordiais incentivar a prática de atividades desportivas, contribuindo para o desenvolvimento das capacidades psicomotoras dos militares, em complemento da atividade operacional, fomentando a convivência entre militares que servem o Exército e elevando o espirito de camaradagem e amizade. Simultaneamente, visa também contribuir para enaltecer e prestigiar, de forma lúdica e saudável, a Instituição Militar.

Para a Brigada de Intervenção (BrigInt), para além dos objetivos já referidos, a Fase II destes Campeonatos serve também para selecionar os militares mais aptos a integrar as equipas da BrigInt que disputam as CDM na Fase III – Exército.

Tendo em conta o anteriormente referido, a BrigInt, na sua Diretiva 01/BrigInt/16, incumbiu o Regimento de Cavalaria N.º 6 de organizar o CDM de Corta-Mato Fase II BringInt 2016, nos dias 14 e 15Jan16. Esta Diretiva da Brigada deu, por sua vez, origem à Diretiva 137/RC6/16, do Regimento de Cavalaria 6, por forma a iniciar os trabalhos necessários para a organização, planeamento e realização condigna desta competição.

Como qualquer evento desportivo, as preocupações para a entidade organizadora são várias, e há que dar início a um conjunto de tarefas, para que nada falhe e para que tudo corra como planeado.

Posto isto, as principais tarefas/preocupações na organização desta prova foram as seguintes:

- Nomeação da comissão organizadora de forma a distribuir tarefas;

- Condições e estado do local da prova;

- Traçado e distâncias dos percursos (Masculino/Feminino);

- Prémios;

- Patrocinadores (dorsais e apuramento de classificações através de chip);

- Aspetos Logísticos (tendas para o dia do evento, alojamento e refeições para todos participantes).

Esmiuçando cada uma das preocupações. Com a nomeação da Comissão Organizadora conseguimos descentralizar preocupações e responsabilidades em várias vertentes da organização e criar várias Subcomissões, cada uma delas com tarefas específicas a desenvolver.

Foram assim constituídas as seguintes Subcomissões:

(1) Subcomissão Técnica

(2) Subcomissão de Resultados e Secretariado

(3) Subcomissão de Protocolo

(4) Subcomissão de Logística

(5) Subcomissão Sanitária

Sendo esta CDM, de Corta-Mato, existiram aspetos muito importantes a ter em conta quanto à organização de um evento deste género, nomeadamente o local e distâncias para a realização da prova.

O Corta-Mato é uma competição de equipa em que os atletas/militares competem numa corrida em terreno aberto ou acidentado.

Difere de corrida em estrada ou corrida em pista principalmente no percurso, que poderá incluir relva, lama, mata ou água.

Uma vez que participam atletas femininas outras das preocupações que tivemos em conta foi a distância do percurso, em que para os atletas masculinos a prova poderá rondar os 8/12km, enquanto para as atletas femininas deverá ter 6/8km.

De forma a organizar o evento com condições semelhantes a qualquer grande prova deste género no âmbito civil, existiu a necessidade de obter patrocínios para aquisição de dorsais para os atletas, bem como encontrar uma empresa que certificasse os resultados através de chip, de forma evitar dúvidas e a apurar os resultados de forma célere.

Nas Competições Desportivas, a motivação é o combustível de qualquer atleta para atingir as suas metas ou marcas pessoais.

O campeonato decorreu, como referido, de 14 a 15Jan16, no Regimento de Cavalaria N.º 6, e contou com a participação das 9 Delegações pertencentes à BrigInt, perfazendo um total de 139 atletas que participaram nos diversos Escalões Masculinos e Femininos desta Competição.

Uma das intenções por parte do Comando do Regimento, quando planeou a organização deste evento, foi a aquisição de um prémio de forma a, não só motivar os atletas, mas que também permitisse, um dia mais tarde olhar para esse mesmo prémio e recordar este evento organizado pelos "Dragões D´Entre Douro e Minho".

Sendo nós militares, a área da logística acompanha-nos para todo o lado, não havendo nenhum planeamento/evento/exercício em que não precisemos dela e as CDM não fogem à regra.

Das cinco CDM realizadas pela BrigInt ao longo do ano, considerando a experiência adquirida em anos anteriores, esta CDM de Corta-Mato é sem dúvida uma das que acarreta mais militares por parte das Delegações participantes nesta competição.

Este aspeto, requer uma maior atenção, tanto no que respeita ao alojamento disponível para albergar todos os participantes, como no aumento da quantidade das refeições/reforços a ser confecionadas/fornecidos no dia-a-dia da unidade, para que nada falte aos atletas.

Os resultados nestas competições têm importância mas, não são o mais importante. O mais importante é que cada militar possa contribuir para fomentar a prática desportiva, a convivência e o espirito de corpo entre os militares da BrigInt, e que estes continuem a representar brilhantemente a Brigada de Intervenção nas restantes fases das CDM.

No final da competição, como é apanágio em todas as competições, foi efetuada a reunião técnica, com as delegações representantes das Unidades envolvidas.

Nesta reunião ficou bem patente, e de forma unânime, o sucesso deste evento, devido aos rasgados elogios que foram efetuados por todos os delegados.

Apesar de desafiante foi motivador e, uma vez mais o RC6 cumpriu bem a missão que lhe foi atribuída, fazendo jus ao nosso lema

"AVANTE PRA GLÓRIA"…

COMPETIÇÕES DESPORTIVAS MILITARES NO RE3

Pedro Sequeira
Alf RC

Todos os anos, o Regimento de Engenharia N.º 3 (RE3) participa nas Competições Desportivas Militares (CDM), quer na qualidade de participante, quer na qualidade de entidade organizadora e anfitriã do Pentatlo Militar – Fase II BrigInt.

Em 2016, os militares do RE3 destacaram-se, marcando presença nos pódios de todas as competições da Fase II BrigInt, com especial destaque para:

- Pentatlo Militar – 1º classificado Coletivo Masculino;
- Corta-Mato – 2º classificado Coletivo Masculino;
- Tiro Desportivo (Espingarda) – 2º classificado Coletivo Masculino e Feminino;
- Orientação – 3º classificado Coletivo Feminino;
- Duatlo BTT – 3º classificado Coletivo Feminino;

Para além das conquistas dos coletivos, vários atletas do RE3 alcançaram, a nível individual, lugares de destaque nas várias competições do ano de 2016.

Sendo o Pentatlo Militar uma das competições mais completas, sendo constituída por cinco provas diferentes, a fasquia da exigência incumbida aos atletas é também ela muito elevada. Na qualidade de entidade organizadora do Pentatlo Militar, o RE3 empenhou cerca de 35 militares e contou com o apoio imprescindível da Câmara Municipal de Espinho, disponibilizando meios e espaços para as provas de natação e corta-mato.

No seguimento dos resultados alcançados na Fase II BrigInt, os militares selecionados para integrarem a equipa da BrigInt na Fase III Exército, alcançaram o 1º lugar da classificação nas duas equipas (masculino e feminino), contribuindo para a conquista da 6ª vitória consecutiva do Troféu do Comando do Exército por parte da BrigInt, tendo atingido as melhores classificações desde a sua existência.

COMANDO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

VISITA DO MINISTRO DA DEFESA NACIONAL À BRIGADA DE INTERVENÇÃO

Em 08 de março de 2016, no âmbito do Congresso "Portugal na Grande Guerra", o Exmo Ministro da Defesa Nacional, Prof. Dr. José Alberto de Azeredo Lopes, visitou o Comando e Quartel-general da Brigada de Intervenção.

No período da manhã decorreu a sessão de abertura do congresso no Auditório do Quartel de Santana, que incluiu também o lançamento de um inteiro postal alusivo ao centenário da evocação da participação de Portugal na Grande Guerra, seguindo-se uma visita à exposição sobre o mesmo tema, localizada no piso superior do aquartelamento.

No período da tarde iniciou a visita à Brigada de Intervenção em que foi apresentado ao Exmo MDN um brífingue sobre a Capacidade de Forças Médias do Sistema de Forças Nacional - Exército.

Houve ainda lugar à assinatura do Livro de Honra pelo Exmo Ministro da Defesa, em que foram lavradas palavras muito elogiosas à Brigada de Intervenção, sua capacidade operacional, empenhamento e relevante proximidade à população e terminou com a tradicional entrega de lembranças institucionais pelo Exmo Comandante da Brigada de Intervenção, em suplência, Coronel Tirocinado de Infantaria José António Coelho Rebelo.

SEMANA DA PROTEÇÃO CIVIL NO DISTRITO DE COIMBRA

A Brigada de Intervenção participou na Semana da Proteção Civil realizada em Oliveira do Hospital, de 16 a 20 de março de 2016.

O evento organizado pelo Comando Distrital de Operações de Socorro de Coimbra, em colaboração com aquele município, visou comemorar o Dia Internacional da Proteção Civil (01 de Março) com a realização de uma Exposição de capacidades e valências dos diferentes Agentes de Proteção Civil do Distrito de Coimbra.

O Exército, através da Brigada de Intervenção, esteve presente com a apresentação de alguns meios, nomeadamente com uma Viatura de Combate a Incêndios IVECO 4012 4x4, uma cozinha de campanha, uma tenda com capacidade de alojamento temporário e diverso equipamento individual, para uso em operações de vigilância, rescaldo e combate a incêndios.

Esta iniciativa foi acompanhada pelo Gabinete de Atendimento ao Público, da Unidade de Apoio da BrigInt, para uma ação de divulgação aos mais jovens.

10º ANIVERSÁRIO DA BRIGINT – CERIMÓNIA MILITAR

A Brigada de Intervenção (BrigInt) comemorou o seu dia festivo no dia 01 de junho e simultaneamente o seu 10º Aniversário.

A cerimónia foi presidida por SExa o General Chefe do Estado-Maior do Exército, General Frederico José Rovisco Duarte que à chegada ao aquartelamento de Sant'Anna, em Coimbra, foi recebido pelo Exmo Comandante das Forças Terrestes Tenente-General António Faria Menezes e pelo Comandante da BrigInt, em suplência, Cor Tir Inf José Rebelo.

Após as Honras Militares regulamentares prestadas pela Guarda de Polícia, seguidas da Guarda de Honra, na Parada Cor Médico Dr. Aurélio dos Reis, a cerimónia, que contou coma presença das mais altas individualidades representativas das instituições sediadas em Coimbra, decorreu com as alocuções do Comandante da BrigInt e de SExa o General CEME, imposição de condecorações a militares e civis e a entrega do Troféu das Competições Desportivas Militares da BrigInt.

Seguiu-se a apresentação do livro "Brigada de Intervenção – 10 anos de afirmação", que é o reflexo da idiossincrasia desta Grande Unidade Operacional e que teve lugar no Auditório da unidade, onde foi sumariamente apresentada pelo MGen Aguiar Santos, antigo Comandante, e pelo Professor Doutor João Gouveia Monteiro na componente histórica e ligação à cidade de Coimbra.

Seguiu-se um Porto de Honra e a assinatura do Livro de Honra da BrigInt, por parte de SExa o General CEME.

VIII MOSTRA DE DOÇARIA CONVENTUAL E REGIONAL DE COIMBRA

Nos dias 8 e 9 de outubro de 2016, nas instalações do Quartel-General da Brigada de Intervenção, no Aquartelamento de Sant´Anna, a Câmara Municipal de Coimbra levou a efeito mais uma Mostra de Doçaria Conventual, este ano na sua 8ª edição.

O certame contou, na sua abertura, com a presença do Exmo Comandante da Brigada de Intervenção, Brigadeiro-General Francisco Xavier Ferreira de Sousa e do Exmo Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Dr. Manuel Machado, demonstrando assim a salutar parceria que estas duas instituições mantêm de há longa data e que se reflete em vários eventos.

Com a participação de inúmeros representantes de confrarias e doces regionais de diversos pontos do país, com a atuação de vários artistas, incluindo a Fanfarra Militar, a população conimbricense aderiu em grande número, abrilhantando assim, mais uma vez, esta iniciativa.

DIA DO EXÉRCITO – CERIMÓNIA DE EVOCAÇÃO E HOMENAGEM A D. AFONSO HENRIQUES, PATRONO DO EXÉRCITO

Integrada nas Comemorações do Dia do Exército, realizou-se no dia 24 de outubro, pelas 11H30, na Igreja de Santa Cruz, em Coimbra, a Cerimónia de Evocação e Homenagem a D. Afonso Henriques, Patrono do Exército.

Os convidados para esta cerimónia foram recebidos nos Paços do Concelho do Município de Coimbra, por Sua Excelência o Presidente da Câmara, Dr. Manuel Machado, a que se seguiu o ritual de colocação da espada e deposição de uma coroa de flores no túmulo de D. Afonso Henriques e a Celebração Eucarística, por Sua Excelência Reverendíssima D. Manuel Linda, Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança.

As comemorações foram presididas pelo Exmo. Tenente-General Vice-chefe do Estado-Maior do Exército, José António Carneiro Rodrigues da Costa e contaram com a presença de diversas entidades militares, civis e eclesiásticas, tendo terminado com um almoço convívio no QG da Brigada de Intervenção.

CELEBRAÇÃO PASCAL DAS FORÇAS MILITARES E DE SEGURANÇA DE COIMBRA

A celebração Pascal das Forças Militares e de Segurança, que teve lugar em Coimbra, contou este ano com dois eventos, organizados pelo Quartel General da Brigada de Intervenção.

No dia 10 de abril realizou-se uma conferência intitulada "O Legado de Santa Isabel, Rainha de Portugal", que contou como principal orador, o Prof. Doutor António Rebelo, professor da Faculdade de Letras de Coimbra e presidente da Confraria da Rainha Santa Isabel. A conferência foi complementada com a "Exposição do Recordatório da Rainha Santa", patenteada no claustro interior do aquartelamento de Sant'Anna, cedida, para o efeito, pela Junta de Freguesia de Santa Clara e Castelo Viegas.

Em 11 de abril, na Igreja de Santa Cruz, em Coimbra, onde se encontra o sepulcro do Patrono do Exército, teve lugar a Celebração da Eucaristia da Comunhão Pascal, celebrada por SExa Reverendíssima o Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, D. Manuel Linda.

Os eventos contaram com a presença do Comandante da Brigada de Intervenção, BGen Xavier de Sousa, e dos militares que prestam serviço no QG/BrigInt. Associaram-se a estas celebrações, representações das seguintes entidades: Centro de Saúde Militar de Coimbra, GNR, PSP, Autoridade Nacional de Proteção Civil, Liga dos Combatentes, Clube de Oficiais e Instituto de Ação Social das Forças Armadas. Salientar, ainda, a grande afluência de civis que assistiram a ambos os eventos.

ALMOÇO DOS IDOSOS DO CONCELHO DE VILA REAL

No passado dia 17 de dezembro de 2016, o Regimento de Infantaria Nº13 (RI13) apoiou a Câmara Municipal de Vila Real, na realização de mais um almoço convívio para cerca de 2100 idosos do concelho de Vila Real.

Este almoço, para além dos idosos do concelho, contou com as ilustres presenças do Exmo Presidente da Câmara de Vila Real, Sr. Eng.º Rui Santos, dos Vereadores do Município, dos Presidentes de Junta de Freguesia do concelho de Vila Real, e do Exmo Comandante do RI13, Coronel Fernando Albuquerque.

ASSINATURA DO DOCUMENTO DE RECEPÇÃO DO HARDWARE PARA O SIMALADOR DINÂMICO DE CONDUÇÃO PANDUR

No âmbito da formação de condução da viatura PANDUR, o Exército, através do Regimento de Infantaria Nº13 (RI13) da Brigada de Intervenção, assinou em 29 de agosto de 2016 o documento de confirmação de receção do hardware relativo ao Simulador Dinâmico de Condução Pandur.

Na assinatura do documento de receção do hardware estiveram presentes as três entidades intervenientes no processo, a Empordef – TI S.A. a General Dynamics European Land Systems Steyr e o Exército representado pelo Comandante do RI13, Cor Inf Fernando Manuel Rodrigues Pereira de Albuquerque.

EXERCÍCIO "LINX VERIFEX 16"

No dia 25 de outubro de 2016, o Regimento de Infantaria nº13 recebeu a visita de inspetores da UNAVE, com o objetivo de ser submetido a uma avaliação de acordo com as provisões estabelecidas no Documento de Viena de 2011.

Este exercício conduzido e organizado pela UNAVE, é fruto das obrigações de Portugal, enquanto estado membro da OSCE, relativo ao Tratado sobre Forças Convencionais na Europa (CFE) e contou com a visita ao RI13 de uma equipa de inspeção Húngara.

11ª REUNIÃO ANUAL DO PANDUR USER GROUP 2016

Em 28Set16, realizou-se no RI13 o "Open Day Whith Industry" em parceria com AFCEA Portugal (Associação para as Comunicações, Electrónica, Informações e Sistemas de Informação para Profissionais), inserido no âmbito da 11ªReunião Anual do Grupo de Países utilizadores das VBR PANDUR- *PANDUR USER GROUP* (PUG), com a presença do Exmo General Quartel-Mestre-General, Tenente-General Fernando Celso Vicente de Campos Serafino.

O PUG é constituído por delegações da Áustria, da Bélgica, da Eslovénia, de Portugal e da República Checa.

O evento visou promover um encontro entre as indústrias com competências para contribuir para o ciclo de vida do sistema PANDUR e o Grupo de utilizadores.

Marcaram presença as seguintes empresas, EID Empresa de Investigação e Desenvolvimento de Electrónica, S.A.; General Comercial Services GmbH; Critical Software; GMV Innovating Solutions, bem como dois membros da GDELS-Steyr.

VISITA DE SEXA O CHEFE DE ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Realizou-se no passado dia 07 de dezembro de 2016 a visita de Sua Excelência o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Frederico José Rovisco Duarte ao Regimento de Infantaria 13.

À sua chegada foram-lhe prestadas as honras regulamentares, após o que, na Sala de Honra, recebeu cumprimentos de militares e civis que prestam serviço no RI13, tendo-se seguido um brífingue onde foi prestada informação detalhada sobre o Regimento.

Na sequência da visita foram mostradas diversas infraestruturas da Unidade com especial realce para as ligadas ao Polo de Formação PANDUR e ao Núcleo de Simulação e Treino PANDUR.

A visita terminou com a assinatura do Livro de Honra nas instalações do Núcleo Visitável do RI13.

CERIMÓNIA DE TOMADA DE POSSE DO COMANDANTE DO REGIMENTO DE INFANTARIA Nº14

Teve lugar no dia 07 de outubro de 2016, no Regimento de Infantaria Nº 14, em Viseu, a cerimónia de tomada de posse do novo Comandante do RI14, Coronel de Infantaria Mário João Vaz Alves de Bastos.

A cerimónia teve início pelas 10H00 com a receção do novo Comandante do Regimento à porta de armas, onde recebeu as honras regulamentares pela Guarda de Polícia e cumprimentos de todos os Oficiais de Estado-Maior.

Seguiu-se a cerimónia de Tomada de Posse de Comando, realizada na parada Capitão Vale de Andrade, perante formatura geral do Regimento, com a presença de diversos Órgãos de Comunicação Social.

VISITA DE SUA EXCELÊNCIA O CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Na manhã do dia 08 de novembro de 2016, o Regimento de Infantaria Nº14, recebeu a visita de Sua Excelência o Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Frederico José Rovisco Duarte.

Após a prestação das Honras regulamentares por uma Companhia do RI14 e a execução das salvas de artilharia por uma força do Regimento de Artilharia Nº 4, teve lugar a apresentação de cumprimentos na Sala de Honra, com a presença de uma representação de oficiais, sargentos, praças e funcionários civis do Regimento.

No auditório do RI14, durante o resto da manhã, teve então lugar uma reunião de trabalho no âmbito do Plano Lira, onde estiveram presentes todos os Comandantes de Brigada e das Unidades Regimentais que contribuíram com Forças para o Plano Lira 2016, com o objetivo de avaliar o corrente ano e perspetivar as linhas de planeamento para o Plano Lira 2017.

Para esse efeito foram efetuadas duas apresentações, uma pelo Exmo Comandante das Forças Terrestres e outra por SExa o General CEME.

Depois de um almoço convívio e antes de dar por concluída a visita de trabalho, S. Exa. o General CEME assinou o livro de honra do Regimento de Infantaria Nº 14.

VISITA DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA E COMANDANTE SUPREMO DAS FORÇAS ARMADAS

No dia 08 de novembro de 2016, o Regimento de Infantaria Nº14, recebeu a visita de Sua Excelência o Presidente da República e Comandante Supremo das Forças Armadas, Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa.

Numa visita de elevado significado para o RI14, Sua Excelência o Presidente da República elogiou o papel histórico, mas virado para o futuro da chamada "Unidade dos Viriatos", sublinhando o seu "inestimável serviço à cidade de Viseu e a toda a região", mesmo nas condições mais adversas.

A visita iniciou-se com a prestação das Honras Regulamentares, efetuadas por um Batalhão a duas Companhias do RI14, e a execução das salvas de artilharia por uma força do Regimento de Artilharia Nº 4.

Seguiu-se a assinatura do livro de honra na Biblioteca, um brífingue apresentado pelo Exmo Comandante do RI14, Coronel de Infantaria Mário João Vaz Alves de Bastos, na Sala de Armas, e a já tradicional foto de "família" na escadaria do Regimento.

Em todos estes momentos, Sua Excelência o Presidente da República esteve acompanhado por Sua Excelência o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Frederico José Rovisco Duarte, bem como pelos Excelentíssimos Tenente-General Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército e Brigadeiro-General Comandante da Brigada de Intervenção.

Para terminar esta visita ao Regimento, Sua Excelência o Presidente da República, no Refeitório Geral, proferiu umas breves palavras aos militares e civis do Regimento agradecendo em especial aos militares a dedicação demonstrada em situações extremas, como foram o combate aos incêndios florestais do passado Verão.

Assinalou-se este momento com a entrega de uma lembrança a Sua Excelência o Presidente da República, o símbolo do Regimento (Viriato de Honra), pelo Exmo Comandante do Regimento de Infantaria Nº 14.

CERIMÓNIA DE COMEMORAÇÃO DO 206.º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DO BUÇACO

No dia 27 de setembro de 2016, comemorou-se o 206.º aniversário da Batalha do Buçaco, cerimónia em que participou uma Companhia do Regimento de Infantaria Nº 14, sob o comando do Capitão de Infantaria Bruno Couto, a fanfarra da Unidade de Apoio da Brigada de Intervenção, a Guarda Nacional Republicana (GNR) com uma esquadra a cavalo, fardada à época, do comando territorial de Coimbra, e elementos pertencentes à Associação Napoleónica Portuguesa.

Presidiu à cerimónia, em representação de SExa o Chefe do Estado-Maior do Exército, o Exmo Major-General Aníbal Alves Flambó, Diretor da Direção de História e Cultura Militar. A Batalha do Buçaco tem para o RI14 um significado acrescido devido ao facto de ser oficialmente reconhecida como aquela em que o Regimento teve o seu batismo de fogo.

Antes de se iniciar a cerimónia foram hasteadas, com as honras regulamentares, as Bandeiras Nacionais de Portugal, França e Reino Unido, nações participantes nessa Batalha.

Após receber a Alta Entidade que presidiu à cerimónia, seguiu-se uma Missa Campal, Homenagem aos Combatentes Mortos, uma palestra sobre a Batalha (proferida pelo Coronel de Infantaria "Cmd" Américo Henriques), e desfile do Cortejo Histórico-Militar e Religioso e das Forças Militares.

Após a cerimónia, foi feito um convite para visitar o Museu Militar do Buçaco a todos os presentes.

CERIMÓNIAS MILITARES DO DIA DO REGIMENTO

Realizaram-se no passado dia 17 de março de 2017 as cerimónias militares do Dia do Regimento de Infantaria Nº 14, onde se recordou mais uma vez a brilhante e valente ação do dia 19 de março de 1918, realizada pela 1ª Companhia do Batalhão oriundo do 14 de Infantaria, comandada pelo Capitão Vale de Andrade.

Os festejos do Dia da Unidade decorreram de acordo com o seguinte programa:

- Alvorada festiva junto à Câmara Municipal de Viseu, na qual esteve presente a 1ª Companhia de Atiradores do 2º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas (2BIMecRodas), e que incluiu o desfile por algumas artérias do centro da cidade de Viseu até à Cava de Viriato;
- Cerimónia de homenagem a Viriato, na Cava do Viriato, com a presença da mesma companhia;
- Guarda de honra à Alta Entidade que presidiu à cerimónia - o Exmo. Comandante da Brigada de Intervenção, Brigadeiro-General Francisco Xavier Ferreira de Sousa –, a cargo da 2ª Companhia de Atiradores do 2BIMecRodas;
- Cerimónia militar na Parada Capitão Vale de Andrade do RI14, na qual estiveram presentes várias entidades militares, civis e religiosas, e que contou na parada com o Regimento na sua máxima força, Banda Militar do Porto e Fanfarra da Brigada de Intervenção;
- Almoço festivo no Pavilhão Gimnodesportivo.

GUARDA DE HONRA AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA HELÉNICA

No dia 30 de janeiro de 2017, a 2ª Companhia de Atiradores do 2º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas participou na Guarda de Honra ao Presidente da República Helénica, Prokopios Pavlopoulos.

SExa o Presidente da República Portuguesa, Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa recebeu o Chefe de Estado grego numa cerimónia militar de boas-vindas que teve lugar no Pátio das Escolas da Universidade de Coimbra, com execução dos Hinos Nacionais, salvas de artilharia, revista e desfile das forças.

A 2CAt/2BIMecRodas representou o Exército nesta cerimónia de cariz conjunto, integrada num batalhão com Comando da Força Aérea, que agregava duas outras companhias provenientes da Marinha e da Força Aérea.

REUNIÃO ANUAL DE CAPELÃES

No dia 20 de outubro de 2016, realizou-se no Regimento de Infantaria 14 em Viseu, a reunião anual de capelães para festejar o Patrono, São João de Capistrano.

Presidiu a esta reunião o bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, D. Manuel Linda.

A parte da manhã começou com um momento de oração. Seguiu-se uma palestra proferida por um capelão intitulada " A Mensagem de Fátima e a Paz". A celebração da Eucaristia decorreu na capela do Regimento e com a participação de militares do Regimento.

D. Manuel Linda proferiu a homilia sobre a figura de São João de Capistrano, patrono dos capelães militares, que nasceu em Capistrano, no ano 1386, em Itália.

Ordenado sacerdote, exerceu uma intensa atividade apostólica em toda a Europa, trabalhando na reforma dos costumes entre os cristãos e na luta contra as heresias.

A parte da tarde foi reservada para uma visita cultural guiada ao Museu Nacional Grão Vasco, Sé Catedral e tesouro da Sé.

VISITA DE SEXA O GENERAL CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

No dia 04 de julho de 2016, visitou o Regimento de Infantaria Nº 19 (RI19), Sua Excelência o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Frederico José Rovisco Duarte.

Do programa da visita, constaram as seguintes atividades: Guarda de Honra, a cargo de um Batalhão do qual faziam parte militares do RI19 e RI13; apresentação

de cumprimentos no Átrio do Edifício de Comando do Regimento, na qual estiveram presentes oficiais, sargentos, praças e funcionários civis do RI19; almoço com todos os Presidentes de Câmara do Alto-Tâmega; brífingue sobre o Regimento, realizado pelo Comandante da Unidade, Coronel de Infantaria Armando Ramos; visita à unidade; assinatura do livro de honra.

VISITA DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA E COMANDANTE SUPREMO DAS FORÇAS ARMADAS

Numa cerimónia simples, mas de elevado significado para o RI19 e para as gentes da região do Alto Tâmega, Sua Excelência o Senhor Presidente da República, Professor Marcelo Rebelo de Sousa, no âmbito do programa "Portugal Próximo", acompanhado por Sua Excelência o Chefe do Estado-Maior do Exército e pelo Comandante das Forças Terrestres, visitou os "Sempre Excelentes e Valorosos", "Fronteiros de Chaves".

O programa da Visita constou de Guarda de Honra, apresentação de cumprimentos por parte dos militares e civis que servem no RI19, Brífingue realizado pelo Comandante da Unidade, Coronel de Inf "Cmd" Armando Ramos, assinatura do livro de honra, visita a uma caserna, seguida de momentos de confraternização entre militares e SExa o "Comandante Supremo das Forças Armadas", no refeitório geral.

Por último, este momento tão marcante, ficou registado com uma foto de "família" na escadaria do Regimento.

VISITA DE SUA EXCELÊNCIA O GENERAL VICE-CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

No dia 17 de janeiro de 2017, Sua Excelência o General Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, General José António Carneiro Rodrigues da Costa, efetuou uma visita de trabalho ao RI19.

À sua chegada ao Regimento, foram-lhe prestadas as honras regulamentares, tendo recebido os cumprimentos dos que prestam serviço no RI19.

Seguidamente, recebeu a apresentação das forças em parada, com a seguinte constituição: Estado-Maior, Companhia de Comando e Serviços, 1ª Companhia de Formação (1CompForm) e 2ª Companhia de Formação (2CompForm).

Aproveitando a saída do RI19 em marcha apeada da 1CompForm para os Exercícios Finais de Campo (EFC), Sua Excelência o General Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, acompanhado pelo Exmo

Sr Presidente da Câmara de Chaves, Arquiteto António Cabeleira e do Exmo General Comandante da Brigada de Intervenção, Brigadeiro-General Xavier de Sousa assistiu a este acontecimento.

Após a saída daquela subunidade, teve ainda oportunidade de presenciar e acompanhar a instrução ministrada pela 2CompForm e de visitar algumas infraestruturas da Unidade, merecendo especial realce as ligadas à Formação.

A visita terminou com a assinatura do Livro de Honra na Sala de Honra do Regimento, com a presença de uma representação de Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis que servem no RI19, manifestando "o grande potencial e importância que esta Unidade tem e deverá continuar a ter no âmbito do Sistema de Forças e Dispositivo do Exército".

COMEMORAÇÕES DO DIA DO RI 19 E JURAMENTO DE BANDEIRA DO 1º CFGCPE 2017

No passado dia 24 de março de 2017, no RI19, decorreu a Cerimónia comemorativa do Dia da Unidade e do Juramento de Bandeira do 1º Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército de 2017, cerimónia presidida pelo Excelentíssimo Quartel-Mestre-General e Comandante da Logística, Tenente-General Fernando Celso de Campos Serafino.

Após as Forças em Parada prestarem as Honras Regulamentares, a integração do Estandarte e a entoação do Hino Nacional, a que se associaram os convidados presentes na cerimónia, constituiu um dos momentos marcantes da Cerimónia.

Após a alocução do Comandante do RI19, Coronel João Godinho seguiu-se a da Alta Entidade que presidiu à cerimónia, após o que se procedeu à condecoração de militares e ex-militares que prestam ou prestaram serviço no RI19.

Outros dos momentos culminantes das comemorações foi a apresentação da exposição itinerante "O RI23 na Flandres e a Chama a Pátria", exposição aberta ao público Flaviense de 13 a 24 de março, as conferências que decorreram no Auditório do Centro Cultural de Chaves, a primeira subordinada ao tema "a participação do Regimento de Infantaria Nº 19 na Grande Guerra", a segunda ao tema "O Corpo Expedicionário Português (CEP) e a Grande Guerra" e um concerto pela Orquestra Ligeira do Exército com a lotação esgotada no Auditório.

No decorrente do dia 24, coincidiu o juramento de bandeira por parte dos 77 Soldados Recrutas, momento de grande emoção, partilhado por todos os presentes, incluindo os familiares e amigos dos novos Soldados de Portugal.

Após a cerimónia de imposição de boinas, foi entoado o Hino do RI19 com o entusiasmo caraterístico dos Fronteiros de Chaves. A cerimónia encerrou com o desfile das forças em parada, em continência ao Estandarte Nacional, cuja Guarda de Honra foi constituída por um pelotão de Soldados acabados de Jurar Bandeira.

Após a atuação da Banda Militar do Porto, na parada do RI19, seguiu-se um almoço convívio muito apreciado por todos os presentes.

COMPETIÇÃO DESPORTIVA MILITAR DE TIRO, FASE II, BRIGADA

No âmbito das Competições Desportivas Militares (CDM) do ano de 2017, decorreu no RI19, entre 27 e 31 de março, a CDM de Tiro Fase II – Brigada, na qual estiveram presentes todas as unidades da Brigada de Intervenção.

Relativamente aos resultados obtidos, releva-se que o Regimento de Cavalaria Nº6 venceu a Prova de Pistola – militares femininos, o Regimento de Artilharia Nº 5 venceu a Prova de Pistola – militares masculinos, o Regimento de Cavalaria Nº 6 venceu a Prova de Espingarda – militares masculinos e o Regimento de Infantaria Nº 13 venceu a prova de Espingarda – militares femininos.

A Equipa vencedora no conjunto das provas foi o Regimento de Cavalaria Nº 6, ao qual foi entregue o respetivo Diploma de Mérito Desportivo.

Além dos aspetos inerentes à competição, importa ainda realçar o ambiente de sã e salutar camaradagem e de convívio entre todos os militares da Brigada de Intervenção, tendo esta CDM merecido os melhores comentários por parte de todos os participantes, relativos à preparação, organização e execução.

VISITA DA COMUNIDADE INTERMUNICIPAL DO ALTO TÂMEGA

Em resposta ao convite formulado pelo Regimento de Infantaria Nº 19 (RI19), no dia 13 de fevereiro de 2017, estiveram presentes no RI19 em visita de cortesia, os excelentíssimos presidentes das câmaras que integram a Comunidade Intermunicipal do Alto Tâmega (CIMAT) – Drº Fernando Queiroga, Arquiteto António Cabeleira, Prof. Manuel Alves, Doutor Rui Alves, Sr. António de Medeiros, em representação do Presidente da Câmara Municipal de Valpaços, Dr. Manuel Machado, o Secretário Executivo da CIMAT, Dr. João Batista e o Engenheiro António Carvalho Rodrigues, Administrador Executivo da Empreendimentos Hidroeléctricos do Alto Tâmega e Barroso (EHATB).

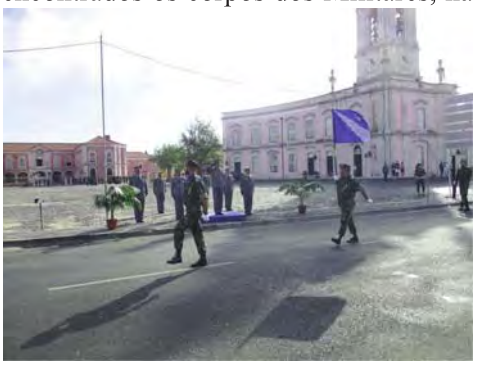
Esta Comunidade é constituída pelos municípios de Boticas, Chaves, Montalegre, Ribeira de Pena, Valpaços e Vila Pouca de Aguiar.

Do programa da visita, constou a receção aos ilustres convidados pelo Comandante do Regimento, Coronel de Infantaria João Godinho, à qual se seguiu um brífingue sobre o "19 de Infantaria", efetuado pelo Comandante do RI19, no qual os ilustres convidados puderam tomar conhecimento sobre a missão, organização, atividade mais recente do Regimento e dos desafios futuros.

EVOCAÇÃO DOS 25 MILITARES FALECIDOS NO COMBATE AO INCÊNDIO NA SERRA DE SINTRA

O Regimento de Artilharia Antiaérea Nº 1 (RAAA1), na qualidade de herdeiro dos costumes e tradições do antigo Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa (RAAF), homenageou os 25 militares do RAAF que há 50 anos pereceram no combate a um incêndio na Serra de Sintra, numa cerimónia que decorreu no RAAA1, em Queluz, e na Serra de Sintra, em 07 de setembro de 2016.

A cerimónia iniciou-se com a prestação das Honras Regulamentares a SExa o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Frederico José Rovisco Duarte, entidade que presidiu à cerimónia, com uma Guarda de Honra e a execução de Salvas de Artilharia no exterior do Regimento, defronte ao Palácio de Queluz, seguindo-se a celebração de uma missa na capela do Regimento por Sua Eminência Reverendíssima o Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, D. Manuel Linda, em memória de todos aqueles Militares que perderam a vida no combate ao incêndio. A cerimónia prosseguiu depois para o "Pico do Monge", na Serra de Sintra, local onde decorreu a cerimónia militar com a respetiva homenagem aos militares falecidos. A cerimónia concluiu-se com uma romagem ao local onde foram encontrados os corpos dos Militares, havendo lugar ainda para a deposição de 25 gerberas junto aos ciprestes plantados, simbolizando os Militares tombados.



Das entidades que marcaram a sua presença, destacam-se o Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General António Xavier Lobato de Faria Menezes, o Presidente da Câmara Municipal de Sintra (CMS), Dr. Basílio Horta, o Presidente da Assembleia Municipal da CMS, a Presidente da União de Freguesias de Queluz e Belas, o Presidente da União de Freguesias de Massamá e Monte Abraão, o Presidente da Junta de Freguesia de Colares, Forças de Segurança, agentes da Autoridade Nacional de Proteção Civil, o Presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, e diversas corporações de Bombeiros. Ainda de assinalar a presença de familiares e amigos dos Militares falecidos, já habitual nesta efeméride.

PARTICIPAÇÃO DO RAAA1 NO DIA DE PORTUGAL

A Cerimónia Militar evocativa do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas decorreu, no dia 10Jun16, no Terreiro do Paço. A cerimónia foi presidida por SExa o Presidente da República, Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa. Estiveram presentes unidades dos três Ramos das Forças Armadas.

O 2º Batalhão do Exército, comandado pelo Tenente-Coronel Helder Barreira, pertencente ao RAAA1, foi constituído por forças da Brigada de Intervenção e contou com um efetivo de 90 Praças, formado por 03 Baterias de Artilharia provenientes do RAAA1 e do Regimento de Artilharia Nº 5, comandadas pelos Capitães de Artilharia Carlos Bica de Almeida, Tiago Soares Castro e Pedro Melo.

A Cerimónia culminou com o desfile das forças em parada, onde o 2º Batalhão do Exército pertencente à Brigada de Intervenção, prestou continência a SExa o Presidente da República com garbo e altivez, procurando manter bem viva a sua divisa: "QUE FAMA ILUSTRE FIQUE".

DIA DO REGIMENTO DE ARTILHARIA ANTIAÉREA Nº 1

No âmbito das comemorações do 28.º Aniversário do Regimento de Artilharia Antiaérea N.º 1 (RAAA1), teve lugar no dia 01 de outubro de 2016, data do seu aniversário, uma cerimónia militar no exterior do Regimento, defronte ao Palácio de Queluz, a qual constituiu o culminar das respetivas comemorações que, este ano,

deram especial ênfase à homenagem dos 50 anos do falecimento dos 25 militares que pereceram no combate ao incêndio na Serra de Sintra em 1966. A cerimónia militar foi presidida por SExa o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Frederico José Rovisco Duarte, contando com a presença de distintas entidades militares e civis, destacando-se a presença do Presidente da Câmara Municipal de Sintra, Dr. Basílio Horta.

A cerimónia militar, que teve lugar, a partir das 10h30m, na Avenida Engenheiro Duarte Pacheco, defronte do Palácio de Queluz, iniciou-se com a continência das Forças em Parada à entidade que presidiu à cerimónia, seguindo-se a integração do Estandarte Nacional na Formatura. Houve lugar a uma homenagem aos militares mortos em defesa da Pátria na Parada do Regimento, a qual contemplou uma deposição de coroa de flores num monumento simbólico localizado à frente da formatura, tendo o Capelão do RAAA1, Tenente-Coronel (GNR) Cecílio, evocado os nomes de militares falecidos no incêndio na Serra de Sintra em 1966.

Terminada a cerimónia militar, foi apresentado o Boletim de Artilharia Antiaérea 2016, produto de investigação e conhecimento dos militares do Regimento, este ano subordinado ao tema : "50 anos após o trágico acontecimento do Pico do Monge - o RAAA1 ao serviço da Comunidade e dos Militares".

Após a demonstração da Bateria de Salvas do RAAA1 deu-se por terminada a cerimónia militar, após o que se seguiu uma visita à exposição de capacidades militares da Brigada de Intervenção, localizada no parque frontal ao Regimento.

BATERIA DE SALVAS DO RAAA1

A Bateria de Salvas do Regimento de Artilharia Antiaérea Nº 1, composta por 03 secções de obus, equipadas com o material QF Pounder-25 88mm, de origem inglesa, tem como missão a prestação de Honras regulamentares, com salvas de obus, a entidades nacionais ou estrangeiras e em Honras Fúnebres.

A Bateria de Salvas é também solicitada para efetuar as Honras regulamentares aquando da chegada de navios estrangeiros à barra de Lisboa. O local onde decorrem estas Honras situa-se junto ao monumento dos descobrimentos, em Belém, e foi nesse local que foram executadas as salvas aos Navio-Escola da Marinha mexicana "Cuauhtémoc", em 22Jul16; em 23Ago16 ao Navio-Escola "Juan Sebastian del Cano" da Marinha Espanhola; e em 07Set16 Navio-Escola "Brasil", da Marinha Brasileira.

Quanto às honras e continências regulamentares, foram realizadas: a SExa o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Frederico José Rovisco Duarte, por ocasião da sua visita ao Comando das Forças Terrestres (CFT) em 24Mai16; as honras e continências regulamentares a SExa o Presidente da República, Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa; em 04Jul16 no Regimento de Infantaria Nº 19, em Chaves, na prestação das honras regulamentares a SExa o Presidente da República, por ocasião da sua visita à cidade e ao RI19, executando 21 salvas de artilharia aquando da entoação do Hino Nacional. Executou novamente as 21 salvas de artilharia aquando da entoação do Hino Nacional a SExa o Presidente da República, em 25Jun16, por ocasião da celebração do 40º aniversário da tomada de posse de SExa o General António Ramalho Eanes, como Presidente da República.

Por ocasião do dia do Regimento, celebrado no dia 01Out16, a Bateria de Salvas teve oportunidade de efetuar um registo diferente da sua missão, levando a cabo uma demonstração de salvas de obus coordenada com a Banda Sinfónica do Exército (BSE), na qual foi reproduzido o tema "1812 Overture", de Tchaikovsky, executando no final 16 disparos de obus, numa demonstração carregada de simbolismo para a Artilharia, e na qual esteve patente a sinergia entre o RAAA1 e a BSE.

TRANSLADAÇÃO DO NOVO MONUMENTO DE HOMENAGEM AOS MORTOS DO RAAA1

Procurando preservar a sua memória, ao mesmo tempo que desta feita se perpétua enquanto Instituição, o Regimento de Artilharia Antiaérea Nº 1 (RAAA1) comemorou, no ano transato, o seu 28º (vigésimo oitavo) Aniversário, tendo dado o Regimento o mote de subordinar, em 2016 as comemorações do seu aniversário ao tema "50 anos após o trágico acontecimento do Pico do Monge, o RAAA1 ao serviço da Comunidade e dos Militares", homenageando assim os 25 militares que pereceram no combate ao incêndio na Serra de Sintra de 1966, como também todos aqueles que morreram ao serviço da Pátria.

Com este propósito, o Regimento edificou, com o apoio da Câmara Municipal de Sintra, um Monumento de Homenagem aos Mortos nas suas instalações. Para imortalizar a memória dos combatentes, tendo-os connosco, honrando-os diariamente, o Comando deste Regimento tomou a decisão de transladar o Monumento de Homenagem aos Mortos, anteriormente localizado no Arco da Ala Nobre do Regimento

Assim, realizou-se em 13 de janeiro de 2017, a transladação e inauguração do novo Monumento de Homenagem aos Mortos do RAAA1, edificado defronte da Parada General Themudo Barata.

As cerimónias iniciaram-se na Av. Duarte Pacheco, defronte ao Palácio de Queluz, com a Guarda de Honra a SExa o Secretário de Estado da Defesa Nacional, Dr. Marcos Perestrello, que muito honrou o Regimento por presidir à respetiva cerimónia. De seguida realizou-se uma missa na capela do Regimento, celebrada pelo Capelão António Santiago.

A cerimónia militar, como momento alto das festividades, teve lugar junto ao novo monumento de homenagem aos mortos, na parada General Themudo Barata, contando com a presença de todos os militares e funcionários civis do RAAA1.

A cerimónia contou ainda com a presença de altos dignitários militares e civis, o Presidente da Câmara Municipal de Sintra Dr. Basílio Horta, o Presidente da Assembleia Municipal da Câmara Municipal de Sintra, Dr. Domingos Quintas, o Diretor de História e Cultura Militar, Major-General Aníbal Flambó, o Diretor Honorário da Arma de Artilharia, Major-General Ulisses de Oliveira, antigos Comandantes do Regimento e do CIAAC, e órgãos do Comunicação Social locais.

TOMADA DE POSSE DO NOVO COMANDANTE DO RAAA1

Após a cerimónia de cessação de funções do Exmo Comandante do Regimento de Artilharia Antiaérea Nº 1, Coronel de Artilharia, José Augusto Oliveira Costa dos Reis, que se realizou a 01 de março de 2017, decorreu no dia seguinte, a cerimónia de Tomada de Posse do Exmo Comandante do RAAA1, Coronel de Artilharia António José Ruivo Grilo.

A cerimónia militar realizou-se na parada General Themudo Barata, pelas 10H00, com a continência das Forças em Parada ao novo Comandante e seguidamente foi lida a sua síntese curricular. Após a leitura do Despacho de Nomeação para o Cargo de Comandante, foi entregue, pelo 2º Comandante, o Estandarte Nacional ao Exmo Comandante do Regimento, materializando a efetiva posse de comando.

Na sua alocução o Exmo Comandante, Coronel de Artilharia António José Ruivo Grilo salientou a honra e o orgulho em comandar o Regimento e contar com a dedicação, competência e profissionalismo de todos quantos servem neste Regimento, afirmando que só deste modo será possível ao Regimento de Artilharia Antiaérea Nº 1 atingir todas as metas e desafios por si elencados, nas linhas essenciais de orientação do seu comando. A cerimónia militar culminou, após a passagem de revista, com desfile das Forças em Parada.

Seguiu-se a apresentação de cumprimentos no Salão Nobre do Regimento e a apresentação de um brífingue na sala de operações do Grupo de Artilharia Antiaérea.

As festividades deste dia terminaram com a regulamentada Revista ao Regimento.

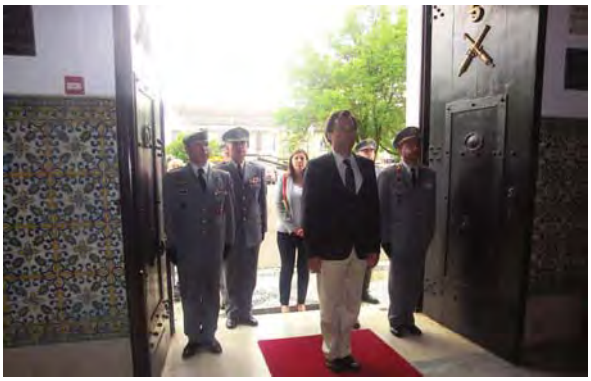
VISITA DE SEXA O SECRETÁRIO DE ESTADO DA DEFESA NACIONAL NO ÂMBITO DAS JORNADAS DO DIA DA DEFESA NACIONAL

No dia 07 de julho de 2016, SExa o Secretário de Estado da Defesa Nacional (SEDN), Dr. Marcos Perestrello, efetuou uma visita ao Regimento de Artilharia N.º 5 (RA 5), no âmbito das Jornadas do Dia da Defesa Nacional (DDN).

Estiveram presentes o Exmo Presidente da Câmara Municipal de Vendas Novas e os Exmos TGen Comandante das Forças Terrestres, e o Comandante da Brigada de Intervenção em suplência, para além de outras entidades civis e militares.

Após a Guarda de Honra e execução de salvas de artilharia, SExa o SEDN recebeu a apresentação de cumprimentos no Salão Nobre, por parte dos Oficiais, Sargentos e representação de Praças e Civis do RA 5, a que se seguiu uma visita ao Regimento e às atividades do DDN.

A visita terminou com a assinatura do Livro de Honra.



HOMENAGEM À ARTILHARIA E AOS ARTILHEIROS PORTUGUESES

Em 20 de fevereiro de 2017, teve lugar em Vendas Novas uma homenagem à Artilharia e aos Artilheiros Portugueses, com a inauguração de um monumento de tributo aos militares que prestaram serviço em Vendas Novas, em particular aos Artilheiros.

O Regimento de Artilharia Nº 5 participou nas cerimónias militares englobadas na sobredita homenagem, designadamente com uma Guarda de Honra a SExa o Secretário de Estado da Defesa Nacional, Dr. Marcos Perestrello, que presidiu as cerimónias, bem como com um pelotão na inauguração da rotunda localizada na entrada nascente de Vendas Novas.

Releva-se ainda a presença neste evento de S. Exa. o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Frederico José Rovisco Duarte.

SEMINÁRIO DA ARTILHARIA - 2016

Em 30 de maio de 2016, realizou-se no Regimento de Artilharia N.º 5 o Seminário da Artilharia 2016, subordinado ao Tema: "A Artilharia Portuguesa: O Presente e o Futuro".

Este seminário, presidido pelo Presidente do Conselho da Arma de Artilharia, Exmo MGen Ulisses Joaquim de Carvalho Nunes de Oliveira, teve por finalidade promover o conhecimento sobre os novos desafios e capacidades da Artilharia, permitindo simultaneamente efetuar uma reflexão e um debate sobre a formação, os recursos, o treino operacional e a simulação na Arma de Artilharia.

DIA MUNDIAL DA ÁRVORE E DA FLORESTA - 2016

No âmbito das comemorações do Dia Mundial da Árvore e da Floresta - 2016, o Regimento de Artilharia Nº 5, em parceria com a Câmara Municipal e o Agrupamento de Escolas de Vendas Novas, promoveu uma plantação de 1300 sobreiros no Polígono de Tiro entre os dias 14 e 16 de março de 2016, em que participaram todos os alunos do Agrupamento de Escolas do concelho que frequentam o ensino Pré-escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico, num total de 753 crianças.

No dia 16 de março esteve presente no evento o Secretário de Estado das Florestas e do Desenvolvimento Rural, Eng Amândio Torres, a convite do Município.

Para a plantação do primeiro sobreiro marcaram presença, o Presidente da Câmara Municipal de Vendas Novas, Dr. Luís Dias, e a Diretora do Agrupamento de Escolas, Dra. Olga Duarte.

COMEMORAÇÕES DO DIA DA ARMA DE ARTILHARIA E DO REGIMENTO

Decorreram no dia 02 de dezembro de 2016, em Vendas Novas, as tradicionais comemorações do dia da Arma de Artilharia e do Regimento de Artilharia Nº 5, com diversas atividades de natureza militar.

O dia iniciou-se com uma alvorada festiva, o içar da Bandeira Nacional e uma missa de sufrágio e de ação de graças em honra de todos os Artilheiros já falecidos.

Cerca das 09h30 iniciaram-se as cerimónias militares com uma Guarda de Honra a Sua Excelência o General Chefe do Estado-Maior do Exército, General Frederico José Rovisco Duarte, acompanhada por salvas de Artilharia, seguindo-se depois uma parada militar que integrou todas as Unidades de Artilharia, uma demonstração de capacidades em todas as componentes da Artilharia, Campanha e Antiaérea, uma Sessão Solene no Auditório do RA5, demonstração do novo Simulador INFRONT 3D instalado no Centro de Simulação de Artilharia de Fogos e Efeitos, a que se seguiu a visita a uma exposição fotográfica sobre o Encargo Operacional e o almoço convívio.

CONCLUSÃO DO PROTOCOLO DE COLABORAÇÃO NO ÂMBITO DO DESENVOLVIDO DO SISTEMA MINI-UAV AR4 LIGHT RAY

Decorreu no Regimento de Artilharia Nº 5 (RA5), em Vendas Novas no dia 11 de novembro de 2016, a cerimónia de encerramento do protocolo de colaboração entre o Exército Português e a empresa TEKEVER, no âmbito do qual foi desenvolvido o sistema Mini-UAV AR4 Light Ray.

A cerimónia contemplou uma demonstração de equipamentos pelo Sr. Eng. Ricardo Mendes da empresa TAKEVER e terminou com a entrega de um Mini-UAV AR4 Light Ray ao RA5.

Presidiu a este evento o Exmo Comandante da Brigada de Intervenção, Brigadeiro-General Francisco Xavier Ferreira de Sousa.

VISITA DE SEXA REVERENDÍSSIMA O BISPO DAS FORÇAS ARMADAS E DAS FORÇAS DE SEGURANÇA, D. MANUEL LINDA.

No dia 04 de fevereiro de 2016, visitou o Regimento de Artilharia Nº 5 (RA 5) SExa Reverendíssima o Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, D. Manuel Linda, que para o efeito se fez acompanhar pelo Coronel SAR Jorge Matos.

SExa Reverendíssima D. Manuel Linda, chegou pelas 10h00, tendo sido recebido pelo Comandante do RA5, Cor Art João Luís Morgado Silveira, tendo-lhe sido prestadas honras à entrada do Edifício de Comando.

Do programa da visita, destaca-se a realização de um "Briefing", na Sala General Caúla, ao qual se seguiu uma visita às instalações do Regimento e exposições da Bateria de Salvas, da Companhia de Sistemas de Vigilância e do Centro de Simulação de Apoio de Fogos e Efeitos, terminando com uma visita ao Polígono de Tiro onde assistiu a uma demonstração do Encargo Operacional.

Após o almoço, na Messe de Oficiais, seguiu-se a assinatura do Livro de Honra do Regimento, após o que, SExa Reverendíssima D. Manuel Linda saiu da Unidade, terminando assim a sua visita.

CERIMÓNIA DE IMPOSIÇÃO DE MEDALHAS COMEMORATIVAS DAS CAMPANHAS A EX-COMBATENTES NO ULTRAMAR

Teve lugar no Regimento de Artilharia Nº 5 (RA 5), em 08 de março de 2017, no âmbito do Despacho N.º 100/2012 de SExa o Chefe do Estado-Maior do Exército, uma Cerimónia de Imposição de Medalhas Comemorativas das Campanhas a ex-Combatentes no Ultramar, residentes na área de responsabilidade de apoio do Regimento, a qual foi presidida pelo Comandante do RA 5, Coronel de Artilharia João Luís Morgado Silveira.

Esta cerimónia simples, mas plena de significado que se revestiu de uma enorme carga emotiva, realizou-se na Parada Gen Bernardo Faria perante formatura geral da Unidade, tendo contado com a presença de 10 ex-combatentes, alguns dos quais acompanhados de familiares e amigos que se quiseram associar ao evento.

Terminada a cerimónia, seguiu-se uma visita guiada ao Museu da Escola Prática de Artilharia, Capela Real e Palácio das Passagens, terminando com um lanche de convívio na Sala de Oficiais

CERIMÓNIA DA ASSOCIAÇÃO DOS VETERANOS DA LEGIÃO ESTRANGEIRA FRANCESA EM PORTUGAL

O Regimento de Cavalaria Nº 6 (RC6) participou, com uma força de escalão Secção, na cerimónia que a Associação dos Veteranos da Legião Estrangeira Francesa em Portugal levou a efeito em 23 de abril de 2016. A cerimónia, carregada de simbolismo, homenageou os combatentes mortos nos diferentes campos de batalha e realizou-se junto ao Monumento aos Combatentes da Grande Guerra, na Avenida Central da Cidade de Braga.

RC6 PARTICIPA NA PROCISSÃO DE SÃO JOÃO

Em 24 de junho de 2016 realizou-se a tradicional procissão de S. João, inserida nas festividades do Santo Popular, que percorreu o centro histórico da cidade de Braga.

O Regimento de Cavalaria n.º 6 foi convidado, pela Comissão de Festas de S. João, a participar nesta majestosa procissão, tendo prestado uma Guarda de Honra ao Pálio com uma força de escalão Secção.

Esteve ainda presente neste evento, em representação do Exmo. Comandante do RC6, o Exmo 2.º Comandante.

APOIO DO RC6 Á LIGA DOS COMBATENTES DE MONÇÃO

O Núcleo de Monção da Liga dos Combatentes levou a efeito em 07 de agosto de 2016, uma Cerimónia de Homenagem aos Combatentes Monçanenses tombados na Guerra do Ultramar. Para o efeito foi solicitado o apoio do Regimento de Cavalaria N º 6.

A cerimónia decorreu junto ao Memorial aos Monçanenses caídos na Guerra do Ultramar, na Praça Deu-la-deu, no centro da Vila de Monção e contou com a presença de uma força de escalão Secção.

CERIMÓNIA DO DIA DE FINADOS

Realizou-se em 04 de novembro de 2016, a Cerimónia do Dia dos Finados em memória dos militares falecidos. A cerimónia foi precedida de uma missa, no Cemitério de Monte D`Arcos, em sufrágio dos militares falecidos, celebrada pelo Capelão da Unidade, Cap SAR Artur Gonçalves, seguida de Honras Militares, com deposição de uma coroa de flores junto ao Talhão dos Mortos da I Grande Guerra.

A cerimónia foi presidida pelo Exmo. Comandante do Regimento de Cavalaria n.º 6 e contou com a presença de Entidades Civis e Militares, bem como de associados da Liga dos Combatentes.

CERIMÓNIA COMEMORATIVA DO 98.º ANIVERSÁRIO DO ARMISTÍCIO EM BRAGA – 15NOV16

O Núcleo de Braga da Liga dos Combatentes, promoveu no dia 15 de novembro de 2016, a realização da Cerimónia de Comemoração do 98.º Aniversário do Dia do Armistício.

O RC6 associou-se às Cerimónias, através de uma força de escalão Secção na Guarda de Honra ao Altar, durante a realização da Missa de Sufrágio e de uma força de escalão Pelotão no Monumento aos Combatentes.

Estiveram presentes, para além das autoridades militares, inúmeras entidades civis, que vieram conferir brilho acrescido à efeméride.

CERIMÓNIA COMEMORATIVA DO DIA DO ARMISTÍCIO EM VIANA DO CASTELO

O Núcleo de Viana do Castelo da Liga dos Combatentes, promoveu em 11 de novembro de 2016, a realização da Cerimónia de Comemoração do Dia do Armistício.

O RC6 associou-se à cerimónia, com a presença do Chefe da Secção de Pessoal, em representação do Exmo Comandante do Regimento.

A Guarda de Honra, constituída por uma força de escalão Secção, do Grupo de Reconhecimento, realizou a cerimónia de homenagem aos mortos no Monumento aos Mortos da Grande Guerra e em seguida a Guarda de Honra ao Altar-Mor, durante a celebração da Missa de Sufrágio, na Igreja de S. Domingos.

Estiveram presentes na cerimónia o Presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo, Eng José Maria Cunha Costa, representantes das várias Associações de Ex-Combatentes e inúmeros associados, o que muito lustre e brilho deu às cerimónias.

CERIMÓNIA DE IMPOSIÇÃO DE CONDECORAÇÕES A EX-COMBATENTES

No âmbito do Despacho n.º 100/2012 de S. Exa. o Chefe de Estado-Maior do Exército, teve lugar no Regimento de Cavalaria n.º 6, em 14 de dezembro de 2016, uma cerimónia de imposição da Medalha Comemorativa das Campanhas a um grupo de ex-combatentes do Ultramar.

Assistiram à Cerimonia, para além de militares do RC6, alguns familiares e amigos dos agraciados.

VI TORNEIO DE GOLFE DOS DRAGÕES D`ENTRE DOURO E MINHO

Realizou-se em 09 de julho de 2016, no campo de golfe Axis de Ponte de Lima, o VI Torneio de Golfe dos Dragões d`Entre Douro e Minho.

O torneio decorreu com elevado espírito competitivo, mas acima de tudo num clima de excelente e sã convivência entre os participantes, oriundos das mais diversas áreas geográficas e profissionais.

Nesta edição o torneio contou com a presença de mais de 82 participantes.

XXXIII CONCURSO NACIONAL DE COMBINADO DO RC6

Realizou-se no fim-de-semana de 15 e 16 de outubro de 2016, o XXXIII Concurso Nacional Combinado (CNC), do Regimento de Cavalaria n.º 6.

Esta prova equestre, organizada pelo RC6, no âmbito das Competições Desportivas Militares – Equitação, está também incluída no Campeonato Regional Norte de Concurso Completo de Equitação e foi disputada em dois dias, por 39 conjuntos civis e militares, distribuídos pelos níveis Preliminar e Uma Estrela de Concurso Completo de Equitação, e ainda pelas Provas Open de Obstáculos.

O "CNC Dragões D´Entre Douro e Minho", desde a sua edição inicial, tem sabido conquistar clara notoriedade no panorama de eventos hípicos na Região do Minho, porquanto conta habitualmente com a participação de um significativo número de cavaleiros civis e militares, cujo grau de satisfação com o modelo organizacional emprestado à prova é habitualmente referido como muito elevado, consubstanciando-se numa considerável afluência de bracarenses às instalações do Regimento para assistirem ao evento.

COMEMORAÇÕES DO 307º ANIVERSÁRIO DO RC6

Decorreu no dia 17 de julho, na sala principal do Theatro Circo de Braga, o concerto conjunto entre o Grupo "Canto D`aqui" e a Banda Militar do Porto.

Este espetáculo musical, numa das mais carismáticas salas do País, deu início às comemorações do 307.º Aniversário do Regimento de Cavalaria n.º 6.

Além das entidades militares, estiveram presentes as mais altas entidades da Cidade de Braga e algumas centenas de Bracarenses que desta forma se associaram às comemorações de mais um aniversário do seu Regimento.

As comemorações continuaram durante essa semana, com uma exposição na Avenida Central, a partir do dia 21 de julho, e culminaram com a cerimónia militar no dia 23 de julho na Praça do Município.

40º ANIVERSÁRIO

Realizou-se em 4 maio de 2016, a cerimónia militar comemorativa do 40º aniversário do Regimento de Engenharia nº 3. Esta cerimónia contou com a presença do Chefe de Estado-maior do Exército, General Frederico José Rovisco Duarte.

Durante o seu discurso, o Chefe de Estado-maior do Exército, General Frederico José Rovisco Duarte, referiu o papel fundamental do Regimento de Engenharia n.º 3, em colaboração direta com as autarquias, nomeadamente em situações de emergência.

As festividades do RE3, incluíram a Missa na Capela Regimental, a Guarda de Honra a SExa o Chefe de Estado-maior do Exército, a Cerimónia de homenagem aos Mortos, a Cerimónia Militar na Parada MGen Veríssimo Baptista e por fim, a visita à exposição "40 Anos do Regimento de Engenharia nº3 - Espinho".

JURAMENTO DE BANDEIRA DO 4º CURSO DE FORMAÇÃO GERAL COMUM DE PRAÇAS DO EXÉRCITO (4º CFGCPE)

No dia 09 de maio de 2016 realizou-se no Regimento de Engenharia Nº 3 (RE3) a cerimónia pública de Juramento de Bandeira do 4º Curso de Formação Geral Comum de Praças de Exército de 2016, que foi presidida pelo Comandante do RE3, Coronel de Engenharia Fausto Vale do Couto.

A cerimónia simples, mas cheia de significado, teve como momento mais marcante a ratificação do Juramento de Bandeira, onde os sessenta e um Soldados Recrutas do 4º CFGCPE16 assumiram publicamente, perante o Estandarte Nacional, defender a Pátria. O Comandante do Batalhão de Engenharia, realçou os valores militares e a importância do Juramento Bandeira, como sendo o ato solene de maior significado de qualquer militar. Após a Cerimónia, decorreu no Rancho Geral um lanche convívio onde também participaram os familiares dos Soldados Recrutas que juraram bandeira.

ASSINATURA DE PROTOCOLO COM A CÂMARA MUNICIPAL DE PEDROGÃO GRANDE

O Exército, através da Brigada de Intervenção e do Regimento de Engenharia Nº 3 (RE3), assinou com o Município de Pedrogão Grande em 24 de julho de 2016, um protocolo de colaboração com vista à execução dos trabalhos de terraplenagem para construção do parque industrial municipal. A assinatura formal do documento foi realizada durante a sessão solene comemorativa do dia do Município, pelo seu Presidente e pelo Comandante do RE3 em representação de SExa o Gen CEME. Os trabalhos, já iniciados por uma equipa constituída por 8 militares e 9 viaturas e equipamentos de engenharia, preveem a execução, no âmbito das Missões de Apoio ao Desenvolvimento e Bem-Estar das Populações, de uma plataforma com 9 hectares para instalação de uma infraestrutura considerada fundamental para o desenvolvimento da região em que se insere.

ASSINATURA DE PROTOCOLO ENTRE EXÉRCITO (RE3) E IEFP ATRAVÉS DO CEFP ENTRE DOURO E VOUGA (CEFPEDV)

Em 26 de setembro de 2016, decorreu no Regimento de Engenharia Nº 3 a assinatura de um Protocolo de Colaboração entre o Exército, e o Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), representado neste ato pelo seu Delegado Regional do Norte, Dr. António de Oliveira Leite. O acordo de parceria visa a execução de 7 cursos de formação profissional certificada nas áreas de Serralheiro Civil, Eletricista de Instalações, Carpinteiro de Limpos, Canalizador, Pedreiro, Ladrilhado/Azulejador e Pintor de Construção Civil, por militares do Exército a prestar serviço em Regime de Contrato (RC). As ações de formação já se encontram a decorrer, sendo frequentadas por cerca de 46 alunos distribuídos pelas áreas de canalizador (16), carpinteiro de limpos (16) e eletricista de instalações (14), permitindo ao Exército obter recursos humanos com formação certificada nas respetivas especialidades, potenciando ainda o reingresso dos militares no mercado de trabalho após o fim do seu período de contrato, por serem profissionalmente reconhecidos no quadro do Catálogo Nacional de Qualificações.

COMEMORAÇÕES DO 87º AMIVERSÁRIO DO NÚCLEO DA LIGA DOS COMBATENTES DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS

No dia 28 de fevereiro de 2016, o Regimento de Engenharia Nº 3 (RE3) participou na cerimónia de homenagem aos mortos, promovida pelo Núcleo da Liga dos Combatentes de Oliveira de Azeméis, por ocasião do seu 87º aniversário.

A Cerimónia decorreu junto do monumento aos Combatentes do Ultramar, tendo-se iniciado com a prestação das Honras Regulamentares em Homenagem aos Militares Mortos, prestadas por 1 Secção do RE3, tendo-se seguido a cerimónia de imposição de medalhas aos antigos combatentes do Ultramar.

98º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DE LA LYS – DIA DO COMBATENTE

No dia 13 de abril de 2016, o Regimento de Engenharia Nº 3 (RE3) participou na cerimónia das comemorações do Dia do Combatente e 98º Aniversário da Batalha de La Lys, promovida pelo Núcleo da Liga dos Combatentes de Oliveira de Azeméis.

A Cerimónia decorreu junto ao monumento dos Combatentes da 1ª Grande Guerra onde uma Secção do RE3 prestou as Honras Regulamentares em Homenagem aos Militares Mortos em Batalha, tendo-se seguido a cerimónia de imposição de medalhas aos antigos combatentes do Ultramar.

CERIMÓNIA DO 98º ANIVERSÁRIO DO ARMÍSTICIO

No passado dia 12 de novembro de 2016 o Regimento de Engenharia Nº3 participou na Cerimónia Comemorativa do 98º Aniversário do Armistício da 1ª Grande Guerra, em coordenação com o Núcleo da Liga dos Combatentes de Oliveira de Azeméis.

A cerimónia iniciou-se com a deposição de uma coroa de flores em Homenagem aos Combatentes Mortos pela Pátria e respetivas honras militares.

Esta cerimónia foi presenciada por diversas entidades Militares, locais e pela população de Oliveira de Azeméis.

CERIMÓNIA DE INAUGURAÇÃO DE MONUMENTO E MEMORIAL AOS COMBATENTES DO ULTRAMAR DO CONCELHO DE OVAR

No passado dia 08 de dezembro de 2016 o Regimento de Engenharia Nº3 participou na Cerimónia de inauguração de um monumento e memorial aos Combatentes do Ultramar do concelho de Ovar.

A cerimónia iniciou-se com a deposição de uma coroa de flores em Homenagem aos Combatentes Mortos pela Pátria e respetivas honras militares.

Esta cerimónia tendo sido presidida pelo Presidente da Câmara Municipal de Ovar, Eng Salvador Malheiro Ferreira da Silva, contou ainda com a presença do Comandante da Brigada de Intervenção, BGen Francisco Xavier Ferreira de Sousa e um representante do Presidente da Liga dos Combatentes.

INAUGURAÇÃO DE MONUMENTO EM VILA NOVA DE GAIA (AFURADA)

No passado dia 10 de dezembro de 2016 o Regimento de Engenharia Nº3 participou na Cerimónia de inauguração de um monumento e memorial aos Combatentes no Ultramar em Afurada, concelho de Vila Nova de Gaia.

Esta cerimónia iniciou-se com as respetivas honras militares culminando com o descerramento do memorial.

A cerimónia foi presenciada por diversas entidades Militares, locais e pela população de Vila Nova de Gaia.

DIA DA ARMA DE TRANSMISSÕES E DO SEU REGIMENTO

Decorreu no Regimento de Transmissões (RTm), em 27 de março de 2017, a celebração do Dia da Arma da Transmissões e do seu Regimento, sediado no quartel do Viso no Porto.

A cerimónia foi presidida por SExa o General Chefe do Estado-Maior do Exército, General Frederico José Rovisco Duarte, e iniciou-se com a Guarda de Honra à alta entidade, a que se seguiu a cerimónia de Homenagem aos Mortos e a Cerimónia Militar na parada.

Na Cerimónia Militar destacam-se as alocuções do Exmo Tenente-General Rui Manuel Xavier Fernandes Matias, Diretor Honorário da Arma de Transmissões e de SExa o General Chefe do Estado-Maior do Exército, a que se seguiu a imposição de condecorações, terminando a cerimónia com um desfile das Forças em Parada.

Ainda na parada, o Destacamento da Banda do Exército no Porto, sediado no RTm e chefiada pelo Capitão Alexandre Coelho, fez uma atuação alusiva ao dia festivo, homenageando todos os que servem Portugal na Arma das Transmissões.

Posteriormente foi executada uma demonstração de capacidades versando a área de Comunicações e Sistemas de Informação ao que se seguiu o tradicional almoço festivo onde todos os militares tiveram oportunidade em ambiente informal e descontraído de estreitar os laços de camaradagem e amizade, culminando com o corte do bolo festivo, após o que se seguiu o grito da Arma de Transmissões e o tradicional brinde.

O dia festivo da Arma de Transmissões e do seu Regimento terminou com a assinatura do Livro de Honra no Salão Nobre por SExa o General Chefe do Estado-Maior do Exército.

TOMADA DE POSSE DO COMANDANTE DO RTM

Em 13 de outubro de 2016, o Coronel de Transmissões (Engenheiro) Luís Miguel Garrido Afonso assumiu as funções de Comandante do Regimento de Transmissões (RTm), por ter sido nomeado por escolha para o desempenho dessas funções por despacho de 26 de setembro de 2016 de SExa O General Chefe do Estado-Maior do Exército.

O novo Comandante foi recebido à Porta de Armas pelo Tenente-Coronel de Transmissões Fernando Dias de Matos, 2º Comandante do RTm, e pelo Adjunto do Comandante, Sargento-Chefe de Transmissões Carlos Narra. De seguida, na parada do RTm as Forças em Parada (FEP) na sua máxima força prestaram as honras militares ao Cor Afonso.

O Comandante do RTm recebeu o Estandarte Heráldico do Regimento das mãos do 2º Comandante, seguidamente passou revista às FEP após o que usou da palavra tendo manifestado honra e orgulho em comandar o RTm.

Após o desfile das forças em parada, o novo Comandante do RTm recebeu no Salão Nobre, a apresentação de cumprimentos dos Oficiais, Sargentos e uma delegação de Praças e os Funcionários Civis da Unidade.

ARMY RACE

Decorreu, no Regimento de Transmissões em 12 e 13 de novembro de 2016, a 4ª edição do evento desportivo Army Race.

Esta prova de corrida com obstáculos militares foi organizada pelo Regimento de Transmissões em parceria com a Fun Events, promotora da prova. Estiveram presentes cerca de 1300 atletas oriundos das mais diversas regiões de Portugal, distribuídos por uma faixa etária largamente diversificada, constituindo o sexo feminino cerca de 40% dos participantes.

A prova desta 4ª edição foi composta por 2 categorias: a Army Race Corporate no dia 12 de manha, prova direcionada para empresas que teve a participação de cerca de 300 atletas com uma distância aproximada de 6km e 20 missões T*eam Building.*

No dia 13 decorreu a prova Principal da Army Race designada Elite que contou com a presença de cerca de 1000 atletas num percurso 8 Km com 30 desafios elite. Esta prova pelo 3º ano consecutivo, ao fim de 10 dias depois da abertura das inscrições, esgotou a sua capacidade máxima de atletas admitidos.

Estas provas têm como objetivo principal proporcionar aos atletas, agrupados por equipas, a prática desportiva em ambiente militar, através do desafio da corrida e transposição de obstáculos, procurando fomentar o trabalho de equipa, o desenvolvimento do espírito de camaradagem e entreajuda, bem como a superação individual na transposição dos múltiplos desafios.

Complementarmente, estas provas tiveram também um objetivo solidário, pois cada equipa na superação e êxito de uma missão, doou 2 kg de alimentos a uma Instituição de Solidariedade Social da região do Porto, designada de "Amor Perfeito" e que permitiu no total, contando também com doações dos atletas, recolher cerca de 1200kg de alimentos.

O início da prova foi assinalado com um disparo de salva efetuado pelo Exmo Comandante do Regimento de Transmissões, Coronel de Transmissões Luís Afonso.

Esta iniciativa constituiu fator de prestígio e reconhecimento para o Regimento de Transmissões e para o Exército Português, plenamente comprovado pela extraordinária adesão e pelos comentários dos atletas no final da prova, posteriormente confirmados nas diversas redes sociais.

VISITA DO EXMO TENENTE-GENERAL AJUDANTE GENERAL DO EXÉRCITO

Em 05Fev16 o Regimento de Transmissões recebeu a visita do Exmo Tenente-General Ajudante General do Exército (AGE), José Carlos Filipe Antunes Calçada acompanhado pelo Diretor dos Serviços de Pessoal Major-General Viegas Pires, pelo Chefe de Gabinete do AGE Cor Tir Tm Bento Soares e pelo seu Adjunto do Comandante do Pessoal, SMor Inf António Ribeiro.

A visita, que decorreu durante a tarde, incluiu uma breve visita ao Destacamento da Banda Miliar do Exército no Porto, onde o Tenente-Geral AGE teve a oportunidade de ouvir um trecho musical interpretado por esta Banda e falar com os militares que a integram.

Durante a visita o ExmoTGen AGE pode contactar ainda com o 1º Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército de 2016, incorporado no RTm, a 01Fev16, onde apesar da curta permanência nas fileiras dos jovens Soldados Recrutas pode verificar da sua evolução e do seu dia-a-dia. No âmbito da visita ao RTm pode igualmente observar dois dos locais de demonstrações para o Dia de Defesa Nacional a decorrer, no RTm, de 12Jan16 a 18Mar16.

No final desta curta visita, no salão nobre da Unidade, o Exmo Comandante do Regimento, Cor Tm (Eng) Carlos Jorge de Oliveira Ribeiro proferiu umas curtas palavras de agradecimento e apreço pela visita de Exmo TGen AGE.

VISITA DO EXMO TENENTE-GENERAL COMANDANTE DAS FORÇAS TERRESTRES

O Excelentíssimo Comandante das Forças Terrestres (CFT) TGen António Xavier Lobato de Faria Menezes efetuou uma visita de trabalho ao Regimento de Transmissões (RTm) em 20Set de 2016.

A visita iniciou-se com a guarda de honra protocolar, à qual se seguiu uma apresentação de cumprimentos de uma delegação de Oficiais, Sargentos, Praças e Civis, realizada no salão nobre da unidade. Seguidamente foi realizado pelo comandante do RTm, um briefing no salão de comandantes, onde expôs detalhadamente as missões da unidade, organização e empenhamento operacional.

Terminado o briefing, o Exmo TGen Faria Meneses realizou uma visita às instalações da unidade e após o almoço teve oportunidade em formatura geral de se dirigir a todos os militares e civis da Unidade.

A visita terminou com a assinatura do livro de honra onde o Exmo TGen CFT exarou no livro uma apreciação da qual se transcreve o seguinte excerto: "Saúdo, na pessoa do Cor Tm Carlos Ribeiro, distinto Comandante, todos os Oficiais, Sargentos, Praças e pessoal Civil que tem pautado um comportamento de excelência e servido bem Portugal e os Portugueses.

VISITA DO CMDT DA BRIGINT BGEN FRANCISCO XAVIER FERREIRA DE SOUSA

Em 15 de dezembro de 2016, o Regimento de Transmissões recebeu em visita de trabalho o Exmo Comandante da BrigInt, Brigadeiro-General Francisco Xavier Ferreira de Sousa.

A visita iniciou-se com as Honras Regulamentares, seguindo-se uma sessão de apresentação de cumprimentos no Salão Nobre do Regimento, da corporação de Oficiais, uma representação de Sargentos, Praças e Funcionários Civis.

A visita prosseguiu com a apresentação de um briefing pelo Comandante do RTm, efetuando-se posteriormente uma visita às instalações da unidade a que se seguiu o almoço na Messe de Oficiais.

Após a formatura geral e desfile, a visita terminou com a assinatura do livro de Honra do RTm, pelo Exmo Comandante da BrigInt e de onde se extrai a seguinte frase: "Este Regimento sabe preservar o brilho do lema de uma outrora Unidade, que aqui esteve, na EPT, e que se regia pelos valores da Honra e do Valor."

VISITA DO EXMO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE GONDOMAR

O Regimento de Transmissões (RTm) teve a honra de ter sido visitado no dia 11 de fevereiro de 2016 pelo excelentíssimo Presidente da Câmara Municipal de Gondomar, Dr. Marco André dos Santos Martins Lopes que veio acompanhado por membros do seu executivo, nomeadamente pela Dra. Sandra Eunice Ramos de Almeida, vereadora do pelouro do Desporto e Juventude, Recursos humanos e Protocolo e pelo Eng. Téc. Hélder Vasco dos Santos Figueiredo, vereador do Pelouro das Tecnologias da Informação e Comunicação.

A visita surge na sequência da apresentação de cumprimentos realizada pelo Comandante do Regimento de Transmissões à Camara Municipal de Gondomar e serviu para o estreitar de relações e criação de sinergias de colaboração entre as duas instituições.

Depois do almoço os membros do executivo da CM Gondomar tiveram a oportunidade de visitar algumas instalações do RTm, nomeadamente das academias CISCO e Microsoft e dos equipamentos SIC-T.

A visita terminou com a assinatura do livro de honra do RTm, onde ficou lavrada a seguinte mensagem do Presidente da Camara:

"Grato pela simpatia e acolhimento prestado, em meu nome pessoal, do município de Gondomar e dos colegas do executivo e o público reconhecimento pelo vosso empenho e operacionalidade, juntos a apoiar uma das mais nobres missões de soberania do Estado Português: a segurança!

Bem-haja por toda a vossa atividade ao longo de décadas e pelo contributo na formação de gerações futuras."

DESPEDIDA DO MGEN AGUIAR SANTOS À UNIDADE DE APOIO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

Em 18 de fevereiro de 2016 realizou-se no Quartel-general da Brigada de Intervenção, um almoço e uma formatura geral no âmbito da despedida do Major-General Carlos Henrique de Aguiar Santos aos militares e civis da Unidade de Apoio, como Comandante da Brigada de Intervenção.

O almoço realizou-se no refeitório geral do Aquartelamento de Sant'Anna, durante o qual foram entregues alguns presentes oferecidos pelo Comandante da Unidade de Apoio, Tenente-coronel Mariano Alves e pela Fanfarra Militar - Pólo de Coimbra, que terminou com o tradicional corte do bolo.

Na formatura, o MGen Aguiar Santos proferiu uma alocução onde agradeceu o esforço e dedicação prestados por todos os Oficiais, Sargentos, Praças e Civis da Unidade de Apoio no âmbito das atividades operacionais da BrigInt e no apoio à população civil através do seu Estado-maior e Companhia de Comando e Serviços, desejando ainda a todos os militares e civis presentes as maiores felicidades pessoais e profissionais.

VISITA DE CRIANÇAS E JOVENS À BRIGADA DE INETRVENÇÃO

No dia 29 de março de 2016, a Unidade de Apoio do Quartel-general da Brigada de Intervenção (BrigInt) recebeu um grupo de crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 6 e os 17 anos, no âmbito do PROGRAMA CLDS-3G Coimbra Concelho Solidário e Saudável da OPSCD (Obra de Promoção Social do Distrito de Coimbra), inserido no Plano de ação "Brincar e Aprender para Mais Saber!".

Os jovens conheceram um pouco sobre a Brigada de Intervenção através de um brífingue que decorreu no auditório Tenente General Gonçalves Aranha.

Posteriormente, seguiu-se uma visita guiada pelo Aquartelamento, a qual foi acompanhada por uma explicação acerca das diferentes áreas, nomeadamente, a Biblioteca, a Coleção Visitável, as áreas de trabalho do Estado-maior da BrigInt, passando pelos arruamentos da retaguarda e laterais do Aquartelamento.

Terminada a visita, decorreu no auditório um último brífingue, que visou a divulgação do serviço militar e suprimir qualquer dúvida que tenha subsistido. Por fim, os jovens foram acompanhados ao jardim da Polícia do Exército onde decorreu o almoço

EXPOSIÇÃO "JUNTOS PARA A REDUÇÃO DE CATÁSTROFES"

Decorreu na cidade de Cantanhede do dia 8 a 12 de março de 2017 a semana da Proteção Civil Distrital sob o tema "Juntos para a redução de catástrofes".

O Exército Português fez-se representar através da Brigada de Intervenção (BrigInt) que, para o efeito, projetou para a exposição diverso material utilizado no apoio às populações, tanto nas cheias como no rescaldo de incêndios florestais.

A inauguração do evento foi presidida pelo Secretário de Estado da Administração Interna, Dr. Jorge Gomes, com a presença de vários Presidentes de Câmaras Municipais do distrito de Coimbra e demais Autoridades, que visitaram o local e os materiais expostos pela diversas entidades participantes, grande parte deles pertencentes à BrigInt.

Muito devido à especificidade e à diversidade dos equipamentos expostos pela BrigInt, o local foi visitado por dezenas de pessoas e por todas as escolas do Agrupamento Escolar da região, ultrapassando o meio milhar de alunos, que, de uma forma espontânea, repetiram a visita no fim de semana, fazendo-se agora acompanhar dos seus respetivos familiares.

APOIOS PRESTADOS

Unidade	Período do Apoio de	Período do Apoio a	Tipo de Apoio
RI13	Anual		"Instalações carreira de tiro 25 / 300 m - PSP, GNR de Vila Real, GNR do Porto, GIOP de Penafiel e GIPS de Ribeira de Pena"
	18Jun16	23Jun16	Apoio ao RCmds em instalações – 126ºCurso Comandos
	24Jun16	26Jun16	Apoio ao Município de Vila Real - Circuito Internacional de Vila Real
	31Ago16	04Set16	Apoio em Alojamento dos atletas participantes do IV Torneio de Andebol CUP. Equipas Juvenis do Águas Santas, CAP-Penafiel e SLB.
	17Dec16		Apoio na cedência de instalações e meios humanos à Câmara Municipal Vila Real - Almoço de Natal dos Idosos do concelho de Vila Real.
RI14	03Dec16	04Dec16	Apoio ao Banco Alimentar de Viseu, materializado pela cedência de viaturas para o transporte dos bens doados, das superfícies comerciais para o armazém do Banco Alimentar de Viseu.
	10Dec16		Apoio prestado à ANPC/CDOS de Viseu e ANAFRE na confeção do almoço para os Presidentes de Junta de Freguesia do distrito de Viseu que participaram no Seminário de sensibilização para as matérias relacionadas com a Proteção Civil.
	01Mar17		Apoio ao projeto da Câmara Municipal de Mortágua em parceria com o Agrupamento de Escolas de Mortágua e a Associação de desenvolvimento de Iniciativas Culturais, Económicas e Sociais que visa concretizar através de experiências de acompanhamento de profissionais durante um dia, no seu ambiente de trabalho e participação nas suas atividades diárias.
	18Mar17		Apoio ao Corpo de Bombeiros Voluntários de Viseu, no âmbito das comemorações do 131º Aniversário da Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários de Viseu, para a realização do Torneio de Futsal Entre Instituições de Agentes de Proteção Civil.
	06Mai17		Apoio à Associação dos Deficientes das Forças Armadas (ADFA) – Delegação de Viseu, na celebração do seu Aniversário com a realização de um conjunto de atividades alusivas à comemoração da data festiva.
RI19	18Jun16		O Regimento organizou um "mini" Boot Camp para cerca de 60 elementos da Caixa Geral de Depósitos (CGD), da região de Vila Real, cujo objetivo foi contribuir para o desenvolvimento do espirito de equipa, relacionamento interpessoal, eliminar barreiras e orientação para objetivos e resultados comuns, entre todos os elementos da CGD da Região de Vila Real.
	01Jul16	03Jul16	Apoio em material e pessoal do Núcleo de Mirandela da Liga dos Combatentes, na realização de um Parque Aventura na cidade de Mirandela
	22Jul16	24Jul16	Apoio à 15ª Concentração Motard de Chaves, com a cedência de duas viaturas pesadas "Berliet", um UMM, duas motocicletas e duas redes de camuflagem, para exposição.
	13Out16		Apoio à Santa Casa da Misericórdia de Chaves, com a montagem de duas tendas de arcos no Centro Cultural de Chaves para realização da atividade "Envelhecer com Vida", que se destina aos idosos dos lares daquela instituição.
	16Mar17		Apoio ao Instituto Português do Sangue numa colheita pública de sangue, tendo para o efeito, deslocado às instalações dos Bombeiros Voluntários Flavienses, 50 militares, abrangendo todas as categorias, que de forma voluntária e solidária, ofereceram o seu sangue e inscreveram-se nos dadores de medula óssea.

Unidade	Período do Apoio		Tipo de Apoio
	de	a	
RAAA1	27Jun16	15Ago16	Patrulhamentos diurnos e noturnos na Serra de Sintra durante os meses de maior risco de incêndios, em estreita colaboração com as autoridades locais
	19Dec16		Festa de Natal para as crianças e jovens, num total de 52, pertencentes às Uniões das Freguesias de Queluz e Belas e de Massamá e Monte Abraão
	17Jan17		Organização, em parceria com a União das Freguesias de Queluz e Belas, um Concerto Solidário em proveito dos munícipes mais desfavorecidos
	Mai16	16Dec16	Limpeza das minas de água situadas na Serra de Sintra que são parte integrante do sistema de captação de águas do Concelho de Sintra.
	28Jul16		Patrulhamentos à Serra da Arrábida. Este apoio, à semelhança de anos anteriores, mantêm a sua presença na área a proteger através de patrulhamentos durante os meses de risco de incêndios em estreita colaboração com as autoridades locais.
RA5	10Jun6	11Jun16	Apoio à ADL/Bussola – Alojamento de atletas participantes no Campeonato Nacional de Esgrima.
	29Abr16		Utilização do Polígono de Tiro pelo Corpo de Fuzileiros para realização de tiro de Morteiros.
	31Out16		Disponibilização da Parada D. Pedro V-Comemorações do Comando da GNR/Évora.
	07Mai16	08Mai6	Formação conjunta de condução fora de estrada em parceria com a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Vendas Novas.
	02Out16		Utilização da Pista de Aviação para o 15.º Encontro de Aeromodelismo – Clube de Aeromodelismo de Vendas Novas.
RC6	10Jan17		O Regimento de Cavalaria n.º 6 (RC6), apoiou a Delegação de Braga da Cruz Vermelha Portuguesa com uma ação de entrega de bens alimentares. Para tal, apelou-se uma vez mais à generosidade dos Dragões d`Entre Douro e Minho, que de uma forma célere e emotiva acederam ao desafio de contribuir para ajudar quem mais necessita.
	03Dec16	04Dec16	Apoio ao Banco Alimentar Contra a Fome, com duas equipas de militares apoiadas com viaturas pesadas de transporte. Estas equipas fizeram a recolha dos bens alimentares junto das grandes superfícies de comércio da Cidade de Braga e fizeram a entrega dos mesmos junto à Sede do Banco Alimentar.
	03Out16		Apoio ao Instituto Português do Sangue-Centro Regional de Sangue do Porto através de uma ação de recolha de sangue, no interior da Unidade. A recolha, que foi aberta aos militares e civis do Regimento, bem como a toda a comunidade Bracarense, contou com a participação de 112 dadores.
	12NOV16		Apoio a uma parceria entre o Lions Clube de Guimarães, a Câmara Municipal de Guimarães, o Hospital Senhora da Oliveira, a Escola Superior de Enfermagem e o Instituto Superior de Saúde do Alto Ave, na realização de um rastreio à diabetes.
	02Out16	02Out16	Apoiou o Instituto de Defesa Nacional numa ação de formação para jovens professores do ensino básico e secundário, durante a qual recebeu, a visita de 210 docentes. Durante esta visita os docentes tiveram oportunidade de assistir a dois briefings, um sobre o Exército e outro sobre o RC6, e a uma exposição de capacidades do Grupo de Reconhecimento.

Unidade	Período do Apoio		Tipo de Apoio
	de	a	
RE3	08Jul16	A decorrer	Está a apoiar, desde julho de 2016, a Câmara Municipal de Pedrogão Grande, com trabalhos para a construção de uma plataforma para futura instalação do novo Parque Empresarial, com uma área aproximada de 90 ha.
	16Mar15	Jun16	Apoio à Câmara Municipal de Castanheira de Pera, com trabalhos de construções horizontais, na abertura e beneficiação da rede viária florestal, perfazendo um total de 39 km de intervenção.
	Fev16	Jun16	Entre Fev16 e Jun16, a Câmara Municipal de Ribeira de Pena, no âmbito do Plano FAUNOS, com trabalhos de abertura de Faixas de Interrupção de Combustível (FIC), abertura e beneficiação da Rede Viária de Defesa da Floresta (RVDF) no Perímetro Florestal de Ribeira de Pena - Vila Real.
	29Fev16	30Jun16	Apoiou, entre Fev16 e Jun16, a Câmara Municipal de Vagos com trabalhos de limpeza, alargamento e regularização do leito de quatro linhas e cursos de água, numa extensão de 11,5 km, com movimentação de cerca de 37000 m3 de inertes.
	12Mai16	01Jul16	Apoiou, entre 12Mai e 01Jul, a Câmara Municipal de Espinho, com trabalhos de regularização das areias das praias de Espinho, numa área total de 220000 m2.
RT	26Jun16	22Jul16	Apoio em Alojamento ao Programa "Universidade Júnior" da Universidade do Porto.
	03Dec16	04Dec16	Apoio à recolha, descarga, separação, embalamento e armazenamento dos géneros alimentares da campanha de angariação de alimento do banco alimentar
	16Mar17	19Mar16	Apoio ao evento QUALIFICA – Feira de Educação, Formação, Juventude e Emprego.
	31Mar17	02Abr17	Apoio à campanha de recolha de bens alimentares da Cruz Vermelha Portuguesa
	09Jul16	10Jul16	Apoio em Alojamento e Alimentação à seleção Nacional de Voleibol Juniores - Federação Portuguesa de Voleibol
UnAp	27Jun19	29Jun19	Apoio à Autoridade de Segurança Alimentar e Económica com cedência da carreira de tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
	05Nov16	26Nov16	No âmbito de um protocolo de colaboração com a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (FDUC), realizou-se o VII Curso de Operações de Paz e Ação Humanitária (OPAH), numa organização conjunta da Brigada de Intervenção
	07Out16	09Out16	Apoio à Divisão de Cultura e Turismo da Câmara Municipal de Coimbra com cedência de instalações para a realização da VIII Mostra de Doçaria Conventual.
	22Abr16	01Mai16	Apoio ao IEFP, com cedência do Auditório do Aquartelamento, no âmbito do Curso de Educação e Formação de Adultos - Nível III na área de Formação em Hotelaria/Restauração.
	08Ago16	12Ago16	Apoio à Universidade de Coimbra dos Serviços de Ação Social da Universidade Coimbra, com cedência de uma visita educativa às instalações do Aquartelamento de Santana, no âmbito da 2ª Edição do ATL de Verão.

GRUPO DE RECONHECIMENTO – UNIDADE DE MANOBRA

José Pimenta
TCor Cav

"A suprema arte da guerra é derrotar o inimigo sem lutar"
Sun Tzu "A Arte da Guerra"

INTRODUÇÃO

A frase que inicia este artigo sugere que os recursos usados nos conflitos armados devem ser apenas aqueles que permitam alcançar os objetivos e a vitória com o menor esforço possível, seja esse esforço relativo aos sistemas de armas empregues num qualquer conflito ou à forma como é planeado o emprego desses sistemas de armas. Sun Tzu realça nesta sua frase que, na guerra, nem sempre o contendor que detém o maior potencial de combate é o vitorioso. Existem outros recursos, que podem e devem ser utilizados, que são determinantes para o desfecho dos conflitos, sendo um deles a "manobra".

Antes de particularizar a questão da inclusão do Grupo de Reconhecimento (GRec) no universo das unidades de manobra, impõe-se um prévio desenvolvimento do próprio conceito de "manobra", perceber a sua relevância no moderno campo de batalha e elencar aquelas que são as principais características que uma força deve possuir, para que possa ser considerada uma "unidade de manobra". Nessa sequência, será posteriormente abordada a questão particular do GRec, para que possamos concluir se esta Unidade Escalão Batalhão (UEB) pode ou não ser incluída no universo das unidades de manobra.

A MANOBRA

Os Princípios da Guerra, normas que regulam a conduta das operações militares para que o sucesso seja alcançado, continuam a ser um "farol" que deve ser permanentemente considerado nas diversas situações que surgem no decorrer dos conflitos armados. A "manobra" é um dos Princípios da Guerra e "*consiste em dispor uma força de forma a colocar o adversário numa situação desvantajosa. (...) a manobra permite a correta aplicação dos princípios da massa e da economia de forças e pela concentração e dispersão do potencial de combate nos locais e momentos decisivos, otimiza os pontos fortes e reduz as vulnerabilidades contribuindo para preservar a liberdade de ação, para manter a iniciativa e para explorar os resultados do combate*" (PDE 3-00, 2012).

A "Guerra da Manobra" tem sido ao longo de vários anos motivo de discussão que tem alimentado o desenvolvimento e importância do conceito de "Manobra". Os conflitos que existiram ao longo da história deram origem a constantes adaptações à forma como os Comandantes orientavam a sua conduta nesses conflitos.

Os recursos utilizados para derrotar os adversários não foram sempre os mesmos, tendo-se verificado inúmeras atualizações, muitas delas marcantes, como foi a utilização da "manobra" como um importante meio para alcançar a vitória. Existem referências à guerra da manobra desde a antiguidade podendo ser enumerados diversos exemplos: as vagas de mongóis liderados por Genghis Khan, a forma como os prussianos maximizavam a flexibilidade e a velocidade nos séculos XVIII e XIX e as vitórias conseguidas por Napoleão, muitas vezes com um efetivo inferior ao adversário. Mais recentemente, *"sucessos como a invasão da França em 1940, a conquista da Jugoslávia pelos alemães, a vitória de Israel na Guerra dos Seis Dias, a invasão do Afeganistão pelos soviéticos em 1979, entre muitos outros, são bons exemplos da aplicação da guerra de manobra"* (Barroso, 2007). A história mostra-nos assim que, de facto, a utilização da manobra por parte de muitos comandantes constituiu uma vantagem nas batalhas em que participaram. No entanto, utilizar a manobra como arma não está ao alcance de todas as forças. A manobra, além de requerer um planeamento pormenorizado que garanta que se vai alcançar uma significativa vantagem em relação ao adversário, exige que seja executada por forças com determinadas características.

Como podemos então definir "manobra" e em que Função de Combate[1] a podemos incluir?

Numa análise direta ao significado da palavra podemos definir "manobra" como uma *"operação destinada a colocar (...) forças militares ou fogos, combinando os seus efeitos no tempo e no espaço, em situação de assegurar, com o mínimo esforço e a máxima segurança, o cumprimento da missão recebida[2]"* . A edição revista da "JointPublication 3-0", define o conceito de manobra como o *"emprego de forças na área de operações através da combinação do fogo e movimento para alcançar uma posição de vantagem em relação ao inimigo[3]"* (JP 3-0, 2017). A "Publicação Doutrinária do Exército 3.00 Operações" define manobra como *"o emprego de forças através da combinação do fogo e movimento para alcançar uma posição de vantagem em relação ao inimigo de forma a cumprir uma missão"* (PDE 3-00, 2012).

1 As Funções de Combate existentes são as seguintes: Movimento e manobra, comando-missão, informações, fogos, proteção e apoio de serviços. A liderança e a informação atuam como multiplicadores de todos os outros elementos. PDE 3.00 Operações, Pag 2-22 -Abril2012.
2 Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-03-18 17:11:55]. Disponível na Internet: https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/manobra
3 Tradução do autor: "Maneuver is the employment of forces in the OA through movement in combination with fires to achieve a position of advantage in respect to the enemy". Disponível em http://www.dtic.mil/doctrine/new_pubs/jp3_0.pdf, Cap III Pag 34.

Nestas diversas abordagens do conceito de "manobra" sobressaem algumas particularidades associadas ao conceito que importa realçar e que devem existir nas unidades empregues na manobra:

- Manobra implica movimento

A manobra é mais do que um simples movimento de forças, no entanto, concentrar potencial de combate num dado local para atingir um determinado objetivo, implica que a força que efetua a manobra tenha a capacidade real de se movimentar.

- Manobra implica velocidade

O fator velocidade interfere de uma forma direta com o resultado da manobra. A colocação dos sistemas de armas no local e momento decisivos, implica a existência desta capacidade nas forças militares que executam essa operação.

- Manobra implica flexibilidade

A adoção de uma metodologia flexível permite fazer face às alterações do ambiente operacional que caraterizam as atuais operações militares.

- Manobra implica poder de fogo

Independentemente da tipologia de operação que estiver a ser conduzida, o seu desfecho mais ou menos célere, com maior ou menor sucesso, é diretamente influenciado pelo poder de fogo da unidade que efetua a operação.

Relativamente às Funções de Combate, a "manobra" é de forma nítida, um dos elementos do potencial de combate que é aplicado pelos Comandantes através da Função de Combate "Movimento e Manobra[4]" .

O GRUPO DE RECONHECIMENTO

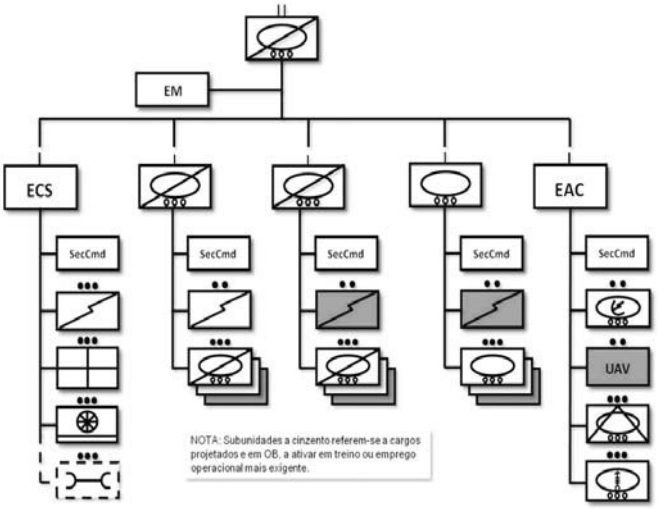
"*The primary source of fresh information for the commander during battle is his reconnaissance and security organization—his Cavalry*"
(FM 3-98)

Criado por despacho de SExa o Gen CEME de 06 de novembro de 2015, o GRec iniciou na mesma data o treino operacional com vista a atingir a *Full Operational Capability* no exercício ORION16, patamar de operacionalidade que viria a ser alcançado.

4 A Função de Combate "Movimento e Manobra" é composta por tarefas e sistemas que movimentam forças para alcançar uma posição de vantagem em relação ao inimigo (PDE 3.00 Operações, Pag 2-28 -Abril2012).

A criação desta Unidade Escalão Batalhão, de reconhecimento, novidade no sistema de forças nacional, acompanha a tendência atual dos países pertencentes à NATO que de uma forma geral substituíram nas Brigadas os Esquadrões de Reconhecimento para procederem ao levantamento de Grupos de Reconhecimento.

Esta realidade está diretamente associada à maior complexidade do Espaço de Batalha da Brigada e à maior dimensão da sua Área de Responsabilidade e de Operações. As operações de reconhecimento e segurança são essenciais para o sucesso das operações. Doutrinariamente, "*as Brigadas conduzem continuamente tarefas de reconhecimento e segurança com recurso às suas unidades orgânicas de cavalaria*[5]" (FM 3-98, 2015).



O GRec tem na sua constituição cinco esquadrões:

- Um Esquadrão de Comando e Serviços que centraliza a totalidade do apoio de serviços do GRec.

- Dois Esquadrões de Reconhecimento e um Esquadrão de Autometralhadoras a dois ou três Pelotões[6] e um Esquadrão de Apoio de Combate.

5 Tradução do autor: "Reconnaissance and security operations are essential to successful operations. BCTs conduct continuous reconnaissance and security tasks mainly through their organic Cavalry organizations". FM 3-98, Pag 1-3.

6 A constituição dos Esquadrões a dois Pelotões de Reconhecimento acontece com o efetivo estrutural permanente. A constituição a três Pelotões torna-se efetiva em situações de emprego mais exigente (cargo projetável). Os mecanismos para a sua ativação têm por base as seguintes situações: Recurso a efetivos ou subunidades de outras Unidades da Componente Operacional; Recurso a efetivos de outras Unidades, Estabelecimentos ou Órgãos da Componente Fixa; Recurso ao Recrutamento Excecional (Convocação e Mobilização); Recurso a efetivos na situação de Reserva (fora da efetividade do serviço).

O GRec tem como principal possibilidade conduzir toda a tipologia de operações em todo o espectro de operações militares das quais se destacam as seguintes:

- Conduzir operações de reconhecimento;
- Conduzir operações de segurança;
- Conduzir ações de Segurança da Área da Retaguarda (SAR) e de segurança local;
- Conduzir, em economia de forças, operações defensivas e ofensivas em todo o terreno e condições meteorológicas;
- Contribuir para o esforço de pesquisa da Brigada através da pesquisa de notícias e ações de informações;
- Participar em Operações de Estabilização e outras Operações de Resposta a Crise (CRO);
- Participar em operações aeromóveis;
- Participar em operações de combate ao terrorismo e de contrainsurreição.

A tipologia de operações atrás exposta comprova de uma forma clara que o potencial de combate necessário ao cumprimento dessas operações é aplicado na função de combate "Movimento e Manobra".

No entanto, apesar de grande parte das operações suscetíveis de serem cumpridas pelo GRec estarem associadas a um contacto permanente com o inimigo, seja em operações de combate próximo, seja através da monitorização desse inimigo com recurso aos sistemas de armas que possui, nem sempre a sua atividade esteve diretamente associada à Função de Combate "Movimento e Manobra".

Num breve período do passado foi considerado que as unidades de reconhecimento integravam a função de combate "Informações", conceito este que foi abandonado em 2010 com a publicação de uma nova versão do FM 3.20.96.

Podemos ler nesse manual que "*o principal papel do GRec é cumprir missões de reconhecimento e segurança em apoio do escalão superior. (...) dependendo das variáveis da missão, o GRec pode executar operações ofensivas e defensivas em economia de forças*".

Ao analisar a doutrina NATO verificamos, igualmente, que *"as unidades de reconhecimento são empregues como forças de combate, conduzem manobra e podem ser usadas em operações de economia de forças"* (ATP 3.2.1, 2009).

CONCLUSÕES

Para o cumprimento das suas tarefas principais, o GRec está equipado com diversos sistemas de armas que lhe permitem conjugar várias características como o movimento, a velocidade, a flexibilidade e o poder de fogo.

Estas são as características que devem estar presentes na base da organização de qualquer unidade de manobra. A documentação doutrinária atualmente existente, corrobora a afirmação que as Unidades de Reconhecimento manobram e combatem para obter informação, para garantir a segurança à força em proveito da qual trabalham (espaço de manobra e tempo de reação) e para atacar e defender em economia de forças (operação de moldagem), permitindo dessa forma que as unidades de carros de combate e de infantaria, também elas unidades de manobra, possam ser empregues no momento e local decisivos (operação decisiva).

Abordados alguns dos pontos essenciais relativos à temática em análise, podemos concluir que o Grupo de Reconhecimento ocupa no atual Sistema de Forças um espaço com coerência organizativa e tática e está equipado com um conjunto de sistemas de armas que permitem o cumprimento das missões que doutrinariamente lhe são atribuídas.

Podemos igualmente concluir, que esta UEB é efetivamente uma "Unidade de Manobra" que possui um potencial de combate que a coloca num patamar de emprego operacional idêntico a outras UEB de manobra.

BIBLIOGRAFIA

ATP 3.2.1, 2009. "Allied Land Tactics". North Atlantic Treaty Organization. Disponível em: https://pt.scribd.com/doc/250355763/ATP-3-2-1-Land-Tactics

ATP 3-20.96 (FM 3-20.96), 2016. "Cavalry Squadron". Disponível em: https://books.google.pt/books?id=vpxLvgAACAAJ&dq=ATP+3-20.96+(FM+3-20.96)&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwiHpuS72fLSAhWLuhQKHcDLC2EQ6AEIGTAA

BARROSO, Luis, 2007. Guerra de Manobra: Plataforma para Effects-based Warfare?. Revista Militar nº 2465/2466-junho/Julho de 2007, pp735. Disponível em https://www.revistamilitar.pt/artigopdf/215

PDE 3-00, 2012. "Operações". Exército Português, Publicação Doutrinária do Exército. Lisboa.

FM 3-98, 2015. "Reconnaissance and Security Operations". Headquarters Department of the Army Washington, DC. Disponível em https://armypubs.us.army.mil/doctrine/index.html)

FM 6-0, 2014. "Commander and Staff Organization and Operations". Headquarters Department of the Army Washington, DC. Disponível em: https://armypubs.us.army.mil/doctrine/index.html

GIOE, David, 2016. "Can the Warfare Concept of Maneuver be Usefully Applied in Cyber Operations?".The Cyber Defense Review. Disponível em: http://www.cyberdefensereview.org/2016/01/14/warfare-concept/

HOOKER, Richard, 1993. "Maneuver warfare: An anthology ". Pag 35. Disponível em http://www.iesm.pt/cisdi/boletim/Artigos/S9.pdf

JP 3-0, 2017. Joint Publication, "Joint Operations". Disponível em http://www.dtic.mil/doctrine/new_pubs/jp3_0.pdf

TZU, Sun, 1988. "A Arte da Guerra". Editora Pensamento. Disponível em: https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=u_JBHNI85WUC&oi=fnd&pg=PA7&dq=sun+tzu+a+arte+da+guerra+&ots=YLY5Hyewp-&sig=IXbs1Z2rm1-Qt-h4uhHdnMG4-7M&redir_esc=y#v=onepage&q=sun%20tzu%20a%20arte%20da%20guerra&f=false

IMPORTÂNCIA DA SIMULAÇÃO

Paulo Figueiredo
Maj Mat

Por definição o termo "Simulação" significa: Ato ou efeito de simular. Representação matemática de um sistema ou de um processo por um modelo estatístico com que se trabalha, como se se tratasse desse sistema ou processo, para investigar os seus efeitos.

A simulação pode ser vista como o estudo do comportamento de sistemas reais através do exercício de modelos. Um modelo incorpora características que permitem representar o comportamento do sistema real. Um sistema pode ser interpretado como um conjunto de itens entre os quais se possa encontrar ou definir alguma relação de funcionalidade.

O termo simulação é de facto, bastante genérico, já que são variadas as formas e mecanismos utilizados para a representação do comportamento de sistemas. A simulação possui também grande abrangência em relação ao seu campo de aplicação. Por exemplo, além das aplicações militares (terrestres, aéreas, navais, espaciais, informáticas, etc…) a simulação pode ser aplicada na indústria, construção civil, organizações públicas, criação de software/hardware, entre outros.

Os benefícios da simulação, aliados à agilidade, flexibilidade e polivalência oferecida pelos meios computacionais/informáticos em crescente evolução, têm sido largamente utilizados como ferramenta auxiliar na solução de problemas diversos.

Conjuntamente com os meios computacionais atualmente disponíveis, os fatores que mais contribuem para a escolha de técnicas de simulação são:

- **Tempo:** rapidez nas respostas;

- **Custo:** geralmente o custo mantém-se muito abaixo se comparado à execução de experiências/operações sobre o sistema real, sobretudo a longo prazo;

- **Impossibilidade de experimentação direta:** existem situações em que experiências/operações diretas no sistema real não podem ser realizadas por questões de segurança, de tempo, de acesso, ou ainda de inexistência (quando o sistema ainda está em construção);

- **Visualização:** os meios computacionais oferecem recursos que facilitam a visualização dos resultados de uma simulação (gráficos, tabelas, imagens, ou outros), bem como do estado de todo o sistema durante o exercício de um modelo e, permite recriar cenários visualmente idênticos à realidade;

- **Repetição:** depois de construído, um modelo de representação pode ser executado vezes sem conta, a um custo muito baixo;

- **Flexibilidade:** um modelo é extremamente mais flexível para a realização de mudanças se comparado com um sistema real. Esta é uma característica bastante desejável no estudo de sistemas com objetivos de geração de informações de apoio a tomada de decisões.

Figura 1 - Aplicação de Realidade Virtual com visualização em 3D

Uma vez que, para o ser humano, mais de 90% da perceção do mundo real provem dos sentidos da visão e audição, duas áreas que oferecem grandes potencialidades à simulação são a "Realidade Virtual" e a "Realidade Aumentada".

Além da visualização, que pode ser a 2D ou 3D, a experiência do utilizador de Realidade Virtual pode ser enriquecida pela estimulação de outros sentidos como o tato e a audição.

Figura 2 – Treino com recurso a Realidade Virtual

A Realidade Virtual (RV) pode ser definida como uma "interface avançada de utilizador" para aceder a aplicações executadas por um computador, tendo como características a visualização e movimentação em ambientes tridimensionais em tempo real, e a interação com elementos desse mesmo ambiente.

A modelagem dos ambientes virtuais, usando linguagens como VRML[1] ou outras linguagens e ferramentas específicas, permite que o utilizador visualize ambientes, manipule objetos e outros elementos do cenário virtual, além de se movimentar dentro do espaço tridimensional.

Figura 3 – Sistema de treino de armas de tiro tenso com recurso a LASER

1 Virtual Reality Modeling Language)

Num ambiente de Realidade Virtual, geralmente o utilizador é totalmente "imerso" no ambiente criado pelo computador, ficando privado do mundo real, o utilizador é "cercado" de imagens geradas por computador que retiram a possibilidade dos seus sentidos percecionarem o mundo físico exterior, tal situação requer algum treino e adaptação para se tirar o máximo proveito do uso da Realidade Virtual.

Num ambiente de Realidade Aumentada, o utilizador é mantido no seu ambiente físico e é transportado o ambiente virtual para o seu espaço, permitindo a interação com o mundo virtual, de maneira mais natural e sem necessidade de treino ou adaptação.

A Realidade Aumentada pode ser definida como a sobreposição de objetos virtuais tridimensionais gerados por computador com o ambiente físico real, mostrada ao utilizador em tempo real, com o apoio de algum dispositivo tecnológico que pode ser um capacete misturador de visão direta, um monitor ou uma tela de projeção.

Assim como no domínio civil, também no âmbito militar, todas as técnicas de simulação têm aplicação, como tal, tudo o que anteriormente foi referido tem plena aplicação na esfera militar.

Ao logo da história sempre se verificou que o avanço da tecnologia esteve intimamente ligado com avanços na área militar.

Nesta área, a simulação assume um papel ainda mais importante, muito embora nem sempre assim tenha sido considerado.

A justificação da afirmação anterior resulta da constatação do elevado risco de vida humana presente em praticamente todas as atividades militares, nas quais, além do cumprimento da missão, se pretende também atingir o objetivo de "zero baixas".

O uso de uma boa política de simulação pode conduzir a uma formação, treino ou treino operacional mais eficientes e eficazes, sendo concorrentes para um cumprimento de missão mais bem sucedido.

No domínio militar, qualquer sistema de simulação visa criar um cenário em tudo idêntico à realidade, em que a ação do(s) utilizador(es) será igual, ou a mais aproximada possível, da que acontece num cenário real.

Os efeitos dessa ação, e da resposta por parte do sistema de decisão do simulador, serão simulados no cenário e nos utilizadores.

Figura 4 – Militar Norte-Americano com óculos RV para simulação de salto de pára-quedas

Pretende-se que estes efeitos sejam também iguais aos que aconteceriam em cenário real, desde que sem danos humanos ou materiais, dado que esse é um dos propósitos principais de um simulador.

Para que tal aconteça, os efeitos ou respostas do simulador terão de ser sob a forma de avisos ou indicadores; por exemplo: num simulador de combate com armas individuais ligeiras de tiro tenso, caso o utilizador do simulador seja abatido (simulação), essa situação será indicada por um aviso sonoro e/ou interdição de continuação da simulação, obviamente sem danos físicos para o utilizador.

O uso de simuladores para formação/treino militar não é novidade. Desde o Século XIX, que jogos de simulação estratégica são utilizados nas Escolas ou Estabelecimentos de Ensino Militar e, na II Guerra Mundial, simuladores de voo já eram empregues nos cursos de formação de pilotos.

Durante a preparação para a Segunda Grande Guerra, a necessidade de encurtar o tempo de Formação/treino levou esses simuladores para o meio militar.

O objetivo era diminuir custos e criar um ambiente seguro para formar/treinar pilotos em grande número e o mais rápido possível.

A partir dessa época, o hardware e o software dos simuladores modernizaram-se continuamente sendo utilizados, tanto no entretenimento como em formação/treino, militar ou não.

Os objetivos do uso da simulação no meio militar, além de reduzir custos, aumentar a absorção e a retenção de conhecimentos, é também o de aumentar a motivação dos formandos e dos formadores.

Além de todos os benefícios já referidos acerca da simulação, convém olhar para quem será formado/treinado, ou seja, a geração que inicia agora a vida militar. Jovens de 17 a 25 anos que certamente possuem, ou têm acesso a um Computador Pessoal ("Personel Computer" - PC) e, garantidamente já se sentiram tentados a jogar jogos de cariz militar.

Para estes jovens, por vezes chamados de "Geração Digital", a formação ou treino com recurso a novas tecnologias constitui certamente um motivo extra de empenho, orgulho, satisfação e motivação.

Vários estudos realizados pelas Forças Armadas dos EUA mostraram que simulações criadas por software, ainda que leves, a correrem em PC's, permitiram maior grau de assimilação de conhecimentos aos formandos que as realizaram, comparativamente com formandos que tiveram formação sem recurso a simulação.

O jogo de computador "America's Army", desenvolvido no Instituto MOVES (*Modeling, Virtual Environments and Simulation*), da Naval Postgraduate School, em Monterey, Califórnia, EUA, foi financiado pelo Sector de Recrutamento do Exército Americano para atrair jovens ao serviço militar voluntário.

O jogo tornou-se um grande sucesso podendo fazer-se o download gratuito pela Internet [2].

Os seus servidores acompanhavam a evolução dos jogadores e simulavam diversas fases da carreira militar, chegando ao ponto de atribuir condecorações e punições.

Este sucesso levou o "America's Army" e outros jogos de computador a serem utilizados ou testados em treinos específicos do Exército Americano.

O recurso a equipamentos de simulação, obviamente não tem só vantagens. Além da impossibilidade de se reproduzir na integra toda a envolvência de um ambiente real, a escolha destes sistemas acarreta sempre um elevado investimento inicial, que só será recuperado a longo prazo e, dependente do volume de utilização.

O custo é um fator facilmente expressador e com muito peso na decisão de aquisição de um qualquer sistema deste tipo, no entanto, importa analisar com detalhe o benefício, difícil de exprimir e que como tal, numa relação custo benefício, a análise pode tender para o fator mais expositivo.

É necessário também nunca esquecer que num sistema de simulação, o custo de aquisição não envolve só o equipamento em si.

É necessário incluir no custo de investimento inicial, os valores de: instalações necessárias; formação e treino de operadores; formação de técnicos de manutenção e/ou elaboração de contrato para manutenção e atualização (apoio técnico, atualizações de Software e Hardware).

Importa referir que o uso da simulação na formação/treino nem sempre proporciona poupança de verbas sobretudo no curto/médio prazo. Habitualmente as poupanças apenas se registam no longo prazo.

O que os sistemas de simulação podem propiciar é uma melhoria na qualidade da formação/treino, com uma consequente melhoria na preparação e prontidão de forças, assim como no cumprimento da missão das mesmas, especialmente porque a rampa de aquisição de conhecimento é cada vez mais inclinada (volume vs tempo).

2 *http://www.americasarmy.com/*

DIGITALIZAÇÃO DO CAMPO DE BATALHA, TECNOLOGIA NACIONAL AO SERVIÇO DAS FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS

Carlos Jorge de Oliveira Ribeiro, Coronel Tm (Eng), Chefe do Gabinete de Coordenação de Projetos;
Nuno Bustorff Silva, Gestor do Programa da Defesa na CRITICAL Software

1. INTRODUÇÃO

Na era da informação, as tecnologias de informação e comunicação são uma ferramenta incontornável no dia-a-dia de qualquer organização, não sendo exceção a gestão dos cenários operacionais militares.

Estas tecnologias são há muito utilizadas na digitalização do campo de batalha, por serem reconhecidas como ferramentas eficazes na criação e partilha contínua de dados situacionais provenientes dos meios colocados no terreno e, fundindo-os, criar um panorama situacional detalhado, atual e confiável. Este fluxo de dados e informação é crítico no processo de planeamento, empenhamento de meios, monitorização e comando das forças, sendo, também por isso, crítico no suporte à tomada de decisão.

Um sistema desta natureza necessita de ter a capacidade de estabelecer a comunicação entre os meios que estão no terreno e, entre estes e a sua cadeia de comando. Precisa ainda de mecanismos que suportem a produção de dados, confiáveis, e os disseminem de forma fácil, segura e rápida pelas redes operacionais. Desta forma gera-se um fluxo de partilha de informação bidirecional, entre o comando e os meios que estão no terreno, criando-se uma visão operacional comum (Commom Operational Picture - COP). A construção de conhecimento situacional desta natureza, partilhado pelos vários escalões, aumenta a flexibilidade da decisão e o emprego e posicionamento dos meios. Neste estádio de "autonomia coordenada" as forças alcançam as condições para empreender iniciativas que geram desequilíbrios e que podem influenciar positivamente a forma como a operação evolui no cenário de operações.

Foi este o desafio apresentado pelo Exército e abraçado pela CRITICAL Software, construir um *Battlefield Management System* (BMS) para ser usado pelos escalões batalhão, companhia e pelotão, e destinado a equipar as viaturas táticas PANDUR II e LEOPARD 2A6 do Exército.

O atual projeto foi antecedido por uma prova de conceito, que usou as redes táticas de combate de secção (*Combat Net Radio* - CNR) atualmente em exploração no Exército Português, baseadas nos GRC 525 da EID. A apresentação de resultados da prova de conceito teve lugar em Novembro de 2014, no Centro de Tropas Comandos. Demonstrada a exequibilidade técnica da solução, foi decidido edificar esta capacidade, recorrendo a conhecimento de domínio e tecnologia totalmente nacionais. O projeto iniciou-se em Janeiro de 2016, no âmbito de um protocolo de investigação e desenvolvimento estabelecido com o Ministério da Defesa Nacional. O sistema encontra-se em fase final de validação e pronto para ser entregue ao Exército para teste e posterior emprego em ambiente operacional.

2. O SISTEMA

O BMS é um sistema destinado a escalões intermédios móveis, situando-se entre o sistema de comando e controlo (C2) dos altos escalões, e o sistema C2 do soldado apeado (dismounted soldier system – DSS-C2). O Battlefield Management System está orientado aos comandantes de Companhia, Pelotão e Secção. No sentido ascendente da cadeia de comando, este sistema está disponível até ao nível de batalhão, onde se integra com o sistema de comando e controlo do escalão superior (SICCE). No sentido descendente, o BMS integra-se com o escalão inferior, o sistema comando e controlo do soldado apeado (DSS-C2).

A aptidão do BMS para contribuir para a superioridade de informação está dependente das capacidades edificadas no sistema. Importa pois apresentá-las, sendo essa a tarefa que nos vai ocupar de seguida. Não sendo possível detalhar aqui o sistema, serão focadas as capacidades mais relevantes. O primeiro aspeto a abordar é a capacidade de criar uma rede de comunicação, segura, que permita a comunicação entre meios que se encontram no terreno (horizontal), e destes com a sua cadeia de comando (vertical). De notar que o estabelecimento da comunicação, horizontal e vertical, é uma condição necessária para que o sistema exista. O segundo aspeto a descrever é o estabelecimento da visão operacional, partilhada pelos vários escalões, construída usando as capacidades base do sistema (*e.g.*, como o estabelecimento da rede) e outras funcionalidades aplicacionais. A finalizar, será abordada a capacidade de interoperabilidade, aspeto da maior relevância para as Forças Armadas, seja em exercícios nacionais ou internacionais.

Conetividade e estabelecimento da rede de comunicação

A conectividade e comunicação do sistema assenta numa rede *ad-hoc*, que implementa um conjunto de requisitos funcionais e não funcionais. Em termos funcionais, muitos dos requisitos foram levantados com os ramos, nomeadamente os seguintes:

- Implementar comunicação de dados sobre diferentes tipos de meios (e.g., Rede TCP/IP ou rádios HF/VHF/UHF);
- Ser capaz de estabelecer um contínuo de comunicação entre meios de comunicação com natureza física distintas. Por exemplo, iniciar a comunicação de dados num nó de uma rede VHF, residindo o nó de destino numa rede HF ou UHF;
- Ser compatível com as baixas, a muito baixas, larguras de banda que normalmente são disponibilizadas pelos combat net radio que equipam os baixos escalões;
- Configurar a estrutura dos nós da rede a partir de uma TASKORG (estrutura da organização, no caso do Exército um nó da rede representa uma viatura), a qual pode ser alterada posteriormente (e.g., para integrar reforços);

- Ser possível chegar com dados onde não se chega com voz, chegar fora do alcance do rádio, garantindo a comunicação entre o nó de origem e o de destino, independentemente dos *relays* a realizar para alcançar o destino;
- Analisar a rede e descobrir, dinamicamente, o caminho mais curto da rede para entregar uma mensagem a um destinatário;
- Definir prioridades nas mensagens, para que as mais urgentes sejam transmitidas em primeiro lugar;
- Permitir segregar dados para diferentes redes com base em regras pré-definidas.

Em termos práticos são vários os resultados que se obtêm da utilização destes requisitos, que se encontram implementados nas várias camadas do protocolo, dedicando-nos neste artigo somente à configuração, ao roteamento de mensagens e à segregação de dados entre diferentes redes.

Relativamente à configuração da rede, na Figura 1 ilustra-se uma configuração nominal, onde qualquer nó consegue falar diretamente com os demais nós da rede.

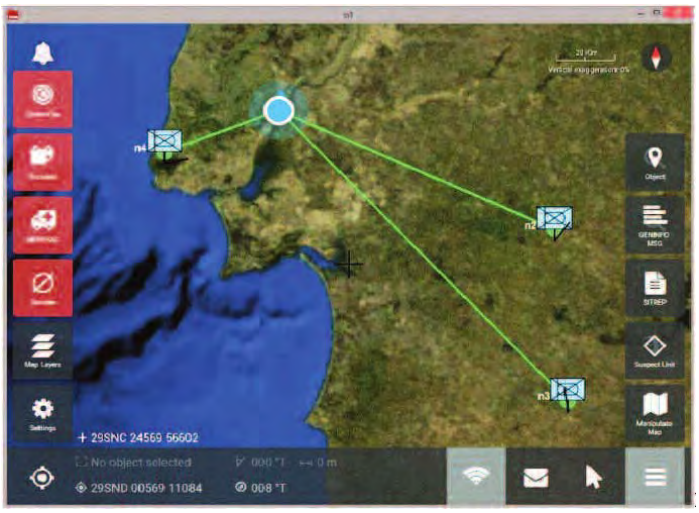


Figura 1: rede em conformação nominal

As linhas verdes apresentadas no diagrama, e que podem ser ligadas e desligadas pelo utilizador, têm como objetivo mostrar as ligações mais otimizadas que o nó (i.e., a viatura em causa) tem com os demais nós, bem como o seu estado. Quando as ligações são estabelecidas diretamente, sem *relay*, estas são representadas a verde.

Quando estão a amarelo, significa que não há comunicação direta, existindo *relay* de mensagens através de outro nó da rede. Quando a ligação se encontra a encarnado, significa que a ligação já existiu no tempo, mas que de momento se encontra desligada (*offline*).

Quando se quebram ligações entre nós, estas são recuperadas automaticamente, no exato momento em que o nó sai da situação de sombra de comunicação em que se encontra.

Para sair de uma situação de sombra basta que estejam reunidas as condições para que se estabeleça uma ligação física (e.g., VHF) entre ele e um qualquer nó da rede.

Figura 2: panorama do nó nº. 8

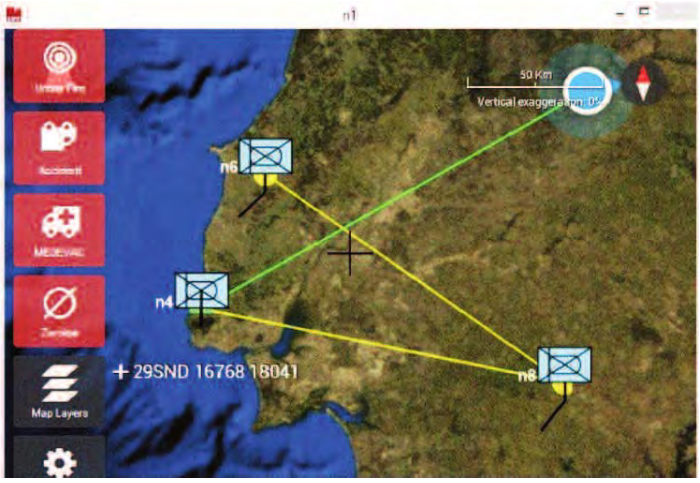


Figura 3: panorama do nó nº. 1

Figura 4: panorama do nó nº. 6

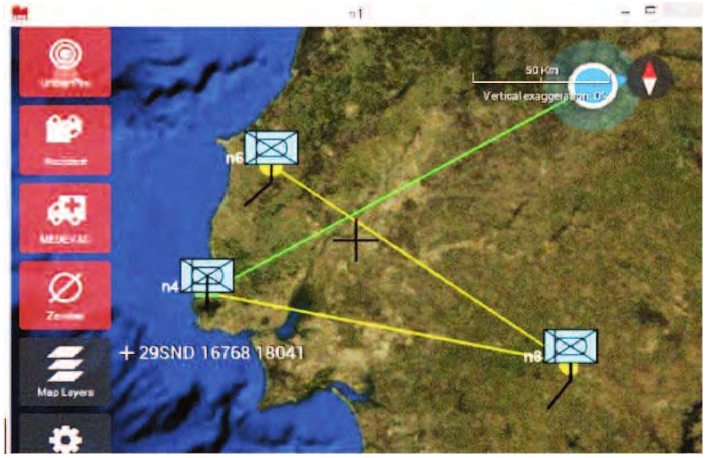


Figura 5: panorama do nó nº. 4

Enquanto que na situação ilustrada na Figura 1 a comunicação é feita diretamente entre os nós, sem necessidade de *relay* de mensagens, nas figuras seguintes são esquematizados casos de comunicação com e sem roteamento.

Na Figura 2 o nó 8 comunica diretamente com os nós 6 e 4, estando a comunicar com o nó 1 através de *relay* feito pelo nó 4. Do ponto de vista operacional isto significa que nó 8 encontra-se em linha de vista (LOS) com os nós 6 e 4. Porém, os nós 8 e 1 estão fora de linha de vista (BLOS), dado estarem a comunicar através do nó 4. As restantes figuras representam o mesmo cenário de comunicação, embora na perspetiva de cada nó da rede.

Uma outra funcionalidade importante é a capacidade do sistema criar redes lógicas (e.g, do pelotão 1, pelotão 2, etc) e segregar os dados por redes, de forma automática, através de regras de reencaminhamento que são configuráveis na aplicação.

Estas regras de reencaminhamento definem em que rede uma mensagem deve ser injetada. Por exemplo, o Comandante de Companhia possui um rádio para falar na rede de Companhia e um segundo rádio para falar na rede do Pelotão, cada uma destas redes em frequências diferentes.

Na comunicação por dados, e com base nas regras de reencaminhamento definidas, quando uma mensagem é gerada por um nó a aplicação sabe como a disseminar na rede, injetando-a de forma automática na rede respetiva. Desta forma, o sistema executa a segregação das mensagens, seja por redes, ou por outra dimensão configurável, de forma automática, sistemática e segura.

Como resultado das necessidades dos utilizadores finais da atual versão do projeto, atualmente o sistema está integrado com equipamentos que comunicam em HF, VHF, UHF e UDP. A Figura 6 ilustra a forma o sistema poderá ser configurado para integrar meios de comunicação de natureza física distinta.

Com este tipo de configuração o BMS consegue, por exemplo, partilhar dados entre o nó N1, que se encontra num ambiente HF, e o nó N4, que se encontra num ambiente VHF.

Esta integração de meios físicos de natureza distinta é garantida pelo nó N2 que instancia em simultâneo três pilhas protocolares, dedicando cada uma destas pilhas para "falar" sobre um meio de comunicação específico.

Com esta configuração, um roteamento possível dos dados entre o nó N1 e N4 é o que se apresenta de seguida: N1 <-> N2.Stack.HF_Modem <-> N2.Stack.VHF_EID525 <-> N3 <-> N4. Existe outra alternativa de roteamento dos dados entre o N1 e o N4, que pressupõe que os nós N2 e N4 consigam falar diretamente, sem relays, sendo que neste caso o roteamento dos dados seria o seguinte: N1 <-> N2.Stack.HF_Modem <-> N2.Stack.VHF_EID525 <-> N4.

A fechar esta breve apresentação da camada de comunicação do BMS, é relevante notar que o sistema se encontra disponível para ser instalado sobre sistema operativo MS Windows, versões 7, 8 ou 10, e também sobre Linux Ubuntu 16.04 LTE.

De seguida prossegue-se com a descrição do BMS passando para a apresentação da componente aplicacional do sistema.

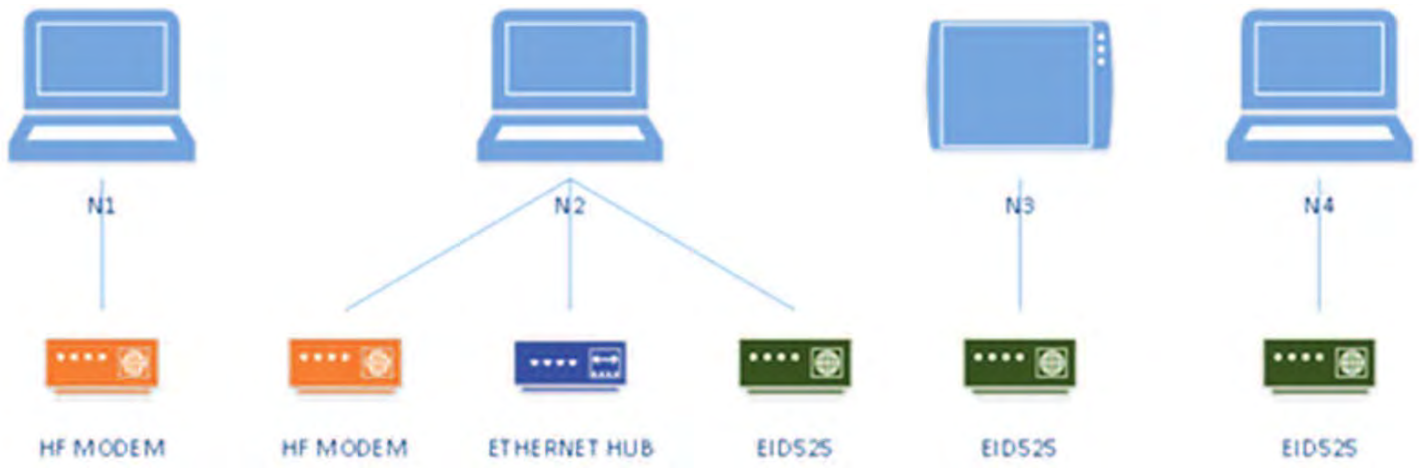


Figura 6: BMS a integrar distintos meios de comunicação

Passando para requisitos não funcionais, um aspeto técnico da maior relevância do protocolo de comunicação do BMS é a capacidade de uma instância do BMS poder possuir várias pilhas protocolares, sendo que cada pilha faz a integração com um meio de comunicação de natureza física específico.

Estabelecimento da visão operacional

O BMS mantém constantemente presente a visão do panorama operacional (ver Figura 7), assim como o posicionamento dos nós da rede, cuja localização (coordenadas) é atualizada automaticamente, com base nos dados recebidos pela rede.

A barra na parte inferior do ecrã também está sempre presente. Nesta barra é mostrada informação que o utilizador consulta regularmente, como seja o seu posicionamento, ou a distância e azimute aos contactos que seleciona no panorama. É também através desta barra que o operador pode aceder ao menu da aplicação e a um conjunto de atalhos de acesso rápido.

No sistema podem ser criados os layers que sejam necessários. Estes *layers* são o suporte para registar os dados táticos do panorama, independentemente de serem produzidos localmente ou partilhados pela rede.

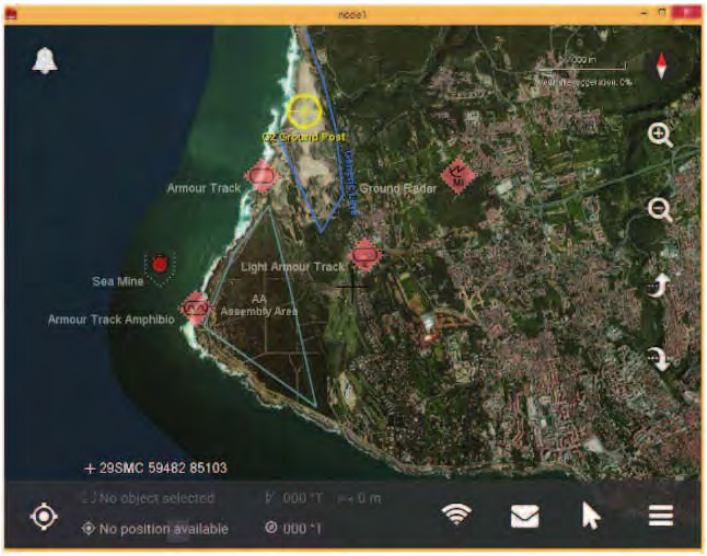


Figura 7: panorama situacional

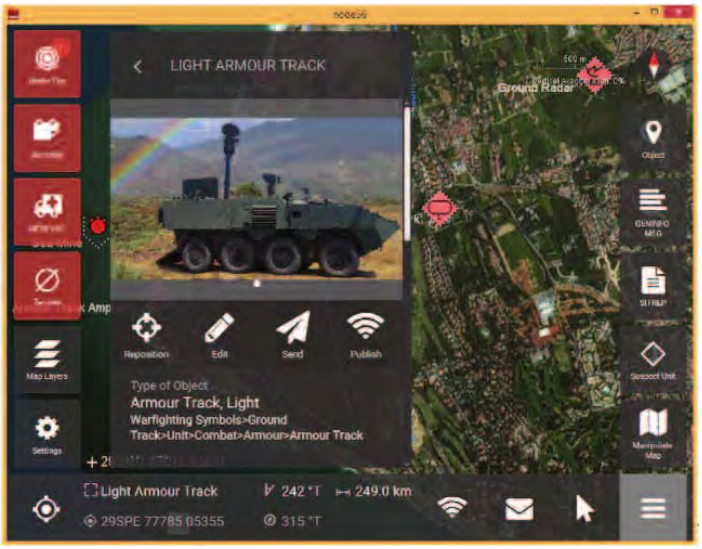


Figura 8: partilha de um contacto

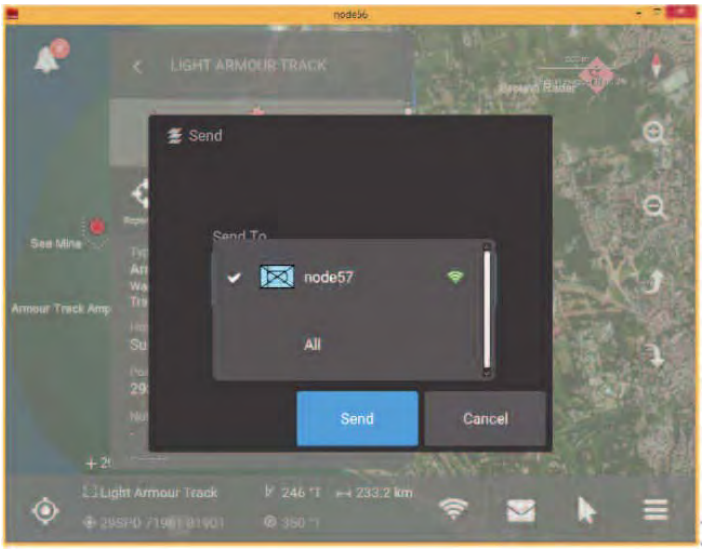


Figura 9: identificação do destinatário

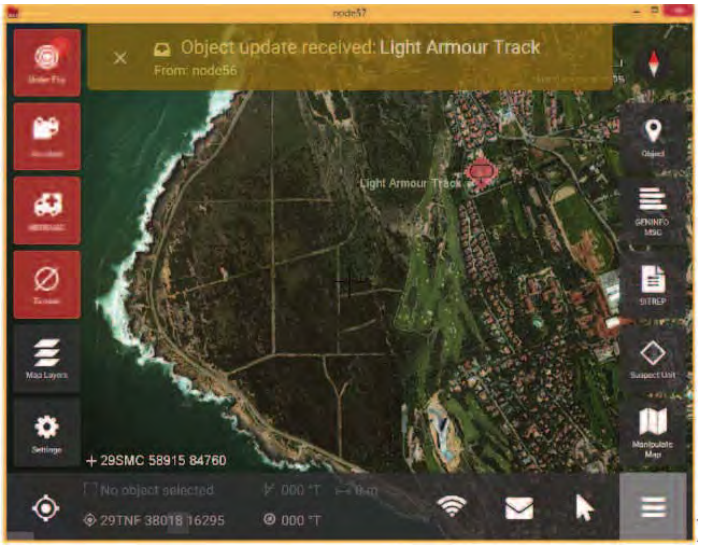


Figura 10: notificações de atualização no nó 2

O sistema inclui um *Geographic Information System* (GIS) integrado na sua arquitectura, que geolocaliza os dados do panorama de forma automática, facilitando a comunicação das suas coordenadas, evitando erros e disponibilizando dados de localização de elevada precisão.

Os elementos presentes no panorama encontram-se residentes num layer, uma camada.

Existem dois tipos base de layers: os layers locais, para informação produzida localmente, aos quais só o operador desse nó consegue aceder; e os layers referentes ao *Operational Information Group* (OIG). É nestes layers da OIG que ficam registados os dados táticos publicados na COP, e que estão acessíveis a todos os nós da rede.

Os dados produzidos localmente podem ser partilhados na rede, quer por envio direcionado a elementos específicos, quer publicando-os para a COP.

Existem na aplicação mecanismos distintos para disseminar dados para um conjunto de destinatários ou para os publicar na COP - "*send*" e "*publish*", respetivamente. Estes mecanismos de partilha de informação encontram-se ilustrados nas Figura 8 e Figura 9.

Quando é partilhada na rede a informação com impacto na atualização do panorama, é gerado no nó de destino uma notificação, para o alertar desse facto. Este mecanismo é apresentado na Figura 10.

O sistema permite carregar diferentes tipos de mapas vetoriais, imagens de satélite ou mapas raster. Estes recursos gráficos são usados para detalhar áreas com informação que não é disponibilizada nativamente pelo motor de GIS.

O operador pode utilizar estes recursos gráficos para criar sobre eles outra informação tática, planos, ou realizar outras tarefas.

A utilização destas funcionalidades permitem à cadeia de comando implementar o processo, em cascata, de planeamento e sucessivos replaneamentos.

A título de exemplo, ilustra-se este processo a partir dos Comandantes de Companhia, que recebem do Batalhão o plano da operação, copiam-no para um layer local e detalham-no, esquematizando as ações e tarefas que pretendem que os seus Pelotões executem.

Com a receção do plano enviado pela Companhia, o Comandante do Pelotão realiza processo idêntico, copiando o plano recebido para um *layer* local e detalhando-o, indicando aquilo que pretende que as suas Secções realizem.

Este processo é realizado sucessivamente na cadeia de comando, realizando planeamentos e replaneamentos as vezes que forem necessárias, integrando a cada iteração informação da operação recebida através das redes rádio de combate.

Para além das funcionalidades já descritas, o sistema possui ainda um conjunto de outras capacidades cuja descrição não cabe neste artigo, dadas as limitações espaciais.

Por serem relevantes, são aqui somente designadas: operações sobre dados/contactos (e.g., adicionar imagens, incluir notas); transmissão de ordens, solicitação de confirmações ou suporte para evacuação médica ou de outro tipo; mecanismos de análise do terreno (perfil de terreno, linha de vista, medição de áreas e distâncias, cálculo do tempo de progressão); filtragem e agregação de dados; operações sobre layers; aplicação para configuração do BMS, a ser usada em fase de planeamento e serve para configurar a TASKORG; mecanismos de carregamento de dados DTED de áreas pré-definidas, para permitir ao BMS funcionar em redes segregadas e fechadas; entre outras.

Com esta descrição pretendeu-se apresentar de forma breve a componente aplicacional do sistema, prosseguindo para a capacidade de interoperabilidade do BMS.

Interoperabilidade

A relevância da interoperabilidade neste tipo de sistemas decorre do fato das forças de defesa e segurança cooperarem de forma cada vez mais integrada, quer em operações nacionais quer internacionais.

Quando existem várias entidades a operar conjuntamente, a interoperabilidade facilita a disseminação de conhecimento situacional e a criação de uma visão comum da operação.

O BMS tem a capacidade para integrar com sistemas externos, nacionais ou não. Para isso estão implementados na atual versão do sistema dois mecanismos de integração: o *NATO Friendly Force Tracking* (FFT); e o MIP ADEM, baseado na pattern XML file. Estas gateways permitem um fluxo de dados bidirecional, podendo os dados situacionais do BMS ser enviados para os sistemas externos, assim como o BMS receber dados provenientes de sistemas externos.

A informação partilhada por esta via atualiza a COP de forma automática, a qual pode depois ser partilhada na rede, em tempo quase real, quer horizontalmente, num pelotão, quer verticalmente, na cadeia de comando.

Com o objectivo de validar estes mecanismos, o BMS participou no exercício de interoperabilidade da NATO, designado *Coalition Warrior Interoperability eXploration, eXperimentation, eXamination, eXercise* (CWIX), que decorreu em Junho de 2017 na Polónia. O BMS propôs-se a realizar testes de interoperabilidade agindo como FFT gateway, implementando a interface IP1.

Foram executadas com sucesso as runs de teste com os nove sistemas que nesta edição se submeteram a esta validação, e que são os seguintes: NATO - NIRIS; Filândia - SEALION - SAAB; Polónia - JASMINE - TELDAT; Polónia - TOPAZ – WB Electronics; Itália - BFT - TELSY; Holanda - ELIAS - NL Army; Roménia - ARMY FFT - METRA; Alemanha - RUDY – iABG; USA - FFTAS.

Estas capacidades de interoperabilidade contribuem não só para a coordenação e monitorização dos cenários de operação, mistos ou internacionais, bem como na prevenção de fogo amigo.

Porém, a interoperabilidade é uma área que se estende para além da integração entre sistemas. Inclui-se neste âmbito, por exemplo, a representação normalizada dos dados táticos ou os formatos das mensagens produzidas pelo sistema. No BMS foi adotada a simbologia APP-6 para representação dos dados táticos e o catálogo de mensagens APP-11 para a formatação das mensagens.

Desta forma concluímos a apresentação das capacidades do *Battlefield Management System*. São estas capacidades que garantem a disponibilização em tempo quase real, de informação atual e confiável, a toda a cadeia de comando, contribuindo para a criação da superioridade de informação.

Esta é uma condição necessária para que exista flexibilidade de decisão e de posicionamento dos meios, ainda que dentro de um contexto de "autonomia coordenada, resultante do conhecimento situacional partilhado.

Baseado neste estádio de conhecimento os comandantes da operação adquirem condições para empreenderem iniciativas não planeadas, inspiradas por um misto de técnica e arte, e que desequilibrem positivamente o desenrolar da operação.

3. DESAFIOS PARA O FUTURO

Conforme já indicado no início do artigo, o sistema encontra-se em fase final de validação, seguindo-se a sua entrega ao Exército para teste e posterior emprego em ambiente operacional. Neste momento coloca-se o desafio da gestão da mudança e adopção da solução pelos elementos operacionais. Este processo poderá requerer ajustes doutrinários e no modus operandi de conduzir as operações.

Embora a gestão da mudança tenha iniciado durante o projeto, como resultado da adopção de um modelo user centric, que implicou diversas iterações com os utilizadores finais das brigadas mecanizadas do Exército para definição dos requisitos funcionais, ainda assim, é um trabalho que terá de prosseguir.

Durante a construção do sistema foram levantadas áreas em que parece ser pertinente o BMS desenvolver capacidades adicionais. Este é um desafio que poderá ser endereçado quando o BMS começar a ser empregue operacionalmente.

Um outro desafio relaciona-se com o objetivo do Exército manter a interoperabilidade entre os seus sistemas C2, criando um Sistema de Sistemas (SoS).

Criar este nível de integração de sistemas requer a definição de normas a adotar com este fim, e garantir que as novas capacidades a edificar pelo Exército implementam estas normas nas respetivas interfaces de integração.

Em projetos da natureza da do BMS, um desafio que pode facilmente passar despercebido é a necessidade de criar uma relação forte, de confiança, entre as equipas que desenvolvem o sistema, neste caso específico, entre as equipas do Exército e da CRITICAL Software.

Estas são condições essenciais para partilhar e fundir, conhecimento e competências, e trabalhar em conjunto no alcance dos objetivos e metas estabelecidas. No caso do BMS este foi um objetivo alcançado, relevante para potenciais iniciativas de futuro.

Para fechar este artigo cumpre notar que é possível construir capacidades militares através de parcerias entre as Forças Armadas Portuguesas e a BTID nacional.

O BMS é um exemplo disso mesmo. Fica uma vez mais demonstrado que quer as Forças Armadas como a indústria nacionais se encontram capacitados e motivados para abraçar estes desafios e os concretizar com sucesso. Estas iniciativas são da maior relevância na promoção das competências, conhecimento e economia nacionais.

AGRADECIMENTOS

Agradece-se ao Ministério da Defesa Nacional a oportunidade de desenvolver esta capacidade em colaboração com os parceiros do projeto, que são: CRITICAL Software; Direção de Comunicações e Sistemas Informação do Exército; Direção de Tecnologias de Informação e Comunicações da Marinha; Direção-Geral da Autoridade Marítima Nacional; e INESC-ID.

O FUTURO DAS COMUNICAÇÕES MILITARES

Coutinho dos Santos
TCor Tm

Enquadramento histórico

Embora não sendo um conceito unânime, muitos aprendemos que um dos fatores importantes do conhecimento da História é para que não se cometam os mesmos erros do passado. No entanto, quando falamos sobre a história do desenvolvimento tecnológico da humanidade, a seguinte citação será, a meu ver, uma das que melhor se enquadra:

"*A história ensina-nos que o homem não teria alcançado o possível se, muitas vezes, não tivesse tentado o impossível.*"
Max Weber

Antes da tentativa de visualização do caminho que as comunicações militares irão percorrer nos próximos anos, importa perceber a sua evolução histórica, e realçar o notável percurso que foi feito, até aos dias de hoje, nesta área.

A humanidade desde muito cedo sonhou em ter a capacidade de comunicar a qualquer hora e em qualquer lugar. Os estados, as forças militares, as empresas e as pessoas têm procurado por mais e melhores formas de obter informação, com valor estratégico ou económico, e sobretudo, em tempo oportuno.

Ao longo da maior parte da história, a evolução das tecnologias de comunicação tem estado intimamente interligada com as necessidades e aplicações militares.

Por exemplo, alguns dos primeiros projetos de investigação e desenvolvimento (I&D) patrocinados pelo governo dos EUA, focavam-se em tecnologias de comunicação que permitissem o comando e controlo (C2).

No entanto, no presente e no passado mais próximo, o setor comercial tem mostrado capacidade para liderar esta evolução, e sobretudo nos próximos anos terá incentivos suficientes para, por conta própria, impulsionar e liderar o desenvolvimento das tecnologias associadas ao setor das comunicações.

Em Portugal até à introdução da telegrafia ótica no séc. XIX, aquando das invasões napoleónicas, o mensageiro era o principal meio para comunicar a longas distâncias.

Nas curtas distâncias usavam-se meios visuais, nomeadamente bandeiras, e sinais acústicos, tais como, os tambores, as trompetas e o toque do sino a rebate para alarme.

Posteriormente a introdução da telegrafia elétrica por fio, e já no início do séc. XX, da telegrafia sem fios (TSF), do telefone e dos equipamentos rádio, tecnologias com evidente interesse militar, conduziria ao desenho do tradicional Centro de Comunicações militar[1], que, no caso nacional, e até à recente introdução, no exército, dos primeiros módulos do Sistema de Comunicações Tático (SIC-T), constituiu o modelo no qual assentaram as comunicações táticas.

O SIC-T e a Gestão das expectativas

A introdução do SIC-T no exército permitiu e permitirá, de algum modo, estreitar o desfasamento entre a realidade observada pelos militares no setor comercial e militar. Importa, no entanto, salientar a importância da necessidade da gestão das expetativas, dos utilizadores finais das CSI, para que estas não sejam defraudadas.

Visto que, muito provavelmente, no final da fase de industrialização dos módulos do SIC-T, e aquando da entrega ao exército do último módulo do SIC-T, inicialmente previsto para 2023, os militares continuarão com a impressão de que não haverá nada de novo.

Módulo Rear-link (SIC-T)

Mesmo que tenha sido, ou venha a ser, acautelado no contrato de industrialização a inserção de novas tecnologias, de fato, muito provavelmente os serviços que serão disponibilizados aos utilizadores, no final da industrialização do SIC-T, continuarão a ser os mesmos que já o são atualmente (telefonia IP, correio eletrónico, sistemas de comando e controlo, etc.).

1 *Constituído por Centro de Telecomunicações (centro de mensagens, centro cripto, secção de mensageiros, secção de fita perfurada e secção de reprodução de mensagens), Central telefónica, Repartidor e Estações (Multicanal, TPF,TSF, RATT e IRF).*

Viatura Blindada de Rodas Pandur II 8x8 Communications Vehicle (CV)

No entanto para o utilizador comum, habituado ao desenvolvimento exponencial das comunicações comerciais, que conduziu ao aparecimento do smartphone e tem permitido a disponibilização de cada vez maiores larguras de banda e de novas aplicações, é difícil compreender este desfasamento entre o mundo civil e o mundo militar nacional (mas não só).

No fundo tudo se resume à capacidade (principalmente financeira) para a substituição da tecnologia. Considerando por exemplo o contrato efetuado, em 2011, pelo Army Contracting Command do exército dos EUA e a empresa General Dynamics C4 Systems (GDC4S) no valor de 3,7 mil milhões de dólares, temos noção da nossa dimensão.

Este contrato "Common Hardware Systems-4 (CHS-4)" destinado a suprir os requisitos de hardware e de serviços táticos das Tecnologias de Informação (TI) é um contrato a 5 anos (prorrogável por mais 5 anos) para o fornecimento de equipamentos e que prevê a substituição de qualquer equipamento avariado (independentemente das quantidades) num prazo de 72 horas em qualquer parte do mundo.

Não tendo paralelo possível com a realidade nacional, considerando que esta tipologia de contrato não tem vindo a ser celebrado, originando que avarias em equipamentos que compõem os módulos do SIC-T, quando não existem em canal de reabastecimento normal, afetam a operacionalidade do sistema de comunicações e consequentemente a Unidade apoiada por estes módulos.

O futuro - Redes Wireless

As forças armadas sempre tiveram um papel de liderança no desenvolvimento e aplicação das tecnologias de comunicações wireless, sobretudo porque a mobilidade é uma das características importantes das operações militares. Por este motivo, a principal atratividade das comunicações wireless, para as forças militares, é a sua capacidade para servir os utilizadores móveis.

A implantação dos sistemas wireless reduzirá significativamente, de horas para minutos, o tempo necessário para instalar e desinstalar as redes de comunicações que apoiam os postos de comando (PC), aumentando desse modo a agilidade da força, devido ao acréscimo da sua mobilidade.

Durante as operações de combate, as forças têm necessidade muitas vezes de mover os PC. Usando redes sem fio, em alternativa às tradicionais redes com cabos UTP, elimina-se o processo sempre demorado da instalação de cabos nos PC, melhorando assim a capacidade da força se adaptar às alterações da situação, conforme as necessidades.

Utilizando as redes sem fio, as unidades são mais móveis e podem manobrar mais facilmente, conforme as circunstâncias do combate o exigir. Por outro lado, os exércitos modernos estão cada vez mais dependentes de uma variedade de sistemas de apoio de combate para auxílio do comando e da "*situational awareness*", pelo que o número de aplicações que se conectam à rede tem crescido exponencialmente.

Devido ao tempo necessário para a instalação das redes cabladas tradicionais, a força aquando da relocalização dos PC fica vulnerável, visto ficar privada desses sistemas e aplicações de apoio, enquanto a rede não estiver em funcionamento. Com as redes sem fio, as unidades têm acesso a estes sistemas quase imediatamente à chegada à nova posição. As redes sem fio permitem também muita maior flexibilidade na configuração dos PC.

Ciente da importância das redes sem fio, o exército dos EUA está atualmente a implementar nas suas unidades operacionais o sistema "*Command Post WiFi Solution*" que permitirá uma relocalização muito mais rápida dos postos de comando . Esta solução é integrada como parte da atualização do sistema de comunicações tático do exército americano "Army's Warfighter Information Network-Tactical Increment 1 (WIN-T)".

A prototype Stryker was integrated with the WIN-T Point of Presence capability

Outras tecnologias

As novas tecnologias, na área das comunicações, representam oportunidades e desafios para as forças armadas. Os militares, como sempre o fizeram, estão a abraçar a revolução das comunicações, voltando-se para uma nova geração de sistemas que permitem comunicações mais rápidas, menos onerosas e mais flexíveis.

No entanto, do mesmo modo que as opções de comunicação se multiplicam, o mesmo acontece com o problema de conseguir que estas diferentes tecnologias consigam trabalhar juntas de forma eficiente e segura.

- **Smart Phones**

Das tecnologias associadas às comunicações o "*smartphone*" está entre as que mais rapidamente têm emergido e, adicionalmente, prometido melhores benefícios. Deste modo é natural que muitos programas a nível internacional procurem explorar as capacidades associadas a estes equipamentos.

As aplicações em desenvolvimento associadas a estes equipamentos possibilitarão às forças militares a capacidade de rapidamente, a qualquer hora e em qualquer lugar realizar o controlo, a análise e outras tarefas complexas adicionais.

Os comandantes passam a ter a capacidade de, diretamente e instantaneamente, distribuírem (e obterem) às tropas informação essencial.

Um dos fatores que tem limitado uma maior difusão destes equipamentos no campo de batalha tem sido a preocupação com a segurança destes equipamentos, bem como das redes associadas.

No entanto têm sido desenvolvidos soluções que prometem, brevemente, resolver estas preocupações com a sua utilização em redes não classificadas.

Por outro lado os progressos que têm sido feitos permitirão também fazer uso destes equipamentos (certificados) nas redes classificadas. Permitindo ao militar o acesso através destes equipamentos à informação disponível nessas redes classificadas.

- **Equipamentos Rádio**

Talvez impulsionada pela competição dos smartphones, a tecnologia das comunicações rádio terrestres também tem sofrido desenvolvimentos significativos.

Tem sido desenhada uma nova abordagem para permitir que os equipamentos rádio se desenvolvam de uma forma mais rápida e menos dispendiosa e que ao mesmo tempo acompanhem as inovações que vão surgindo nos smartphones e noutras tecnologias rádio comerciais.

Um exemplo que pode indicar o caminho da nova geração dos equipamentos rádio é o "*AN/PRC-154 Rifleman Radio*", que utiliza a "Soldier Radio Waveform (SRW)".

Este rádio permite a transmissão de voz e dados simultaneamente, assegurando comunicações seguras entre os militares nos baixos escalões, bem como, as ligações para a retaguarda. Outra das características inovadoras que possui é a capacidade para interagir com os smartphones.

AN/PRC-154 Rifleman Radio

- **Redes Mesh**

As forças armadas em vários países estão cada vez mais a voltar-se para a tecnologia das redes mesh. Esta tecnologia de ponta, e potencialmente capaz de suportar tanto os equipamentos rádio táticos como os dispositivos do tipo smartphone, onde se incluem as redes móveis ad hoc (MANETs).

Esta tecnologia pode fornecer, de forma praticamente instantânea, recursos de rede de banda larga para equipamentos rádios portáteis, veiculares e aéreos, sensores táticos sem fio e ainda garantir a segurança das redes.

Como ferramenta tática, as MANETs podem ser usadas para, de forma transparente, interligar múltiplos equipamentos móveis, numa área específica de cobertura, de forma a providenciar maior largura de banda e melhores ligações de rede.

Esta tecnologia pode ajudar as forças militares a manter uma comunicação constante numa diversidade de tipos de terrenos.

As redes mesh têm elevado potencial para serem usadas também para o controlo e coordenação de veículos autónomos não tripulados, a exemplo do programa *"Moving Land Target (MLT)"* da marinha dos EUA, onde esta tecnologia é utilizada.

- **Sistemas Satélite**

Os sistemas de satélites, que outrora estiveram na vanguarda das comunicações militares, estão atualmente um pouco ofuscados, devido aos *smartphones* e a outras tecnologias de ponta, na área das comunicações terrestres.

No entanto, as inovações ao nível das comunicações satélite permanecem vivas e de saúde, com os investigadores a explorar novas formas de obter cobertura satélite quase omnipresente para os sistemas de comunicação terrestre, incluindo os *smartphones* e outras tecnologias de comunicações comerciais.

- **Cognitive Radio**

Para solucionar o problema da necessidade de cada vez maior largura de banda para a transmissão por radiofrequência, de vídeos e de outros dados, os investigadores descobriram uma forma de otimizar as transmissões das redes wireless, e que constitui uma possível solução para a demanda insaciável por largura de banda para a transmissão através destas redes.

"Cognitive Radio" é um termo que abrange uma série de diferentes tecnologias e que permite que os equipamentos rádio atinjam vários níveis de autoconfiguração, incluindo a seleção de modo de operação automática, escolha da potência de saída ideal e acesso dinâmico ao espectro eletromagnético, para desta forma minimizar as interferências.

Com esta nova técnica, os rádios podem transmitir numa frequência que já está a ser usada por outros equipamentos, sem causar interferência na transmissão original. Esta solução consiste num transmissor capaz de "estudar" as transmissões já existentes no meio ambiente, ajustando de forma invisível e automática a própria transmissão, de modo evitar as interferências.

O acesso dinâmico ao espectro eletromagnético e outras tecnologias cognitivas que estão a ser incorporadas nos *smartphones*, redes *mesh*, equipamentos rádios táticos, e noutras tecnologias emergentes ao nível das comunicações militares, permitirá um melhor desempenho dos sistemas numa variedade de situações (ambientes urbanos congestionados, colunas militares, etc).

- **Nota final**

Ao contrário do passado, em que a evolução das tecnologias de comunicação esteve intimamente interligada com as necessidades e aplicações militares, atualmente, novas e sofisticadas tecnologias de comunicação surgem em simultâneo com o encolhimento dos orçamentos militares.

Mas ao contrário do *"hardware"* militar do passado, as novas tecnologias de comunicação e de informação avançam a um ritmo vertiginoso num mercado mundial, impulsionado não apenas por exigências militares, mas fundamentalmente pelo sector industrial e do consumo.

"We often saw pillars of excellence that were essentially obsolete before they were even fielded." Chris Herndon[2]

Nos próximos anos haverá suficientes incentivos no setor comercial para que este consiga, por si só, impulsionar o desenvolvimento tecnológico.

Ao mesmo tempo, o declínio que tem acontecido nos orçamentos militares (embora a instabilidade que presentemente se observa em muitas partes do globo, poderá conduzir à inversão desta tendência), tem motivado/forçado as forças militares a adotarem produtos comerciais.

No entanto, visto que continuam a persistir diferenças significativas, entre os requisitos militares e comerciais, é importante examinar cuidadosamente as oportunidades e limitações do uso dos produtos e serviços das comunicações comerciais.

Nas operações militares, a informação está hoje em dia a assumir uma importância estratégica ainda maior daquela que já tinha no passado, assim como, se tornou particularmente critica a necessidade da implementação de sistemas de comunicações *wireless.*

A situação atual lembra de algum modo épocas passadas em que os avanços tecnológicos levaram a revisões radicais da doutrina militar. A próxima grande revolução na doutrina militar poderá assim ser moldada pelos avanços nas tecnologias da informação e dos sistemas C4I.

REFERÊNCIAS:

Committee on Evolution of Untethered Communications, National Research Council, The Evolution of Untethered Communications, National Academy Press, Washington, D.C., 1997

EDWARDS, John, The future of military comms on the battlefield, defensesystems.com, Fevereiro 2012

KENYON, Henry S., Filtering the Chaos Out Of command And Control, Signal, AFCEA'S International Journal, Janeiro 2017

KENYON, Henry S., Army taps General Dynamics for tactical IT hardware, defensesystems.com, Agosto 2011

MCCANEY, Kevin, Army adding gigabit wireless to its tactical network, defensesystems.com, Janeiro 2016

MCCANEY, Kevin, Army command takes tactical network to the next level, defensesystems.com, Dezembro 2015

Aruba's Command Post WiFi Solution To Mobilize US Army Units, Enabling Faster Base Relocations, Defenseworld.net, Janeiro 2016

2 *Antigo diretor do departamento de desenvolvimento de tecnologias táticas no "Naval Research Laboratory" nos EUA.*

A ARTILHARIA ANTIAÉREA NA PROTEÇÃO A EVENTOS DE ALTA VISIBILIDADE, PONTOS E ÁREAS SENSÍVEIS

Alexandre Casinha
Cap Art

Introdução

No presente artigo iremos abordar a Artilharia Antiaérea (AAA) na proteção de Eventos de Alta Visibilidade (EAV), pontos e áreas sensíveis, referindo as características específicas das Áreas de Operações (AOp) em que esta tipologia de missões se desenrola.

De seguida, será descrita a capacidade modular de emprego das forças da AAA, especialmente no que respeita à restruturação do efetivo e sua prontidão de resposta.

Por fim, será efetuada uma abordagem sobre planeamento e o Comando e Controlo (C2) em EAV, mencionando a especificidade dos diferentes tipos de eventos desta natureza que ocorreram em Portugal e de que forma se integraram os diferentes meios para garantir a defesa aérea.

1. Características específicas da AOp geralmente associada a um EAV, ponto ou área sensível.

Atualmente, assiste-se a uma alteração do entendimento militar acerca dos conflitos, caracterizados, cada vez mais, por se desenrolarem em meio urbano, em detrimento da Guerra Convencional (ou Total). A população apresenta-se, na grande maioria dos Teatros de Operações (TO), como o centro de gravidade das operações militares, congregando em si questões de índole mais multidisciplinar e polivalente que outrora, designadamente: questões sociais, políticas, económicas, éticas, entre outras.

As alterações político-estratégicas consubstanciam-se em dois marcos considerados de referência: o fim da Guerra-Fria e o 11 de Setembro de 2001. Por um lado, o fim da guerra-fria pôs termo a meio século ao longo do qual muitos foram aqueles que consideraram como inevitável uma guerra entre as duas "super-potências". Por outro lado, a queda das Torres Gémeas de Nova Iorque, deu origem a uma nova perceção do terror e ao surgimento de um novo tipo de ameaça, essencialmente assimétrica, que veio espoletar uma mudança nos conceitos estratégicos vigentes. Tais factos, induziram a um clima de imprevisibilidade, associado a riscos de natureza múltipla, que vêm obrigando a alterações nas estruturas e missões das Forças Armadas (FA) de todo o mundo de forma a adaptarem-se a um largo espectro de operações militares[1] , em que os aglomerados populacionais, são um palco privilegiado.

Assim sendo, a doutrina, que até ao fim da Guerra-Fria permitiu sintetizar o espectro das operações militares a operações de guerra total, vê-se agora confrontada com a necessidade de desenvolver missões ambíguas, que residam entre a paz e a guerra, tais como: missões de apoio à paz, de apoio humanitário, e de evacuação e proteção de cidadãos nacionais em território estrangeiro ou calamidade pública. Esta nova tipologia de operações, como vêm demonstrando muitos dos conflitos da atualidade, têm uma larga aplicabilidade neste novo mundo, essencialmente urbano, que induz a operações militares marcadas por uma grande intensidade e dispersão num espaço tridimensional, muito distintas das operações num designado "terreno convencional".

As cidades, onde vive cerca de 80 % da população mundial, serão o palco privilegiado para o desenvolvimento da nova conflitualidade, caracterizada por inovadoras formas e tipologias de violência e confrontação bélica.

Desta forma, o ambiente urbano, onde o apoio humanitário decorrente de desastres naturais ou conflitos armados é complexo; onde as forças militares encontram-se isoladas e a sua mobilidade é extremamente limitada; onde o apoio de fogo direto e indireto é condicionado em função da proliferação de civis não combatentes; onde os helicópteros de transporte e de ataque são um alvo fácil para os variados sistemas de armas antiaéreos, tornam o planeamento e condução das operações deste tipo de ambiente altamente volátil e incerto, condicionando a utilização de uma força, algumas vezes, sem estrutura de C2, equipamento, ou treino adequado e direcionado para missões desta natureza.

Nesse âmbito, e no que se refere especificamente a Portugal, a AAA dispõe de sistemas de armas e outros equipamentos que garantem a proteção antiaérea a baixa e muito baixa altitude, tanto num quadro convencional como não convencional. Em 2010, a AAA Portuguesa participou na Missão Conjunta com a Força Aérea Portuguesa de Defesa Aérea a Sua Santidade o Papa Bento XVI por ocasião da sua visita a Portugal, bem como na Missão de Defesa Aérea da Cimeira da Organização do Tratado Atlântico Norte (OTAN), que se realizou em Lisboa, tendo sido utilizados os meios orgânicos do Regimento de Artilharia Antiaérea Nº 1 (RAAA1). A ameaça aérea levantada, para estes dois eventos, consistiu no potencial emprego de aeronaves identificadas como "Renegade", isto é, aeronaves civis cujo propósito foi desviado por grupos e/ou organizações criminosas ou terroristas, utilizando-as como meio de ataque a objetivos vitais e/ou de impacto estratégico/mediático.

Face à existência de ameaças diversas em ambientes operacionais híbridos, para continuar a garantir a proteção do seu território continental e arquipélagos, Portugal terá que garantir a manutenção e melhoramento das capacidades de Defesa Antiaérea:

1 De acordo com o PDE 03-00 de Operações publicado em abril de 2012, o atual espetro de Operações abrange a seguinte tipologia de operações: Ofensivas; Defensivas, Estabilização (Empenhamento militar em Tempo de Paz, Intervenção Limitada, Apoio à Paz); Transição e de Apoio Civil.

Ao nível dos meios de Comando e Controlo que permitam a integração plena no Sistema de Defesa Aérea Nacional (SDAN);

Ao nível dos Radares de Vigilância e de Aviso Local que permitam a identificação dos alvos aéreos em tempo oportuno,

E ao nível dos Sistemas de Armas que assegurem a defesa ativa sem danos colaterais.

2. Modularidade de emprego de Forças da AAA

O moderno Teatro de Operações (TO) exige que as forças militares tenham a capacidade de se adaptarem às diferentes contingências que surjam de uma forma inopinada, tendo, igualmente e por inerência, de possuir a capacidade de serem projetadas com uma elevada prontidão e celeridade.

É no seguimento deste requisito que surge, então, o conceito de forças modulares.

Por forças modulares compreende-se uma força capaz de atuar nos mais diversos TO, com elevada prontidão, facilmente projetável e sustentável, e com elevada interoperabilidade com os outros Ramos das Forças Armadas *(Department of Army, 2010)*.

Todavia, para se conseguir este nível de proficiência, é necessário fracionar e priorizar o "grosso" da Força através da constituição de "força tarefa" (task force) garantindo, deste modo, a necessária celeridade e sentido de oportunidade.

O conceito de modularidade surgiu, após os Estados Unidos da América (EUA) terem projetado, em 1999 para o Kosovo, uma força constituída por módulos de várias unidades distintas, sem treino conjunto e com um apoio de combate que não estava preparado para responder às particularidades de cada unidade apoiada. Como exemplo dos problemas sentidos durante esta projeção de forças, foram necessários 30 dias para conseguir colocar em território do Kosovo 28 helicópteros de ataque AH-64 "Apache", que acabaram por não poder ser utilizados de imediato, devido à falta de treino dos seus pilotos e a deficiências no equipamento (FEICKERT, 2005). Outro exemplo desta falta de prontidão e de capacidade de projeção ocorreu aquando da projeção do Obus Auto-Propulsado M-109 "Paladin" que devido ao seu peso e dimensões não foi possível a sua projeção pelos meios aéreos disponíveis.

O Grupo de Artilharia Antiaérea (GAAA) tem como missão executar operações em todo o espetro das operações militares, no âmbito nacional ou internacional, de acordo com a sua natureza.

Tem como capacidades conferir proteção antiaérea aos pontos/áreas sensíveis e unidades de manobra de apoio de combate e apoio de serviços contra aeronaves hostis voando a baixa e muito baixa altitude, bem como contra ataques de foguetes e granadas de antiaérea ou morteiros (C-RAM[2]).

Tendo em conta a tipologia da sua missão e o centro de gravidade das operações do GAAA, este tem a capacidade de se moldar à tipologia da missão através da sua integração no SDAN através Sistema Integrado de Comando e Controlo da Artilharia Antiaérea (SICCA3), permitindo desta forma a partilha da *Common Operational Picture* (COP) com a Força Aérea, bem com o controlo do emprego dos Sistemas Míssil Ligeiro; do Sistema Míssil Portátil; e do Sistema Radar.

Como consequência, e embora o GAAA apresente, no seu Quadro Orgânico de Pessoal, Baterias a quatro pelotões, se a necessidade tática da missão o requerer, consegue ainda assim, através da capacidade modular e, por conseguinte, de um emprego flexível, dar uma resposta adaptada a cada exigência do TO.

Esta capacidade permite expandir as potencialidades de atuação do GAAA, como foi o caso das missões de proteção a sua Santidade o Papa por ocasião da sua visita a Portugal e da Cimeira da Nato em Lisboa, ambas concretizadas em 2010.

3. Planeamento e emprego de meios de AAA

Tendo em conta que pode existir uma pluralidade de EAV, com características muito diversas, devem ser considerados em termos de planeamento e de C2, as caraterísticas e finalidade de cada evento.

2 Counter Rocket, Artillery and Mortar

O planeamento da defesa Antiaérea (AA) inicia-se com o levantamento de elementos com necessidade de proteção Aérea, o estabelecimento de prioridades e atribuição de missões táticas às unidades de tiro. Todas estas tarefas seguem um processo sequencial, normalmente, obedecendo às fases de planeamento de um dispositivo de AA: análise da missão; esboço do dispositivo de defesa; implementação do dispositivo; e por fim a avaliação do dispositivo de defesa.

Em Portugal, eventos como a visita de Sua Santidade o Papa, a Cimeira da OTAN, e o Campeonato Europeu de Futebol em 2004, careceram de defesa aérea face a possíveis ameaças. No caso deste último evento, apenas se concretizou a fase de planeamento, sendo a defesa aérea garantida pela Força Aérea Portuguesa (FAP).

Cada evento reveste-se de uma especificidade própria, ao nível do C2 da AAA, por isso, na fase de planeamento é necessário considerar alguns fatores, dos quais se referem os seguintes: tipo de evento; local onde este vai decorrer; e tipo de dispositivo a adotar.

O emprego técnico-tático dos meios de AA em EAV merece igualmente uma atenção especial. As múltiplas variáveis em causa e a sua diversa natureza dificultam o emprego dos meios de AA e obrigam a uma conduta permanentemente crítica por parte de todos os intervenientes, sobretudo, em relação a possíveis repercussões e danos colaterais.

No que diz respeito ao C2, a estrutura da rede da rede de aviso e alerta, nos seus aspetos essenciais, não se altera, apenas adapta-se às necessidades específicas de cada missão a desempenhar. Num EAV, uma das missões inerentes ao controlo do Espaço Aéreo (EA) nas operações de defesa aérea consiste na deteção e identificação de possíveis aeronaves hostis, de forma a permitir um empenhamento oportuno e eficaz.

A proteção AA dos EAV que decorreram nos últimos anos em território nacional foi garantida com o efetivo de Unidade de Escalão Companhia (UEC). Foi estabelecida a ligação entre o Posto de Comando da Bateria de Artilharia Antiaérea (BtrAAA) e o Comando Aéreo (CA).

Este último permitiu o funcionamento do canal de ligação entre o Exército e FAP, estando nele presente elementos de ligação que pertenciam ao RAAA1. O objetivo desta presença prendia-se com o estreitamento e fluidez da ligação entre os dois Ramos, materializado com a sobreposição de sistemas de Aviso e Alerta, desta forma permitindo o acesso da *Common Operational Picture* (COP[3]) e a garantia de uma maior eficácia dos meios alocados ao SDAN.

O C2 da BtrAAA é garantido utilizando redes separadas: rede de voz e rede de dados. A ligação de voz permite a comunicação entre o Comandante de Bateria, Comandantes de Pelotão e os Comandantes das Secção.

3 A Common Operational Picture concentra diversa informação importante (desde localização de forças amigas e inimigas, infra-estrututras relevantes ou circulação de aeronaves) num único comando. Desta forma, através da presença de elementos de ligação com diversas forças presentes nas operações em curso é possível estreitar as relações entre essas mesmas forças, acelerando o processo de tomada de decisão e facilitando o as ações de C2.

A rede de dados é operada em simultâneo, permitindo, através do P/PRC-525, a comunicação de dados entre o Posto de Comando (PC) da BtrAAA e as restantes Secções.

Esta ligação tem como objetivo fornecer o aviso prévio, o qual é conseguido através da informação recolhida pelo radar PSTAR e enviada, via dados, para o PC da BtrAAA e de seguida às Seções Míssil Portátil Stinger que realizarão o empenhamento.

As UT Stinger dispõem de um meio com capacidade de receber informação em tempo real do radar PSTAR, com dados respeitantes às aeronaves que circulam nos seus limites de alcance.

Este meio designa-se por Battlefield Management Terminal (BMT), e permite a informação necessária para a adoção de uma conduta de empenhamento sobre a ameaça aérea eficaz e oportuna.

Considerações Finais

A evolução constante da ameaça aérea com o avanço tecnológico das plataformas aéreas, as suas tipologias de ataque, a evolução do seu armamento associados a uma AOp altamente volátil, incerta e ambígua, tornam a missão da AAA extremamente complexa.

Em consequência, urge a necessidade de uma constante adaptação dos meios e das táticas por forma a garantir o sucesso da missão, e simultaneamente acautelando, situações de fratricídio ou danos colaterais.

Um treino eficaz e adaptado às novas evoluções serão o desiderato final a atingir, garantindo desta forma o cumprimento da missão quando e onde necessário.

Referências:

ARTILHARIA ANTIAÉREA EM PORTUGAL, Novembro de 2016, Regimento de Artilharia Antiaérea nº1, Exército Português;

FEICKERT, A. (2005, Janeiro 06). U.S. Army's Modular Redesign: Issues for the Congress. Retrieved Junho 15, 2011, from FAS Federation of American Scientists: http://www.fas.org/man/crc/RL32476.pdf);

FMI, 3.-0. (2008). The Modular Force. USA: Department of the Army;

PDE 3-07-14 MANUAL DE COMBATE EM ÁREAS EDIFICADAS, Outubro de 2011, Ministério da Defesa Nacional, Exército Português.

QVE FAMA ILVSTRE FIQVE

DEPENDABLE TECHNOLOGIES FOR CRITICAL SYSTEMS

CRITICAL
SOFTWARE

PARCEIRO TECNOLÓGICO DAS FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS

Soluções C4ISR

Tactical data links

Aquisição e fusão de dados

Integração com sensores e armas

Software embebido sobre HW COTS

Sistemas de simulação e treino

www.criticalsoftware.com ★ info@criticalsoftware.com